

O Mistério da Estrada de Sintra de Eça de Queirós

PREFÁCIO

CARTA AO EDITOR DO «MISTÉRIO DA ESTRADA DE SINTRA»

Há catorze anos, numa noite de Verão, no Passeio Público, em frente de duas chávenas de café, penetrados pela tristeza da grande cidade que em torno de nós cabeceava de sono ao som de um soluçante pot-pourri dos Dois Foscariis, deliberámos reagir sobre nós mesmos e acordar tudo aquilo a berros, num romance tremendo, buzinado à Baixa das alturas do Diário de Notícias.

Para esse fim, sem plano, sem método, sem escola, sem documentos, sem estilo, recolhidos à simples «torre de cristal da Imaginação», des fechámos a improvisar este livro, um em Leiria, outro em Lisboa, cada um de nós com uma resma de papel, a sua alegria e a sua audácia.

Parece que Lisboa efectivamente despertou, pela simpatia ou pela curiosidade, pois que tendo lido na larga tiragem do Diário de Notícias, o Mistério da Estrada de Sintra, o comprou ainda numa edição em livro; e hoje manda-nos V. as provas de uma terceira edição, perguntando-nos o que pensamos da obra escrita nesses velhos tempos, que recordamos com saudade...

Havia já então terminado o feliz rei nado do Senhor» João Vi. Falecera o simpático Garção, Tolentino o jucundo, e o sempre chorado Quita. Além do Passeio Público, já nessa época evacuado como o resto do país pelas tropas de Junot, encarregava-se também de falar às imaginações o Sr. Octave Feuillet. O nome de Flaubert não era familiar aos folhetinistas. Ponson du Terrail trovejava no Sinai dos pequenos jornais e das bibliotecas económicas. O Sr. Jules Claretie publicava um livro intitulado... (ninguém hoje se lembra do título) do qual diziam comovidamente os críticos: – Eis a (uma obra que há-de ficar!... Nós, enfim, éramos novos.

O que pensamos hoje do romance que escrevemos há catorze anos?... Pensamos simplesmente – louvores a Deus! – que ele é execrável; e nenhum de nós, quer como romancista, quer como crítico, deseja, nem ao seu pior inimigo, um livro igual. Porque nele há um pouco de tudo quanto um romancista lhe não deveria pôr e quase tudo quanto um crítico lhe deveria tirar

Poupemo-lo – para o não agravar fazendo-o em três volumes – à enumeração de todas as suas deformidades? Corramos um véu discreto sobre os seus mascarados de diversas alturas, sobre os seus médicos misteriosos, sobre os seus louros capitães ingleses, sobre as suas condessas fatais, sobre os seus tigres, sobre os seus elefantes, sobre os seus iates em que se arvoram, como pavilhões do ideal, lenços brancos de cambraia e renda, sobre os seus sinistros copos de ópio, sobre os seus cadáveres elegantes, sobre as suas toilettes românticas, sobre os seus cavalos esporeados por cavaleiros de capas alvadias desaparecendo envoltos no pó das fantásticas aventuras pela Porcalhota fora!...

Todas estas coisas, aliás simpáticas, comoventes por vezes sempre sinceras, desgostam todavia velhos escritores, que há muito desviaram os seus olhos das perspectivas enevoadas da sentimentalidade, para estudarem pacientemente e humildemente as claras realidades da sua rua.

Como permitimos pois que ser e publique um livro que, sendo todo de imaginação, cismado e não observado, desmente toda a campanha que temos feito pela arte de análise e

de certeza objectiva?

Consentimo-lo porque entendemos que nenhum trabalhador deve parecer envergonhar-se do seu trabalho.

Conta-se que Murat, sendo rei de Nápoles, mandara pendurar na sala do trono o seu antigo chicote de postilhão, e muitas vezes, apontando para o ceptro, mostrava depois o açoite, gostando de repetir: Comecei por ali. Esta gloriosa história confirma o nosso parecer, sem com isto querermos dizer que ela se aplique às nossas pessoas. Como trono temos ainda a mesma velha cadeira em que escrevíamos há quinze anos; não temos dossel que nos cubra; e as nossas cabeças, que embranquecem não se cingem por enquanto de coroa alguma, nem de louros, nem de Nápoles.

Para nossa modesta satisfação basta-nos não ter cessado de trabalhar um só dia desde aquele em que datámos este livro até o instante em que ele nos reaparece inesperadamente na sua terceira edição, com um petulante aninho de triunfo que, à fé de Deus, não lhe vai mal!

Então, como agora, escrevíamos honestamente isto é o melhor que podíamos desse amor da perfeição, que é a honradez dos artistas, veio talvez a simpatia do público ao livro da nossa mocidade.

Há mais duas razões, para autorizar esta reedição.

A primeira é que a publicação deste livro, fora de todos os moldes até o seu tempo consagrados, pode conter, para uma geração que precisa de a receber, uma tal lição de independência.

A mocidade que nos sucedeu, em vez de ser inventiva, audaz, revolucionária, destruidora de ídolos, parece-nos servil, imitadora, copista, curvada de mais diante dos mestres. Os novos escritores não avançam um pé que não pousem na pegada que deixaram outros. Esta pusilanimidade torna as obras trôpegas, dá-lhes uma expressão estafada; e a nós, que partimos, a geração que chega faz-nos o efeito de sair velha do berço e de entrar na arte de muletas.

Os documentos das nossas primeiras loucuras de coração queimámo-los há muito, os das nossas extravagâncias de espírito desejamos que fiquem. Aos vinte anos é preciso que alguém seja estroina, nem sempre talvez para que o mundo progrida, mas ao menos para que o mundo se agite. Para se ser ponderado, correcto e imóvel há tempo de sobra na velhice.

Na arte, a indisciplina dos novos, a sua rebelde força de resistência às correntes da tradição, é indispensável para a revivescência da invenção e do poder criativo, e para a originalidade artística. Ai das literaturas em que não há mocidade! Como os velhos que atravessaram a vida sem o sobressalto de uma aventura, não haverá nelas que lembrar Além de que, para os que na idade madura foram arrancados pelo dever às facilidades da improvisação e entraram nesta região dura das coisas exactas, entristecedora e mesquinha, onde, em lugar do esplendor dos heroísmos e da beleza das paixões. só há a pequenez dos caracteres e a miséria dos sentimentos, seria doce e reconfortante ouvir de longe a longe, nas manhãs de sol, ao voltar da Prima vera, zumbir no azul, como nos bons tempos, a dourada abelha da fantasia

A última razão que nos leva a não repudiar este livro, é que ele é ainda o testemunho da íntima confraternidade de dois antigos homens de letras, resistindo a vinte anos de provação nos contactos de uma sociedade que por todos os lados se dissolve. E, se isto não é um triunfo para o nosso espírito, é para o nosso coração uma suave alegria.

Lisboa, 14 de Dezembro de 1884.

De V.

Antigos amigos,

EÇA DE QUEIRÓS
RAMALHO ORTIGÃO

EXPOSIÇÃO DO DOUTOR ***

I

Sr. Redactor do *Diário de Notícias*:

Venho pôr nas suas mãos a narração de um caso verdadeiramente extraordinário, em que intervim como facultativo, pedindo-lhe que, pelo modo que entender mais adequado, publique na sua folha a substância, pelo menos, do que vou expor.

Os sucessos a que me refiro são tão graves, cerca-os um tal mistério, envolve-os uma tal aparência de crime que a publicidade do que se passou por mim torna-se importantíssima como chave única para a desencerração de um drama que supponho terrível conquanto não conheça dele senão um só acto e ignore inteiramente quais foram as cenas precedentes e quais tenham de ser as últimas.

Há três dias que eu vinha dos subúrbios de Sintra em companhia de F..., um amigo meu, em cuja casa tinha ido passar algum tempo.

Montávamos dois cavalos que F... tem na sua quinta e que deviam ser reconduzidos a Sintra por um criado que viera na véspera para Lisboa.

Era ao fim da tarde quando atravessámos a charneca. A melancolia do lugar e da hora tinha-se-nos comunicado, e vínhamos silenciosos, abstraídos na paisagem, caminhando a passo.

A cerca talvez de meia distancia do caminho entre S. Pedro e o Cacém, num ponto a que não sei o nome porque tenho transitado pouco naquela estrada, sítio deserto como todo o caminho através da charneca, estava parada uma carruagem.

Era um *coupé* pintado de escuro, verde e preto, e tirado por uma parelha cor de castanha.

O cocheiro, sem libré, estava em pé, de costas para nós, diante dos cavalos.

Dois sujeitos achavam-se curvados ao pé das rodas que ficavam para a parte da estrada por onde tínhamos de passar, e pareciam ocupados em examinar atentamente o jogo da carruagem.

Um quarto indivíduo, igualmente de costas para nós, estava perto do valado, do outro lado do caminho, procurando alguma coisa, talvez uma pedra para calçar o trem.

– É o resultado das sob-rodas que tem a estrada – observou o meu amigo. – eixo partido ou alguma roda desembuxada.

Passávamos a este tempo pelo meio dos três vultos a que me referi, e F... tinha tido apenas tempo de concluir a frase que proferira, quando o cavalo que eu montava deu repentinamente meia volta rápida, violenta, e caiu de chapa.

O homem que estava junto do valado, ao qual eu não dava atenção porque ia voltado a examinar o trem, determinara essa queda, colhendo repentinamente e com a máxima força as rédeas que ficavam para o lado dele e impelindo ao mesmo tempo com um pontapé o flanco do animal para o lado oposto.

O cavalo, que era um poldro de pouca força e mal manejado, escorregou das pernas e tombou ao dar a volta rápida e precipitada a que o tinham constrangido.

O desconhecido fez levantar o cavalo segurando-lhe as rédeas, e, ajudando-me a erguer, indagava com interesse se eu teria molestado a perna que ficara debaixo do cavalo.

Este indivíduo tinha na voz a entoação especial dos homens bem-educados. A mão que me ofereceu era delicada. O rosto tinha-o coberto com uma máscara de cetim preto. Entrelembro-me de que trazia um pequeno fumo no chapéu. Era um homem ágil e

extremamente forte, segundo denota o modo como fez cair o cavalo.

Ergui-me alvoroçadamente e, antes de ter tido ocasião de dizer uma palavra, vi que, ao tempo da minha queda, se travara luta entre o meu companheiro e os outros dois indivíduos que fingiam examinar o trem e que tinham a cara coberta como aquele de que já falei.

Puro Ponson du Terrail! dirá o Sr. Redactor. Evidentemente. Parece que a vida, mesmo no caminho de Sintra, pode às vezes ter o capricho de ser mais romanesca do que pede a verosimilhança artística. Mas eu não faço arte, narro factos unicamente.

F..., vendo o seu cavalo subitamente seguro pelas cambas do *freio*, tinha obrigado a largá-lo um dos desconhecidos, em cuja cabeça descarregara uma pancada como cabo do chicote, o qual o outro mascarado conseguira logo depois arrancar-lho da mão.

Nenhum de nós trazia armas. O meu amigo tinha, no entanto, tirado da algibeira a chave de uma porta da casa de Sintra, e esporeava o cavalo estirando-se-lhe no pescoço e procurando alcançar a cabeça daquele que o tinha seguro.

O mascarado, porém, que continuava a segurar em uma das mãos o freio do cavalo empinado, apontou com a outra em revólver à cabeça do meu amigo e disse-lhe com serenidade:

– Menos fúria! Menos fúria!

O que levava com o chicote na cabeça e ficara por um momento encostado à portinhola do trem, visivelmente atordoado mas não ferido, porque o cabo era de baleia e tinha por castão uma simples guarnição feita com uma trança de cima, havia já a este tempo levantado do chão e posto na cabeça o chapéu que lhe caíra.

A este tempo o que me derribara o cavalo e me ajudara a levantar tinha-me deixado ver um par de pequeninas pistolas de coronhas de prata, daquelas a que chamam em França *coups de poing* e que varam uma porta a trinta passos de distância. Depois do que, me ofereceu delicadamente o braço, dizendo-me com afabilidade:

– Parece-me mais cómodo aceitar um lugar que lhe ofereço na carruagem do que montar outra vez a cavalo ou ter de arrastar a pé daqui à farmácia da Porcalhota a sua perna magoada.

Não sou dos que se amedrontam mais prontamente com a ameaça feita com armas. Sei que há um abismo entre prometer um tiro e desfechá-lo. Eu movia bem a perna trilhada, o meu amigo estava montado em um cavalo possante; somos ambos robustos; poderíamos talvez resistir por dez minutos, ou por um quarto de hora, e durante esse tempo nada mais provável, em estrada tão frequentada como a de Sintra nesta quadra, do que aparecerem passageiros que nos prestassem auxílio

Todavia, confesso que me sentia atraído para o imprevisto de uma tão estranha aventura.

Nenhum caso anterior, nenhuma circunstância da nossa vida nos permitia suspeitar que alguém pudesse ter interesse em exercer connosco pressão ou violência alguma.

Sem eu bem poder a esse tempo explicar porquê, não me parecia também que as pessoas que nos rodeavam projectassem um roubo, menos ainda um homicídio. Não tendo tido tempo de observar miudamente a cada um, e tendo-lhes ouvido apenas algumas palavras fugitivas, figuravam-se-me pessoas de bom mundo. Agora que de espirito sossegado penso no acontecido, vejo que a minha conjectura se baseava em várias circunstâncias dispersas, nas quais, ainda que de relance, eu atentara, mesmo sem propósito de análise. Lembro-me, por exemplo, que era de cetim alvadio o forro do chapéu do que levava a pancada na cabeça. O que apontara o revólver a F... trazia calçada uma luva cor de chumbo apertada com dois botões. O que me ajudara a levantar tinha os pés finos e botas envernizadas: as calças, de casimira cor de avelã, eram muito justas e de presilhas. Trazia esporas.

Não obstante a disposição em que me achava de ceder da luta e de entrar no trem,

perguntei em alemão ao meu amigo se ele era de opinião que resistíssemos ou que nos rendêssemos..

– Rendam-se, rendam-se para nos poupar algum tempo que nos é precioso! – disse gravemente um dos desconhecidos – Por quem são, acompanhem-nos! Um dia saberão por que motivo lhes saímos ao caminho, mascarados. Damos-lhe a nossa palavra de que amanhã estarão nas suas casas, em Lisboa. Os cavalos ficarão em Sintra daqui a duas horas.

Depois de uma breve relutância, que eu contribuí para desvanecer, o meu companheiro apeou-se e entrou no *coupé*. Eu segui-o.

Cederam-nos os melhores lugares. O homem que se achava em frente da parelha segurou os nossos cavalos; o que fizera cair o poldro subiu para a almofada e pegou nas guias; os outros dois entraram connosco e sentaram-se nos lugares fronteiros aos nossos. Fecharam-se em seguida os estores de madeira dos postigos e correu-se uma cortina de seda verde que cobria por dentro os vidros fronteiros da carruagem.

No momento de partirmos, o que ia a guiar bateu na vidraça e pediu um charuto. Passaram-lhe para fora uma charuteira de palha de Java. Pela fresta por onde recebeu os charutos lançou para dentro do trem a máscara que tinha no rosto e partimos a galope.

Quando entrei para a carruagem pareceu-me avistar ao longe, vindo de Lisboa, um ônibus, talvez uma sege. Se me não iludi, a pessoa ou pessoas que vinham no trem a que me refiro terão visto os nossos cavalos, um dos quais é ruço e o outro castanho, e poderão talvez dar notícia da carruagem em que íamos e da pessoa que nos servia de cocheiro, O *coupé* era, como já disse, verde e preto. Os estores, de mogno polido, tinham no alto quatro fendas estreitas e oblongas, dispostas em cruz.

Falta-me tempo para escrever o que ainda me resta por contare horas de expedir ainda hoje esta carta pela posta interna.

Continuarei. Direi então, se o não suspeitou já, o motivo por que lhe oculto o meu nome e o nome do meu amigo.

II

Julho, 24 de 1870. – Acabo de ver a carta que lhe dirigi publicada integralmente por V. no lugar destinado ao folhetim do seu periódico. Em vista da colocação dada ao meu escrito procurarei nas cartas que houver de lhe dirigir não ultrapassar os limites demarcados a esta secção do jornal.

Por esquecimento não datei a carta antecedente, ficando assim duvidoso qual o dia em que fomos surpreendidos na estrada de Sintra. Foi quarta-feira, 20 do corrente mês de Julho.

Passo de pronto a contar-lhe o que se passou no trem, especificando minuciosamente todos os pormenores e tentando reconstruir o diálogo que travámos, tanto quanto me seja possível, com as mesmas palavras que nele se empregaram.

A carruagem partiu na direcção de Sintra. Presumo, porém, que deu na estrada algumas voltas, muito largas e bem dadas porque se não pressentiram pela intercadência da velocidade no passo dos cavalos. Levaram-me a supô-lo, em primeiro lugar as diferenças de declive no nível do terreno, conquanto estivéssemos rodando sempre em uma estrada macadamizada e lisa; em segundo lugar umas leves alterações na quantidade de luz que havia dentro do *coupé* coada de seda verde, o que me indicava que o trem passava por encontradas exposições com relação ao Sol que se escondia no horizonte.

Havia, evidentemente, o desígnio de nos desorientar no rumo definitivo que tomássemos.

É certo que, dois minutos depois de termos principiado a andar, me seria absolutamente impossível decidir se ia de Lisboa para Sintra ou se vinha de Sintra para

Lisboa.

Na carruagem havia uma claridade baça e ténue, que todavia nos permitia distinguir os objectos. Pude ver as horas no meu relógio. Eram sete e um quarto.

O desconhecido que ia defronte de mim examinou também as horas. O relógio, que ele não introduziu bem na algibeira do colete e que um momento depois lhe caiu, ficando por algum tempo patente e pendido da corrente, era um relógio singular que se não confunde facilmente e que não deixará de ser reconhecido, depois da notícia que dou dele, pelas pessoas que alguma vez o houvessem visto. A caixa do lado oposto ao mostrador era de esmalte preto, liso, tendo no centro, por baixo de um capacete, um escudo de armas de ouro encobrado e polido.

Havia poucos momentos que caminhávamos, quando o indivíduo sentado defronte de F..., o mesmo que na estrada nos instara mais vivamente para que o acompanhássemos, nos disse:

Eu julgo inútil asseverar-lhes que devem tranquilizar-se inteiramente quanto à segurança das suas pessoas...

– Está visto que sim – respondeu o meu amigo –, nós estamos perfeitamente sossegados a todos os respeitos. Espero que nos façam a justiça de acreditar que nos não têm coactos pelo medo. Nenhum de nós é tão criança que se apavore com o aspecto das suas máscaras negras ou das suas armas de fogo. Os senhores acabam de ter a bondade de nos certificar de que não querem fazer-nos mal; nós devemos pela nossa parte anunciar-lhes que desde o momento em que a sua companhia principiasse a tomar-se-nos desagradável, nada nos seria mais fácil do que arrancar-lhes as máscaras, arrombar os estores, convidá-los perante o primeiro trem que passasse por nós a que nos entregassem as suas pistolas, e relaxá-los em seguida aos cuidados policiais do regedor da primeira paróquia que atravessássemos. Parece-me, portanto, justo que principiemos por prestar o devido culto aos sentimentos da amabilidade, pura e simples, que nos tem aqui reunidos. Doutro modo ficaríamos todos grotescos: os senhores terríveis, e nós assustados.

Conquanto estas coisas fossem ditas por F... com um ar de bondade risonha, o nosso interlocutor parecia irritar-se progressivamente ao ouvi-lo. Movia convulsivamente uma perna, firmando o cotovelo num joelho, pousando a barba nos dedos, fitando de perto o meu amigo. Depois, reclinando-se para trás e como se mudasse de resolução:

– No fim de contas, a verdade é que tem razão e talvez que eu fizesse e dissesse o mesmo no seu lugar.

E, tendo meditado um momento, continuou:

– Que diriam, porém, os senhores se eu lhes provasse que esta máscara em que querem ver apenas um sintoma burlesco é em vez disso a confirmação da seriedade do caso que nos trouxe aqui F... Queiram imaginar por um momento um desses romances como há muitos: uma senhora casada, por exemplo, cujo marido viaja há um ano. Esta senhora, conhecida na sociedade de Lisboa, está grávida. Que deliberação há-de tomar?

Houve um silêncio.

Eu aproveitei a pequena pausa que se seguiu ao enunciado um tanto rude daquele problema e respondi:

– Enviar ao marido uma escritura de separação em regra. Depois, se ética, ir com o amante para a América ou para a Suíça; se é pobre, comprar uma máquina de costura e trabalhar para fora numa água-furtada. É o destino para as pobres e para as ricas. De resto, em toda a parte se morre depressa nessas condições, num *cottage* à beira do lago de Genebra ou num quarto de oito tostões ao mês na Rua dos Vinagres. Morre-se igualmente, de tísica ou de tédio, nos esfalfamento do trabalho ou no en4oo do idílio.

– E o filho?

– O filho, desde que está fora da família e fora da lei, é um desgraçado cujo infortúnio provém em grande parte da sociedade que ainda não soube definir a responsabilidade do pai clandestino. Se os pais fazem como a legislação, e mandam buscar gente à estrada de Sintra para perguntar o que se há-de fazer, o melhor para o filho é deitá-lo à roda.

– O doutor discorre muito bem como filósofo distinto. Como puro médico, esquece-lhe talvez que na conjuntura de que se trata, antes de deitar o filho à roda há uma pequena formalidade a cumprir, que é deitá-lo ao mundo.

– Isso é com os especialistas. Creio que não é nessa qualidade que estou aqui.

– Engana-se. É precisamente como médico, é nessa qualidade que aqui está e é por esse título que viemos buscá-lo de surpresa à estrada de Sintra e o levamos a ocultas a prestar auxílio a uma pessoa que precisa dele.

– Mas eu não faço clínica.

– É o mesmo. Não exerce essa profissão; tanto melhor para o nosso caso: não prejudica os seus doentes abandonando-os por algumas horas para nos seguir nesta aventura. Mas é formado em Paris e publicou mesmo uma tese de cirurgia que despertou a atenção e mereceu o elogio da Faculdade. Queira fazer de conta que vai assistir a um parto.

O meu amigo F... pôs-se a rir e observou:

– Mas eu que não tenho o curso médico nem tese alguma de que me acuse na minha vida, não quererão dizer-me o que vou fazer?

– Quer saber o motivo por que se encontra aqui?... Eu lho digo.

Neste momento, porém, a carruagem parou repentinamente e os nossos companheiros, sobressaltados, ergueram-se.

III

Percebi que saltava da almofada o nosso cocheiro. Ouvi abrir sucessivamente as duas lanternas e raspar um fósforo na roda. Senti depois estalar a mola que comprime a portinha que se fecha depois de acender as velas, e rangerem nos anéis dos cachimbos os pés das lanternas como se as estivessem endireitando.

Não compreendi logo a razão por que nos tivéssemos detido para semelhante fim, quando não tinha caído a noite e íamos por bom caminho.

Isto, porém, explica-se por um requinte de precaução. A pessoa que nos servia de cocheiro não queria parar em lugar onde houvesse gente. Se tivéssemos de atravessar uma povoação, as luzes que principiassem a acender-se e que nós veríamos através da cortina ou das fendas dos estores, poderiam dar-nos alguma ideia do sítio em que nos achássemos. Por esta forma esse meio de investigação desaparecia. Ao passarmos entre prédios ou muros mais altos, a projecção da luz forte das lanternas sobre as paredes e a reflexão dessa claridade para dentro do trem impossibilitava-nos de distinguir se atravessávamos uma aldeia ou uma rua iluminada.

Logo que a carruagem começou a rodar depois de acesas as lanternas, aquele dos nossos companheiros que Prometera explicar a F... a razão por que ele nos acompanhava, prosseguiu:

– O amante da senhora a quem me refiro, imagine que sou eu. Sabem-no unicamente neste mundo três amigos meu; amigos íntimos, companheiros de infância, camaradas de estudo, tendo vivido sempre juntos, estando cada um constantemente pronto a prestar aos outros os derradeiros sacrifícios que pode impor a amizade. Entre os nossos companheiros não havia um médico. Era mister obtê-lo e era ao mesmo tempo indispensável que não passasse a outrem, quem quer que fosse, o meu segredo, em que estão envoltos o amor de um homem e a honra de uma senhora, O meu filho nascerá provavelmente esta noite ou

amanhã pela manhã; não devendo saber ninguém quem é sua mãe, não devendo sequer por algum indício vir a suspeitar um dia quem ela seja, é preciso que o doutor ignore quem são as pessoas com quem fala, e qual é a casa em que vai entrar. Eis o motivo por que nós temos no rosto uma máscara; eis o motivo por que os senhores nos hão-de permitir que continuemos a ter cerrada esta carruagem e que lhes vendemos os olhos, antes de os apearmos defronte do prédio a que vão subir. Agora compreende – continuou ele dirigindo-se a F... – a razão por que nos acompanha. Era-nos impossível evitar que o senhor viesse hoje de Sintra com o seu amigo, era-nos impossível adiar esta visita, e era-nos impossível também deixá-lo no ponto da estrada em que tomámos o doutor, O senhor acharia facilmente meio de nos seguir e de descobrir quem somos.

– A lembrança – notei eu – é engenhosa mas não é lisonjeira para a minha discrição.

– A confiança na discrição alheia é uma traição ao segredo que nos não pertence.

F... achava-se inteiramente de acordo com esta maneira de ver, e disse-o elogiando o espírito da aventura romanesca dos mascarados.

As palavras de F..., acentuadas com sinceridade e com afecto, pareceu-me que perturbaram algum tanto o desconhecido figurou-se-me que esperava discutir mais tempo para conseguir persuadir-nos e que o desnorteava e surpreendia desagradavelmente esse corte imprevisto. Ele, que tinha a réplica pronta e a palavra fácil, não achou que retorquir à confiança com que o tratavam, e guardou, desde esse momento até que chegámos, um silêncio que devia pesar à suas tendências expansivas e discursadoras.

É verdade que pouco depois deste diá0 trem deixou a estrada de macadame em que até aí rodara e entrou num caminho vicinal ou num atalho. O solo era pedregoso e esburacado; os solavancos da carruagem, que seguia sempre a galope governada por mão de mestre, e o estrépito dos estores embatendo nos caixilhos mal permitiram conversar.

Tornámos por fim a entrar numa estrada lisa. A carruagem parou ainda uma segunda vez, o cocheiro apeou rapidamente, dizendo:

– Lá vou!

Voltou pouco depois, e eu ouvi alguém que dizia:

– Vão com raparigas para Lisboa.

O trem prosseguiu.

Seria uma barreira da cidade? Inventaria o que nos guiava um pretexto plausível para que os guardas nos não abrissem a portinhola? Entender-se-ia com os meus companheiros a frase que eu ouvira?

Não posso dizê-lo com certeza.

A carruagem entrou logo depois num pavimento lajeado e daí a dois ou três minutos parou. O cocheiro bateu no vidro, e disse:

– Chegámos.

O mascarado, que não tornara a pronunciar uma palavra desde o momento que acima indiquei, tirou um lenço da algibeira e disse-nos com alguma comoção:

– Tenham paciência! Perdoem-mo... Assim é preciso!

F... aproximou o rosto, e ele vendeu-lhe os olhos. Eu fui igualmente vendado pelo que estava em frente de mim.

Apeámo-nos em seguida e entrámos num corredor conduzidos pela mão dos nossos companheiros. Era um corredor estreito segundo pude deduzir do modo por que nos encontrámos e demos passagem a alguém que saía.

– Levo o trem?

– A voz do que nos guiara respondeu:

– Leva.

Demorámo-nos um momento. A porta por onde havíamos entrado foi fechada à chave,

e o que nos servira de cocheiro passou para diante dizendo:

– Vamos!

Demos alguns passes, subimos dois degraus de pedra, tomámos à direita e entrámos na escada. Era de madeira, íngreme e velha, coberta com um tapete estreito. Os degraus estavam desgastados pelos pés, eram ondeados na superfície e esbatidos e arredondados nas saliências primitivamente angulosas. Ao longo da parede, do meu lado, corria uma corda, que servia de corrimão; era de seda e denotava ao tacto pouco uso. Respirava-se um ar húmido, impregnado de exalações interiores dos prédios desabitados. Subimos oito ou dez degraus, tomámos à esquerda num patamar, subimos ainda outros degraus e parámos num primeiro andar.

Ninguém Unha proferido uma palavra, e havia o que quer que fosse de lúgubre neste silêncio que nos envolvia como uma nuvem de tristeza.

Ouvi então a nossa carruagem que se afastava, e senti uma opressão, uma espécie de sobressalto pueril.

Em seguida rangeu uma fechadura e transpusemos o limiar de uma porta, que foi outra vez fechada à chave depois de havermos entrado.

– Podem tirar os lenços – disse-nos um dos nossos companheiros.

Descobri os olhos. Era noite.

Um dos mascarados raspou um fósforo, acendeu cinco velas numa serpentina de bronze, pegou na serpentina, aproximou-se de um móvel que estava coberto com uma manta de viagem, e levantou a manta.

Não pude conter a comoção que senti, e soltei um grito de horror. O que eu tinha diante de mim era o cadáver de um homem.

IV

Escrevo-lhe hoje fatigado e nervoso. Todo este obscuro negócio em que me acho envolvido, o vago perigo que me cerca, a mesma tensão de espírito em que estou para compreender a secreta verdade desta aventura, os hábitos da minha vida repousada subitamente exaltados – tudo isto me dá um estado de irritação mórbida que me aniquila.

Logo que vi o cadáver perguntei violentamente:

– Que quer isto dizer, meus senhores?

Um dos mascarados, o mais alto, respondeu:

– Não há tempo para explicações. Perdoem ter sido enganados! Pelo amor de Deus, doutor, veja esse homem. Que tem? Está morto? Está adormecido com algum narcótico?

Dizia estas palavras com uma voz tão instantânea, tão dolorosamente interrogadora que eu, dominado pelo imprevisto daquela situação, aproximei-me do cadáver, e examinei-o.

Estava deitado numa *chaise-longue*, com a cabeça pousada numa almofada, as pernas ligeiramente cruzadas, um dos braços curvado descansando no peito, o outro pendente e a mão inerte assente sobre o chão. Não tinha golpe, contusão, ferimento, ou extravasamento de sangue; não tinha sinais de congestão, nem vestígios de estrangulação. A expressão da fisionomia não denotava sofrimento, contracção ou dor. Os olhos cerrados frouxamente, eram como num sono leve. Estava frio e lívido.

Não quem aqui fazer a história do que encontrei no cadáver. Seria embaraçar esta narração concisa com explicações científicas. Mesmo sem exames detidos, e sem os elementos de apreciação que só podem fornecer a análise ou a autópsia, pareceu-me que aquele homem estava sob a influência já mortal de um narcótico, que não era tempo de dominar.

– Que bebeu ele? – perguntei, com uma curiosidade exclusivamente médica.

Não pensava então em crime nem na misteriosa aventura que ali me prendia; queria só ter uma história progressiva dos fados que tinham determinado a narcotização.

Um dos mascarados mostrou-me um copo que estava ao pé da *chaise-longue* sobre uma cadeira de estofo.

– Não sei – disse ele –, talvez aquilo.

O que havia no copo era evidentemente ópio.

– Este homem está morto – disse eu.

– Morto! – repetiu um deles, tremendo.

Ergui as pálpebras do cadáver, os olhos tinham uma dilatação fixa, horrível.

Eu fitei-os então um por um e disse-lhes serenamente:

– Ignoro o motivo por que vim aqui; como médico de um doente sou inútil; como testemunha posso ser perigoso.

Um dos mascarados veio para mim e com uma voz insinuante e grave:

– Escute, crê, em sua consciência, que esse homem esteja morto?

– Decerto.

– E qual pensa que fosse a causa da morte?

– O ópio; mas creio que devem sabê-lo melhor do que eu os que andam mascarados surpreendendo gente pela estrada de Sintra.

Eu estava irritado, queria provocar algum desenlace definitivo que cortasse os embaraços da minha situação.

– Perdão – disse um –, e há que tempo supõe que esse homem esteja morto?

Não respondi, pus o chapéu na cabeça e comecei a calçar as luvas. F... junto da janela, batia o pé impaciente. Houve um silêncio.

Aquele quarto pesado de estofos, o cadáver estendido com reflexos lívidos na face, os vultos mascarados, o sossego lúgubre do lugar, as luzes claras, tudo dava àquele momento um aspecto profundamente sinistro.

– Meus senhores – disse então lentamente um dos mascarados, o mais alto, o que tinha guiado a carruagem –, compreendem perfeitamente, que se nós tivéssemos morto este homem sabíamos bem que um médico era inútil, e uma testemunha importuna! Desconfiávamos, é claro, que estava sob a acção de um narcótico, mas queríamos adquirir a certeza da morte. Por isso o trouxemos. A respeito do crime, estamos tão ignorantes como os senhores. Se não entregamos este caso à polícia, se cercamos de mistério e de violência a sua visita a esta casa, se lhes vendamos os olhos, é porque receávamos que as indagações que se pudessem fazer, conduzissem a descobrir, como criminoso ou como cúmplice, alguém que nós temos em nossa honra salvar; se lhes damos estas explicações...

– Essas explicações são absurdas! – gritou F... – Aqui há um crime; este homem está morto, os senhores, mascarados; esta casa parece solitária, nós achamo-nos aqui violentados, e todas estas circunstâncias têm um mistério tão revoltante, uma feição tão criminosa, que não queremos nem pelo mais leve acto, nem pela mais involuntária assistência, ser parte neste negócio. Não temos aqui nada que fazer; queiram abrir aquela porta.

Com a violência dos seus gestos, um dos mascarados riu.

– Ah! Os senhores escarnecem! – gritou F...

E arremessando-se violentamente contra a janela, ia fazer saltar os fechos. Mas dois dos mascarados arrojaram-se poderosamente sobre ele, curvaram-no, arrastaram-no até uma poltrona, e deixaram-no cair, ofegante, trémulo de desespero.

Eu tinha ficado sentado e impassível.

– Meus senhores – observei –, notem que enquanto o meu amigo protesta pela cólera, eu protesto pelo tédio.

E acendi um charuto.

– Mas, com os diabos! tomam-nos por assassinos! – gritou um violentamente. – Não se crê na honra, na palavra de um homem! Se vocês não tiram a máscara, tiro-a eu! É necessário que nos vejam! Não quero, nem escondido por um pedaço de cartão, passar por um assassino!... Senhores! dou-lhes a minha palavra que ignoro quem matou este homem.

E fez um gesto furioso. Neste movimento, a máscara desapertou-se, descaindo. Ele voltou-se rapidamente, levando as mãos abertas ao rosto. Foi um movimento instintivo, irrefletido, de desesperação. Os outros cercaram-no, olhando rapidamente para F..., que tinha ficado impassível. Um dos mascarados, que não tinha ainda falado, o que na carruagem viera defronte de mim, a todo o momento observava o meu amigo com receio, com suspeita. Houve um longo silêncio. Os mascarados, a um canto, falavam baixo. Eu, no entanto, examinava a sala.

Era pequena, forrada de seda em pregas, com um tapete mole, espesso, bom para correr com os pés nus. O estofado dos móveis era de seda vermelha com uma barra verde, única e transversal, como têm na antiga heráldica os brasões dos bastardos. As cortinas das janelas pendiam em pregas amplas e suaves. Havia vasos de jaspe, e um aroma tépido e penetrante, onde se sentia a verbena e o perfume de *marechala*.

O homem que estava morto era moço, de perfil simpático e fino, de bigode louro. Tinha o casaco e colete despidos, e o largo peitilho da camisa reluzia com botões de pérolas; a calça era estreita, bem talhada, de uma cor clara. Tinha apenas calçado um sapato de verniz; as meias eram de seda em grandes quadrados brancos e cinzentos.

Pela fisionomia, pela construção, pelo corte e cor do cabelo, aquele homem parecia inglês.

Ao fundo da sala via-se um reposteiro largo, pesado, cuidadosamente corrido. Parecia-me ser uma alcova. Notei admirado que apesar do extremo luxo, de um aroma que andava no ar uma sensação tépida que dão todos os lugares onde ordinariamente se está, se fala e se vive, aquele quarto não parecia habitado; não havia um livro, um casaco sobre uma cadeira, umas luvas caídas, alguma destas mil pequenas coisas confusas, que demonstram a vida e os seus incidentes triviais.

F... tinha-se aproximado de mim.

– Conheceste aquele a quem caiu a máscara? – perguntei.

– Não. Conheceste?

– Também não. Há um que ainda não falou, que está sempre olhando para ti. Receia que o conheças, é teu amigo talvez, não o percas de vista.

Um dos mascarados aproximou-se, perguntando:

– Quanto tempo pode ficar o corpo assim nesta *chaise-longue*? Eu não respondi. O que me interrogou fez um movimento colérico, mas conteve-se. Neste momento o mascarado mais alto, que tinha saído, entrara, dizendo para os outros:

– Pronto!...

Houve uma pausa; ouvia-se o bater da pêndula e os passos de F..., que passeava agitado, como sobrolho duro, torcendo o bigode.

– Meus senhores – continuou voltando-se para nós o mascarado –, damos-lhe a nossa palavra de honra que somos completamente estranhos a este sucesso. Sobre isto não damos explicações. Desde este momento os senhores estão retidos aqui. Imaginem que somos assassinos, moedeiros falsos ou ladrões, tudo o que quiserem. Imaginem que estão aqui pela violência, pela corrupção, pela astúcia, ou pela força da lei... como entenderem! o facto é que ficam até amanhã. O seu quarto – disse-me – é naquela alcova, e o seu – apontou para F... – lá dentro. Eu fico consigo, doutor, neste sofá. Um dos meus amigos será lá dentro o criado de quarto do seu amigo. Amanhã despedimo-nos amigavelmente e podem dar parte à polícia ou escrever para os jornais.

Calou-se. Estas palavras tinham sido ditas com tranquilidade. Não respondemos.

Os mascarados, em quem se percebia um certo embaraço, uma evidente falta de serenidade, conversavam baixo, a um canto do quarto, junto da alcova. Eu passeava. Numa das voltas que dava pelo quarto, vi casualmente, perto de uma poltrona, uma coisa branca semelhante a um lenço. Passei defronte da poltrona, deixei voluntariamente cair o meu lenço, e no movimento que fiz para o apanhar, lancei despercebidamente mão do objecto caído. Era efectivamente um lenço. Guardei-o, apalpei-o no bolso com grande delicadeza de tacto; era fino, com rendas, um lenço de mulher. Parecia ter bordadas uma firma e uma coroa.

Neste momento deram nove horas. Um dos mascarados exclamou, dirigindo-se a F...

– Vou mostrar-lhe o seu quarto. Desculpe-me, mas é necessário vender-lhe os olhos.

F... tomou altivamente o lenço das mãos do mascarado, cobriu ele mesmo os olhos, e saíram.

Fiquei só com o mascarado alto, que tinha a voz simpática e atraente.

Perguntou-me se queria jantar. Conquanto lhe respondesse negativamente, ele abriu uma mesa, trouxe um cabaz em que havia algumas comidas frias. Bebi apenas um copo de água. Ele comeu.

Lentamente, gradualmente, começámos a conversar quase em amizade. Eu sou naturalmente expansivo, o silêncio pesava-me. Ele era instruído, tinha viajado e tinha lido.

De repente, pouco depois da uma da noite, sentimos na escada um andar leve e cauteloso, e logo alguém tocar na porta do quarto onde estávamos. O mascarado tinha ao entrar tirado a chave e havia-a guardado no bolso. Erguemo-nos sobressaltados. O cadáver achava-se coberto. O mascarado apagou as luzes.

Eu estava aterrado. O silêncio era profundo; ouvia-se apenas o ruído da chave que a pessoa que estava fora às escuras procurava introduzir na fechadura.

Nós, imóveis, não respirávamos.

Finalmente a porta abriu-se, alguém entrou, fechou-a, acendeu um fósforo, olhou. Então vendo-nos, deu um grito e caiu no chão, imóvel, com os braços estendidos.

Amanhã, mais sossegado e claro de recordações, direi o que se seguiu.

P. S. – Uma circunstância que pode esclarecer sobre a rua e o sítio da casa: De noite senti passarem duas pessoas, uma tocando guitarra, outra cantando o fado. Devia ser meia-noite, O que cantava dizia esta quadra:

*«Escrevi uma carta a Cupido
A mandar-lhe perguntar
Se um coração ofendido...»*

Não me lembra o resto. Se as pessoas que passaram, tocando e cantando, lerem esta carta, prestarão um notável esclarecimento dizendo em que rua passavam, e defronte de que casa, quando cantaram aquelas rimas populares.

V

Hoje, mais sossegado e sereno, posso contar-lhe com precisão e realidade, reconstruindo-o do modo mais nítido, nos diálogos e nos olhares, o que se seguiu à entrada imprevista daquela pessoa no quarto onde estava o morto. O homem tinha ficado estendido no chão, sem sentidos: molhámos-lhe a testa, demos-lhe a respirar vinagre de *toilette*. Voltou a si, e, ainda trémulo e pálido, o seu primeiro movimento instintivo foi correr para a janela!

O mascarado, porém, tinha-o envolvido fortemente com os braços, e arremessou-o

com violência para cima de uma cadeira, ao fundo do quarto. Tirou do seio um punhal, e disse-lhe com voz fria e firme:

– Se faz um gesto, se dá um grito, se tem um movimento, varo-lhe o coração!

– Vá, vá – disse eu. – Breve! responda... Que quer? Que veio fazer aqui?

Ele não respondia, e com a cabeça tomada entre as mãos, repetia maquinalmente:

– Está perdido tudo! Está tudo perdido!

– Fale – disse-lhe o mascarado, tomando-lhe rudemente o braço. – Que veio fazer aqui? Que é isto? Como soube?...

A sua agitação era extrema: luziam-lhe os olhos entre o cetim negro da máscara.

– Que veio fazer aqui? – repetiu agarrando-o pelos ombros e sacudindo-o como um vime.

– Escute... – disse o homem convulsivamente. – Vinha saber... disseram-me... Não sei. Parece que já cá estava a polida... queria saber a verdade, indagar quem o tinha assassinado... vinha tomar informações...

– Sabe tudo! – disse o mascarado, aterrado, deixando pender os braços.

Eu estava surpreso: aquele homem conhecia o crime, sabia que havia ali um cadáver! Só ele o sabia, porque deviam ser decerto absolutamente ignorados aqueles sucessos lúgubres. Por consequência quem sabia onde estava o cadáver, quem tinha uma chave da casa, quem vinha alta noite ao lugar do assassinato, quem tinha desmaiado vendo-se surpreso, estava positivamente envolvido no crime...

– Quem lhe deu a chave? – perguntou o mascarado.

O homem calou-se.

– Quem lhe falou nisto?

Calou-se.

– Que vinha fazer, de noite, às escondidas, a esta casa?

Calou-se.

– Mas como sabia deste absoluto segredo, de que apenas temos conhecimento nós?...

E voltando-se para mim, para me advertir com um gesto imperceptível do expediente que ia tomar, acrescentou:

–...nós e o senhor comissário.

O desconhecido calou-se. O mascarado tomou-lhe o paletó e examinou-lhe os bolsos. Encontrou um pequeno martelo e um maço de pregos.

– Para que era isto?

– Trazia naturalmente isso, queria consertar não sei quê, em casa... um caixote...

O mascarado tomou a luz, aproximou-se do morto, e por um movimento rápido, tirando a manta de viagem, descobriu o corpo: a luz caiu sobre a lívida face do cadáver.

– Conhece este homem?

O desconhecido estremeceu levemente e pousou sobre o morto um longo olhar, demorado e atento.

Eu em seguida cravei os meus olhos, com uma insistência implacável nos olhos dele, dominei-o, disse-lhe baixo, apertando-lhe a mão:

– Porque o matou?

– Eu? – gritou ele. – Está doido!

Era uma resposta clara, franca, natural, inocente.

– Mas porque veio aqui? – observou o mascarado. – Como soube do crime? Como tinha a chave? Para que era este martelo? Quem é o senhor? Ou dá explicações claras, ou daqui a uma hora está no segredo, e daqui a um mês nas galés. Chame os outros – disse ele para mim.

– Um momento, meus senhores, confesso tudo, digo tudo! – gritou o desconhecido.

Esperámos; mas retraindo a voz, e com um a entoação demorada, como quem dita:

– A verdade – prosseguiu – é esta: encontrei hoje de tarde um homem desconhecido, que me deu uma chave e me disse: sei que é Fulano, que é destemido, vá a tal rua, número tantos...

Eu tive um movimento ávido, curioso, interrogador. Ia enfim saber onde estava!

Mas o mascarado com um movimento impetuoso pôs-lhe a mão aberta sobre a boca, comprimindo-lhe as faces, e com uma voz surda e terrível:

– Se diz onde estamos, mate-o.

O homem fitou-nos: compreendeu evidentemente que eu também estava ali, sem saber onde, por um mistério; que os motivos da nossa presença eram também suspeitos, e que por consequência não éramos empregados da polícia. Esteve um momento calado e acrescentou:

– Meus senhores, esse homem fui eu que o matei, que querem mais? Que fazem aqui?

– Está preso – gritou o mascarado. – Vá chamar os outros, doutor. É o assassino.

– Esperem, esperem – gritou ele. – Não compreendo! Quem são os senhores? Supus que eram da polícia... São talvez..., disfarçam para me surpreender! Eu não conheço aquele homem, nunca o vi. Deixem-me sair... Que desgraça!

– Este miserável há-de falar, ele tem o segredo! – bradava o mascarado.

Eu tinha-me sentado ao pé do homem. Queria tentara doçura, a astúcia. Ele tinha serenado, falava com inteligência e com facilidade. Disse-me que se chamava A. M. C., que era estudante de medicina e natural de Viseu. O mascarado escutava-nos, silencioso e atento. Eu, falando baixo com o homem, tinha-lhe pousado a mão sobre o joelho. Ele pedia-me *que o salvasse*, chamava-me *seu amigo*. Parecia-me um rapaz exaltado, dominado pela imaginação. Era fácil surpreender a verdade dos seus actos. Com um modo íntimo, confidencial, fiz-lhe perguntas aparentemente sinceras e simples, mas cheias de traição e de análise. Ele, com uma boa-fé inexperiente, a todo o momento se descobria, se denunciava.

– Ora – disse-lhe eu –, uma coisa me admira em tudo isto.

– Qual?

– E que não tivesse deixado sinais o arsénico...

– Foi ópio – interrompeu ele, com uma simplicidade infantil.

Ergui-me de salto. Aquele homem, se não era o assassino, conhecia profundamente todos os segredos do crime.

– Sabe tudo – disse eu ao mascarado.

– Foi ele – confirmou o mascarado convencido.

Eu tomei-o então de parte, e com uma franqueza simples:

– A comédia acabou, meu amigo, tire a sua máscara, apertemo-nos a mão, dêmos parte à polícia. A pessoa que o meu amigo receava descobrir, não tem decerto que ver neste negócio.

– Decerto que não. Este homem é o assassino.

E voltando-se para ele com um olhar terrível, que flamejava debaixo da máscara:

– E porque o matou?

– Matei-o... – respondeu o homem.

– Matou-o – disse o mascarado com uma lentidão de voz que me aterrou – para lhe roubar 2300 libras em *bank-notes*, que aquele homem tinha no bolso, dentro de uma bilheteira em que estavam monogramadas duas letras de prata, que eram as iniciais do seu nome.

– Eu!... para o roubar! Que infâmia! Mente! Eu não conheço esse homem, nunca o vi, não o matei!

– Que malditas contradições! – gritou o mascarado exaltado.

A. M. C. objectou lentamente:

– O senhor que está mascarado... este homem não era seu amigo, o único amigo que ele conhecia em Lisboa?

– Como sabe? – gritou repentinamente o mascarado, tomando-lhe o braço. – Fale, diga.

– Por motivos que devo ocultar – continuou o homem – sabia que este sujeito, que é estrangeiro, que não tem relações em Lisboa, que chegou há poucas semanas, vinha a esta casa...

– É verdade – atalhou o mascarado.

– Que se encontrava aqui com alguém...

– É verdade – disse o mascarado.

Eu, pasmado, olhava para ambos, sentia a lucidez das ideias perturbada, via aparecer uma nova causa imprevista, temerosa e inexplicável.

– Além disso – continuou o homem desconhecido – há-de saber também que um grande segredo ocupava a vida deste infeliz...

– É verdade, é verdade – dizia o mascarado absorto.

– Pois bem, ontem uma pessoa, que casualmente não podia sair de casa, pediu-me que viesse ver se o encontrava...

Nós esperávamos, petrificados, o fim daquelas confissões.

– Encontrei-o morto ao chegar aqui. Na mão tinha este papel.

E tirou do bolso meia folha de papel de carta, dobrada.

– Leia – disse ele ao mascarado.

Este aproximou o papel da luz, deu um grito, caiu sobre uma cadeira com os braços pendentes, os olhos cerrados.

Ergui o papel, li:

I declare that I have killed myself with opium.

(Declaro que me matei com ópio).

Fiquei petrificado.

O mascarado dizia com a voz absorta como num sonho:

– Não é possível. Mas é a letra dele, é! Ah! que mistério, que mistério!

Vinha a amanhecer.

Sinto-me fatigado de escrever. Quero aclarar as minhas recordações. Até amanhã.

VI

Peço-lhe agora toda a sua atenção para o que tenho de contar-lhe.

A madrugada vinha. Sentiam-se já os ruídos da povoação que desperta. A rua não era macadamizada, porque eu sentia o rodar dos carros sobre a calçada. Também não era uma rua larga, porque o eco das carroças era profundo, cheio e próximo. Ouvia pregões. Não sentia carruagens.

O mascarado tinha ficado numa prostração extrema, sentado, imóvel, com a cabeça apoiada nas mãos.

O homem que tinha dito chamar-se A. M. C. estava encostado no sofá, com os olhos cerrados, como adormecido.

Eu abri as portas da janela: era dia. Os transparentes e as persianas estavam corridos. Os vidros eram foscos como os dos globos dos candeeiros. Entrava uma luz lúgubre, esverdeada.

– Meu amigo – disse eu ao mascarado –, é dia. Coragem! É necessário fazer o exame do quarto, móvel por móvel.

Ele ergueu-se e correu o reposteiro do fundo. Vi uma alcova, com uma cama, e à cabeceira uma pequena mesa redonda, coberta com um pano de veludo verde. A cama não estava desmanchada, cobria-a um adredão de cetim encarnado. Tinha um só travesseiro largo, alto e fofo, como se não usam em Portugal; sobre a mesa estava um cofre vazio e uma jarra com flores murchas. Havia um lavatório, escovas, sabonetes, esponjas, toalhas dobradas e dois frascos esguios de violetas de Parma. Ao canto da alcova estava uma bengala grossa com estoque.

Na disposição dos objectos na sala não havia nenhuma particularidade significativa. O exame dela dava na verdade a persuasão de que se estava numa casa raramente habitada, visitada a espaços apenas, sendo um lugar de entrevistas, e não um interior regular.

A casaca e o colete do morto estavam sobre uma cadeira; um dos sapatos via-se no chão, ao pé da *chaise-longue*; o chapéu achava-se sobre o tapete, a um canto, como arremessado. O paletó estava caído ao pé da cama.

Procuraram-se todos os bolsos dos vestidos do morto: não se encontrou carteira, nem bilhetes, nem papel algum. Na algibeira do colete estava o relógio, de ouro encobrado, sem firma, e uma pequena bolsa de malha de ouro, com dinheiro miúdo. Não se lhe encontrou lenço. Não se pôde averiguar em que tivesse sido trazido de forno ópio; não apareceu frasco, garrafa, nem papel ou caixa em que tivesse estado, em liquido ou em pó; e foi a primeira dificuldade que no meu espírito se apresentou contra o suicídio.

Perguntei se não havia na casa outros quartos que comunicassem com aquele aposento e que devêssemos visitar.

– Há – disse o mascarado –, mas este prédio tem duas entradas e duas escadas. Ora aquela porta, que comunica com os demais quartos, encontrámo-la fechada pelo outro lado quando chegámos aqui. Logo este homem não saiu desta sala depois que subiu da rua e antes de morrer ou de ser morto.

Como tinha então trazido o ópio? Ainda quando o tivesse já no quarto, o frasco, ou qualquer invólucro que contivesse o narcótico devia aparecer. Não era natural que tivesse sido aniquilado. O copo em que ficara o resto da água opiada, ali estava. Um indício mais grave parecia destruir a hipótese do suicídio: não se encontrou a gravata do morto. Não era natural que ele a tivesse tirado, que a tivesse destruído ou lançado fora. Não era também racional que tendo vindo àquele quarto esmeradamente vestido como para uma visita cerimoniosa, não trouxesse gravata. Alguém, pois, tinha estado naquela casa, ou pouco antes da morte ou ao tempo dela. Era essa pessoa que tinha para qualquer fim tomado a gravata do morto.

Ora a presença de alguém naquele quarto, coincidindo com a estada do suposto suicidado ali, tirava a possibilidade ao suicídio e dava presunções ao crime.

Aproximámo-nos da janela, examinámos detidamente o papel em que estava escrita a declaração do suicida:

– A letra é dele, parece-me indubitável que é – disse o mascarado – mas, na verdade, não sei porquê, não lhe acho a feição usual da sua escrita!

Observou-se o papel escrupulosamente; era meia folha de escrever cartas. Notei logo no alto da página a impressão muito apagada, muito indistinta, de uma firma e de uma coroa, que devia ter estado gravada na outra meia folha. Era, portanto, papel marcado. Fiz notar esta circunstância ao mascarado; ele ficou surpreendido e confuso. No quarto não havia papel, nem tinteiro, nem penas. A declaração, pois, tinha sido escrita e preparada fora.

– Eu conheço o papel de que ele usava em casa – disse o mascarado –, não é deste; não tinha firma, não tinha coroa. Não podia usar doutro.

A impressão da marca não era bastante distinta para que se percebesse qual fosse a firma e qual a coma. Ficava, porém, claro que a declaração não tinha sido escrita nem em casa dele, onde não havia daquele papel, nem naquele quarto, onde não havia papel algum, nem tinteiro, nem um livro, um *buvard*, um lápis.

Teria sido escrita fora, na rua, ao acaso? Em casa de alguém? Não, porque ele não tinha em Lisboa, nem relações íntimas, nem conhecimento de pessoas cujo papel fosse marcado com coroa.

Teria sido feita numa loja de papel? Não, porque o papel que se vende vulgarmente nas lojas não tem coroas.

Seria a declaração escrita em alguma meia folha branca tirada de uma velha carta recebida? Não parecia também natural, porque o papel estava dobrado ao meio e não tinha os vincos que dá o envelope.

Demais a folha tinha um aroma de pós de *marechala*, o mesmo que se sentia, suavemente embebido no ar do quarto em que estávamos.

Além disso, pondo o papel directamente sobre a claridade da luz, distingi o vestígio de um dedo polegar, que tinha sido assente sobre o papel no momento de estar suado ou húmido, e tinha embaciado a sua brancura lisa e acetinada, havendo deixado uma impressão exacta. Ora este dedo parecia delgado, pequeno, feminino. Este indicio era notavelmente vago, mas o mascarado tinha a esse tempo encontrado um, profundamente eficaz e seguro.

– Este homem – notou ele – tinha o costume invariável, mecânico, de escrever, abreviando-a, a palavra *that*; deste modo: dois TT separados por um traço. Esta abreviatura era só dele, original, desconhecida. Nesta declaração, aliás pouco inglesa, a palavra *that* acha-se escrita por inteiro.

Voltando-se para M. C.:

– Porque não apresentou logo este papel? – perguntou o mascarado. – Esta declaração foi falsificada.

– Falsificada! – exclamou o outro, erguendo-se com sobressalto ou com surpresa.

– Falsificada; feita para encobrir o assassinato; tem todos os indícios disso. Mas o grande, o forte, o positivo indício é este: onde estão as 2300 libras em notas de Inglaterra, que este homem tinha no bolso?

M. C. olhou-o pasmado, como um homem que acorda de um sonho.

– Não aparecem, porque o senhor as roubou. Para as roubar matou este homem. Para encobrir o crime falsificou este bilhete.

– Senhor – observou gravemente A. M. C. –, fala-me em 2300 libras: dou-lhe a minha palavra de honra que não sei a que se quer referir.

Eu então disse lentamente, pondo os olhos com uma perscrutação demorada sobre as feições do mancebo:

– Esta declaração é falsa, evidentemente; não percebo o que quer dizer este novo negócio das 2300 libras, de que só agora se fala; o que vejo é que este homem foi envenenado: ignoro se foi o senhor, se foi outro que o matou, o que sei é que evidentemente o cúmplice é uma mulher.

– Não pode ser, doutor! – gritou o mascarado. – É uma suposição absurda.

– Absurda!?... E este aposento, este quarto forrado de seda, fortemente perfumado, carregado de estofos, iluminado por uma claridade baça coada por vidros foscos; a escada coberta com um tapete; um corrimão engehado com uma corda de seda; ali aos pés daquela volteriana aquele tapete feito de uma pele de urso, sobre a qual me parece que estou vendo o vestígio de um homem prostrado? Não vê em tudo isto a mulher? Não é esta evidentemente uma casa destinada a entrevistas de amor?...

– Ou a qualquer outro fim

– E este papel? Este papel de marca pequeníssima, do que as mulheres compram em Paris, na casa Maquet, e que se chama papel da Imperatriz?

– Muitos homens o usam!

– Mas não o cobrem como este foi coberto, com um *sachet* em que havia o mesmo aroma que se respira no ambiente desta casa. Este papel pertence a uma mulher, que examinou a falsificação que ele encerra, que assistiu a ela, que se interessava na perfeição com que a fabricassem, que tinha os dedos húmidos, deixando no papel um vestígio tão claro...

O mascarado calava-se.

– E um ramo de flores murchas, que está ali dentro? Um ramo que examinei e que é formado por algumas rosas, presas com uma fita de veludo? A fita está impregnada do perfume da pomada, e descobre-se-lhe um pequeno vinco, como o de uma unha profunda, terminando em cada extremidade por um buraquinho... E o vestígio flagrante que deixou no veludo um gancho de segurar o cabelo!

– Esse ramo podiam ter-lho dado, podia tê-lo trazido ele mesmo de fora.

– E este lenço que encontrei ontem debaixo de uma cadeira?

E atirei o lenço para cima da mesa. O mascarado pegou nele avidamente, examinou-o e guardou-o.

M. C. olhava pasmado para mim, e parecia aniquilado pela dura lógica das minhas palavras. O mascarado ficou por alguns momentos silencioso; depois com uma voz humilde, quase suplicante:

– Doutor, doutor, por amor de Deus! esses indícios não provam. Este lenço, de mulher indubitavelmente estou convencido que é o mesmo que o morto trazia no bolso. É verdade: não se lembra que não lhe encontrámos lenço?

– E não se lembra também que não lhe encontrámos gravata?

O mascarado calou-se sucumbido.

– No fim de contas eu não sou aqui juiz, nem parte – exclamei eu. – Deploro vivamente esta morte, e falo nisto unicamente pelo pesar e pelo horror que ela me inspira. Que este moço se matasse ou que fosse morto, que caísse às mãos de uma mulher ou às mãos de um homem, importa-me pouco. O que devo dizer-lhe é que o cadáver não pode ficar por muito mais tempo insepulto: é preciso que o enterrem hoje. Mais nada. É dia. O que desejo é sair.

– Tem razão, vai sair já – cortou o mascarado.

E em seguida, tomando M. C. pelo braço, disse-me:

– Um momento! Eu volto já!

E saíram ambos pela porta que comunicava como interior da casa, fechando-a à chave pelo outro lado.

Fiquei só, passeando agitadamente.

A luz do dia tinha feito surgir no meu espírito uma multidão de pensamentos inteiramente novos e diversos daqueles que me haviam ocupado durante a noite. Há pensamentos que não vivem senão no silêncio e na sombra, pensamentos que o dia desvanece e apaga; há outros que só surgem ao clarão do Sol.

Eu sentia no cérebro uma multidão de ideias estremunhadas, que à luz repentina da madrugada voejavam em turbilhão como um bando de pombas amedrontadas pelo estridor de um tiro.

Maquinalmente entrei na alcova, sentei-me na cama, encostei um braço no travesseiro.

Então, não sei como, olhei, reparei, vi, com estranha comoção, sobre a alvura do travesseiro, preso num botão de madrepérola, um longo cabelo louro, um cabelo de mulher.

Não me atrevi logo a tocar-lhe. Pus-me a contemplá-lo, ávida e longamente.

«— Era então certo! Aí estás, pois! Encontro-me finalmente... Pobre cabelo! Apieda-me a simplicidade inocente com que te ficaste aí, patente, descuidado, preguiçoso, lânguido! Podes ter maldade, podes ter malvadez, mas não tens malícia, não tens astúcia. Tenho-te nas mãos, fito-te com os meus olhos; não foges, não estremeces, não coras; dás-te, consentes-te, facilitas-te, meiga, doce, confiadamente... E, no entanto, ténue, exígua, quase microscópica, és uma parte da mulher que eu adivinhava, que eu antevia, que eu procuro! É ela autora do crime? É inteiramente inocente? É apenas cúmplice? Não sei, nem tu mo poderás dizer?»

De repente, tendo continuado a considerar o cabelo, por um processo de espírito inexplicável, pareceu-me reconhecer de súbito aquele fio louro, reconhecê-lo em tudo: na sua cor, na sua *nuance* especial, no seu aspecto! Lembrou-me, apareceu-me então a mulher a quem aquele cabelo pertencia! Mas quando o nome dela me veio insensivelmente aos lábios, disse comigo:

«Ora! Por um cabelo! Que loucura!

E não pude deixar de rir.

Esta carta vai já demasiadamente longa. Continuarei amanhã.

VII

Contei-lhe ontem como inesperadamente havia encontrado à cabeceira da cama um cabelo louro.

Prolongou-se a minha dolorosa surpresa. Aquele cabelo luminoso, languidamente enrolado, quase casto, era o indício de um assassinato, de uma cumplicidade pelo menos! Esqueci-me em longas conjecturas, olhando, imóvel, aquele cabelo perdido.

A pessoa a quem ele pertencia era loura, clara, decerto, pequena, *mignonne*, porque o fio de cabelo era delgadíssimo, extraordinariamente puro, e a raiz branca parecia prender-se aos tegumentos cranianos por uma ligação ténue, delicadamente organizada.

O carácter dessa pessoa devia ser doce, humilde, dedicado e amante, porque o cabelo não tinha ao contacto aquela aspereza cortante que oferecem os cabelos pertencentes a pessoas de temperamento violento, altivo e egoísta.

Devia ter gostos simples, elegantemente modestos a dona de tal cabelo, já pelo imperceptível perfume dele, já porque não tinha vestígios de ter sido frisado, ou caprichosamente enrolado, domado em penteados fantasiosos.

Teria sido talvez educada em Inglaterra ou na Alemanha, porque o cabelo denotava na sua extremidade ter sido espontado, hábito das mulheres do Norte, completamente estranho às meridionais, que abandonam os seus cabelos à abundante espessura natural.

Isto eram apenas conjecturas, deduções da fantasia, que nem constituem uma verdade científica, nem uma prova judicial.

Esta mulher, que eu reconstruía assim pelo exame de um cabelo, e que me aparecia doce, simples, distinta, finamente educada, como poderia ter sido o protagonista cheio de astúcia daquela oculta tragédia? Mas conhecemos nós, porventura, a secreta lógica das paixões?

Do que eu estava perfeitamente convencido é que havia uma mulher como cúmplice. Aquele homem não se tinha suicidado. Não estava decerto sé, no momento em que bebera o ópio. O narcótico tinha-lhe sido dado, sem violência evidentemente, por ardil ou engano, num copo de água. A ausência do lenço, o desaparecimento da gravata, a colocação do fato, aquele cabelo louro, uma cova recentemente feita no travesseiro pela pressão de uma cabeça, tudo indicava a presença de alguém naquela casa durante a noite da catástrofe. Por consequência: impossibilidade de suicídio, verosimilhança de crime.

O lenço achado, o cabelo, a disposição da casa (evidentemente destinada a entrevistas

íntimas), aquele luxo da sala, aquela escada velha, devastada, coberta com um tapete, a corda de seda que eu tinha sentido... tudo isto indicava a presença, a cumplicidade de uma mulher. Qual era a parte dela naquela aventura? Não sei. Qual era a parte de A. M. C.? Era o assassino, o cúmplice, o ocultador do cadáver? Não sei. M. C. não podia ser estranho a essa mulher. Não era decerto um cúmplice tomado exclusivamente para o crime. Para dar ópio num copo de água não é necessário chamar um assassino assalariado. Tinham por consequência um interesse comum. Eram amantes? Eram casados? Eram ladrões? E acudia-me à memória aquela inesperada referência a 2300 libras que de repente me tinha aparecido como um novo mistério. Tudo isto eram conjecturas fugitivas. Para que hei-de repetir eu todas as ideias que se formavam e que se desmanchavam no meu cérebro, como nuvens num véu varrido pelo vento?

Há decerto na minha hipótese ambiguidades, contradições e fraquezas, há nos indícios que colhi lacunas e incoerências: muitas coisas significativas me escaparam por certo, ao passo que muitos pormenores inexpressivos se me gravaram na memória, mas eu estava num estado mórbido de perturbação, inteiramente desorganizado por aquela aventura, que inesperadamente, com o seu cortejo de sustos e mistérios, se instalara na minha vida.

O senhor redactor, que julga de ânimo frio, os leitores, que sossegadamente, em sua casa, lêem esta carta, poderão melhor combinar, estabelecer deduções mais certas, e melhor aproximar-se pela indução e pela lógica da verdade oculta.

Eu achava-me só havia uma hora, quando o mascarado alto entrou, trazendo o chapéu na cabeça e no braço uma capa de casimira alvadia.

– Vamos – disse ele.

Tomei calado o meu chapéu.

– Uma palavra antes – disse ele. – Em primeiro lugar dê-me a sua palavra de honra que ao subir agora à carruagem não terá um gesto, um grito, um movimento que me denuncie.

Dei a minha palavra.

– Bem! – continuou. – Agora quero dizer-lhe mais: aprecio a dignidade do seu carácter, a sua delicadeza. Ser-me-ia doloroso que entre nós houvesse em qualquer tempo motivos de desdém, ou necessidades de vingança. Por isso afirmo-lhe: sou perfeitamente estranho a este sucesso. Mais tarde talvez entregue este caso à polícia. Por ora sou eu polícia, juiz e talvez carrasco. Esta casa é um tribunal e um cárcere. Vejo que o doutor leva daqui a desconfiança de que uma mulher se envolveu neste crime: não o suponha, não podia ser. No entanto, se alguma vez lá fora falar, a respeito deste caso, em alguma pessoa determinada e conhecida, dou-lhe a minha palavra de honra, doutor, que o mato, sem remorso, sem repugnância, naturalmente, como corto as unhas. Dê-me agora o seu braço. Ah! esquecia-me, meu caro, que os seus olhos estão destinados a ter estas lunetas de cambraia.

E, rindo, apertou-me o lenço nos olhos.

Descemos a escada, entrámos na carruagem, que tinha os estores fechados. Não pude ver quem guiava os cavalos porque só dentro do *coupé* achei a vista livre. O mascarado sentou-se ao pé de mim. Via-lhe uma pequena parte da face tocada da luz. A pele era fina, pálida, o cabelo castanho, levemente anelado.

A carruagem seguiu um caminho, que pelos acidentes da estrada, pela diferença de velocidade indicando aclives e declives, pelas alternativas de macadame e de calçada, me parecia o mesmo que tínhamos seguido na véspera, no começo da aventura. Rodámos finalmente na estrada larga.

– Ah, doutor! – dizia o mascarado com desenfado. – Sabe o que me aflige? É que o vou deixar na estrada, só a pé! Não se pôde remediar isto. Mas não se assuste. O Cacém fica a dois passos, e aí encontra facilmente condução para Lisboa.

E ofereceu-me charutos.

Depois de algum tempo, em que fomos na maior velocidade, a carruagem parou.

– Chegámos – disse o mascarado. – Adeus, doutor.

E abriu por dentro a portinhola.

– Obrigado! – acrescentou. – Creia que o estimo. Mais tarde saberá quem sou. Permita Deus que ambos tenhamos no aplauso das nossas consciências e no prazer que dão cumprimento de um grande dever o derradeiro desenlace da cena a que assistiu. Restituo-lhe a mais completa liberdade. Adeus!

Apertámos a mão, eu saltei. Ele fechou a portinhola, abriu os estores e estendendo-me para fora um pequeno cartão:

– Guarde essa lembrança – disse. – É o meu retrato.

Eu, de pé, na estrada, junto das rodas, tomei a fotografia avidamente, olhei. O retrato estava também mascarado!

– É um capricho do ano passado, depois de um baile de máscaras! – gritou ele, estendendo a cabeça pela portinhola da carruagem que começava a rodar a trote.

Via-a afastando-se na estrada. O cocheiro tinha o chapéu derrubado, uma capa traçada sobre o rosto.

Quer que lhe diga tudo? Olhei para a carruagem com melancolia! Aquele trem levava consigo um segredo inexplicável. Nunca mais veria aquele homem. A aventura desvanecia-se, tinha findado tudo

O pobre morto, esse lá ficava, estendido no sofá, que lhe servia de sarcófago.

Achei-me só, na estrada. A manhã estava nevoada, serena, melancólica. Ao longe distinguia ainda o trem. Um camponês apareceu vindo do lado oposto àquele por onde ele desaparecia.

– Onde fica o Cacém?

– De lá venho eu, senhor. Sempre pela estrada, a meio quarto de légua.

A carruagem, pois, tinha-se dirigido para Sintra.

Ceguei ao Cacém fatigado. Mandeí um homem a Sintra, à quinta de F..., saber se tinham chegado os cavalos; pedi para Lisboa uma carruagem, e esperei-a a uma janela, por dentro dos vidros, olhando tristemente para as árvores e para os campos. Havia meia hora que estava ali, quando vi passar a toda a brida um feroso cavalo. Pude apenas distinguir entre uma nuvem de pó o vulto quase indistinto do cavaleiro. Ia para Lisboa embuçado em uma capa alva.

Tomei informações a respeito da carruagem que passara na véspera connosco. Havia contradições sobre a cor dos cavalos.

Voltou de Sintra o homem que eu ali mandara, dizendo que na quinta de F... tinham sido entregues os cavalos por um criado do campo, o qual dissera que os senhores, ao pé do Cacém, tinham encontrado um amigo que os levava consigo em uma caleche para Lisboa. Daí a momentos chegou a minha carruagem. Voltei a Lisboa, corri a casa de F... O criado tinha recebido este bilhete a lápis:

Não esperem por mim estes dias. Estou bom. A quem me procurar, que fui para Madrid.

Procurei-o debalde por toda a Lisboa. Comecei a inquietar-me. F... estava evidentemente retido. Recreei por mim. Lembraram-me as ameaças do mascarado, vagas mas resolutas. Na noite seguinte, ao recolher para casa, notei que era seguido.

Entregar à polícia este negócio, tão vago e tão incompleto como ele é, seria tornar-me o denunciante de uma quimera. Sei que, em resultado das primeiras notícias que lhe dei, o Governador Civil de Lisboa oficiou ao administrador de Sintra convidando-o a meter o

esforço da sua polícia no descobrimento deste crime. Foram inúteis estas providências. Assim devia ser. O sucesso que constitui o assunto destas cartas está por sua natureza fora da alçada das pesquisas policiais. Nunca me dirigi às autoridades, quis simplesmente valer-me do público, escolhendo para isso as colunas populares do seu periódico. Resolvi homiziar-me, receando ser vítima de uma emboscada.

São óbvias, depois disto, as razões por que lhe o meu nome: assinar estas linhas seria patentear-me; não seria esconder-me, como quero.

Do meu impenetrável retiro lhe dirijo esta carta. É manhã. Vejo a luz do Sol nascente através das minhas gelosias. Ouço os pregões dos vendedores matinais, os chocalhos das vacas, o rodar das carruagens, o murmúrio alegre da povoação que se levanta depois de um sono despreocupado e feliz... Invejo aqueles que não tendo a fatalidade de secretas aventuras passeiam, conversam, mourejam na rua. Eu – pobre de mim! – estou encarcerado por um mistério, guardado por um segredo!

P. S. – Acabo de receber uma longa carta de F... Esta carta, escrita há dias, só hoje me veio à mão. Sendo-me enviada pelo correio, e tendo-me eu ausentado da casa em que vivia sem dizer para onde me mudava, só agora pude haver essa interessante missiva. Aí tem, senhor redactor, copiada por mim, a primeira parte dessa carta, da qual depois de amanhã lhe enviarei o resto. Publique-a, se quiser. É mais do que um importante esclarecimento neste obscuro sucesso; é um vestígio luminoso e profundo. F... é um escritor público, e descobrir pelo estilo um homem é muito mais fácil do que reconstruir sobre um cabelo a figura de uma mulher. É gravíssima a situação do meu amigo. Eu, aflito, cuidadoso, hesitante, perplexo, não sabendo o que faça, não podendo deliberar pela reflexão, rendo-me à decisão do acaso, e elimino, juntamente com a letra do autógrafo, as duas palavras que constituem o nome que firma essa longa carta. Não posso, não devo, não me atrevo, não ousa dizer mais. Poupe-me a uma derradeira declaração, que me repugna. Adivinhem.. se puderem. Adeus!

INTERVENÇÃO DE Z.

Nota do *Diário de Notícias*. – No original da carta publicada ontem havia algumas palavras a lápis, nas quais só fizemos reparo depois de impresso o jornal. Essas palavras continham esta observação:

A fotografia do mascarado foi feita em casa de Henrique Nunes, Rua das Chagas, Lisboa. Talvez aí possa haver noticia do sujeito fotografado.

Antes de darmos à estampa a longa carta de F..., cuja primeira parte nos foi ontem enviada pelo médico, é dever tornar conhecida uma outra importantíssima que recebemos pela posta interna, assinada com a inicial Z, e que temos em nosso poder há já três dias. Esta carta, que tão estreitamente vem prender-se na história dos sucessos que constituem o assunto desta narrativa, é a seguinte:

Senhor redactor do *Diário de Notícias*. – Lisboa, 30 de Julho de 1870. – Escrevo-lhe profundamente indignado. Principiei a ler, como quase toda a gente em Lisboa, as cartas publicadas na sua folha, em que o doutor anónimo conta o caso que essa redacção intitulou *O Mistério da Estrada de Sintra*. Interessava-me essa narrativa e segui-a com a curiosidade despreocupada que se liga a um *canard* fabricado com engenho, a um romance à semelhança dos *Thugs* e de alguns outros do mesmo género com que a veia imaginosa dos fantasistas franceses e americanos vem de quando em quando acordar a atenção da Europa para um sucesso estupendo. A narração do seu periódico tinha sobre as demais que tenho lido o mérito original de se passarem os sucessos ao tempo que se vão lendo, de serem anónimas as personagens e de estar tão secretamente encoberta amola principal do enredo, que nenhum leitor poderia contestar com provas a veracidade do caso portentosamente romanesco, que o autor da narrativa se lembrara de lançar de repente ao meio da sociedade prosaica, ramerraneira, simples e honesta em que vivemos. Ia-me parecendo ter diante de mim o ideal mais perfeito, o tipo mais acabado do *roman feuilleton*, quando inesperadamente encontro no folhetim publicado hoje as iniciais de um nome de homem – A. M. C. – acrescentando-se que a pessoa designada por estas letras é estudante de medicina e natural de Viseu. Eu tenho um amigo querido com aquelas iniciais no seu nome. É justamente estudante de medicina e natural de Viseu! O acaso não podia reunir tudo isto. Havia, portanto, o intuito de fazer cobardemente uma insinuação infamíssima. Isto não é lícito a romancista nenhum.

A primeira impressão que senti foi a da repulsão e do tédio. Saindo de casa pouco depois da leitura do seu periódico, procurei o meu amigo para lhe ler a passagem que lhe dizia respeito, e pôr-

– me à sua disposição no caso que precisasse de mim para pedir, quanto antes, à redacção do *Diário de Notícias* a satisfação de honra, que homens de educação e de brio não poderiam decerto recusar a semelhante agravo.

Em casa do meu amigo acabo, porém, de saber, cheio de confusão e de surpresa, que ele desapareceu e que é ignorado o seu destino!

Este desaparecimento e a coincidência achada na carta do doutor levam-me desgraçadamente a acreditar que por estranhas fatalidades o meu infeliz amigo se acha involuntariamente envolvido neste tenebroso negócio. A data do desaparecimento dele condiz perfeitamente com a que encontro na carta do seu correspondente. É claro que há, pois, em volta da pessoa de A. M. C., uma intriga real, uma emboscada talvez, uma traição.

Serei tristemente obrigado a ter por verídica, no todo ou em parte, a notícia que leio na

sua folha?

Julgo do meu dever assegurar o seguinte:

Não sei que o meu amigo A. M. C. ia fazer alta noite a essa casa desconhecida, tendo uma chave dela, martelo e pregos. Não sei porque se declarou autor do assassinato, negando-o depois. Ignoro a íntima verdade destas contradições.

Mas o que sei, aquilo de que posso já dar testemunho, e não só eu, mas amigos, mas numerosas pessoas, é que na noite que se mostra ter sido a do assassinato ele esteve, até quase de madrugada, em minha casa, conversando, rindo, bebendo cerveja.

Saiu talvez às três horas da noite.

Declaro também, e isto pode ser igualmente apoiado por seguras testemunhas: que às nove horas da manhã do dia seguinte estive no quarto dele. Ainda dormia, acordou sobressaltado à minha voz, e tornou a adormecer enquanto eu procurava entre os seus livros um volume de Taine.

As donas da casa que o hospedam disseram-me que ele entrara pela madrugada.

– Ali pela volta das três e meia – conjecturavam elas.

Ora da minha casa, de onde saiu às três, até casa dele, onde entrou às três e meia, o caminho que é longo, ocupa justamente este espaço de tempo.

Por consequência, respondam: quando cometeu ele o crime? O emprego do seu tempo está todo justificado: das nove da noite até madrugada em minha casa, numa conversa jovial e íntima; da madrugada até às nove, num sono pacífico em sua própria casa.

Resta unicamente a meia hora do caminho, da qual não há testemunhas. É crível que em meia hora pudesse ir alguém a essa casa, preparar ópio, fazê-lo beber a um homem, falsificar uma declaração e vir sossegadamente dormir? Tem isto lógica?

Demais o crime foi cometido numa casa, o ópio foi deitado num copo de água, dado traiçoeiramente. O cadáver estava meio despido. Tudo isto indica que entre o assassino e o desgraçado houve uma entrevista, tinham conversado intimamente, tinham rido decerto; o que depois morreu tinha talvez calor, pôs-se livremente, tirou o casaco, contaram porventura anedotas, e num momento de sede, o ópio foi dado num copo de água. E tudo isto só faz em meia hora! *Em meia hora!* Devendo, meus senhores, descontar-se desta meia hora o tempo que vai de minha casa à casa do crime, e daí a casa de A. M. C.! Pode isto ser?

Agora outro argumento: eu conheço A. M. C.; o seu carácter é digno, impecável; o seu coração é compassivo e simples; a sua vida é laboriosa e isolada; não existe nela nem mistério, nem aventura, nem patético: estava para casar, sem romance, trivialmente.

Eu sabia de todos os seus passos, conhecia as suas relações. Estou certo que nunca viu o assassinado, o qual, no dizer do doutor, parecia estrangeiro, sem relações aqui, e domiciliado há pouco tempo em Portugal!

Poderia ser um encontro casual, uma rixa inesperada? Impossível. Se o homem foi encontrado estendido num sofá, morto com ópio!

Poderia M. C. ter sido assalariado para cometer este crime? Que loucura! Um homem da sua inteligência, do seu carácter, da sua elevação de espírito! Além de que, hoje o emprego de homicida, regular e devidamente retribuído como uma função pública, não existe nos costumes.

Pode-se conceber que um homem que premedita um crime esteja até o momento decisivo distraído, espirituoso, desabotoando os seus paradoxos, bebendo cerveja? E que depois vá sossegadamente dormir, e que um amigo que o visite na manhã seguinte encontre sobre a sua banca de cabeceira, uma chávena de chá e um livro de história?

E dê-se isto com um homem de carácter tímido, de hábitos modestos, homem de estudo, sem energia de acção, e de uma notável franqueza de impressões!

Se me perguntarem, porém, porque aparece M. C. de noite naquela casa com um

martelo, com pregos, e se declara assassino – isso não o sei explicar.

Suspeito que haja uma grande influência que pesa sobre ele, alguém que com promessas extraordinárias, com seduções indizíveis, o obriga a apresentar-se como autor do crime. M. C. evidentemente sacrifica-se. Por quem, ignoro-o. Mas sacrifica-se, e na ignorância de que estas dedicações são sempre desapreciadas perante o trabalho da polícia, quer expiar o crime de outro; perde-se para salvar alguém.

Com que interesse? Por que seduções? Não sei explicar. Ele, tão indiferente ao dinheiro! tão rígido de costumes e de sensações!

Pois bem! M. C. pode sacrificar-se; pode-o fazer. Nós, seus amigos, é que não podemos consenti-lo. O seu corpo, que lhe pertence exclusivamente, pode dá-lo à infecção de um cárcere ou ao peso de uma grilheta. Mas o seu carácter, a sua honra, a sua reputação, a sua alma, essa pertence também aos seus amigos, e a parte que nos pertence havemos de defendê-la corajosamente.

Não! M. C. não foi o assassino. Di-lo a evidência, a fatal lógica dos factos, a terrível matemática do tempo, o conhecimento do seu carácter, e a coerência dos temperamentos, que é uma verdade nas ciências fisiológicas. Não, não é o assassino. Se o diz, está louco, *mente*. Digo-lhe claramente, em frente, diante dos seus próprios olhos fitos sobre os meus: – Se te declaras o autor desse crime, *mentes*!

Ele tem decerto o senso moral transviado. Se me deixassem falar-lhe!... Esclareçam-lhe, pelo amor de Deus, aquela razão cheia de escuras nuvens da paixão e da dor! Isto é aflitivo! Honra, amor, família, esperança, tudo esqueceu esse homem! Que se lembre, o desgraçado, que não é só neste mundo. Que se lembre que talvez a estas horas, no fundo da província, sua mãe, suas irmãs, sabem já que ele está aqui apontado como assassino! Que se lembre da terrível desonra, do seu futuro perdido, das horas solitárias da prisão, da atroz vergonha de um interrogatório público, e do eco profundo que faz na alma humana o ruído sinistro dos ferros da grilheta.

Não ponho no fim desta carta o meu nome, porque pressinto vagamente neste grupo de sucessos, confusamente conglobados perante a minha apreciação, a passagem misteriosa e fatal de um crime que vai poderosamente na direcção do seu fito, esmagando e despedaçando os estorvos que o impeçam. Ora eu não quero que a publicidade do meu nome leve os cúmplices no atentado de que se trata, ou, porventura, a polícia, a aniquilar ou a embaraçar de qualquer modo a intervenção espontânea que eu próprio vou ter no descobrimento dos réus. Conto com os meus recursos, mas preciso para os pôr em prática de toda a minha liberdade.

Creia-me, senhor redactor, etc. – Z.

DE F... AO MÉDICO

I

Julho 21, à 1 hora da noite. – Meu querido amigo. – Ignoro se estás em tua casa, para onde te dirijo esta carta, ou se continuas, como eu, permanecendo aqui em cárcere privado. Em qualquer dos casos, recebidas agora ou encontradas mais tarde, estas letras ficarão encenando para aquele de nós que houver de as ler a lembrança proveitosa das horas mais extraordinárias da nossa vida.

Escrevo mais para coordenar e fixar na memória estes momentos do que para empregar noutro destino puramente hipotético esta carta. Será uma página das minhas confidências que entregarei à discrição ou ao acaso da posta, reservando-me o direito de lhe pedir que mas restitua a seu tempo.

Não tornei a ter notícias tuas desde que nos separámos ontem à noite, pouco tempo depois de termos entrado na sala em que estava o cadáver. O mascarado que se encarregara de me conduzir ao quarto onde me acho, deu-me o seu braço e disse-me ao ouvido um nome de mulher, a indicação de uma rua e o número de uma porta. Era o nome da pessoa que sabes e a designação da casa em que ela mora! Creio que involuntariamente estremei, mas consegui dizer serenamente:

– Não o compreendo.

Este indivíduo era o mesmo que na carruagem se conservara sempre calado, o mesmo que na sala me observava com atenção e desconfiança.

Aquela estatura, aquela fala, aquela voz, posto que apenas perceptível ao meu ouvido, não eram novas para mim.

Ele respondeu falando-me ainda mais baixo:

– Não poderá sair daqui antes de dois ou três dias. Veja se precisa de escrever uma carta ou de mandar um recado.

Passou-me pela mente uma ideia a respeito daquele homem... Se fosse...

Ocorreu-me que teria um meio de enganar-me se era efectivamente ou se não era um amigo íntimo que eu tinha ao meu lado: arrancar-lhe o relógio; bastar-me-ia apalpá-lo, ainda vendado como eu estava, para reconhecer o dono. A ser o indivíduo que eu supunha, a caindo relógio teria lisura do esmalte e no centro a saliência de um brasão.

– Escreverei duas linhas – disse eu –, querará dar-me um lápis?

Tínhamos chegado ao quarto que me era destinado e eu desvendei-me ao tempo em que ele safa prometendo trazer-me o necessário para escrever. O indivíduo que voltou com papel e penas: não era o mesmo que acabara de sair. Assim tinha eu perdido a ocasião de confirmar uma suspeita ou de desvanecer uma dúvida.

Em todo o caso escrevi duas linhas ao meu criado serenando-o: com relação ao meu desaparecimento.

– Mais nada? –interrogou o desconhecido tomando o meu bilhete.

– Nada mais.

Um sentimento de delicadeza e uma sombra de desconfiança impediam-me de escrever directamente à pessoa a quem o mascarado se referira.

Fecharam a porta e fiquei só.

Achei-me num quarto de interior, bastante espaçoso, mas sem janela. A um lado havia um lavatório; sobrepostas a um canto três malas de viagem, de couro de Varsóvia com pregos de aço, estrela tias com senhas de caminho-de-ferro, de hotéis e de paquetes; a que estava por cima das outras tinha em grandes letras pretas sobre uma tira de papel este

dístico: *Grand-Hotel-Paris*; uma das senhas era dos paquetes ingleses da carreira da Índia. Para outro lado do quarto havia uma cama. Completava a simples guarnição deste aposento um sofá forrado de marroquim verde, colocado n meio da casa defronte de uma ampla mesa em que estava posta a minha ceia à luz fulgurante de um grande candeeiro com largo *abat-jour*.

Queres que te confesse a verdade? Agradou-me aquele recolhi mento, aquele sossego, aquela solidão, depois da grande sobre-excitação em que me tinha achado!

Estirei-me no sofá, pus-me a olhar maquinalmente para o círculo da luz trepidante projectada pelo candeeiro e contornada n tecto pela abertura do *abat-jour*, e começaram a desafogar-se-me os comprimidos espasmos do coração em bocejos longos acompanhados de estremecimentos nervosos, que me convidavam suavemente ao repouso. A minha imaginação, ocupada num trabalho inconsciente semelhante ao dos sonhos, ia tirando, no entanto, do caso que eu presenciara as ramificações mais ilógicas e mais fantásticas. Os sucessos por que passámos desde a estrada de Sintra até à minha entrada neste quarto apareciam-me redemoinhando convulsamente no ar como um enorme enigma figurado, cujos objectos tumultuavam impelidos pelos pontapés de diabinhos sarcásticos, que se riam para mim e me deitavam de fora as linguazinhas em brasa.

Fui caindo molemente num despego lânguido, fecharam-se-me os olhos, adormeci.

Ao acordar, depois de um sono breve mas sossegado e reparador, encarei na ceia que reluzia aos meus olhos.

Havia sobre a mesa um pão, uma caixa de lata com sardinhas de Nantes, uma terrinazinha de *foie gras*, uma perdiz, uma fatia de queijo e três garrafas de vinho de Borgonha, lacradas de verde; junto destas, quatro garrafas de soda. Na argola de prata do guardanapo estava passado o saca-rolhas. Sobre uma bandeja de metal erguia-se um eixo de charutos cor de chocolate, luzidios, gordos, apertados nas extremidades com duas fitas de seda carmesim. Em cima da caixa das sardinhas achava-se colocado o instrumento destinado a abri-la. O copo era de cristal finíssimo, o garfo de prata dourada, a faca de cabo de madrepérola, os pratos de porcelana brancos, cercados de um estreito filete dourado e verde. Atirei rapidamente com os pés para o chão. Sentei-me no sofá, senti a fome encavalar-se-me no dorso, carregar-me na cabeça para cima da ceia, cingir-me a cinta com as suas pernas esgalgadas e cravar-me no estômago vazio os acicates da gula.

Ao mesmo tempo ergueu-se-me do outro lado da mesa a abantesma do susto, cravando os olhos em mim e espalhando por cima das iguarias a sua mão descamada e trémula com um gesto proibitivo e solene. Atarantado, perplexo, escutei então dentro de mim um breve diálogo semelhante àqueles que Xavier de Maistre travava de quando em quando com a *besta*, na sua viagem à volta do quarto.

Havia uma voz pausada e grave que dizia:

– Atenta no que fazes, temerário! Abre teus olhos, considerado mortal! Essa perdiz, cujo peito insidioso e pérfido está lourejando a teus olhos; foi apimentada com arsénico. Aquele Chambertin, que te espera como uma onda dá lagoa Estígia, emboscada por detrás daquele letreiro envernizado, aparentemente simples, elegante, convidativo, mas em verdade tenebroso e fatal como o dístico do festim de Baltasar, aquele vinho, que te oferece um beijo refalsado e fermentido, está destemperado com ácido prússico. As trufas, lúbricas, venais, devassas, envoltas nesses fígados de pato, estão empapadas nos temperos letais da cozinha dos Bórgias!

A outra voz, insinuante e meiga, dizia numa vaga melodia de

Sereia:

– Come, se tens fome, estúpido! Estás com medo do papão, maluco?... Põe os olhos nesse lacre: não será um penhor seguro da pureza do líquido que ele tapa a marca desse

abonado sinete? Não vês hermeticamente fechada, chumbada e garantida com os mais especiais labores a lata dessas sardinhas pescadas nas costas de França e cozinhadas há seis meses em Marselha? Não vês religiosamente grudada e selada com as etiquetas insuspeitas e sagradas da acreditada casa Chevet essa terrina de *foie gras*? Supões acaso, ó parlapatão, que meio mundo se conjurasse para te arrancar essa vida inútil? Come, bebe e dorme; aproveita nos braços da sabedoria as horas gostosas da solidão com que te brinda o acaso. Deleita-te conversando depois contigo e repousando-te no seio tépido da melancolia, dessa deliciosa fada que só aparece evocada pelos namorados e pelos solitários, e que é na terra a irmã mais nova da tristeza, a irmã *gâtée*, a irmã feliz!

Eu, no entanto, havia cortado a caixa das sardinhas, desgrudado a tampa da terrina e desenvolvido uma garrafa de vinho e uma garrafa de soda que misturara num copo.

Pus-me, por fim, a comer caiu apetite, com valor, com delícia, com uma espécie de bestialidade voluptuosa, sentindo vagamente adejarem em volta de mim os espíritos benéficos do cárcere que bafejaram as prisões de Sílvio Pélico.

É singular isto: achava-me bem!

Depois da ceia acendi um charuto e comecei a passear no quarto, dizendo comigo:

– Visitemos o país!

Na parede que ficava ao lado da porta por onde se entrava havia uma outra porta. Examinei-a. Estava apenas segura com um ferrolho exterior. Afastei a cama encostada à parede em que se achava esta porta e abri-a.

Era um armário na espessura do muro, largo, profundo, dividido a meia altura por um prateleiro espaçoso e sólido.

Ocorreu-me que ao fundo do armário haveria talvez um tabique delgado através do qual me seria possível escutar o que se passasse na casa contígua.

Penetrei no armário, estendi-me no prateleiro, escutei. Do outro lado havia um ruído volumoso e maciço. Parecia que se estava arrastando um móvel pesado e grande.

O fundo do armário era efectivamente formado por um tapamento franzino. Era possível que tivesse havido primitivamente uma porta no lugar em que se fizera o armário. Havia um ponto em que a argamassa caíra, e eu via diante de mim um pedaço de ripa atravessado diagonalmente e descamado da cal.

Peguei no saca-rolhas e no lugar indicado fui esburacando devagarinho e progressivamente o cimento do muro, até operar um orifício imperceptível, pelo qual me era dado ver a luz e ouvir distintamente o que se dizia do outro lado.

Eis aqui o que às onze horas e meia da noite se estava passando no quarto contíguo àquele que me serve de prisão:

II

Havia dois homens que arrastavam um grande leito de madeira do lugar em que ele estava para ao pé da parede que divide a casa em que eu me acho daquela em que se passava a cena que descrevo, e exactamente para junto do lugar em que eu acabava de abrir o buraco que me servia de olho e de orelha.

Um desses homens dizia assim:

– Será o que muito bem quiser, mas eu é que não torno a vir cá a andar aos trambolhões com os móveis à hora da meia-noite.

– Há-de ter muita razão de queixa! – tornava o outro. – Dou-lhe uma libra para me ajudar, quero saber se não é melhor isto do que estar lá em baixo estendido ao pé da manjedoura, à espera que chegue o trem para ir tratar dos cavalos, a enfastiar-se, sem ganhar vintém.

Aquele que dizia estas palavras, conquanto se expressasse claramente, tinha todos os defeitos de pronúncia que distinguem o estrangeiro que fala português. Pela aspiração especial de certas vogais e pela contracção labial com que pronunciava os *aa*, era por certo alemão.

O que primeiramente falara, prosseguiu:

– É bom lucro... Parece que é bom lucro, mas eu para mim não o quero. E olhe que não encontra seis homens aqui na rua que entrem cá de noite, a estas horas, ainda que os pese a ouro!

– Para mudar uma cama!

– Não é pela cama, é por ser a casa que é!

– Ora adeus! que tem a casa?!...

– Não tem nada! É uma graça! Ela é de tal casta que o senhorio teve-a quatro anos por alugar, foi sempre baixando na renda e por fim dava-a já de graça e não tinha alma viva que lhe pegasse! A última gente que cá morou esteve só duas noites, e foi-se daqui tolhida com as coisas que lhe apareceram e com as trapalhadas que ouvia. Cruzes, demónio! cruzes, diabo!

– Petas! histórias da vida!

– O senhor! Não me diga a mim que são petas! Pois eu não vi a família!... Não estive com eles!? Fugiram de noite, fugiram à segunda noite que dormiram cá, estarecidos de medo.

– Então que viram eles?

– Eles não viram nada.

– Então aí tem.

– Não viram, mas ouviram.

– Haviam de ouvir boas coisas!

– Ouviram, sim, senhor, ouviram. E não foi só a eles que sucedeu isso, foi a todos quantos cá moravam. E era gente de bem, que não mentia, que não tinha precisão de mentir, que tinham pago a sua renda e que ficaram com ela perdida!

– Então que ouviam eles?

– O senhor bem o sabe!..., O que eles ouviam? Ouviam pancadas nas portas, quando ninguém batia, nem lhes tocava! Ouviam espirrar o lume e estalarem os carvões exactamente como se estivessem abanando à fogueira, quando estava a cozinha só e o fogão apagado! Sentiam o bater das asas de um pássaro que principiava a voar pelas casas apenas se apagavam as luzes; ouviam-no arquejar e bufar aproximando-se cada vez mais dos que estavam deitados, pairando tão rente das camas que se sentia o estremecer das penas, o calor de lume que ele deitava do bico e ao mesmo tempo o frio de neve que fazia a mover as asas!

– Ora adeus! tinham ouvido falar nisso e pareceu-lhes que sentiam o tal pássaro, de que já falavam os inquilinos anteriores, os quais também tinham ouvi do falar nele, não havendo no fim de contas ninguém que verdadeiramente o tivesse ouvido.

– Então o senhor não sabe porque foi que eles fugiram, os últimos que estiveram cá, faz agora quatro anos?

– Ouvi falar nisso, mas por alto, não me deram pormenores.

– Eis aí está por que o senhor não acredita! A coisa foi esta: Eles eram gente pobre mas honrada: marido, mulher e uma filha de seis anos. Para o que desse e viesse dormiam todos juntos na mesma sala. A pequenita, a quem eles não contavam nada por causa do medo, estava numa caminha a um lado. Dormiam com luz na lamparina, e como trabalhavam muito de dia e estavam cansadíssimos à noite, lá pegavam no sono apesar do barulho das faúlhas do fogareiro e das argoladas nas portas. Vai senão quando, à segunda noite que passavam cá, acordam aos gritos da criança. Tinha-se apagado a luz. Acenderam-

na a toda a pressa. A porta do quarto estava fechada por dentro. Os fechos das janelas achavam-se corridos. No quarto não havia mais ninguém. Mas a roupa da cama da criança estava caída a dois ou três passos de distância do berço em que ela dormia, e a pequenita, nua, transida de medo, branca como o travesseiro e tremendo como varas verdes, disse, quando lhe chegou a fala, que teve perdida por um bocado, que sentira umas coisas como os pés de uma galinha muito grande que se lhe pousavam na cama; que se achara depois descoberta e ouvira umas coisas suspiradas envoltas em soluços e beijos, mimos que metiam medo e que ela não entendia, enquanto um peito coberto de penas se lhe roçava pelo seio nu. A mãe então vestiu-lhe à pressa uns fatinhos, embrulhou-a num xaile, estreitou-a nos braços, pôs-se a dar-lhe beijos e a acalenta-la com o bafo, e saiu para aterra e como doida. O homem, que era valente e destemido, correu a casa toda com luz e sem luz, metendo-se por todos os cantos e recantos, rangendo os dentes e picando as paredes enfurecido com uma faca de ponta que levava em punho. Não apareceu ninguém! Ninguém podia ter saído! Ninguém podia ter entrado. No dia seguinte foi levar a chave do prédio ao senhorio, dizendo-lhe que se algum dia tivesse dinheiro lhe compraria esta casa para ele mesmo a deitar abaixo a picão e a machado, para lançar o fogo a quanto pudesse arder, e calcar depois aos pés e salgar o monte de cinzas, que ficasse no chão.

– Pois senhor, eu nenhuma dessas coisas tenho ouvido, e é esta a segunda noite que durmo aqui.

– Gabo-lhe o gosto! E não tem medo?

– Nenhum.

– Por isso por aí dizem do senhor o que dizem!

– Então o que dizem por aí de mim?

– Dizem, com o devido respeito, que o senhor é um alemão da Mourama e que tem partes com o demónio.

– Mais um bocadinho para trás, que eu o ajudo! – exclamou o estrangeiro, mudando de tom.

– Isto assim?

– Ainda mais... um quase nada..., até ficar a cabeceira unida à ombreira da porta.. Basta!

– Não quer mais nada?

– Mais nada. Aqui tem a sua libra, e leve dali uma daquelas velas para que o avejão não apeteça na escada ao apanhá-lo às escuras.

– Não o diga a rir, que eu pela minha parte não me rio! o senhor gosta...

– A falar-lhe a verdade, gosto!

– Seu proveito! Olhe lá: quando se aborrecer com as almas que andam cá, veja se passa aí para a casa que fica ao lado!

– Bem me queria a mim parecer que a casa do lado também tem...

– Se tem! Essa então é o diabo, é o próprio diabo que lá mora!

O homem que viera ajudar à mudança da cama acendeu a luz e desceu a escada. O alemão ficou só, fechou a porta, e principiou a despir-se para se deitar.

O diálogo que eu acabava de ouvir tinha-me impressionado singularmente e despertado em mim o mais curioso interesse.

Sem procurar directamente indagar coisa alguma, começava a entrar pelo modo mais estranho no conhecimento de factos que, posto que deturpados pela superstição ou pela ignorância, explicariam decerto o desfecho a que viemos assistir e a presença do cadáver na sala em que o fomos encontrar.

Agora nós, meu interessante e precioso vizinho!

III

A cama do alemão tinha ficado, como disse, por baixo do meu buraco de observação. O meu vizinho deitou-se e soprou a vela. O quarto ficou às escuras, e eu senti os colchões que rangiam com o peso do corpo que se ajeitava para dormir.

– Ah! Tu amas o murmúrio dos espíritos invisíveis?... – exclamei eu dirigindo-me mentalmente ao filósofo que me ficava do outro lado do muro. – Aprazem-te as ondulações sonoras das moléculas da vida animal que vagueiam dispersas no espaço, procurando o sopro misterioso que as condense para entrarem na corrente dos seres vivos? Queres encadear ao teu espírito esses elos informes e incoercíveis, que ligam o mundo das coisas conhecidas ao mundo dos seres ignotos? Ora vamos lá a ver como tu empregas as tuas faculdades de médium...

E pensando isto, bati-lhe com os nós dos dedos na parede três pancadinhas secas, metodicamente espaçadas, como as dos sinais maçónicos.

Senti roçar a mão dele pelo papel que forrava o muro, como quem procurasse apalpar algum sinal do rumor que ouvira.

Entrei então a repetir com sucessiva frequência o rebate que lhe dera percorrendo diferentes pontos da parede que servia de fundo ao armário.

Percebi que ele se sentava na cama. Ouvi estalar um fósforo. Acendeu-se a luz. Parei. Houve uma pausa, durante a qual me conservei silencioso e imóvel. O meu vizinho apagou finalmente a luz ao cabo de alguns minutos, e eu recomecei a bater devagarinho: e repetidamente como primeiro fizera. Ele, tendo escutado por algum tempo às escuras, acendeu outra vez a vela e começou a examinar detidamente o espaço da parede, junto do qual lhe ficava a cama.

No momento em que a chama da vela perpassava na mão dele por defronte do meu braço, soprei-lhe de repente e apaguei a luz.

O alemão, que se achava de joelhos em cima da cama a revistar a parede, expediu um pequeno grito, que me pareceu mais de surpresa que de tenor, conquanto o acompanhasse um estrondo pesado e extremamente significativo. O que produzira esse estrondo fora o baque do corpo dele caindo da cama abaixo.

Logo depois ouvi a voz do vizinho perguntando com decisão e firmeza:

– Quem está aí?

Respondi-lhe:

– Sou eu.

– Quem és tu?

– E tu quem és?

– Frederico Friedlann, cidadão prussiano.

– Ah! – disse eu.

– Viajo por conta da primeira fábrica de produtos químicos de Budapeste, dos quais sou encarregado de tornar conhecidos dos grandes industriais da Europa.

– Bem! – observei.

Ele continuou impassivelmente:

– Contou-me um judeu meu amigo que havia em Lisboa três prédios de que ele tinha notícia, os quais se achavam abandonados depois de algum tempo por terem ganhado fama de serem habitados por almas do outro mundo. Resolvi morar sucessivamente nas casas que ele me indicou e é esta a primeira que habito. Componho um livro com investigações a respeito do espiritismo. Poderei saber agora a quem me dirijo?

– Pois não! – tornei-lhe eu. – Chamo-me fulano, e vivo dos rendimentos das minhas propriedades, ora viajando, ora residindo em Lisboa, e ocupando-me de quando em quando

com a política ou com a literatura, quando não tenho outra coisa menos insípida e menos inútil em que agitar a minha ociosidade e o meu tédio. Não sou espiritista.

– Pois faz mal! O espiritismo é um sistema e pode bem suceder que venha ainda a ser uma religião.

– Puff. – exclamei rindo.

– O quê! – continuou ele. – O materialismo, guiado de um lado pelas conquistas das ciências físicas e naturais e de outro lado pelo relaxamento dos costumes contemporâneos e pela depressão sucessiva e assustadora da moral, vai comendo no campo da filosofia o espaço não já muito vasto em que residia a fé. Novas crenças e novas doutrinas virão sucessivamente substituir as crenças e as doutrinas mortas por que se regulava o sobrenatural. O homem, que segundo todas as probabilidades, não poderá nunca prescindir do maravilhoso, desse atractivo supremo da sua imaginação, irá então naturalmente buscar ao espiritismo, modificado e aperfeiçoado pela ciência futura, a teoria de uma tal ou qual sobrevivência que o lisonjeie, e a base de correlações ainda não estudadas dos seres que existem com aqueles que os precederam e com os que se lhe hão-de seguir. Os espiritistas de hoje serão, de entre todos os filósofos contemporâneos que não querem aceitar em absoluto o dogma estéril desconsolador da matéria onipotente, os únicos que hão-de colaborar na filosofia do futuro.

– Ora há-de dar-me licença que lhe pergunte uma coisa...

– Tem-me às suas ordens.

– Sem com isto querer fazer agravo ao seu juízo!

– Estimarei muito satisfazer a sua curiosidade, qualquer que seja a natureza dela.

– Acredita em alguma das coisas em que estive aí falando o homem que veio ajudá-lo a mudar a cama?

Esta pergunta era capciosa. Eu queria enganar-me se estava falando com um doido, com um visionário, com um monomaniaco, ou simplesmente com um homem de espírito extravagante, com um excêntrico.

– Eu não creio nem também descreio de coisa alguma que ouço – responde-me ele. – É meu sistema admitir tudo quanto esteja para se provar e duvidar de tudo aquilo que me apresentem como coisa positiva. É o único meio prudente de nunca nos afastarmos muito da verdade. Se escutou a conversa de há pouco, tem uma parte da história desta casa. Neguei quanto me disse o homem que estive aqui porque me obriguei como senhorio do prédio a desvanecer com as minhas informações o anátema que pesa sobre a sua propriedade. A verdade é que tenho ouvido distintamente há duas noites consecutivas um rumor insistente e prolongado semelhante aos estalidos que produz, ao atear-se, uma fogueira de carvão, e tenho aqui sobre uma banca um busto de Allan Kardec que, sem eu poder explicar como nem porquê, se move, sem que ninguém lhe toque, do centro da mesa em que o coloquei para uma das extremidades dela. O pó aglomerado em volta da base do busto, e que eu tenho o mais escrupuloso cuidado em não espanar nunca, vai deixando sucessivamente sobre a superfície da mesa o vestígio desse movimento vagaroso, lento, quase imperceptível, mas progressivo e constante. Nesta porta, ao pé da qual coloquei hoje a cama, ouço em cada noite, ora por duas ora por três vezes, uma argolada perfeitamente clara e distinta. Abro imediatamente a porta (mudei a cama para este ponto a fim de poder fazê-lo do modo mais rápido), fica sempre inexplicável para mim a razão por que se levanta a argola do ferrolho e bate de per si mesma na porta!

Todas estas coisas eram asseveradas pelo prussiano com a ênfase da sinceridade e da convicção mais profunda!

– E desta casa de cá – observei-lhe eu – que tem ouvido? O que sabe? Que lhe consta?

– Eu lhe digo...

- Sinceramente!
- Por mim pessoalmente nada tenho ouvido, O inquilino que me precedeu conta que ouvia no silêncio da noite um rumor confuso de vozes, o estalar de risadas e o tilintar de dinheiro. Alguns vizinhos têm visto entrar vultos misteriosos. Tudo isto, porém, se explica do modo mais natural deste mundo.
- Qual é então o seu juízo, vejamos?
- É evidentemente...
- Diga! Diga!
- Presumo eu, pelo menos...
- Vamos! Sem rodeios, francamente!
- De duas uma: ou uma loja maçónica, ou uma casa de jogo.

IV

As palavras do alemão acabavam de lançar no meu espírito a luz súbita de uma revelação que me obrigava a meditar.

O que se passava por mim, o mistério que me cercava, o cadáver que vira, a presunção – ainda que vaga – da concorrência de um ou mais amigos meus envolvidos neste acontecimento, tudo isto era tão extraordinário e tão grave que eu não ousava referi-lo ao homem desconhecido que o acaso me deparava por vizinho.

Era já positivo para mim que me achava em Lisboa. Desejava naturalmente saber qual era a rua e a casa em que estava: não me ocorria, porém, um pretexto plausível para levar o alemão a dizer-mo, sem que eu o interrogasse de um modo ambíguo, que poderia levantar sobre a situação em que me acho suspeitas talvez perigosas para a segurança das pessoas comprometidas neste negócio. Contentei-me, pois, em alegar o incómodo a que me obrigava aposição em que estava, e dei as boas-noites ao meu vizinho. Ele despediu-se batendo no muro três pancadas espaçadas por pausas iguais às daquelas com que eu primeiro lhe despertara a atenção. Lembrou-me que poderia ser maçã aquele homem, e que nas circunstâncias em que eu estava me serviria a protecção que lhe pedisse em nome de juramentos recíprocos e de compromissos comuns. Dei-lhe então uma letra, ele respondeu-me com outra e assim construímos sucessivamente a palavra da senha:

- *Salut, mon frère!* – exclamou ele.
- Segredo! – disse-lhe eu baixinho, respondendo com os nós dos dedos no muro ao sinal que me dera.

Fechei em seguida o armário, cheguei a cama para o lugar de onde a tinha removido, e deitei-me vestido.

Não podia dormir. Principiei a pensar e a entristecer.

Nesta casa, debaixo destes mesmos tectos, está morto um homem, moço, elegante e belo, que entrara aqui, cheio talvez de esperanças, de alegrias, de projectos no futuro, e que de repente caiu para todo o sempre envenenado por mão misteriosa, ignorado, desconhecido, só, longe de uma mulher amada que o espera talvez a esta hora, longe da família que o acarinhou em pequeno, longe dos lugares saudosos que o viram nascer, da mãe lacrimosa que lhe cerrasse os olhos, do pai angustiado que em nome da humanidade lhe lançasse a derradeira bênção.

Desventurado rapaz! Quem sabe as torturas por que passou o teu espírito para se desprender violentamente da terra, deixando na sociedade o teu corpo inerte, impassível, mudo como a interrogação de um enigma posto anonimamente no meio de uma página branca? Quem sabe os pensamentos que a morte imobilizou no teu cérebro? Quem sabe os afectos que ela enregelou no teu coração, onde há pouco tempo ainda golfava

abundantemente a fecunda seiva dessa mocidade esterilizada e extinta agora para sempre?

Pobre moço! Tão digno de lástima como és, merecedor talvez de profundas saudades, aí estás adormecido no teu sono eterno, vestido de baile, coberto com uma manta de viagem, estirado num sofá, insensível para sempre às alegrias se às amarguras desta vida miserável; e não haverá, porventura, uma só lágrima que comemore, na história breve da tua passagem na terra, este prazo tão pungentemente melancólico em que os mortos estão esperando dos vivos o derradeiro e supremo favor que a humanidade pode dispensar àqueles que mais preza e que mais ama: a doação da cova em que reside o esquecimento!

Os olhos daqueles que te amam ainda não choram por ti. Estão fechados talvez pelo sono tranquilo e doce, atravessado em sonhos pela tua imagem querida; estão, porventura, fitos no conhecido caminho por onde esperam sentir-te chegar, conhecer-te o passo retardado, ouvir-te a voz cantarolando a última valsa que o baile te deixou no ouvido, ver-te finalmente aparecer, descuidado, risonho e feliz.

Coitados!... Os passos daquele que ainda hoje talvez se despediu de vós contando voltar a encontrar-vos poucas horas depois, não tornarão a medir o caminho da casa em que o esperam; a sua voz não responderá mais à voz que o chame; os seus olhos nunca mais se embeberão nos olhos que o fitavam; os seus lábios não voltarão outra vez a aproximar-se dos lábios que se colavam nos dele!

Eu não choro a tua memória, porque não te conheço, porque nunca nos encontramos, porque não sei quem és. Mas não quero insultar a dor que adeja sobre a tua morte, deixando-me dormir na mesma casa em que jazes insepulto, enquanto alguém te espera vivo no mundo.

Foi impelido por estes sentimentos, meu querido amigo, que eu me levantei da cama em que me estendera e vim para a mesa em que ceei, passar a noite escrevendo-te estas longas páginas, que decerto estimaremos ler um dia, em disposição de espírito bem diferente daquela em que ambos nos achamos hoje.

Tinha em pouco mais de meio a narração que te estou fazendo, quando o silêncio que me envolvia, cortado apenas pelo frémito da minha pena no papel, foi interrompido pelas vozes dos mascarados falando baixo no aposento que atravessei antes de entrar naquele em que estou. Tinha terminado o parágrafo anterior a este, quando o mesmo rumor se repetiu, e tive então curiosidade de escutar o que se dizia. Aproximei-me da porta e coleí o ouvido ao buraco da fechadura, pelo qual nada via. Não sendo natural que os nossos aprisionadores estejam às escuras, é provável que haja um corredor, uma passagem ou um pequeno quarto entre aquele em que eu me acho e o quarto próximo em que eles falam. Não podia perceber o que diziam. Apenas de quando em quando alguma palavra solta e destacada me chegava ao ouvido. Dispunha-me a vir continuar a escrever ou a terminar esta carta, quando um levantou mais a voz e eu ouvi distintamente estas palavras:

- Mas as notas de banco, 2300 libras em notas! Não as trazia ele?
- Sei que as trazia – dizia outra voz.
- É atroz, então!

Estas palavras, únicas que ouvi, fizeram-me a impressão que podes calcular!

É provado para mim que a casa a que fomos trazidos não é um simples ninho consagrado a entrevistas de amor, como eu primeiro supus. Das hipóteses do prussiano é absolutamente necessário aceitar uma: isto ou é uma casa de jogo ou uma loja maçónica. Assim o provam convincentemente os ruídos que se ouviam na morada contígua. Num retiro de paixões temas não se escancaram risadas a horas mortas ao som do dinheiro que tilinta nas mesas. A referência dos vultos misteriosos feita pela vizinhança permite a suspeita de reuniões secretas. O tinir do ouro, as risadas, o mesmo aspecto do *boudoir* em que estivemos não consentem duvidar-se que esta casa é uma caverna de jogo e de orgia.

As palavras que há pouco ouvi sugerem-me sobre estas suposições a mais tenebrosa suspeita.

O desgraçado que jaz aí dentro podia ter sido vítima de um homicídio, premeditado com o intuito de roubar-lhe a quantia que ele trazia consigo.

Ocorre uma contradição: na sugerida hipótese para que foram buscar um médico? Explicam-no as palavras que ouvi. Os criminosos, que tinham propinado ópio à sua vítima com o intuito de a roubarem, encontram iludido este projecto com o desaparecimento das notas que lhe supunham na algibeira. Nesta conjuntura sobrevém-lhes, naturalmente, a ideia de tentar um recurso extremo: procurar um médico que não possa denunciar o crime, mostrar-lhe o ópio, e quererem por esta prova de zelo, de solicitude, de confiança na sua inocência, afastar de si a presunção do crime, e criar as dificuldades de um mistério! É possível que eu não atinja exactamente a verdade do que se passou. O indubitável, porém, é que o desaparecimento já constatado da soma que o assassinado trazia consigo não pode adunar-se dentro desta casa com a probidade e com a honra.

Depois disto, é quase escusado dizer-te qual é a determinação que vou tomar. O meu vizinho prussiano é um homem um tanto fantástico, mas parece-me sincero e honrado. Vou fechar esta carta, sobrescritá-la e pedir-lhe que a lance no correio. Acharei facilmente meio de a passar para o quarto dele. Se conseguir arrombar completamente, sem que me pressintam, o tapamento que serve de fundo ao armário, passarei eu em vez de expedir a carta. No caso contrário, apenas se abrir aquela porta, precipito-me sobre a pessoa ou pessoas que me embargarem o passo, e abrirei o meu caminho como todo o homem de bem que em sua consciência delibera passar por cima de meia dúzia de miseráveis.

Se te achas aqui, encarcerado como eu, por Deus juro-te que nos veremos amanhã. Se estás solto, se receberes esta carta, e vinte e quatro horas depois não souberes de mim, escreve a Frederico Friedlann, *posta restante*, Lisboa. Ele te procurará no lugar que lhe indicares e te dirá onde estou. – Adeus. – F...

NOTA – Juntamente com a carta publicada ontem achavam-se as seguintes folhas de papel escritas pela mesma letra das cartas do médico, anteriormente publicadas nesta folha:

F... não apareceu. No mesmo dia, dois dias e três noites depois de haver recebido a extensa carta que ele me dirigiu e de que enviei logo a primeira parte, depois as seguintes, a essa redacção, procurei por todos os meios ter notícias dele. Foram inúteis todos os esforços que empreguei. Escrevi a Frederico Friedlann. Não houve resposta. Mandeí ao correio e soube que ainda ali se achava a carta que lhe dirigi e na qual lhe aprezava uma entrevista.

Estou vivamente inquieto, sobressaltado, cuidadoso.

F... é um homem arrebatado, irascível, pundonoroso até o delírio. Receio do seu carácter e da violência das suas determinações. uma explosão que teria podido talvez ser-lhe fatal.

Apresso-me, porém, a declarar-lhe, senhor redactor, que discordo completamente da opinião dele quanto à qualidade moral das pessoas com quem estivemos reunidos na casa onde encontrámos o cadáver.

O mascarado alto, com quem tive ocasião de falar por mais tempo, não pode ser um assassino covarde. F... demorou-se pouco tempo connosco, não pôde atentar nos indivíduos que o rodeavam. Ouviu apenas uma frase, que para mim próprio é ainda inexplicável e terrível, e baseou nela a sua indignação e o seu ódio.

Eu tratei apenas com um desses homens – o mais alto – mas com este falei incessantemente durante todo o espaço de uma noite. Não podia estudar-lhe os movimentos da fisionomia, mas via-lhe os olhos grandes, luminosos, cintilantes. Ouvia-lhe a voz

metálica, pura, clara, vibrante, obedecendo naturalmente, na modulação das inflexões, ao fluxo e ao refluxo dos sentimentos.

Nas discussões que tivemos, na conversação que travámos, nos diversos incidentes que acompanharam o inquérito de A. M. C., escutei-lhe sempre com interesse, com simpatia, algumas vezes com admiração, a palavra sincera, fácil, despresumida, espontânea, original, pitoresca sem literatismo, eloquente sem propósitos oratórios – límpido espelho de uma alma enérgica, íntegra, perspicaz e sensível. Tinha arrebatamentos, indignações convictas, concentrações melancólicas, que se via provirem desse fundo de lágrimas, que todas as naturezas privilegiadamente boas e honestas têm no Intimo da sua essência. Pareceu-me, finalmente, um coração leal e honrado, e não é fácil enganar-se por este modo, depois de uma provação suprema e definitiva como aquela em que nos achámos, um homem com a minha experiência do mundo e a minha prática dos fingimentos humanos. Estas são, senhor redactor, as principais considerações que do princípio logo me impediram de tornar público o nome do meu amigo violentamente retido em cárcere privado. F.. é um homem conhecido, é quase um homem célebre; em Lisboa ninguém há que não conheça o seu nome entre os escritores mais aplaudidos, ninguém que não distinga a sua figura altiva, esmerada, picante, entre os vultos extremamente uniformes dos passeios, das salas e dos teatros.

Se eu comunicasse à polícia o desaparecimento do meu amigo, é quase seguro que ela encontraria meio de o descobrir. Mas não equivaleria isto denunciar simultaneamente como criminosos O mascarado alto e os seus companheiros, que eu todavia considero inocentes?

A carta de F..., apesar da revelação que encerra sobre o desaparecimento das 2300 libras, confirma por outro lado a convicção em que eu me acho.

Na carta de F... encontra-se o seguinte período:

«Ocorreu-me que teria um meio de desenganar-me se era efectivamente ou se não era um amigo íntimo que eu tinha ao meu lado: arrancar-lhe o relógio: bastar-me-ia apalpá-lo, ainda como eu estava, para reconhecer o dono. A ser o indivíduo que eu supunha, a caixa do relógio teria a lisura do esmalte e no centro a saliência de um brasão.»

Ora o relógio a que nestas linhas se alude, se bem lembrado está, é exactamente o mesmo que descrevi na segunda carta que enviei a esse periódico, o mesmo que usava o mascarado que ia sentado defronte de mim na carruagem, e que eu lhe vi por algum tempo fora da algibeira do colete, suspenso na corrente. Logo, o mascarado que conduziu F... ao quarto em que ele se acha preso, é efectivamente um amigo dele, íntimo e particular.

Posso eu, sem semear remorsos que mais tarde entenebrecerão talvez a minha vida com uma sombra eterna, denunciar à polícia uma particularidade, um nome, uma circunstância positiva, que a ponha no encaço deste crime e no descobrimento das pessoas, inocentes ou culpadas, que circulam fatalmente em torno dele?

As mesmas notícias que lhe tenho dado, as cartas que precipitadamente comecei a escrever-lhe, e que hoje, posto que acobertado pelo anónimo, me vejo na obrigação moral de concluir e desenlaçar, não serão já perante a severidade incorruptível, despreocupada e fria dos homens de bem, uma traição aos imprescritíveis deveres da amizade, um agravo à inviolabilidade do sigilo, uma ofensa a esse culto íntimo que se baseia na delicadeza, no melindre, no primor – culto que para as almas honradas constitui uma parte dos princípios supremos da primeira das religiões – a religião do carácter?

Mas podia também calar-me? Ficar mudo, impassível, inerte, neutro, diante deste sucesso obscuro mas tremendo? Podia acaso aceitar na impassibilidade e no silêncio a responsabilidade terrível de um homicídio tenebroso, do qual sou eu a única testemunha com iniciativa, com liberdade, com faculdade de acção?...

Decidam-no as pessoas que por um momento quiserem imaginar-se nas circunstâncias excepcionais e únicas em que eu estou.

Na onda de conjecturas, de planos, de determinações, de obstáculos em que me achei envolvido, assoberbado, só, escondido, inquieto, nervoso, sem um único momento que perder, uma só coisa me ocorreu, possível, clara, solvente: publicar anonimamente o que me sucedera, entregar por este modo à sociedade a história da minha situação e esperar dos outros, do público, a solução do problema que eu não sabia resolver por mim.

Nem uma palavra de conselho, de análise, de crítica!

Estou profundamente triste, abatido, doente. Preciso de ar, de espaço, de liberdade. Não posso ficar eternamente imóvel, como um condenado, como pesado fuzil de um segredo soldado a um pé.

Dois dias depois de receber esta minha carta, senhor redactor, terei partido para fora do país. As ambulâncias do exército francês precisam de cirurgiões. Vou alistar-me como facultativo. O meu país dispensa-me, e eu, como todo um homem na presença dos infortúnios irremediáveis, sinto a doce necessidade de ser útil. Fica sabendo o meu destino. Um dia saberá o meu nome.

Despedindo-me – seguramente para sempre – dos seus leitores, cuja atenção tenho largamente prendido com a narrativa deste caso lúgubre, seja-me permitido acrescentar uma derradeira palavra:

A. M. C., cujo nome não ousa delatar escrevendo-o por extenso nesta página, A. M. C., que eu não incriminei nem denunciei, apesar de tudo quanto em contrário quis alegar o amigo dele que sob a letra Z. veio defendê-lo neste mesmo lugar, A. M. C., quaisquer que sejam as causas que o levaram a intervir nas circunstâncias que rodeiam o crime, conhece-o interiormente, tem o fio do trama que eu debalde procurei achar.

Se estas linhas chegarem aos olhos desse moço, uma coisa lhe peço em nome da sua honra e da sua dignidade, em nome da honra e da dignidade das pessoas envolvidas em tão estranho sucesso. Procure no correio uma carta que lhe dirijo nesta mesma data. Nessa carta verá quem eu sou, onde poderá enviar as suas cartas ou ver-me e falar-me pessoalmente. Se a sua idade, se as condições da sua posição na sociedade, se os interesses da sua carreira, a tranquilidade da sua família, a incompetência da sua autoridade, ou outra qualquer razão o impedirem de acompanhar este acontecimento até à última das suas consequências, arrancando a tal mistério a secreta verdade que ele envolve, dirija-se a mim, colaboraremos juntos nessa obra, que tenho por meritória e por honrada. Eu aceitarei clara e abertamente para todas as consequências e para todos os efeitos a responsabilidade que daí provenha, e terei meio de salvar o seu nome, a sua pessoa e a sua honra de qualquer suspeita que o ensombre ou o macule.

Quanto a ti, meu querido e meu honrado F., não creio que seja vítima de uma emboscada traiçoeira e indigna! O teu único perigo está, a meu ver, no teu impaciente melindre, nos teus delicados escrúpulos, no teu valor, finalmente, e no teu brio.

Que te matassem cobardemente no cárcere clandestino que há pouco tempo ainda tu iluminavas com a tua pachorra e a tua alegria, não pode ser. Que a esta hora tenhas sido obrigado a jogar a tua vida trocando em desagravo de honra uma estocada ou um tiro com algum dos teus misteriosos comensais, isso acho lógico, e é possível.

Punge-me não sei que vago e triste pressentimento... Meu pobre F...! Se estará destinado que não nos tornemos a ver! Se o dia fatal em que regressámos ambos de Sintra, descuidados, contentes, suspirando com as nossas alegrias, sorrindo com os nossos infortúnios, terá acaso de ser o último dessa doce convivência que por tanto tempo nos juntou!...

E são as amarguras alheias, são as desgraças dos outros que nos arrastam envolvidos num turbilhão implacável e terrível da crua solidariedade humana!

Que remédio?!

Se a vida é isto, aceitemo-la corajosamente como ela é, e avante! Aprenda-se a ser desgraçado, visto que é essa a mais segura maneira de se ser feliz!

SEGUNDA CARTA DE Z.

Senhor redactor. – Acabo de ver publicada na sua folha de hoje uma carta em que o doutor ***, com uma insistência malévola, torna a inculcar, como cúmplice no atentado de que ele se fez o historiador voluntário, o meu pobre amigo A. M. C.

Disse-lhe na minha primeira carta, senhor redactor, que eu ia, com o auxílio único da minha coragem e da minha astúcia, pôr-me ao serviço da curiosidade de todos, procurando penetrar e dssfiar a tenebrosa história que, há mais de uma semana, vem todos os dias sucessivamente, no folhetim do seu jornal, apresentar diante de um público atônito um quadro misterioso e lúgubre.

Não pude, porém, descobrir nada: indagações, interrogatórios, visitas aos lugares, tudo foi inútil. A história perde-se cada vez mais numa névoa que a afoga: e o meu pobre M. C. lá esta ainda – não sei se num retiro voluntário, se numa sequestração forçada. Na impossibilidade de descobrir, fisicamente, por essas ruas, a verdade, resolvi vir buscá-la às mesmas cartas do doutor. Analisei-as, decompus-las palavra por palavra. E sem contar os processos, apresento os resultados.

O Mistério da Estrada de Sintra é uma invenção: não uma invenção literária, como ao princípio supus, mas uma invenção criminosa, com um fim determinado. Eis aqui o que pude deduzir sobre os motivos desta invenção:

Há um crime; é indubitável; é claro. Um dos cúmplices deste crime é o doutor *** Ele está envolvido no anónimo; não tenho por isso dúvida em apresentar esta acusação formal. Se o seu nome fosse conhecido, se as suas cartas estivessem assinadas, eu, só com provas judiciais, me atreveria a escrever esta grave afirmativa.

Sim, o doutor *** é o cúmplice de um crime: o meu pobre amigo M. C. é um desgraçado incauto, sobre quem se querem fazer recair as suspeitas que se possam ter já, e as provas que mais tarde venham ajuntar-se. Este crime, que existe, aparece-nos envolvido nas roupas literárias de um mistério de teatro. As cartas do doutor *** são um romance pueril. Vejamos.

É possível que numa cidade pequena como Lisboa, em que todos são vizinhos, amigos de tu, e parentes, o doutor ***, que parece ser um homem notado na sociedade, vivendo nela, frequentando as suas salas e os seus teatros, não conhecesse nenhum destes quatro mascarados, que pelas suas indicações pertencem a essa mesma sociedade, se sentam nos mesmos sofás, escutam a mesma música nos mesmos salões e nos mesmos teatros?

Uma máscara de veludo preto não basta para disfarçar um conhecido. O seu cabelo, o seu olhar, a sua estatura, a sua figura, a sua voz, as suas mãos, a sua *toilette*, são bastantes para revelar, trair o indivíduo. O doutor *** pois nunca os tinha visto? O quê? Pois eram tão elegantes, tão distintos, governam tão bem as suas parolhas, falam tão bem as línguas, pareciam tão ricos, e o doutor um médico, um homem relacionado, um velho diletante de S. Carlos, nunca os viu, nunca os percebeu, nesta terra, em que toda a vida se concentra nos doze palmos de lama do Chiado! E F... tem um amigo íntimo entre os mascarados, diante de si, na carruagem, joelho com joelho, e não o reconhece, pelas mãos, pelos olhos, pelo corpo, pelo silêncio até. Comédia!

E o menos conhecido, o menos célebre dos rapazes de Lisboa, mascara-se no Carnaval de turco, enche-se de barbas, cobre-se de plumas, veste-se de Mefistófeles, de Ci-devant, ou de melão, e não há ninguém que, no salão de S. Carlos, não diga ao passar por ele: *Lá vai fulano!* E é de noite, às luzes, e as mulheres olham-nos, e estamos distraídos, e não estamos numa estrada, de dia, surpreendidos e violentados! Tanto nos conhecemos todos! Comédia! Comédia!

E aqueles mascarados são tão inocentes, tão ingênuos, que vão procurar, num momento tão perigoso, o homem que pelas suas relações, pela sua posição, pela sua inteligente penetração, mais facilmente os poderia reconhecer. Se lhes era repugnante serem descobertos, para que procuraram aquele homem? Se lhes era indiferente, para que se mascararam?

E depois, para que era um médico? Era para verificar a morte?

– Para acudir? Para salvar? Nesse caso então que homens são esses que, em lugar de irem à botica mais próxima, a casa do primeiro médico rapidamente, avidamente, logo, logo – vão, em sossego, mascarar-se nos seus quartos, para irem ao crepúsculo, para uma charneca, a duas léguas de distância, representar os velhos episódios de floresta dos dramas de Soulié?

Supunham, porventura, que ele estava morto? Para que era então um médico, uma testemunha? E se não receavam as testemunhas, para que punham nos seus rostos uma máscara, e nos olhos dos surpreendidos um lenço de cambraia? Comédia! Comédia sempre!

Veja-se o doutor *** diante do cadáver; não há ali uma palavra que seja científica: desde a serenidade das feições até à dilatação das pupilas, tudo é falso naquela descrição sintomática.

E que homens são, o doutor *** e o seu amigo F..., que na rua de uma cidade, dentro de uma casa, com os braços livres, não deitam a mão àquelas máscaras? Como é que, sendo generosos e ativos, suportam certas violências humilhantes? Como é que, sendo honestos e dignos, aceitam pela sua atitude condescendente uma parte da cumplicidade?

E A. M. C.! Como o representam, ali, pueril, nervoso, tímido, imbecil e coacto! Ele de uma tão grande força de temperamento! De uma tão enérgica coragem! De um tão ativo sangue-frio! Como se pode acreditar naquela astúcia infantil, com que o doutor *** o envolve?

– O que admira é que não deixasse vestígios o arsénico!

– Mas foi o ópio! – responde M. C., segundo conta o doutor *** Qual é a imbecil ingenuidade do homem que possa descer a esta simplicidade lorpa?

E, enfim, que mulher é aquela, que aí se entrevê? Porque a quer o mascarado salvar? Que roubo é aquele de 2300 libras? Sejam lógicos: dado o tipo do mascarado, cavalheiroso e nobre, como é que ele, vendo que o crime teve por origem o roubo, procura salvar e tem considerações por uma mulher que mata para roubar?

Se ele suspeita que o crime cometido por essa mulher teve por móbil a paixão, como explica o roubo?

Demais, se desconfiava que ela estivesse envolvida naquele facto, se estava tão ligado com ela que a queria salvar, porque a não procurou logo, porque a não interrogou, em lugar de ir surpreender gente para as estradas, e vir fazer *tableau* em volta de um cadáver?

Ah! Como toda esta história é artificial, postiça, pobremente inventada! Aquelas carruagens como galopam misteriosamente pelas ruas de Lisboa! Aqueles mascarados, fumando num caminho, ao crepúsculo, aquelas estradas de romance, onde as carruagens passam sem parar nas barreiras, e onde galopam, ao escurecer, cavaleiros com capas alvadias! Parece um romance do tempo do ministério Villele. Não falo nas cartas de F... que não explicam nada, nada revelam, nada significam – a não ser a necessidade que tem um assassino e um ladrão de espalmar a sua prosa oca, nas colunas de um jornal honesto.

Dedução: o doutor *** foi cúmplice de um crime; sabe que há alguém que possui esse segredo, pressente que tudo se vai espalhar, receia a polícia, houve alguma indiscrição; por isso quer fazer poeira, desviar as pesquisas, transviar as indagações, confundir, obscurecer, rebuçar, enlear, e enquanto lança a perturbação no público, faz as suas malas, vai ser cobarde para França, depois de ter sido assassino aqui!

O que faz no meio de tudo isto o meu amigo M. C. ignoro-o.

Senhor redactor, peço-lhe, varra depressa do folhetim do seu jornal essas inverosímeis invenções. – Z.

NARRATIVA DO MASCARADO

I

Senhor redactor. – A pessoa que lhe escreve esta carta é a mesma que nessa aventura da estrada de Sintra, popularizada pela carta do doutor ***, guiou a carruagem para Lisboa. Sou já conhecido, com a minha máscara de cetim preto e a minha estatura, por todas as pessoas que tenham seguido com interesse a sucessiva aparição destes segredos singulares: eu era nas cartas do doutor *** designado pelo – *maskarado mais alto* – Sou eu. Nunca supus que me veria na necessidade lamentável de vir ao seu jornal trazer também a minha parte de revelações! Mas desde que vi as acusações improvisadas, sem análise e sem lógica, contra o doutor *** e contra mim, eu devia ao respeito da minha personalidade e à consideração que me merece a impecável probidade do doutor *** o vir afastar todas as contradições hipotéticas e todas as improvisações gratuitas, e mostrar a verdade real, implacável, indiscutível. Detinha-me o mais forte escrúpulo que pode dominar um carácter altivo: era necessário falar numa mulher, e arrastar pelas páginas de um jornal, o que há no ser feminino de mais verdadeiro e de mais profundo: a história do coração. Hoje não me retêm essas considerações; tenho aqui, diante da página branca em que escrevo, sobre a minha mesa, este bilhete simples e nobre: – «Vi as acusações contra si e os seus amigos, e contra aquele dedicado doutor ***. Escreva a verdade, imprima-a nos jornais. Esconda o meu nome com uma inicial falsa apenas. Eu já não pertenço ao mundo, nem às suas análises, nem aos seus juízos. Se não fizer isto, denuncio-me à polícia.»

Apesar, porém, destas grandes e sinceras palavras, eu resolvi nada revelar do crime, e contar apenas os factos anteriores que me tinham ligado com aquele infeliz moço, tão fatalmente morto, motivado a sua presença em Lisboa, e determinado esse desenlace passado numa alcova solitária, numa casa casual, ao desmaiado clarão de uma vela, ao pé de um ramo de flores murchas. Outros, os que o sabem, que contem os transe dessa noite. Eu não. Não quero ouvir apregoar pelos vendedores de periódicos a história das dores mais profundas de um coração que estimo.

Senhor redactor, há três anos a casa onde eu mais vivia em Lisboa, aquela em que tinha sempre o meu talher e a minha carta de *whist*, onde ria as minhas alegrias e fazia confidências das minhas tristezas, era a casa do conde de W. A condessa era minha prima.

Era uma mulher singularmente atraente: não era linda, era pior: tinha a *graça*. Eram admiráveis os seus cabelos louros e espessos; quando estavam entrelaçados e enrolados, com reflexos de uma infinita doçura de ouro, parecia serem um ninho de luz. Um só cabelo que se tomasse, que se estendesse, como a corda num instrumento, de encontro à claridade, reluzia com uma vida tão vibrante que parecia ter-se nas mãos uma fibra tirada ao coração do Sol.

Os seus olhos eram de um azul profundo como o da água do Mediterrâneo. Havia neles bastante império para poder domar o peito mais rebelde; e havia bastante meiguice e mistério, para que a alma fizesse o estranho sonho de se afogar naqueles olhos.

Era alta bastante para ser altiva; não tão alta que não pudesse encostar a cabeça sobre o coração que a amasse. Os seus movimentos tinham aquela ondulação musical, que se imagina do nadar das sereias.

De resto, simples e espirituosa.

Dizer-lhe que os meus olhos nunca se demoraram amorosamente na pureza infinita da sua testa, e na curva do seu seio, seria de um estranho orgulho. Tive, sim, nos primeiros tempos em que fui àquela casa, um amor indefinido, uma fantasia delicada, um. desejo

transcendente por aquela doce criatura. Disse-lho até; ela riu, eu ri também; apertámo-nos gravemente a mão; jogámos nessa noite o *écarté*; e ela terminou por fazer numa folha de papel a minha caricatura. Desde então fomos amigos; nunca mais reparei que ela fosse linda; achava-a um digno rapaz, e estava contente. Contava-lhe os meus amores, as minhas dívidas, as minhas tristezas; ela sabia ouvir tudo, tinha sempre a palavra precisa e definitiva, o encanto consolador. Depois, também, ela contava-me os seus estados de espírito nervosos, ou melancólicos.

– Estou hoje com os meus *blue devils* – dizia ela.

Fazíamos então chá, falávamos ao fogão. Ela não era feliz com o marido. Era um homem frio, trivial e libertino; o seu pensamento era estreito, a sua coragem preguiçosa, a sua dignidade desabotoada. Tinha amantes vulgares e grosseiras, fumava impiedosamente cachimbo, cuspiu o seu tanto no chão, tinha pouca ortografia. Mas os seus defeitos não eram excepcionais, nem destacavam. Lorde Grenley dizia dele admirado:

– Que homem! Não tem espírito, não tem mão de rédea, não tem *ar*, não tem gramática, não tem *toilette*, e, todavia, não é desagradável.

Mas a natureza fina, aristocrática, da condessa, tinha ocultas repugnâncias, com a presença desta pessoa trivial e monótona. Ele, no entanto, estimava-a, dava-lhe jóias, trazia-lhe às vezes um ramo de flores, mas tudo isso fazia indiferentemente, como guiava o seu *dog-cart*.

O conde tinha por mim um entusiasmo singular achava-me o mais simpático, o mais inteligente, o mais bravo; pendurava-se orgulhosamente do meu braço, citava-me, contava as minhas audácias imitava as minhas gravatas.

Em tempo a condessa começou a descorar e a emagrecer. Os médicos aconselhavam uma viagem a Nice, a Cádis, a Nápoles, a uma cidade do Mediterrâneo. Um amigo da casa, que voltava da Índia, onde tinha sido secretário-geral, falou com grande admiração de Malta. O pacote da Índia havia sofrido um transtorno; ele tinha estado retido cinco dias em Malta, e adorava as suas ruas, a beleza da pequena enseada, o aspecto heróico dos palácios, e a animação petulante das *maltesas* de grandes olhos árabes...

– Queres tu ir a Malta? – disse uma noite o conde a sua mulher.

– Vou a toda aparte; mas, não sei porquê, simpatizo com Malta. Vamos a Malta. Venha também primo.

– Está claro que vem! – gritou o conde.

E declarou que não fazia a viagem sem mim, que eu era a sua alegria, o seu parceiro de xadrez e o inventor das suas gravatas, que me roubava num navio, e que me deixava seu herdeiro.

Cedi. A condessa estava encantada com a viagem: queria ter uma tempestade, queria ir depois a Alexandria, à Grécia, e beber água? do Nilo; havíamos de caçar os chacais, ir a Meca disfarçados – mil planos incoerentes que nos faziam rir...

Partimos num vapor francês para Gibraltar, onde devíamos tomar o pacote da Índia.

Passámos no Cabo de São Vicente com um luar admirável, que se erguia por trás do cabo, dava uma dureza saliente e negra aos ásperos ângulos daquela ponta de terra e vinha estender-se sobre a vasta água como uma malha de rede luminosa. O mar ali é sempre mais agitado. A condessa estava na tolda, sentada numa cadeira de braços, de vime, a cabeça adormecida, os olhos descansados, as mãos imóveis, uma sensação feliz na atitude e no rosto.

– Sabe? – disse ela de repente, baixo, com a voz lenta. – Estou com uma sensação tão feliz de plenitude, de desejos satisfeitos...

E mais baixo:

–...e de vago amor... Sabe explicar-me isto?

Estávamos sós, no alto mar, sob um luar calmo, o conde dormia; a longa ondulação de água arfava como um seio, sob a luz; sentia-se já o magnético calor da África. Eu tomei-lhe as mãos e disse-lhe num segredo:

– Sabe que está linda!

– Oh! primo! – interrompeu ela rindo. – Mas nós somos amigos velhos! Está doido! O que é falar de noite, sós, ao luar, em amor! Ah! meu amigo, creia que o que senti, inexplicável como é, não foi por si, graças a Deus, foi por alguém que eu não conheço, que vou encontrar talvez, que não vi ainda. Sabe? Foi um pressentimento... Aí está! Como o luar é traiçoeiro, meu Deus! E eu que estou velha!

Eu ia responder, rir. Uma luz brilhou a distância, na bruma nocturna: o capitão aproximou-se:

– Conhecem aquela luz?

– Nunca viajei neste mar, capitão – respondi.

– São portugueses, não F... Aquela luz é o farol de Ceuta.

Era uma luz melancólica e humilde. Nenhum de nós se importava com Ceuta. Daí a momentos descemos à câmara. Eu estava surpreendido, nunca tinha ouvido à condessa palavras que caracterisassem tanto o estado do seu coração. Achava-se naquele período em que um amor pode apoderar-se para sempre de uma existência.

Que sucederia se lhe aparecesse um homem belo, nobre, forte, que lhe dissesse de joelhos, uma noite, sob o luar como há pouco, as coisas infinitas da paixão?

Na manhã seguinte avistámos o morro de Gibraltar. Desembarcámos. Numa praça, à entrada, um regimento inglês, de uniformes vermelhos, manobrava ao som da canção do general Boum.

– Detesto os Ingleses – disse a condessa.

– O quê?! – gritou o conde com uma voz indignada. – Os Ingleses! Detestas os Ingleses?

E voltando-se para mim, com uma atitude profundamente pasmada e abatida

– Detesta os Ingleses, menino!

II

Senhor redactor. – Em Gibraltar fomos para o *Club House-Hotel*, Os quartos abriam sobre a muralha do lado do mar; víamos defronte, afogada numa luz admirável, uma linha de montanhas, e mais longe, do lado do estreito, nas brumas esbatidas, a terra de África.

Fomos passear logo num daqueles canos de Gibraltar que são dois bancos paralelos, costas com costas, assentes sobre duas rodas enormes, puxados por um cavalo inglês robusto, rápido, e tendo já adquirido nas convivências espanholas um espírito teimoso.

O belo passeio de Gibraltar é uma estrada, que, a meia vertente por cima da cidade, contorna a montanha, e é orlada de *cottages*, de jardins, de pomares, cheios já das estranhas e poderosas vegetações do Oriente, aloés, nopais, cactos e palmeiras; e vê-se sempre, através da folhagem, lá no fundo, a azul imobilidade luminosa do Mediterrâneo.

A condessa estava encantada; aquela luz ampla e magnífica, a água pesada pelo sol, o silêncio religioso do espaço azul, as brumas vaporosas e roxas das montanhas, a vigorosa força das vegetações, tudo dava àquela pobre alma contraída uma expansão inesperada. Ria, queria correr, tinha verve, e uma luz bailava-lhe nos olhos.

Fomos sentar-nos no jardim de Gibraltar. Os senhores Ingleses artilharam-no talvez um pouco demais. Não há fontes, mas há estátuas de generais; as pirâmides de balas estão encobertas pelas moitas de rosas, e a estúpida impassibilidade dos canhões assenta sob arbustos de magnólias. Mas, que serenidade! Que silêncio abstracto e divino! Que ar

imortal! Parece que as coisas, os seres vegetais, a terra, a luz, tudo está parado, absorto numa contemplação, suspenso, escutando, respirando sem rumor! Em baixo está o Mediterrâneo, liso como um cetim, delicado, coberto de luz. Mais longe, vaporizadas, docemente esbatidas nas névoas azuis, as duras formas do monte Atlas. Nada se move: apenas as vezes uma pomba passa, voando com uma serenidade inefável. Um momento veio-nos debaixo, onde passava um regimento de Highlanders, o som das *cornemuses* que tocavam as árias melancólicas das montanhas da Escócia. E os sons chegavam-nos doces, etéreos, como se fossem habitantes sonoros do ar.

A condessa tinha ficado sentada, e imóvel, calada, penetrada daquela admirável serenidade das coisas, da beleza da luz, do sono da água, dos vivos aromas.

– Não é verdade – disse – que dá vontade de morrer, aqui, brandamente, só...

– Só? – perguntei eu.

Ela sorriu, com os olhos perdidos na bela decoração do horizonte luminoso.

– Só... – disse ela – não!

– Ah! minha rica prima, cuidado! cuidado! – observei eu. – Começa-se cismando assim vagamente, vem um pequeno sonho bem inocente, acampa no nosso coração, começa a cavá-lo, e depois, querida prima, e depois...

– E depois vai-se jantar – disse o conde que tinha chegado ao pé de nós, radiante por ter apertado a mão de um coronel inglês, e colhido um cacto vermelho.

Descemos ao hotel. À noite passeávamos no Martillo. Era a hora de recolher; uma fanfarra inglesa tocava uma melopeia melancólica. Ouviu-se no mar um tiro de peça.

– Chegou o pacote da Índia – disse o nosso guia. E no alto do morro um canhão respondeu com um eco cheio e poderoso.

– Desembarcam, no dia em que chegam, os passageiros? – perguntei.

– Os militares quase sempre, senhor. Vão desembarcar lá em baixo, com licença do governador.

Quando pelas 10 horas entrámos, depois de termos passeio ao luar nas esplanadas, sentimos na sala de *Club-House*, ruído, vozes alegres, estalar de rolhas, toda a feição de uma ceia de homens. A condessa subiu para o seu quarto. Eu entrei na sala, com o conde. Oficiais ingleses que vinham de Southampton, e que iam para a estação de Malta, tinham desembarcado, e ceavam.

– Nós tínhamo-nos sentado, bebendo cerveja, quando tive ocasião de aproximar de um dos oficiais ingleses que estava próximo de mim, o frasco da mostarda. O frasco caiu, sujou-me, ele sorriu com polidez, eu ri alegremente, conversámos, e ao fim da noite passávamos ambos pelo braço, na esplanada que ficava defronte das janelas do hotel e que está sobre o mar. Havia um amplo e calado luar que espiritualizava a decoração admirável das montanhas, a vasta água imóvel.

Eu tinha simpatizado com aquele oficial, já pelo seu perfil ativo e delicado, já pela feição original do seu pensamento, já por uma gravidade triste que havia na sua atitude. Era moço, capitão do artilharia, e batera-se na Índia. Era louro e branco; mas o sol do Indostão tinha amadurecido aquela carnação fresca e clara, aprofundado a luz dos olhos, e dado aos cabelos uma cor fulva e ardente.

Passeávamos, conversando na esplanada, quando, repentinamente, se abriu uma janela, e uma mulher com um penteado branco apoiou-se levemente na varanda, e ficou olhando o horizonte luminoso, a melancolia da água. Era a condessa.

O luar envolvia-a, empalidecia-lhe o rosto, adelgaçava-lhe o corpo, dava à sua forma toda a espiritualização de uma figura de antiga lenda: o seu penteador caía largamente ao redor dela, em grandes pregas quebradas.

– Que linda! – disse o oficial parando, com um olhar admirado e profundo. – Quem

será?

– Somos um pouco primos – disse eu rindo. – É casada. É a condessa de W. Parte para Malta amanhã no paquete. A bordo levar-lhe-ei o meu amigo para a entreter contando-lhe histórias da Índia. Adora o romanesco, aquela pobre condessa! Em Portugal, nem nos romances o há, Caçou o tigre, capitão?

– Um pouco. Fala o inglês sua prima?

Como uma portuguesa, mal; mas ouve com os olhos, e adivinha sempre.

Separámo-nos.

– Arranjei-lhe um romance, um lindo romance, prima – disse eu entrando na sala, onde o conde escrevia cartas, cachimbando: – um romance onde se caçam tigres com rajás, onde há *bayaderas*, florestas de palmeiras, guerras inglesas e elefantes...

– Ah! como se chama?

– Chama-se Captain Rytmel, oficial de artilharia, 28 anos, em viagem para Malta, bigode louro, um pouco da Indianos olhos, muito da Inglaterra na excentricidade, um perfeito *gentleman*.

– Um bebedor de cerveja! – disse ela, desfolhando a flor de cactos.

– Um bebedor de cerveja! – gritou o conde erguendo a cabeça com uma indignação cômica. – Minha querida, diante de mim, pelo menos, não digas isso se não queres fazer-me cabelos brancos! Estimo os Ingleses e respeito a cerveja. Um bebedor de cerveja! Um moço daquela perfeição!... – murmurava ele, fazendo ranger a pena.

Ao outro dia subíamos para bordo do paquete da Índia: o Ceilão. Eram 7 horas da manhã. O morro de Gibraltar, mal acordado, tinha ainda o seu barrete de dormir feito de nevoeiro. Havia já viajantes e oficiais sobre a tolda. O chão estava húmido, havia uma confusão violenta de bagagens, de cestos de fruta, de gaiolas de aves; a escada de serviço via-se cheia de vendedores de Gibraltar. A condessa recolheu-se à cabina para dormir um pouco. Às 9 horas quase todos os passageiros que tinham entrado em Gibraltar e os que vinham de Southampton estavam em cima; o vapor fumegava, os escaleres afastavam-se, o nevoeiro estava desfeito, o sol dava uma cor rosada às casas brancas de Algeciras e de S. Roque, e ouvia-se em terra o rufar dos tambores.

A condessa, sentada numa cadeira indiana, olhava para as pequenas povoações espanholas que assentam na baía.

O oficial inglês, Captain Rytmel, conversava a distância com o conde, que adorava já a sua figura cativante e altiva, as suas aventuras da Índia, e a excêntrica forma do seu chapéu, que ele trazia com uma graça distinta e audaz. O capitão tinha na mão um álbum e um lápis.

– Captain – disse-lhe eu tomando-lhe o braço –, vou levá-lo a minha prima, a senhora condessa. Esconda os seus desenhos, ela é implacável e faz caricaturas.

A condessa estendeu ao inglês uma pequena mão, magra, nervosa, macia, com umas unhas polidas como o marfim de Diepa.

– Meu primo disse-me, Captain Rytmel, que tinha mil histórias da Índia para me contar. Já lhe digo que lhe não perdoo nem um tigre, nem uma paisagem. Quero tudo! Adoro a Índia, a dos Índios, já se vê, não a dos senhores Ingleses. Já esteve em Malta? É bonita?

– Malta, condessa, é um pouco de Itália e um pouco do Oriente. Surpreende por isso. Tem um encanto estranho, singular. De resto é um rochedo.

– Demora-se em Malta? – perguntou a condessa.

– Uma semana.

A condessa estava torcendo a sua luva; ergueu os olhos, pousou-os no oficial, tossiu brandamente, e com um movimento rápido:

– Ah! Vai deixar-me ver o seu álbum.

– Mas, condessa, está branco, quase branco; tem apenas desenhos lineares,

apontamentos topográficos.

– Não creio; deve ter paisagens da Índia, há-de haver aí um tigre, pelo menos, a não ser que haja uma *boyadera*!

E, com um gesto de graça vitoriosa, tomou o álbum da mão do oficial.

O capitão fez-se todo vermelho. Ela folheou o livro e de repente deu um pequeno grito, corou, e ficou com o álbum aberto, os olhos húmidos, risonhos, os lábios entreabertos. Olhei: na página estava desenhada uma mulher com um penteador branco, debruçada a uma janela, tendo defronte um horizonte com montanhas e o mar. Era o retrato perfeito da condessa. Ele tinha-a visto assim na véspera, ao luar, à janela do *Club-House*.

O conde tinha-se, aproximado.

– Como! Como! És tu, Luísa! Mas que talento! É um homem adorável, capitão. Que desenho! Que verdade!

– Oh! Não! Não! – disse o capitão. – Ontem estava no meu quarto, em *Club-House*; instintivamente tinha o álbum aberto, e o lápis, sem eu querer, sem intenção minha, espontaneamente, fez este retrato. É um lápis que deve ser castigado!

– O quê! – gritou o conde. – É um lápis encantado. Capitão, está decidido que vai jantar comigo, logo que chegemos a Malta. Já o não largo, meu caro! Há-de ser o nosso cicerone em Malta. Mas que talento! Que verdade!

E falando em português para a condessa:

– É um bebedor de cerveja, hem?

Nesse momento uma sineta tocou: era o almoço.

III

Talvez estranhe, senhor redactor, a escrupulosa minuciosidade com que eu conto estes factos, conservando-lhes a paisagem, o diálogo, o gesto, toda a vida palpável do momento. Não se admire. Nem tenho uma memória excepcional, nem faço uma invenção fantasista. Tenho por costume todas as noites, quando fico só, apontar num livro branco os factos, as ideias, as imaginações, os diálogos, tudo aquilo que no dia o meu cérebro cria ou a minha vida encontra. São essas notas que eu copio aqui.

A mesa do almoço estavam já sentados os passageiros. O nosso lugar era ao pé do capitão. O comandante do *Ceilão* era um homem magro, esguio, com uma pele muito vermelha, de onde saíam com a hostil aspereza com que as urzes saem da terra, duas suíças brancas.

Ao seu lado sentavam-se duas excêntricas personalidades de bordo: o *Purser*, que é o comissário que vela pela instalação dos viajantes e pelos regulamentos de serviço, e Mr. Colney, empregado do correio de Londres. O *Purser* era tão gordo que fazia lembrar um grupo de homens robustos metidos e apertados numa farda de marinha mercante. Mr. Colney era alto e seco com um imenso nariz agudo e enristado em cuja ponta repousava pedagogicamente o arco de ouro dos seus óculos burocráticos. O *Purser* tinha uma fraqueza que o dominava – era o desejo de falar bem brasileiro. Tinha viajado no Brasil, admirava o Maranhão, o Pará, os grandes recursos do Império. A todo o momento se aproximava de mim para me perguntar certas subtilidades da pronúncia brasileira. Mister Colney, esse, era gago e tinha a mania de cantar canções cómicas. Os outros passageiros eram oficiais, que iam tomar serviço na Índia, algumas *misses* alegre e louras, um *clergyman* com doze filhos, e duas velhas filantrópicas, pertencentes à Sociedade educadora dos pequenos patagónicos.

Logo que Captain Rytmel entrou na sala, seguindo a condessa, um homem que se debatia gulosamente no prato com a anatomia de uma ave fila, encarou-o, ergueu-se, e com uma alegria ruidosa gritou:

– *Viva Dios!* É Captain Rytmel! Eh! Querido! Mil abraços! Está gordo, *hombre*, está mais gordo!

Envolvia-o nos abraços robustos, olhava-o ternamente com dois grandes olhos negros. Captain Rytmel depois do primeiro instante de surpresa, em que se fez pálido, apressou-se a ir apertar a mão a uma senhora, extremamente bela, que estava sentada ao pé daquele homem guloso e expansivo, o qual era um espanhol, negociante de sedas, e se chamava Nicazio Puebla.

A senhora, que se chamava Cármén, era cubana, e segunda mulher de D. Nicazio; era alta, de formas magníficas, com uma camação que fazia lembrar um mármore pálido, uns olhos pretos que pareciam cetim negro coberto de água, e cabelos anelados, abundantes, desses a que Baudelaire chamava *tenebrosos*. Vestia de seda preta e com mantilha.

– Estavam em Gibraltar? – perguntou Captain Rytmel.

– Em Cádis, meu caro – disse D. Nicazio. – Viemos ontem. Vamos a Malta. Volta para a Índia? Ah! Captain Rytmel, que saudade de Calcutá! Lembra-se, hem?

– Captain Rytmel – disse sorrindo friamente Cármén – esquece depressa, e bem!

No entanto, nós olhávamos curiosamente para Cármén Puebla. O conde achava-a *sublime*. Eu, admirado também, disse baixo à condessa:

– Que formosa criatura!

– Sim! Tem ares de uma estátua malcriada – respondeu ela secamente

Olhei para a condessa, ri:

– Ó prima! É uma mulher adorável, que devia ser em miniatura para se poder trazer nos berloques do relógio; uma mulher que decerto vou roubar, aqui no alto mar, num escaler; uma mulher cujos movimentos parecem música condensada! Ó prima! Confesse que é perfeita... Menino! – acrescentei para o conde – passa-me depressa a soda, preciso calmantes...

No entanto, Captain Rytmel, sentado junto de Cármén, falava da Índia, de velhos amigos de Calcutá, de recordações de viagens. A condessa não comia, parecia nervosa.

– Vou para cima – disse ela de repente –; mandem-me chá.

Quando a viu subir, Rytmel ergueu-se, perguntando ao conde:

– Está incomodada a condessa?

– Levemente. Precisa de ar. Vá-lhe fazer um pouco de companhia, fale-lhe da Índia. Eu, não posso deixar este *caril*...

Eu tinha interesse em ficar à mesa defronte da luminosa Cármén; concentrei-me sobre o meu prato. O capitão tinha tomado logo o seu excêntrico chapéu índio, orlado de véus brancos.

Ao vê-lo seguir a condessa, a espanhola empalideceu. Momentos depois ergueu-se também, tomou uma larga capa de seda à maneira árabe de um *bourous*, enrolou-a em roda do corpo, e subiu para a tolda, apoiada numa alta bengala de castão de marfim.

O almoço tinha acabado. Falava-se da Índia, do teatro de Malta, de Lord Derby, dos Fenians; eu enfastiava-me, fui apertar a mão ao comandante, e fumar para cima um bom charuto, sentindo a brisa fresca do mar.

A condessa estava sentada num banco à popa; ao pé dela o capitão Rytmel, num *pliant* de vime.

Cármén passeava rapidamente ao comprido da tolda; às vezes, firmando-se nas cordagens, subia o degrau que contorna interiormente a amurada, e ficava olhando para o mar, enquanto a sua mantilha e a sua capa se enchiam de vento, e lhe davam uma aparência ondeada e balançada, que a assemelhavam Aquelas divindades que os escultores antigos enroscavam no flanco dos galeões!

IV

D. Nicazio Puebla, que o *Purser* me apresentara já, viera fumar para o pé de mim.

– Esteve na Índia, *Cabellero*? – perguntei-lhe eu.

– Dois anos, em Calcutá. Foi lá que conheci o capitão Rytmel. Convivíamos muito. Jantávamos sempre juntos. Fui à caça do tigre com ele. Cacei o tigre. Deve ir a Calcutá! Que palácios! Que fábricas!

– O capitão é um valente oficial.

– É alegre. O que nós ríamos! E bravo, então! Se lhe parece! Salvou-me a vida.

– Nalguma caçada?

– Eu lhe conto.

Tínhamo-nos aproximado da popa, falando. Neste momento vi eu a espanhola encaminhar-se para o lugar em que a condessa falava com Rytmel, e com uma resolução atrevida, a voz altiva, dizer-lhe:

– Capitão, tem a bondade, dá-me uma palavra?

A condessa fez-se muito pálida. O capitão teve um movimento colérico, mas ergueu-se e seguiu a espanhola.

Eu aproximei-me da condessa.

– Quem é esta mulher? Que quer?... – disse-me ela toda trémula.

Eu sosseguei-a e dirigi-me a D. Nicazio.

– Viu aquele movimento de sua mulher?

– Vi.

– É inconveniente: o cavalheiro responde decerto pelas fantasias ou pelos hábitos daquela senhora...

– Eu! – gritou o espanhol. – Eu não respondo por coisa alguma. O senhor que quer? É um monstro essa mulher! Livre-me dela, se pode! Olhe: quere-a o senhor? Guarde-a. Está sempre a fazer destas cenas! E não lhe posso fazer uma observação! É uma fúria, usa punhal!

– Esta mulher – fui eu dizer à condessa – é uma criatura sem consideração e parece que sem dignidade. Não a olhe, não a escute, não a perceba, não a pressinta. Se houver outra inconveniência eu dirige-me ao comandante, como se ela fosse um grumete insolente. É pena... é terrivelmente linda!

A espanhola, no entanto, junto da amurada, falava violentamente ao capitão Rytmel, que a escutava frio, impassível, com os olhos no chão.

O conde subiu neste momento. Outras senhoras vieram, os grupos formavam-se, começavam as leituras, as obras de costura, o jogo do *boi*...

Eu aproximei-me de D. Nicazio e disse-lhe sem lhe dar mais importância:

– Então esta sua senhora dá-lhe desgostos?

– É sempre aquilo como capitão. Foi desde a tal caçada ao tigre... Quer que lhe conte?...

– Diga lá.

Sentei-me na tenda onde se fuma, acendi um charuto, cruzei as pernas, recostei a cabeça e, embalado pelo lento mover do navio, cerrei os olhos.

– Um dia em Calcutá – começou o espanhol –, dia de grande calor...

Mas não, senhor redactor. Eu quero que esta história a saiba do próprio capitão. Aí tem a tradução fiel de uma das mais vivas páginas de um dos seus álbuns de impressões de viagem.

«...Sabes – escrevia ele a um amigo – que o sonho de todo o negociante que chega à

Índia é caçar um tigre.

D. Nicazio Puebla quis caçar o tigre. Sua mulher Cármen decidiu acompanhá-lo. Essa, sim; que tinha a coragem, a violência, a necessidade de perigos de um velho explorador Hundodo! Eu estimava aquela família. Combinámos uma caçada com alguns oficiais meus amigos, então em Calcutá. A duas léguas da cidade sabiam os exploradores que fora visto um tigre. Tinha mesmo saltado, havia duas noite, uma paliçada de bambus, na propriedade de um doutor inglês, antigo colono, e tinha devorado a filha de um malaio. Dizia-se que era um tigre enorme, e formosamente listrado.

Partimos de madrugada, a cavalo. Um elefante, com um palanquim, levava Cármen. Um boi conduzia água em bilhas encanastradas de vime. Iam alguns oficiais de artilharia, sipaios, três malaios e um velho caçador experimentado, antigo brâmane, degenerado e devasso, que vivia em Calcutá das esmolas dos nababos e dos oficiais ingleses. Era destemido, meio louco, cantava estranhas melodias do Indostão, adorava o Ganges, e dormia sempre em cima de uma palmeira.

Nós levávamos espingardas excelentes, punhais recurvados, espadas de dois gumes, curtas, à maneira dos gládios romanos, e o terrível tridente de ferro que é a melhor arma para a luta com o tigre. Ia uma matilha de cães, forte e destra, da confiança dos malaios.

Às 11 horas do dia penetrávamos em plena floresta. O tigre devia ser encontrado numa clareira conhecida. Íamos calados, vergando ao peso implacável do sol, entre palmeiras, tamarindos, espessuras profundas, num ar sufocado, cheio de aromas acres. Toda aquela natureza estava entorpecida pela calma: os pássaros, silenciosos, tinham um voo pesado; as suas penas coloridas, vermelhas, negras, roxas, douradas, resplandeciam sobre o verde-negro da folhagem. O céu mostrava uma cor de cobre ardente; os cavalos marchavam com o pescoço pendente; os cães arquejavam; o boi que levava a água mugia lamentavelmente; só o elefante caminhava na sua pompa impassível, enquanto os malaios, para esquecer a fadiga, diziam, com a voz monótona e lenta, cantigas de Bombaim.

Estávamos ainda distantes do tigre: nem os cavalos tinham rinchado, nem o elefante soltara o seu grito melancólico e doce. Todavia, achávamo-nos próximo da clareira.

Eu cheguei-me ao palanquim de Cármen e bati nas cortinas. Cármen entreabriu-as: estava pálida da fadiga do sol e do prazer do perigo; os olhos reluziam-lhe extraordinariamente. Ansiava pela luta, pelos tiros, pelo encontro da fera. Pediu-me uma *cigarette* e um pouco de conhaque e água...

Eu, desde que a conhecia, tinha muitas vezes olhado Cármen com insistência, e tinha visto sempre o seu olhar negro e acariciador envolver-me respondendo ao meu.

Tinha-lhe algumas vezes dado flores, e uma noite que, num terraço em Calcutá, olhávamos as poderosas constelações da Índia, o céu pulverizado de luz, ela tinha um momento esquecido as suas mãos entre as minhas. A sua beleza perturbava-me como um vinho muito forte. E ali, naquela floresta, sob um céu afogueado, entre os aromas de magnólias, Cármen aparecia-me com uma beleza prestigiosa, cheia de tentações a que se não foge.

– Ah, Cármen! – disse eu. – Quem sabe os que voltarão a Calcutá!

– Está rindo, capitão...

– Na caçada do tigre pode-se pensar nisto: o tigre é astuto; tem o instinto do inimigo mais bravo e do que mais lamentado.

– Ninguém hoje seria mais lamentado que o capitão.

– Só hoje.

– Sempre, e bem sabe porquê.

De repente o meu cavalo estacou.

– O tigre! O tigre! – gritaram os malaios.

Os cavalos da frente recuaram; os sipaios entraram nas fileiras da caravana. Os cães latiam, os malaios soltavam gritos guturais, e o elefante estendia a tromba, silencioso. De repente, houve como uma pausa solene e triste, e um vento muito quente passou nas folhagens.

Estávamos defronte de uma clareira coberta de um sol faiscante. Do outro lado havia um bosque de tamarindos: era ali decerto que a fera dormia. Voltei-me para D. Nicazio: vi-o pálido e inquieto

– D. Nicazio! Dê o primeiro tiro, o sinal de alarme!

D. Nicazio picou rapidamente o cavalo para mim, murmurou com uma voz sufocada:

– Quero subir para o elefante. Cármén não deve estar só, pode haver perigo...

Falei aos malaios, que desdobraram a estreita escada de bambu, por onde se sobe ao dorso dos elefantes. O cornaca dormia encruzado no vasto pescoço do animal. D. Nicazio subiu com avidez, arremessou-se para dentro do palanquim, e de lá, pela fenda das cortinas, espreitava com o olho faiscante e medroso.

Mas então foi Cármén que não quis ficar dentro do palanquim, pediu, gritou, queria montar a cavalo, sentir o cheiro à fera.

– Tirem-me daqui, tirem-me daqui! Não fiz esta jornada toda para ficar dentro de uma gaiola...

Não havia sela em que mulher montasse, nem cavalo bastante fiel; não se podia consentir que Cármén descesse. Mas eu tive uma ideia estranha, perigosa, tentadora, imprevista: era pô-la à garupa do meu cavalo. Disse-lho.

Ela teve um gesto de alegria, quase se deixou escorregar, agarrando-se às cordas do palanquim, pelo ventre do elefante; correu, pôs o pé no meu estribo, enlaçou-me a cintura, e com um lindo pulo, sentou-se à garupa. Os oficiais exclamavam que era uma imprudência. Ela queria, instava, e apertava-me contra a curva do seu peito, rindo, jurando que nem as garras do tigre a arrancariam dali...

Os malaios preparavam os tridentes, dispunham a matilha. Eu, como levava Cármén à garupa, tinha-me colocado atrás do grupo, cerrado, com os pés firmes no estribo, atento, os olhos fitos na espessura dos tamarindos.

Mas nem se ouviam rugidos, nem um estremecimento de folhagem.

Cármén apertava-me exaltada.

– Vá! Vá! – pediu-me ela baixo. – O tigre, o tigre! Dê o sinal!

Ergui um revólver, e disparei. O eco foi cheio e poderoso. E logo ouviu-se um rugido surdo, lúgubre, rouco, que era a resposta do tigre. Estava perto, entre os primeiros tamarindos. A matilha rompeu a ladrar...

– Que ninguém se alargue! – disse o velho brâmane, que tinha trepado a uma palmeira, e de lá olhava, farejava, ordenava.

Todos conservaram a espada ou tridente inclinado em riste, esperando o salto do tigre. Eu dera uma *cuchilla* a Cármén, tinha na mão da rédea um forte revólver e na outra um punhal curvo...

De repente os arbustos estremeceram, as altas ervas curvaram-se, sentiu-se um bafo quente, um cheiro de sangue, e o tigre veio cair, com um rugido, diante dos caçadores, no meio da clareira, estacado e imóvel.

Era muito comprido, de pernas curtas e espessas, a cabeça óssea, os olhos fulvos, ferozes, num movimento perpétuo e convulsivo; e a língua vermelha como sangue coalhado, pendia-lhe fora da boca.

Um momento o tigre arrastou-se, batendo os ilhais com a cauda. Depois, com um gemido profundo, saltou. Mas os cães, arremessando-se, tinham-no prendido no ar, pelas orelhas, pela pele espessa do pescoço, pelas pernas, vestindo-o de mordeduras, rasgando-o,

rugindo, cobrindo-o todo. Alguns ficaram logo despedaçados.

E no instante em que a fera, tendo cuspidos todos os cães, ficou só, magnífica e de cabeça alta, o brâmane fez um sinal.

Duas balas partiram. O tigre rugiu, rolou-se freneticamente no chão. Estava ferido. Imediatamente ergueu-se, arremessou-se sobre os homens. Todos tinham o tridente eos punhais enristados, o ventre da fera veio rasgar-se nas lâminas agudas. Prendera, porém, um malaio entre as ganas, e rasgava-lhe o peito. À uma todos enterravam as facas no corpo do animal, e ele, sucumbindo sob o peso, sob as feridas, varado por uma bala, debatia-se ainda ferozmente, esmigalhando na agonia os membros do pobre malaio.

– Nada de bala! Nada de bala! – gritava o brâmane.

Eu estava fascinado. Cármén convulsivamente apertada a mim, com os olhos chamejantes, vibrando por todo o corpo, dava gritos surdos de excitação. O tigre ficara estendido, escorrendo sangue. Eu devorava-o com a vista, seguia-lhe a mais pequena contracção dos músculos. Vi-o arquear-se de repente, e com um pulo vertiginoso arremessar-se sobre mim e sobre Cármén. Com uma determinação súbita, disparei um tiro do meu revólver no ouvido do cavalo que montávamos. O animal caiu sobre os joelhos, nós rolámos no chão. O tigre levava um pulo elevado, roçou pelas nossas cabeças, foi cair a distância, revolvendo-se na terra. Ergui-me, arrojé-me a ele, cravando-lhe o punhal entre as patas dianteiras com um movimento rápido, que lhe foi ao coração. O tigre ficou morto. Abaixei-me, e com uma faca malaia em forma de serra cortei-lhe uma pata, e apresentei-a a Cármén.

– Hurra – gritaram todos, e o eco deste grito estendeu-se pela floresta.

Cármén tinha-se aproximado do tigre morto, acariciava-lhe a pele aveludada, tocava-lhe com as pontas dos dedos no sangue que escorria.

– Hurra! Hurra! – continuavam gritando os caçadores.

Cármén, então, arremessando-se aos meus braços, beijou-me na testa com entusiasmo, dizendo alto:

– Salvou-me a vida! Devo-lhe a vida!...

E mais baixo, murmurou-me ao ouvido:

– Amo-te.

A tarde caía. Sentíamos os braços fracos, e grande sede. Começámos a dirigir-nos para Calcutá. Descansámos numa plantação de índigo. E ao começar da noite, com archotes acesos e cantando, partimos alegremente para a cidade, pela floresta, num caminho conhecido e seguro. As luzes davam à ramagem atitudes fantásticas; pássaros acordando esvoaçavam; e sentia-se o fugir dos chacais. Era como a volta de uma caçada bárbara, das velhas lendas da Índia. Cármén tinha aberto as cortinas do palanquim. Eu montava, ao lado dela, o cavalo do malaio morto. Ela inclinou-se para mim e com a voz abafada:

– Juro-te – disse-me – que te amo, como só no nosso país se ama. Juro-te que em todas as circunstâncias, sempre darei a minha vida pela tua, quererei os teus perigos, serei a tua criatura, e só te peço uma coisa.

– O quê?

– E que de vez em quando, quando não tiveres melhor que fazer, te lembres um pouco de mim.

– O momento, o sitio, os perfumes acres, as fantásticas sombras da floresta, a luz dos archotes, a beleza maravilhosa e fatal de Cármén, os tiros, os sons das trompas, os relinchos dos cavalos, os gritos dos chacais, tudo me tinha perturbado, exaltado, e esquecendo o senso e a lógica, disse-lhe:

– Juro-te que te amo, que sempre te serei leal, e que no dia em que vires que te esqueço, quero que me mates!

Ele segurou a mão que lhe estendi, e com uma carícia humilde, com um gesto de fera que rasteja, curvou-se toda na grade do palanquim, e beijou-me os dedos.

A noite, no entanto, enchia-se de enormes estrelas cintilantes..»

V

Ao terceiro dia de viagem do Ceilão, um dia antes de avistarmos Malta, um oficial inglês, ao almoço, lembrou que naquele dia fazia 28 anos o príncipe de Gales. Quase todos os oficiais que estavam a bordo conheciam o príncipe, estimavam o seu carácter, o seu temperamento eminentemente *byroniano*. Resolveram, com a cedência do comandante, celebrar a data e valsar à noite, na tolda, à luz de um *punch* colossal.

O jantar foi já ruidoso; o champanhe resplandeceu como opala líquida nas taças facetadas; a pesada *pale ale* espumou; o xerez ferveu na soda *water*. Cármén, pela sua beleza e pela estranha *verve* da sua agitação, foi a alegria daquele pesado e longo banquete de anos reais.

Houve *toasts*, à rainha e aos príncipes ingleses, ao lorde-almirante, à companhia P. and O.; e um inglês rico fez um *speech* aos estrangeiros: *The count and countess of W.*

– Peço um *toast* – disse Cármén, de repente.

Os copos tiniram, estalaram as rolhas.

– A caçada do tigre! Aos palanquins de cortinas brancas! Aos caçadores que salvam as damas que têm à garupa!

A maior parte não compreendeu, alguns riram, mas como o *toast* era excêntrico, foi escutado de aplausos.

– Oh! shocking! – disse ao meu lado uma velha irlandesa, que tinha pelo amplo ventre do *Purser* uma fascinação concentrada.

– *Not at all, Madam!* – disse eu. – É apenas o sangue meridional. Aquela viveza, aqueles olhos luzentes, é o sangue meridional: se ela agora quebrasse todas as garrafas de encontro ao tecto da sala, era o sangue meridional...

A inglesa escutava, como quem se instrui.

– ...Se ela tomasse de repente a roda do leme e arremessasse o pacote contra um rochedo, era o sangue meridional; se ela ousasse arrancar com mãos ímpias os seus óculos, *milady*...

– *Ouh!* – gritou ela.

– ...era ainda o sangue meridional!

– *Oh! Very shocking the* sangue meridional!

Os oficiais ingleses, esses, estavam entusiasmados com Cármén.

No entanto, as senhoras tinham-se erguido; e em volta do conde juntara-se um grupo de bebedores convictos e sérios. Serviu-se o conhaque e os álcoois. Cármén ficara entre os homens, bebendo licor, rindo e fumando *cigarrettes*.

A condessa subira pelo braço de Captain Rytmel.

D. Nicazio, esse, comia impassivelmente o seu queijo adorna--do de mostarda, de salada, de vinagre, de sal, de rábanos e de um leve pó apimentado de Ceilão.

Não sei como, falou-se de mulheres, e de caracteres femininos.

– Eu – disse logo Cármén – compreendo a gravidade devota das *misses*: como senhoras inglesas é sua educação; nasceram para serem hirtas, loiras, frias e leitoras *da Revista de Edimburgo*. Estão na verdade do seu carácter: um pouco menos vivas seriam de *biscuit*, um pouco mais seriam *shockings*. Mas o que eu detesto, são as canduras alemães, os modos virginais de criaturas que, pelo seu clima, pelo sol do seu país, pertencem ao que a vivacidade tem de mais petulante. Uma espanhola, uma italiana, uma portuguesa, caindo no

missismo e dando-se ares vaporosos, hipócritas e beatos, serve sempre para esconder um amante, quando não serve para esconder dois.

Aquelas palavras eram, evidentemente, uma alusão sanguinolenta às maneiras reservadas da condessa, que, sendo loura, discreta, suave, contrastava poderosamente com aquela trigueira e ruidosa espanhola.

– Perdão, *señora* – disse-lhe eu em espanhol –, hoje as verdadeiras maneiras não são o *salero*, são a *gravidade*. O *salero* pode ser bom no teatro, na zarzuela, nos corpos de baile, nas gravuras de uma viagem à Espanha, mas é de todo o ponto inconveniente numa sala.

Ela empalideceu levemente, e fitou-me:

– *Caballero* – perguntou –, *és usted pedante de rhetorica?*

Eu ri-me, estendi-lhe a mão, e tudo acabou com um novo *toast*. Mr. Cokney, que escutava a espanhola, tinha atendido às nossas palavras, tinha achado um som pitoresco e estranho naquele dizer – pedante de *rhetorica*, e exclamava para os outros ingleses, rindo:

– *Oh yes, Pedant de Rhetoric, it is very phantastic!*

Entretanto, a noite caía. Eu senti-me pesado, recolhi à cabina, adormeci ligeiramente. Pelas nove horas subi à tolda. Fiquei surpreendido.

Não havia luar, nem estrelas, nem vento. Ao fim da tolda ardia *opunch*. Era enorme, a sua chama larga, azulada, fantástica, subia, palpitava, fazia sobre o navio toda a sorte de reflexos e de sombras. Dos lugares escuros safam risadas de *flirtations*. Havia uma flauta e uma rabeca. E já um ou outro par valsava em roda da clarabóia da tolda.

A mastreação do navio, tocada em grandes linhas azuladas pela luz do *punch*, fazia lembrar um galeão de legenda, o pacote de Satã.

Algumas senhoras estavam vestidas de branco, e quando no círculo da valsa passavam sob a zona da luz, e eram envolvidas numa claridade fosfórica, os vestidos brancos tomavam tons espectrais, os cabelos louros luziam comum encanto morto, havia em tudo aquilo como uns longes de dança macabra...

Cármen estava possuída da mesma agitação da chama do *punch*, travava do braço a um, valsava com outro, escarnecia, tinha réplicas, batia o leque. D. Nicazio, esse ressonava perto da amurada. De vez em quando entornavam-lhe *punch* pela boca: ele abria uma fresta do olho:

– *Thank you, caballeros* – e adormecia.

– Onde está Captain Rytmel? – disse de repente Cármen. – Tragam-no... Quero valsar com ele.

Rytmel conversava com a condessa sossegadamente, longe da luz.

– Rytmel! Rytmel! – chamaram várias vozes.

Vimo-lo aproximar-se contrariado, mas rindo.

– Uma valsa! – gritou-lhe a espanhola)

A flauta começou: ela tomou os ombros do capitão, e despediram em grandes círculos; os vestidos de Cármen enchiam-se de ar, os seus cabelos desmanchavam-se; a luz do *punch* tremia; ao compasso rápido, os giros vertiginosos, enlaçados, pareciam voos, lembravam a valsa do diabo cantada por Byron. Ela vergava nos braços de Rytmel, com a cabeça errante, os olhos cerrados, os beijos entreabertos e húmidos.

– Bravo! Bravo! – gritavam os ingleses em roda.

A luz do *punch* erguia-se, balançava-se, valsava também. Cármen e Rytmel passavam como sombras, levados por um vento leve, cheios dos reflexos idealizadores da chama azul. O som frenético da flauta perseguia-os; parecia que eles iam voar, desaparecer entre as cordagens, dissipar-se na noite. Os ingleses gritavam, erguendo os chapéus.

– *Hip! Hip! Hip!*

Eu notava na condessa, entretanto, uma vaga sobre-excitação; estava observando de

longe com os olhos resplandecentes, o seio arquejante. Apenas a valsa findou, ela tomou o braço do capitão, e ouvi-lhe dizer numa voz grave e repreensiva:

– Não dance mais.

Fiquei surpreso. Que havia? Um segredo? Pois a condessa, tão altiva, tão casta, tão tímida!

Aproximei-me dela.

– Prima, é tarde. Não quer descer?.

Ela olhou-me serenamente, sorrindo.

– Não. Porquê?

E afastou-se com o capitão Rytmel para ao pé da tenda onde de dia se fumava, e agora deserta e quase escura.

Eu, maquinalmente, fui-os seguindo, cheguei-me imperceptivelmente pelo lado oposto, e quase sem querer ouvi.

O capitão dizia-lhe:

– Mas porque duvida? Eu desprezo aquela mulher. A nossa amizade nada perde, e nada sofre. Ela foi para mim um capricho, e historia de um momento. Agora nem uma recordação é...

Continuaram falando baixo, e melancolicamente. Eu fui encostar-me um momento à amurada. Erguera-se vento, e o vapor começava a jogar...

– Onde se some aquele capitão Rytmel? Desapareceu outra vez com a condessa, não viram? Vamos procurá-los.

Compreendi a traição. Corri rapidamente, sem ser percebido, à tenda *fumoir*, entrei, sentei-me num banco, conversando alto, ao acaso. A tenda estava apenas alumada por uma lanterna. A condessa ao ver-me aparecer assim tão bruscamente, fizera-se pálida de cólera.

Mas, nesse momento, chegavam alguns oficiais, gritando:

– Rytmel! Rytmel!

Eu adiantei-me, dizendo:

– Que é? Estamos aqui; não queremos dançar mais...

Os oficiais afastaram-se. A condessa percebeu que eu a tinha salvado de uma situação penosamente equivocada, e o seu olhar agradeceu-me, profundamente.

– Desça, condessa, desça – segredei-lhe eu.

Ela disse com um sorriso melancólico a Rytmel:

– Está frio, adeus!

Rytmel e eu voltámos para o grupo dos oficiais.

Eu queria vingar-me de Cármem; lembrou-me o torná-la o centro de ruído e de orgia.

– *Señorita!* – disse-lhe eu. – Cante-nos uma *seguidilla* ou uma *habanera!* Faz um belo efeito no alto mar. Estão aqui *gentlemen* que nunca ouviram a música dos nossos países.

– Sim, sim – gritaram todos. – Uma *seguidilla!*...

Ela queria recusar-se, descer ao beliche.

– Não, não, cante, *milady*, cante!

Os pedidos eram instantes e ruidosos. Ela cedeu, ergueu a voz, no meio do silêncio, acompanhada pelo monótono ruído do vapor e pelo vento crescente, e cantou com uma voz forte e lânguida:

A la puerta de mi casa

Hay una piedra mui larga...

Os ingleses estavam extáticos. No fim os aplausos estalaram como foguetes, encheram-se os copos, um gritou:

– Pela *señorita Cármén!* Hip! Hip! Hurra!

Os aplausos ecoaram no mar.

Ela estava extremamente embaraçada, compreendia que só, no meio daquelas aclamações de homens, a sua posição era equívoca e ousada.

– Ora vejam! – disse eu então, com uma bonomia mefistofélica. – É pena que as senhoras não ouvissem, e que estejamos aqui sós, entre rapazes, na pândega.

Cármén deitou-me um vivo olhar de ódio: eu estava vingado.

Um dos ingleses, no entanto, Mr. Redor, continuava erguendo o copo, cheio de *punch*:

– A Cármén Puebla! Hip! hip! hip!

– Hurra! – responderam os outros entusiasmados.

E o eco triste do mar, repetiu:

– Hurra!

Tocou uma sineta. Eram onze horas. Apagaram-se as luzes. Quase todos desceram rapidamente. Havia um forte vento de noroeste. O balanço do navio crescia. Navegávamos então à vista da terra de África. Quando a tolda ficou deserta, sentiu-se mais vivamente o vento uivar nas cordagens, e bater a grande pancada do mar.

De espaço a espaço a sineta marcava os quartos: e a voz melancólica do marinheiro de vigia, dizia, pausadamente:

– *All is well.*

Havia duas horas que eu tinha descido ao beliche. Estava naquela confusa penumbra que não é o sono, nem a vigília, mas um vago sonho vivo que se sente e que se domina; via a condessa passar numa nuvem com Rytmel, alegre, bebendo cerveja; via Cármén vestida de monge, dançando sobre a corda bamba; e estas visões confundiam-se com o balanço e com o bater da hélice.

De repente senti uma pancada pavorosa. O navio estremeceu, parou, ressoou um grande grito.

VI

Dei um salto, corri à porta do beliche:

– *Stewart! Stewart!*

O *Stewart*¹ apareceu esguedelhado, quase nu.

– Que é? Estamos perdidos? Batemos num rochedo?

– Não sei. Não há-de ser nada, o navio é seguro.

Ouvia em cima marinheiros correndo, o movimento que se faz num perigo.

«Estamos perdidos», pensei eu, vestindo-me com uma precipitação angustiada.

A cada momento esperava ver o navio descer, afundar-se, e uma enorme onda pesada entrar, alagar a cabina.

Corri à tolda. Giravam lanternas. Quase todos tinham subido: os vestidos brancos, os penteados das mulheres, davam aos grupos um vago mais lúgubre. A oficialidade estava impassível.

– Que foi? Que foi? – perguntei a alguém.

– Não se sabe, quebrou-se a máquina. Mas temos sobre nós um terrível vendaval...

– Estamos perdidos!

– O navio é seguro – respondeu o outro.

Ao lado diziam:

– O capitão devia deitar as lanchas ao mar.

O céu estava limpo: luziam estrelas. O vento assobiava mais forte. O navio tinha

¹ Criado dos quartos.

aquela oscilação lúgubre de bombordo a estibordo, que têm os grandes peixes mortos quando bóiam ao cimo da água. Olhei os astros, o céu impassível, a água negra – e senti um imenso desprezo pela vida.

Em rodado mim a cada instante ouviam-se versões contraditórias. Uns diziam que ficaríamos à *capa*, esperando firmemente o mau tempo; outros que o navio estava perdido... Um oficial disse ao passar;

– Oh, senhores! Isto não vale nada: conserta-se; já me aconteceu duas vezes de Adem a Bombaim.

Não havia a menor confusão; tudo continuava tão sereno e regular, como se caminhássemos num largo rio, à clara luz do Sol. O comandante, enfim, apareceu:

– Meus senhores – disse ele –, é apenas um contratempo. Houve um desarranjo grave na máquina. Não sei se poderei navegar. Com calma, talvez. Mas com o vento que vem sobre nós, é caso para um atraso de quatro ou cinco dias.

No entanto, o vento crescia. Havia por todo o mar flocos de espuma. Ouvia-se no horizonte um ruído surdo, como o marchar de mil batalhões.

A maior parte dos ingleses, pesados de sono e de vinho, tinham voltado para as cabinas, indiferentes ao perigo. Algumas *ladies*, transidas, mas graves, ficaram no convés.

Em baixo, os engenheiros e os maquinistas trabalhavam poderosamente, e sem cessar.

Captain Rytmel aproximou-se de mim.

– É um perigo, e é um perigo sem luta. Este imbecil deste comandante navegou de mais para sul. Estamos perto da costa de África. Se o vendaval nos apanha agora atira-nos para lá... Todavia, o nosso engenheiro de bordo, Persnester, é um homem de génio. Onde está a condessa?

Descemos à sala comum. A condessa lá estava encostada, à mesa, serena e pálida.

– Suba, prima, suba – disse eu. – Ao menos em cima vê-se o céu, a água e o perigo!

Vimos encostar-nos à amurada, agarrados às cordagens. As estrelas davam uma claridade nebulosa. As ondas profundamente cavadas, orladas de espuma, reluziam sob aquela luz vaga. O vento era terrível.

– Porque não deitam lanchas ao mar? – dizia a condessa. –Ao menos lutava-se, havia a coragem. Mas ser arremessado o paquete para a África como uma baleia morta!...

Ela quis passear, mas o movimento do navio era muito violento; era necessário encostar-se ao braço de Captain Rytmel. Eu dificilmente me equilibrava. A pancada da onda contra o costado tinha um som lúgubre. A sineta de bordo tocava com uma voz desconsolada as horas e os quartos. Tinham-se acendido mais faróis no alto dos mastros. O ruído do vento, de temeroso, parecia uma passagem violenta de almas condenadas.

Desci à câmara para beber conhaque, porque o frio era agudo. Cármén, sentada no sofá, no alto da sala, estava ali imóvel, com os olhos vagos, as mãos cruzadas.

– Morremos, hem? – perguntou ela.

– Tem medo? – disse eu.

– Um pouco, de morrer afogada. De uma bala ou de uma facada, não me custava. Mas aqui, estupidamente, neste antipático elemento, é cruel! Ao menos não morro só! Lá se vai a sua linda prima!...

– Porque odeia a pobre condessa? – disse-lhe eu, sorrindo.

– Eu! De modo algum. Acho-a piegas, detesto aqueles ares sentimentais, desonra a Península. Aí está.

– Não é isso: é porque supõe que Captain Rytmel se interessa de mais por ela.

– E que me importa a mim esse cavalheiro?

E deu uma curta risada.

No entanto, o ar abafado da sala, o movimento do navio perturbava-me. Subi à tolda.

A condessa e Rytmel não passeavam. Tinham-se sentado, segundo depreendi, debaixo da *tenda*. Eu, de pé, através da lona podia escutar, apesar do ruído do vento.

Uma curiosidade indomável, a necessidade de compreender a situação de espírito da condessa, a certeza de que estávamos na aflição de um perigo – e as acções humanas nesses momentos não se podem sujeitar ao critério da vida trivial –, tudo me levou a ir escutar, apesar das repugnâncias do meu carácter. Acerquei-me, fiz ouvido de espião.

Rytmel dizia:

– E custa-lhe morrer?

– Muito e nada – respondia a condessa. – Muito porque morre comigo o primeiro interesse que tenho na vida, que é a sua amizade; nada, porque, francamente, sou eu feliz?

– Se a minha amizade é para si um interesse profundo...

A condessa calou-se.

– Oh! compreendo-a bem – disse Rytmel. – Sabe porque não é feliz, apesar da minha amizade? E porque não é a minha amizade o que o seu coração precisa. Oh! Deixe-me falar. E o amor profundo, inalterável, onipotente, que esteja em todos os momentos da sua vida e em todas as ideias do seu espírito; que viva do prazer e viva do sacrifício; que seja a última razão da vida, a consolação, a esperança, o ideal absoluto; que pelo que há de mais ardente prenda os seus olhos, e pelo que há de mais elevado prenda a sua alma...

– Cale-se, cale-se – dizia a condessa. – É uma loucura falar assim... Vamos passear, vamos ver o mar.

O vento agora era terrível. O mar estava como água de sabão a perder de vista. O navio oscilava perdidamente e sem rumo. No entanto, na máquina trabalhava-se sempre.

Rytmel continuava falando à condessa.

– Cale-se, cale-se – dizia ela baixo e como vencida.

– Não; devo dizer-lho: esta palavra «amizade» é falsa. Daqui a duas horas talvez, estamos perdidos. Ao pé da morte a sinceridade é uma justiça. Digo-lhe. Amo-a. Não se erga. O vento levará consigo esta confissão. Amo-a. Se estamos culpados depois destas palavras, o mar é um bom túmulo e o mar lava tudo. Amo-a...

– Não diga isso. É um engano; é apenas simpatia. Demais, o amor a que nos levaria? Ou ao desprezo ou à tortura...

Eu ouvia mal. Eles falavam baixo. A tormenta chegava. O navio gemia lamentavelmente. As cordagens, que o vento quebrava de repente, assobiavam como cobras. Os marinheiros somam. Sentiam-se a voz do comando, os martelos, os trabalhos na máquina. Uma vaga entrou, alagou o convés.

De repente senti um movimento dentro da tenda: a condessa ergueu-se; a sua voz era alta e vibrante:

– Captain Rytmel, pensa em sua honra que vamos morrer?

– Penso, condessa.

– Pois bem, quero dizer-lho então: amo-o!

E depois de um momento:

– Oh! Amo-o – repetiu ela com uma explosão de paixão. – Já que tenho a certeza de que morro pura, quero morrer sincera. Adoro-o.

Neste momento um ruído estranho tomou o navio.

Percebi uma forte dominação de oscilação, uma resistência contra a vaga. Os movimentos da embarcação já não pareciam inertes. Via-se que ela tinha retomado a sua vitalidade... Então senti a hélice... a hélice! O navio movia-se. Via-se a onda esmigalhada pela proa. Caminhávamos! Eu saltei para a abertura que desce à máquina.

– Que é? – perguntei a um oficial que subia.

– Um milagre de Pernester!

Todos tinham corrido. Era uma ansiedade.

O capitão trepou rapidamente pela escada de ferro polida que do interior da máquina sobe ao pavimento do navio.

Estava radiante.

– Imaginem que Pernester...

– Sim, sim – interrompi –, mas então?

– Vamos a caminho. Agora sopra, tormenta, sopra! Amanhã estamos em Malta.

– Bravo, Pernester! Bravo! – gritavam todos.

O grande homem subiu a escada da máquina, ofegante, impassível, vermelho, grave, ainda com a gravata branca do jantar. Esponjou a calva, e disse num tom suave:

– *Noy, I should enjoy a nice glass of beer...*

VII

No dia seguinte chegámos a Malta. Era de noite, não havia estrelas. A água da baía estava imóvel e negra. Via-se defronte La Valeta, elevada como uma colina, ativa como um castelo, pespontada de luzes. Em redor do paquete as gôndolas corriam silenciosamente tendo à popa, esguia e alta, uma lanterna pendente. Havia um grande silêncio, uma suavidade inefável. Os gondoleiros remavam calados. Aquilo era doce e regular. Sentia-se o mistério italiano e a polida inglesa.

Desembarcámos: fomos para *Clarence-Hotel*, na Strada-Reale, defronte da célebre Igreja de S. João. Rytmel hospedou-se em casa dos oficiais ingleses. D. Nicazio e Cármén vieram para *Clarence-Hotel*, também. Os três primeiros dias em Malta foram ocupados em percorrer os monumentos: o palácio dos grão-mestres, os palácios chamados *Estalagens*, e que eram pertencentes às diferentes nacionalidades da ordem, as grandes ruas brancas, com elevadas e altivas casas no gosto da Renascença, e os arredores de Malta, Civita-Vecchia, Bengama, Boschetto, e a ilha de Calipso, que tem tantos encantos em Homem e que é um rochedo húmido, cheio de cavernas tenebrosas. Desde o primeiro dia, Rytmel e alguns oficiais iam jantar a *Clarence-Hotel*. A condessa comia sempre nos seus quartos. O ruído, a petulância da mesa, era Cármén. Deixara-se logo seguir sempre por um rapaz francês, espirituoso e ligeiro, louro e ardente, um Mr. Perny, *viajante por tédio*, dizia ele.

Cármén não se aproximava de Rytmel. Havia entre eles como uma separação combinada e discreta. Rytmel, pelo contrário, não se afastava de nós em todas as excursões ao campo, às fortificações, à baía; todas as noites nos acompanhava ao teatro. O conde tinha ficado logo cativado das grandes tranças louras de uma rapariga que nós víamos sempre na 1ª ordem do teatro, com a tez inglesa e os olhos malteses, de uma frescura de *miss* e movimentos de andaluza, e que era uma radiosa Mademoiselle Rize, dançarina em disponibilidade. De resto, o conde não podia separar-se de Rytmel.

Ali, em Malta, os movimentos da condessa e do oficial não estavam tanto sob o domínio da minha vista. Eu, às vezes, não via a condessa um dia, dois dias, absorto na companhia de alguns oficiais ingleses, em passeios no mar, no campo, em ceias e no jogo. Compreendia, porém, que aquela paixão da condessa a dominava absolutamente. Rytmel parecia-me também perdidamente namorado.

Não lhe quero dizer, senhor redactor, os raciocínios interiores, que me determinaram a ser indiferente àquela situação. Compreenderá claramente os motivos por que resolvi não saber, não olhar, não perceber, isolar-me numa discrição completa e delicada.

Pouco tempo depois de chegarmos a Malta, tínhamo-nos relacionado com Lorde Grenley, que estava ali passando o Inverno e curando os seus *blue devils*. Tinha vindo de Inglaterra num lindo iate, chamado *The Romantic*, que nós víamos todos os dias na baía

bordejar, fazendo reluzir ao sol os seus cobres polidos e o seu esbelto costado branco. Lorde Grenley ligara-se muito com o conde. Era também o Intimo de Rytmel.

Cármen tinha-se encontrado pouco com a condessa, a não ser no teatro, onde a crivava de olhares impertinentes, em plena e ativa indiferença da condessa. Cármen, irritada, não vivendo nas relações de *ladies*, não a encontrando, como nos sete metros do tombadilho do paquete, sob a acção dos seus largos gestos e das suas ásperas ironias, desforrava-se à mesa de *Clarence-Hotel*, envolvendo indirectamente Rytmel em toda a sorte de alusões e de palavras cáusticas. A sua última táctica era instigar sempre Mr. Perny contra o oficial, arremessá-lo contra todas as ideias, todas as opiniões de Rytmel; não sei se com a esperança perversa de um duelo, se apenas pelo gosto de o ver contrariado...

Um dia falava-se da Índia. Rytmel dizia a transformação fecunda que a Inglaterra lhe tinha feito. Uma grande risada interrompeu-o. Era Perny.

– Ri-se? – disse Rytmel, levemente pálido.

– Rio-me? Estalo de riso, tenho apoplexias de riso. Que *transformação fecunda* fez a Inglaterra à Índia? A transformação da poesia, da imaginação, do sol, numa coisa chata, trivial e cheia de carvão. Eu estive na Índia, meus senhores. Sabem o que fizeram os transformadores ingleses? A tradução da Índia, poema misterioso, na prosa mercantil do *Morning Post* Na sombra dos pagodes põem fardos de pimenta; tratam a grande raça índia, mãe do ideal, como cães irlandeses; fazem navegar no divino Ganges paquetes a três xelins por cabeça; fazem beber às *bayaderas*, *pale ale*, e ensinam-lhes o jogo do *cricket*; abrem *squares* a gás na floresta sagrada; e, sobre tudo isto, meus senhores, destronam antigos reis, misteriosos, e quase de marfim, e substituem-nos por sujeitos de suíças, crivados de dívidas, rubros de *porter*, que quando não vão ser forçados em *Botany-Bay*, vão ser governadores da Índia! E quem faz tudo isto? Uma ilha feita metade de gelo e metade de *ros-beef* habitada por piratas de colarinhos altos, odres de cerveja!

Captain Rytmel ergueu-se risonho, aproximou-se de mim, e disse:

– Peça-lhe que no fim do jantar pergunte àquele engraçado doido o seu lugar, a sua hora e as suas armas.

E foi sentar-se serenamente. Eu, à sobremesa, afastei-me com Perny, e transmiti-lhe as palavras do meu amigo.

Perny riu, disse que estimava os Ingleses, que apreciava os seus serviços na Índia, que tinha sido instigado por Cármen a contrariar Rytmel, que o achava um adorável *gentleman*, que pedia das suas palavras as mais humildes desculpas, que o seu lugar era por toda a parte, a sua hora sempre, as suas armas quaisquer...

– Mas, dadas essas explicações – disse eu –, nada temos que ver com as armas...

– Ah! perdão! – disse o francês – Há ainda uma pequena coisa: é que eu acho que o penteado do Captain Rytmel é profundamente ofensivo do meu carácter e da dignidade da França. Isto é que exige reparação.

Nomearam-se padrinhos nessa noite. Combinou-se que o duelo não fosse em Malta: Rytmel era oficial, e os duelos nas praças de armas têm as mais severas penalidades. Era difícil, porém, estando numa ilha inglesa, não se baterem em território inglês. Resolveu-se então que o duelo fosse no alto mar, a um tiro de canhão da costa inglesa. Lorde Grenley emprestou o seu iate e partimos de madrugada com um vento fresco e um sol alegre. As coisas foram rápidas. Pusemo-nos à capá a 5 milhas de Malta, arriámos o pavilhão inglês, a marinhagem subiu às vergas, e como havia igualdade de nível, um dos adversários foi colocado à popa e outro à proa. O sol dava-nos de estibordo. Eram 7 horas da manhã, pequenas nuvens brancas esbatiam-se no ar. O duelo era ao primeiro tiro, havendo ferimento grave. Lorde Grenley deu o sinal, os dois adversários fizeram fogo. Perny deixou cair a pistola, e abateu-se sobre os joelhos. Estava gravemente ferido com a clavícula partida. Foi

deitado numa cabina preparada. Levantou-se o pavilhão inglês e navegámos para Malta. Vinha caindo a tarde.

Eu dirigi-me logo aos quartos de D. Nicazio. Cármén estava só.

– Sabe o que fez? – disse-lhe eu. – Perny está ferido.

– Isso cura-se, eu mesma o curarei, agora o que é sério, é o que se está tramando aqui dentro deste hotel... Eu não sei bem o que é, desconfio apenas.. Diga ao conde que vigie a condessa!

Eu encolhi os ombros, sorri, dirigi-me ao quarto da condessa: estava o conde, Rytmel e Lorde Grenley. O ferimento de Perny fora declarado sem perigo, o capitão estava tranquilo.

Conversava-se alegremente. Combinava-se uma visita à ilha de Gozzo, a oito quilómetros de Malta. Grenley tinha proposto a excursão, e oferecia o seu iate. O conde esquivava-se, dizendo que o mar o incomodava, no estado nervoso em que estava.

– Menino, é aquela maldita Rize! –veio-me ele dizer em voz baixa. – Tenho-lhe para amanhã prometido um passeio a Bengama.

– Mas, então?

– Acompanha tu a condessa. Vai Grenley e Rytmel. Faz-me isto. Bem vês! Mademoiselle Rize é exigente, mas pobrezinha, dela, tem o sangue maltês!

Mais tarde, quando eu atravessava para o meu quarto, um vulto veio a mim no corredor e tomou-me pela mão.

– Escute – disse-me uma voz subtil como um sopro.

Era Cármén.

– Se é um homem de honra, cautela amanhã com o passeio a Gozzo.

E desapareceu.

VIII

No outro dia às seis da manhã fui a casa de Rytmel. A condessa havia estado durante a noite sob o domínio de uma extrema agitação nervosa, mas não queria renunciar ao passeio de Gozzo. Encontrei Lorde Grenley com Rytmel, tomando chá.

Pareceu-me pela fadiga das suas fisionomias, que se não tinham deitado: Lorde Grenley decerto que não, porque estava de casaca, como na véspera, e tinha ainda na *bontonnière* um jasmim-do-cabo, murcho e amarelado.

– Bonita madrugada! – disse Rytmel.

Tinham aberto a janela, o ar fresco entrava; nas árvores do jardim cantavam os pássaros.

– Adorável! – disse eu. – A condessa esteve toda a noite doente, mas não se transtorna o passeio.. Outra coisa: tem um revólver, Rytmel?

– Para quê?

– Disseram-me que era muito curioso atirar aos pássaros que se escondem nas cavernas, em Gozzo. Há um eco excêntrico. Precisamos de uma arma.

Rytmel deu-me um pequeno revólver marchetado.

– Leve-o: eu tenho as algibeiras cheias da álbuns e de canetas para tirar desenhos... Ah! Sabe que este Grenley não vai?

– Porquê? Como assim, Milorde?

– Um jantar oficial com o governador – disse Lorde Grenley –; é horrível. Tenho uma pena imensa...

Às sete horas fomos buscar a condessa. O marido acompanhou-nos até o cais Marsa-Muscheto.

Notei ao entrar no iate que a equipagem estava aumentada e havia um piloto árabe.

Largámos com um vento fresco, às oito horas da manhã; as gaivotas voavam em roda das velas, as casas brancas de La Valeta tinham uma cor rosada, ouviam-se as músicas militares, o céu estava de uma pureza encantadora.

A condessa, um pouco excitada, olhava com uma alegria ávida, para o vasto mar azul, livre, infinito, coberto de luz.

– O que são as mulheres! – pensava eu. – Esta, tão ativa e tão discreta, está encantada por se ver só, com rapazes, num iate, no alto mar. É para ela quase uma aventura!

Eu, confesso, estava embaraçado. A minha situação era um pouco pedante. Representar eu ali o marido, a família, o dever, diante de duas criaturas moças, belas, namoradas, e ser eu, aos vinte e quatro anos, ardente e apaixonado, o encarregado de fazer a polícia daquele romance simpático! *À la grace de Dieu!* O mar é largo, o céu profundo, a honra existe, daqui a duas horas estamos em Gozzo, passeámos, rimos, jantámos, e ao anoitecer, quando Deus espalhara seu rebanho de estrelas, voltaremos na viração e na fosforescência, calados, ouvindo o piloto árabe cantar as doces melopeias da Síria, ao ruído lânguido da maresia...

Rytmel tinha descido a dar as ordens para o almoço, A condessa ficara de pé, à proa, com um vestido curto de xadrez, botinas altas, envolta numa manta escocesa, de largas pregas. Nunca eu a vira tão linda.

Costeávamos Malta com vento oeste.

Aproximámo-nos da ilha de Cumino. Rytmel veio-nos dizer que deveríamos almoçar, e que ao fim de meia hora desembarcávamos em Gozzo, na Calle Maggiara; iríamos ver as curiosidades da ilha, tomaríamos a embarcar para tornear Gozzo, e ver as terríveis cavernas, onde o mar se abisma e se perde, e ao anoitecer tocaríamos o cais de La Valeta.

O almoço foi muito alegre. Havia champanhe, um rena adorável, um guisado árabe e um piano na câmara. Captain Rytmel, cujo aspecto me parecia ter uma preocupação inexplicável, fez ao piano depois do almoço intermináveis improvisações. Caminhávamos sempre. Casualmente, tirei o relógio, e tive um sobressalto! Havia duas horas e meia que tínhamos descido! Ora quando o almoço começara, faltava-nos meia hora para desembarcar em Maggiara! Porque seguíamos então? Subi rapidamente à tolda. O piloto árabe estava ao leme. Não se via quase a terra; íamos no mar alto, navegando com uma extraordinária velocidade sob o vento.

– Onde está Gozzo? – gritei ao árabe em inglês, depois em francês, depois em italiano.

O árabe nem sequer se dignou olhar-me. Neste momento Rytmel e a condessa subiam.

– Onde está Gozzo? – perguntei eu a Rytmel.

– Há talvez uma bruma – respondeu ele vagamente e voltando o rosto.

O horizonte, porém, estava limpo, puro, sem mistério, a perder de vista. Ao longe via-se uma sombra indefinida que denunciava a terra; e nós afastávamo-nos dela!

Corri à bússola. Navegávamos para oeste.

– Navegamos para oeste, Captain Rytmel! Afastamo-nos de Malta! Que é isto? Para onde vamos?

Rytmel olhou longamente a condessa, depois a mim e disse:

– Vamos para Alexandria.

Num relance compreendi tudo. Rytmel fugia com a condessa!...

Eu fitei Rytmel, e disse-lhe tremendo todo:

– Isso é uma infâmia!

Ele empalideceu terrivelmente: mas a condessa, interpondo

– se, com uma voz vibrante:

– Não! Sou eu! Sou eu que vou para Alexandria.

– Nesse caso sou eu o infame, prima.

Houve um silêncio. Os olhos da condessa estavam húmidos. Correu para mim, tomou-me uma das mãos, murmurou entre soluços:

– Que quer? Ninguém tem culpa. Amo este homem, fujo com ele.

Rytmel tomara-me a outra mão.

– Agora – dizia – é impossível voltar. É um passo dado, irreparável.

Eu estava sucumbido: aquela situação imprevista deixava-me sem raciocínio, sem voz, sem vontade.

Eu, amigo do conde!... Eu, cúmplice daquela fuga! Além disso, ali, no meio daqueles dois amantes encantadores, que me suplicavam apertando-me as mãos, eu sentia-me ridículo – e isto aumentava o meu desespero. A condessa, no entanto, continuava:

– Primo – disse ela – que importa? Estou desonrada, bem. sei. Mas que queria? Que eu ficasse ao lado de meu marido, amando este, numa mentira perpétua, vivendo alegremente instalada na infâmia? Essa situação nunca! É suja! Ao menos isto é franco.

Rompo com o mundo, sou uma aventureira, fico sendo uma mulher perdida, mas conservo-me para um só e sendo pura para ele.

– Captain Rytmel – disse eu –, então mande deitar uma lancha ao mar.

– Que quer fazer? – gritou a condessa.

– Eu? Ganhar a terra. Acha que também não é uma infâmia instalar-me neste navio?

– Está louco – disse Rytmel. – Há só um escaler a bordo. O vento cresce, o mar incha.

O escaler não se aguentará dez minutos.

– Melhor! Um escaler ao mar! – gritei eu.

– Ninguém se mexa! – bradou Rytmel.

E voltando-se para a condessa:

– Mas diga-lhe que é a morte! Que cumplicidade tem ele? Foi forçado, foi levado. Não responde por nada.

– Um escaler ao mar! – gritava eu.

Mas, de repente, Rytmel tomando um machado correu ao bordo de onde pendia o escaler, cortou as correias de suspensão; o barco caiu na água com um ruído surdo, ficou jogando sobre as ondas meio voltado, sobrenadando como um corpo morto.

Eu bati o pé, desesperado.

– Ah, que infâmia, Captain Rytmel! Que infâmia!

E por uma inspiração absurda, querendo desabafar, fazendo alguma coisa de violento, gritei para alguns marinheiros que estavam à proa:

– Há algum inglês aí que preze a sua bandeira?

Todos se voltaram admirados, mas sem compreender.

– Pois bem! – gritei eu. – Declaro que esta bandeira cobre uma torpeza, tem a cumplicidade da desonra, e que é sobre toda a face inglesa que eu cuspo, cuspiando no pavilhão inglês.

E, correndo à popa, cuspi, ou fiz o gesto de cuspir sobre a larga bandeira inglesa. Um dos marujos então decerto compreendeu, porque teve um movimento de ameaça.

– Ninguém se mova! – gritou Rytmel. – Eu sou o ofendido, meu amigo – disse ele com a voz sufocada –, tem razão; desde que abandonei Malta, deixei de ser oficial inglês. Sou um aventureiro. Esta bandeira, com efeito, não tem que fazer aqui!

Adiantou-se, arriou o pavilhão de tope da popa.

E numa exaltação tão insensata como a minha, arremessou o pavilhão ao mar; as ondas envolveram-no, e por um estranho acaso, no encontro das águas, a bandeira desdobrou-se, e ficou estendida sem movimento, serena, imóvel, à superfície do mar, até que se afundou.

Rytmel, então, por um impulso romanesco e apaixonado, tomou o lenço das mãos da

condessa, amarrou-o à corda da bandeira, e içando-o rapidamente, gritou:

– De ora em diante o nosso pavilhão é este!

Eu achava-me no meio de todas aquelas coisas violentas, como entre as incoerências de um sonho.

Num movimento que fiz, senti no bolso o revólver: não sei que desvairadas ideias de honra me alucinaram, tirei-o, engatilhei-o, brandi-o, gritei:

– Boa viagem!

– Jesus! – bradou a condessa.

IX

Rytmel precipitou-se sobre mim e arrancou-me o revólver.

Eu murmurei simplesmente:

– Bem! Será no primeiro porto a que chegarmos.

A condessa então adiantou-se, lívida como a cal, e disse (nunca me esquecerá o som da sua voz):

– Rytmel, voltemos para Malta.

– Voltar para Malta! Voltar para Malta! Para quê, santo Deus?

Eu interpus-me, disse as coisas mais loucas:

– Rytmel, dê-me esse revólver, sejamos homens. Que as nossas acções tenham a altura dos nossos caracteres. Nada mais simples. Nem a paixão pode retroceder, nem a honra condescender. A solução é a morte. Eu mato-te, fugi vós para bem longe...

Mas a condessa, que era a única que parecia ter ainda uma luz de razão dentro de si, repetiu, com a mesma firmeza, onde se sentia a dor oculta:

– Rytmel, voltemos para Malta.

Ele olhou-a um momento: a consciência da nossa odiosa situação pareceu então invadi-lo, subjugá-lo; vergou os ombros, obedeceu, foi dizer algumas palavras ao capitão do iate.

Daí a um instante corríamos sobre Malta.

Houve um grande silêncio, como o cansaço daquela luta da paixão. Rytmel passeava rapidamente pelo convés, e sob a serenidade do seu rosto, sentia-se a tormenta que lhe ia dentro.

– Aqui está! – disse ele de repente, parando e cruzando os braços, com um estranho fogo nos olhos. – Acabou tudo! Voltamos:

para Malta. Que mais querem? Que nos resta agora? Dizer-nos adeus para sempre, para sempre! Íamos a Alexandria; estávamos. salvos, sós, novos, felizes! E agora? Felicidade, amor, paixão, esperança, alegria, acabou tudo. Ah, pobre ingénuo! Falam-te na honra! Que honra a que me vai matar todos os dias, a que me arranca do meu paraíso, a que me toma o último desditoso! Honra!

Que me resta a mim? Uma bala na Índia. Morrer para ali, só, como um cão.

A condessa não dizia nada, com os olhos perdidos no mar.

E Rytmel vindo para mim, tomando-me o braço, com um gesto desesperado:

– Vês tu! Vês isto? Eu sofria tudo por ela: a desonra, a infâmia, o desprezo; abandonava o mundo, renegava a minha farda, queria a pobreza, o escárnio, tudo por ela. Diz-se a um homem – amo-te, vai-se fugir com ele, está-se num navio, e de repente, a meia hora da felicidade e do paraíso, quando já se não vê terra, vem um escrúpulo, uma mágoa, uma saudade do marido talvez, uma lembrança de um baile, ou de uma flor que ficava bem – e adeus para sempre! E quer-se voltar; e tu, miserável, sofre, chora, arrepele-te, e morre para aí como um cão. Meu amigo, eu não tenho voz, nem força: previna o piloto: a senhora

condessa tem pressa de chegar a terra!...

– William! William! – gritou a condessa, precipitando-se, tomando-lhe as mãos. – Mas tu não percebes nada? Em Malta, como em Alexandria, eu sou tua, só tua... tua diante de Deus, tua diante dos homens...

Neste momento ouviu-se a voz distante de um sino!

Eram os sinos de Malta. A terra ficava defronte.

A suavidade da hora era extrema; o ar estava inefavelmente límpido. Viam-se já as aldeias brancas, o altivo perfil de La Valeta, O Sol descia. Os seus últimos raios oblíquos faziam cintilar os miradouros. Distinguiam-se no cais os vendedores de flores. Duas gôndolas corriam para nós. Houve um grande ruído nas velas, assobios de manobras, o navio parou, e a âncora caiu na água! Tínhamos chegado. Os sinos de Malta continuavam repicando.

X

Quando desembarcámos corri ao hotel. O conde ainda não tinha vindo do seu passeio a Bengama com Mademoiselle Rize. Rytmel foi encerrar-se em casa, num triste estado de exaltação e de paixão.

Cármen veio logo procurar-me ao meu quarto. Entrou rapidamente, perguntou-me:

– Voltaram? Como foi?

– Sabia então alguma coisa? – interroguei admirado.

– Tudo. Por um acaso. Sabia que queriam fugir. Durante to. da a noite Rytmel andou fazendo preparativos. Era uma combinação de há três dias. Lorde Grenley sabia. E agora?

– Agora – disse eu – tudo terminou. A condessa naturalmente parte no primeiro paquete.

– Duvido. Mas se não partem, ha uma desgraça. É uma fatalidade, bem o sei, mas que quer? Amo aquele homem, amo Rytmel. Demais é uma obrigação, salvou-me a vida. É, sobretudo, uma paixão estúpida que me rói, que me mata. E ainda me não mata tão depressa como eu queria. Faço tudo para me matar. Ponho-me a suar, levanto-me e vou apanhar o orvalho para o terraço. Para que vivo eu? Vivía desta paixão. Cresceu desde que o vi agora. E diga-me quem o não há-de adorar? Às vezes lembra-me matá-lo!...

Conversámos algum tempo. A pobre criatura tinha nos olhos um fulgor febril, na face uma palidez de mármore. Eu procurei calmá-la. Começava a simpatizar com ela...

A condessa não saiu do seu quarto dois dias. Eu contei ao conde que ela tivera em Gozzo um susto terrível, porque tínhamos estado em perigo, na visita às cavernas da costa, onde a navegação é cheia de desastres. Estive quase sempre, depois, com Rytmel. Lentamente a esperança renascia no seu espírito. Acomodava-se, ainda que com certas repugnâncias, a uma situação mais racional, ainda que menos pura. Era um convalescente da paixão. E, ao fim de cinco dias, senhor redactor (tanto a natureza humana é cheia de conciliações!), ao fim de cinco dias a condessa apareceu no teatro fresca, radiante, e ao lado da brancura dos seus ombros reluzia nas dragonas de ouro de Captain Rytmel!

Entrámos então numa vida serena, sem romance e sem luta. Os corações tinham calgado, e falavam baixo. O conde passeava no campo com Mademoiselle Rize; Lorde Grenley fumava, cheio de tédio, o seu cachimbo de ópio; eu jogava as armas com os oficiais ingleses; D. Nicazio negociava; Rytmel tinha um ar feliz e misterioso; a condessa recebia, guiava os seus pôneis, e todas as noites, no teatro, fazia reluzir ao gás o louro esplendor dos seus cabelos e a palidez preciosa das suas pérolas. Santa paz!

O tempo estava adorável. Malta resplandecia, abafa reluzia ao sol, os jardins floresciam, os olhos das maltesas suspiravam. Era o tempo das flores da laranjeira. Só

Cármén emagrecia e vivia retirada.

Mr. Perny entrava em convalescença; passava o tempo deitado num sofá, de dia compondo uma ópera cómica, à noite jogando com alguns oficiais, e salpicando a gravidade britânica de calemburgos bonapartistas.

Uma ocasião, ao sair de casa dele, onde tinha perdido algumas dúzias de libras, recolhia eu a *Clarence-Hotel*, levemente irritado, e sentindo um prazer excêntrico em cantar o *fado* pela ruas de Malta, a mil léguas do Bairro Alto. O pavilhão que nós habitávamos em *Clarence-Hotel* dava sobre um jardim todo escuro de árvores e de moitas de flores.

Ordinariamente o conde e eu entrávamos pelo jardim. Tínhamos uma pequena chave que abria a portinhola verde, no muro, todo coberto de musgo e de copas de arbustos orientais. Nessa noite, ao abrir a porta, cantando em voz alta, senti sumir-se rapidamente na espessura das folhagens um vulto. O ar estava sereno, acendi um fósforo, e àquela luz trémula, entrei na sombra, para descobrir o vulto, entre as ramagens. Mas a pessoa, vendo-se seguida, e sentindo a impossibilidade de se esquivar rapidamente, retrocedeu, com uma naturalidade visivelmente artificial, e proferiu o meu nome. Era Cármén.

– Que faz aqui? – disse eu.

– Mato-me. Não lhe disse que, sempre que suava de noite, me erguia e vinha apanhar o orvalho?

Mas ela estava completamente vestida de seda preta, e tinha até sobre os ombros uma larga capa escura, de forma árabe, com grande capuz!

– Ah! minha cara – disse eu –, mata-se, mas é de amores. A esta hora, com essa *toilette*, neste jardim, com este aroma de laranjeiras!... Que história me vem contar de orvalhos e de suor?...

– Digo-lhe a verdade. Imagina que eu não preferiria aqui nesta sombra encontrar alguém?...

– E D. Nicazio? Peça a D. Nicazio que lhe faça a corte, que lhe dê uma serenata, que suba por uma escada de corda, que a seduza neste jardim...

Enquanto eu falava, davam horas na Igreja de S. João, e Cármén mostrava uma agitação impaciente. A todo o momento olhava para a porta do jardim, torcendo freneticamente uma luva descalçada.

Eu compreendi que ela esperava *alguém*. Alguém, isto é, *el querido, el precioso, el saleroso, el niño* de toda a legítima andaluza. Afastei-me discretamente, como um confidente, e no momento que pisava a rua areada que levava ao pavilhão, senti a porta do jardim ranger com uma ternura plangente.

«É ele», pensei eu. «É o *niño*. Pobre Cármén! Bebe vinagre, apanha os orvalhos por causa de Rytmel, e mal chega a noite, não pode ser superior a vir receber debaixo das laranjeiras algum cabeleireiro francês com voz de tenor, ou algum tenor maltês com bigodes de cabeleireiro.»

Subi ao meu quarto, mas não tinha sono; a noite era suave e lânguida, mordida-me uma áspere curiosidade, e com a astúcia de um ladrão napolitano, descí as escadas, costeei o muro do jardim, debrucei-me, espreitei, e vi Cármén. estava só! Extrema surpresa!

– E *el querido*? – perguntei-lhe eu rindo.

Ela voltou-se em sobressalto e perguntou-me com a voz agitada:

– Qual *querido*?

– O que entrou agora?

Não entrou ninguém.

– Eu vi.

– Conheceu?

– Não, onde está?

– Abriu as asas, voou! – disse ela rindo-se e afastando-se em direcção aos seus quartos.

– Diabos! – pensei eu. – É uma segunda edição da Torre de Nesle. Recebe-os, parte-os aos bocadinhos e enterra-os na areia!

No entanto, tinha a curiosidade excitada. *Alguém* tinha entrado misteriosamente, com uma chave falsa decerto, porque só o conde e eu tínhamos a chave daquela porta do jardim. Mas onde estava esse *alguém*? Teria entrado, e saído logo? Nesse caso não era uma entrevista de amor! Mas se não era um segredo de coração, para que era o mistério, a hora escura, o silêncio, a chave falsa?

Alguém teria ficado escondido no jardim? Corri-o todo, arbusto por arbusto, jasmim por jasmim. Estava deserto.

Deitei-me preocupado com aquela aventura. No outro dia, ao almoço, um criado em voz alta declarou que se tinha achado no jardim um pequeno punhal e que o hóspede a quem ele pertencesse o reclamasse em baixo, no *office*. Era um punhal de forma curva como se usa no Indostão. Tinha sido encontrado numa moita de buxo, de tal sorte que não parecia perdido, mas voluntariamente arremessado. Ninguém reclamou o punhal.

Tudo isto me causava uma singular curiosidade.

– Diabo! – dizia eu comigo. – Estamos em terra italiana, apesar da polícia inglesa, e é provável que apesar da muita cerveja que habita Malta, ainda por aí haja alguma *água tofana*. Sejam prudentes.

Na noite seguinte, pela uma hora, eu, sentado à minha secretária, escrevia para Portugal, quando senti no corredor passos rápidos, e a porta abriu-se violentamente.

Abafei um grito de tenor. De pé, à entrada do quarto, lívida, com os cabelos desmanchados, um penteador branco cheio de sangue, estava a condessa.

– Que foi? – bradei.

Ela tinha caído num sofá, muda, com os olhos fixos, meio loucos, os dentes trémulos.

Eu borrifava-a de água, tomava-lhe as mãos, falava-lhe baixo, e perguntava-lhe, aterrado, dando-lhe os nomes mais doces para a serenar:

– Que foi, minha querida, que foi?

Via-lhe os vestidos cheios de sangue.

– Feriram-na?

Ela fez um gesto negativo.

– Então? Então? – disse eu.

A pobre senhora queria falar, erguia-se, sufocava, ansiava, parecia numa agonia.

De repente, atirou-se aos meus braços e desatou a chorar.

– Fale, diga... – insistia eu.

– Mataram-no – disse ela.

– Mataram quem?

– Rytmel!

– Como? Onde?

– No jardim... Vá!

XI

Corri ao jardim. Os meus passos, instintivamente, apressaram-me para o lado da pequena porta verde aberta no muro.

Estava aberta. Ao lado, junto de uma moita de baunilhas, estendido no chão, levemente apoiado no cotovelo, vi Rytmel.

– Então? – gritei-lhe, abaixando-me ansiosamente para ele.

– Só ferido.

– Como? Onde?

Não respondeu, os olhos cerraram-se-lhe e desfaleceu sobre a relva.

Corri ao tanque, trouxe um lenço ensopado em água, molhei-

– lhe as faces e as mãos: a ferida era na parte superior do peito, do lado direito, por baixo da clavícula. Vi que não era mortal.

Eu estava numa extrema hesitação. Para onde levar aquele homem?

O mais racional era conduzi-lo a um quarto do hotel; mas isso era dar ao facto uma publicidade ruidosa, fazê-lo cair sob o domínio da polícia, arrastar até à acção dos tribunais ingleses o nome da condessa. Porque eu tinha compreendido tudo. Sabia agora, bem, quem na véspera entrara rapidamente pela porta verde com uma chave falsa. Sabia bem a quem pertencia o punhal índio achado nas moitas de buxo. Compreendia a comoção de Cármén, quando eu a surpreendera ali, no jardim, embuçada num *burnous*, esperando. E compreendia, desgraçadamente, a que quarto se dirigiam os passos de Rytmel dentro do jardim de *Clarence-Hotel*.

Era, pois, necessário encobrir aquela aventura. E Rytmel, apesar dos obscurecimentos do desmaio e da dor, tinha-o pensado também, porque me disse com uma voz expirante:

– Escondam-me em qualquer parte!

Sai logo à rua. Passava um daqueles canos ligeiros, de um só cavalo, que percorrem, com extrema velocidade, e com imensa doçura, as mas inclinadas de La Valeta. O *vetturino* era italiano. Falei-lhe vagamente num duelo, dei-lhe um punhado de xelins, ameacei-o com os *policemen*, e pu-lo absolutamente ao serviço do meu segredo.

Colocámos Rytmel no cano; com mantas fizemos-lhe uma espécie de ninho, cómodo e mole, e o cavalo trotou, rapidamente, pela Rua de S. Marcos, para casa de Rytmel. Aí grande rumor entre os oficiais ingleses. Eu contei uma incoerente história de assalto ao florete, em que a minha arma, subitamente, se tinha desembolado. A história era inaceitável; mas era fácil compreender que havia por trás dela um segredo delicado, e isto era o bastante para a activa reserva de *gentlemen*.

Rytmel, aos primeiros curativos, serenou e adormeceu.

Tudo tinha sido feito em silêncio, despercebidamente. Fui tranquilizar a condessa. Eram três horas da noite. Havia temporal, e eu sentia quebrar o mar nas rochas da baía. Tudo dormia em *Clarence-Hotel*.

– Agora nós! – disse eu. E dirigi-me ao quarto de Cármén.

Havia luz. Abri a porta, corri o reposteiro, entrei. A luz era frouxa, desmaiada. Ao princípio não distingui ninguém e ouvi apenas soluçar. Enfim sobre um sofá, deitada, enroscada, sepultada, vi Cármén, com a cabeça escondida, o penteado solto, coberta de sangue e abraçada a um crucifixo. Ao pé, sobre uma mesa, havia uma garrafa de conhaque e um pequeno frasco azul facetado. Quando sentiu os meus passos no tapete, Cármén levantou-se um pouco no sofá. Naquele momento a sua beleza era prodigiosa.

Tinha os cabelos soltos: os olhos reluziam como aço negro, e o penteador, aberto sobre o peito, deixava ver a beleza maravilhosa do seio.

Confesso que não foi a ideia da vingança e do castigo que me tomou o espírito diante daquela mulher tão terrivelmente possuída da paixão. Lembraram-me as figuras trágicas da arte, Lady Macbeth e Clitemnestra, e tanta beleza, tanto esplendor, fizeram-me subir ao cérebro um vapor de amores pagãos.

Ela tinha-se erguido e, com uma voz seca:

– Que quer?

Eu fiquei calado.

– Bem sei. Vem buscar-me. Fui eu que o matei. Está aí a polida, não? Estou pronta. É

pôr um xaile.

– Ninguém o sabe – disse-lhe eu baixo, e, sem saber porquê, comovido.

– Que me importa? Não o oculto. Matei o meu amante. Fui eu. Ah! Pois quê? Nós outras damos a nossa vida, a nossa paixão, a nossa alma, entregamos todo o nosso ser, pomos nisto toda a nossa existência, a nossa honra, a nossa salvação na outra vida, e lá porque vem outra que tem os cabelos mais louros ou a cinta mais fina, adeus tu, para sempre! Olá, criatura! Desprezo-te, tu foste para mim o momento, o capricho, a *futilidade*. Ah! Sim? Então que morra. Que quer mais? Vá buscar os *policemen*.

Eu disse-lhe então, em voz baixa:

– Fui encontrá-lo banhado em sangue.

Ela olhou-me desvairadamente um momento, e de repente, arremessando-se sobre o sofá, abraçou-se ao crucifixo e com grandes lágrimas, com um delírio de soluços:

– Ah, meu Deus, perdoai-me! Perdoai-me, Jesus! Perdoai-me! Fui eu que o matei! Estou doida decerto. Pobre Rytmel! Rytmel! Rytmel da minha alma! Não o torno a ver, não lhe torno a falar! Acabou-se para sempre!... Jesus, o que eu sinto na cabeça!... Em Calcutá adorou-me, aquele homem. Ajoelhava aos meus pés, eu queria morrer por ele. Diga-me, escute: enterraram-no? Está muito ferido? Eu não o feri no rosto? Não, isso não! Vá depressa. Vá buscar a polícia!... Mas, porque me não prendem? Ah, meu pobre Rytmel! Eu morro, eu mono, eu morro! Daqui a pouco começam a tocar os sinos!

Ergueu-se com gestos de louca, foi ao espelho, compôs o cabelo com ar desvairado, e de repente voltou a abraçar, apaixonadamente, o crucifixo negro.

– Escute – disse-lhe eu. – Rytmel não morreu.

– Não morreu? – gritou ela.

De repente, arrojou-se aos meus braços, que a ampararam, tomou-me a cabeça entre as mãos, e fitando-me com uma grande angústia.

– Diz-me: não morreu? Está salvo?

– Está – disse eu.

– Juras?

– Juro.

– Quero vê-lo, quero vê-lo já – gritou ela. – O meu xaile, o meu xaile! Procure-me aí o meu xaile. Aposto que não lhe fizeram bem o curativo... Positivamente não lho fizeram! Se não lhe acudo! Que diz ele? Chora? Pobrezinho! Adormeceu? Onde é a ferida? Maldita seja eu! Maldita seja eu!

Com uma exaltação delirante procurava abrir as gavetas, derrubava os móveis, arremessava as roupas, falando, gesticulando, e às vezes cantando.

– Meu Deus, faz-se tarde! Que ando eu a procurar? Que horas são? Ele falou no meu nome?

Veio tomar-me o braço:

– Vamos.

– Onde?

– Vê-lo. Quero vê-lo. Quero! Não me diga que não. Quero pedir-lhe perdão, amá-lo, servi-lo, ser a sua criada, a sua enfermeira...

Parou, e, desprendendo-se do meu braço:

– E a outra? Não a quero ver lá! Ela está lá? Não quero que ela o trate. Mato-a, se a vejo. A outra, não, não, não! Não a deixe chegar ao pé dele. Peço-lhe a si. Não, não a deixe chegar. Eu só, só eu basto.

Subitamente cerrou os olhos, estremeceu, deu um grande suspiro, e caiu no chão imóvel.

Levantei-a, deitei-a no sofá, borrifei-a de água; e ela com uma voz expirante:

- Eu morro! Eu morro... Chame um padre. Não lhe tinha dito... Envenenei-me.
- Envenenou-se? – gritei aterrado.
- Naquele frasco, ali!

XII

O médico, apressadamente chamado, declarou que não havia perigo. Cármén tinha tomado o veneno num preparado fraco, e numa porção diminuta. Podia, porém, recluir-se que a sua extrema susceptibilidade nervosa, a exaltação do seu espírito, provocassem uma febre cerebral. Mas, ao despontar do dia, adormeceu, vencida por uma prostração absoluta, em que a vida só se fazia sentir pelos ais soluçados que se lhe desprendiam do peito.

Fui então ver a condessa. Não se tinha deitado. Ficara embrulhada num xaile, sentada aos pés da cama, numa atitude absorta de dor e de inércia que me encheu de piedade. Era dia. Mas as janelas conservavam-se fechadas, e as luzes ardiavam melancolicamente. As jarras estavam cheias de flores.

Sobre uma pequena mesa havia um serviço de chocolate, de porcelana azul, para duas pessoas. O chocolate tinha arrefecido, as flores murchavam.

– Então? – disse ela quando me viu.

– Então! Ele está curado, e bom num mês. A condessa deve partir dentro de quinze dias.

– Ao menos quero dizer-lhe adeus... um momento, um instante que seja! Não me pode impedir isto: não me impeça, não?

– De modo algum, prima. Eu mesmo lhe facilito.

– E ela?

– Ela, minha prima? Entrei no quarto dela para a arrastar ao primeiro *policeman* que passasse. Sai jurando que em toda a parte aquela mulher me havia de achar ao seu lado para defender e, se ela o quisesse, para a amar.

– Tem talvez razão: é uma verdadeira mulher.

– É mais do que isso, minha prima... Se alguma vez a paixão se encarnou neste mundo num aspecto divino foi naquela mulher. É a deusa da paixão. De resto tem a grande qualidade: – a lógica.

Eu, na realidade, tomara por Cármén uma grande admiração! Eu, que na sua saúde, e na sua beleza feliz, nunca lhe dissera uma palavra galante, era agora, nas suas horas de dor e doença, o seu fiel *cavalliere serviente*. Vi-a convalescer sob os meus cuidados. D. Nicazio tinha ido para Sicília. Sustentei os primeiros passes que ela deu no seu quarto, extremamente magra, como olhar quebrado, uma transparência mórbida na fisionomia, e a imaginação doente.

Começou logo a entregar-se alongas orações, a leituras piedosas. O seu intento era entrar num convento em Espanha, e ali, matar o seu corpo na penitência e na dor. Passava agora os dias nas igrejas. Estava mudada nos seus hábitos e nas suas maneiras. A sua beleza mesmo tomava uma expressão ascética. Tinha-se verdadeiramente desligado do mundo. Às vezes olhava-me, e dizia de repente, lembrando o convento:

– É triste! Aos vinte e oito anos!

Mas a exaltação religiosa retomava-a, e então perdia-se em esperanças, ideias de uma redenção pela oração, pelo jejum, pelo silêncio e pela contemplação. Naquele espírito visitado por todas as paixões, e sempre numa vibração exaltada, entrava por seu turno e sombrio catolicismo espanhol, e vende o lugar deserto das outras ideias do mundo, acampava lá serenamente.

Um dia pediu-me para ir ver Rytmel antes de partir para Espanha.

– É como irmã da caridade que o quero ver!

Levei-a a casa de Rytmel, uma noite. O quarto estava mal iluminado pela desmaiada luz de velas de estearina. A palidez de Rytmel era dolorosa sobre a brancura do seu travesseiro. Cármén entrou, arremessou-se de joelhos ao pé da cama dele, tomou-lhe uma das mãos e ficou ali soluçando longo tempo. Rytmel chorava também.

Eu tinha-me encostado à parede, e sentia invadir-me uma tristeza, profunda e insondável come a noite. Um vizinho, cuja janela abria para o estreito pátio, para onde dava também a janela de Rytmel, tocava nesse momento na sua rabeca, com uma melancolia plangente, a valsa do *Baile de Máscaras*, que, sendo doce e tenebrosa, desperta não sei que ideias de festa e de morte, de amor e de claustro.

Rytmel queria levantar Cármén, falar-lhe. Mas ela estava prostrada, com o resto escondido na beira de leito, soluçando; e apenas a espaços dizia:

– Perdoe-me, perdoe-me!

Rytmel, por fim, com uma ternura insistente, ergueu-a, tomou-a nos braços, e disse-lhe as coisas mais elevadas e mais doces; e com uma meiguice e um encanto infinito beijou-a nos olhos.

A pobre criatura corou, eu senti renascerem-se as lágrimas. Querido e pobre Rytmel! como ele teve naquele momento a ternura ideal, e o divino encanto do perdão!

Ela, com uma simplicidade, em que já se sentia a imensa força interior que lhe dava a fé, falou a Rytmel de Deus, do convento em que queria entrar, da ordem que preferia, com palavras naturais e tocantes, que nos enchiam de mágoa. Por fim beijou a mãe do seu amante.

– Adeus – disse ela. – Para sempre! Rezarei por si.

E ia sair, devagar, sucumbida, quando de repente, à porta do quarto, parou, voltou-se, olhou-o longamente os olhos encheram-se-lhe de uma luz sombria e terrivelmente apaixonada; o peito arquejou-lhe; empalideceu, e com os braços abertos, és lábios cheios de beijos, num ímpeto da sua antiga natureza, correu para se atirar aos braços dele com o frenesi das velhas paixões. Mas quando tocou no leito, estacou, caiu de joelhos, e num grande silêncio e num grande recolhimento beijou-lhe castamente os dedos! Depois tomou-me o braço, e saímos.

Ao outro dia chamou as criadas, e repartiu por elas todos os seus vestidos, rendas e *toilettes*. Deu as suas jóias a um padre inglês para as distribuir pelos pobres. Frascos, bijutarias, essências, tudo destruiu. Confessou-se, esteve todo o dia rezando na igreja de S. João e preparou-se para partir. Todos os que a conheciam choravam.

A noite, quando fazia a sua pequena mala, mandou-me chamar, fechou a porta do quarto e entregou-me o seu testamento, para eu o deixar depositado em Malta, de sorte que D. Nicazio o recebesse à sua volta da Sicília. Deixava-lhe tudo.

Depois foi silenciosamente ao espelho, tirou uma rede da cabeça e o seu imenso cabelo caiu, quase até ao chão, em grossos anéis, esplêndido, forte, imenso, e de uma poesia sensual.

Tomou uma tesoura, e febrilmente, a grandes golpes, abateu aquelas tranças admiráveis, que teriam sido uma glória pública no tempo da Grécia.

Eu estava absorto pela beleza, magoado como desastre. Parecia-me já aquilo o começo do claustro.

Cármén apanhou o cabelo caído, embrulhou-o num lenço, e, entregando-mo, disse:

– Guarde essa lembrança. É a verdadeira Cármén, a outra, que eu lhe deixo aí. Agora peço-lhe uma derradeira coisa. Prepare tudo e leve-me a Cádiz. Amanhã... é possível?

– Amanhã, não; mas dentro de uma semana, juro-lhe, teremos visto do mar as montanhas de Valência.

Ela, no entanto, passava rapidamente as mãos pelos cabelos, dando-lhes uma feição masculina. Era encantadora assim. A sua beleza tomava uma expressão ingênua de um extraordinário mimo. Ela sorria ao espelho, eu olhava-a, e ia, entre as duas luzes, a sua imagem, como num leve vapor azulado e luminoso. Ela, lentamente, esquecida, tinha tomado o pente e compunha o jeito do cabelo. Eu, por trás dela, sorria. Lia, no enlevo do espelho, na surpresa de se achar linda com o cabelo cortado, sorria também. parecia-me ver-lhe as faces tomarem a cor da vida e o seio a ondulação das paixões. Ia dizer-lhe alguma coisa doce, chamá-la ao mundo... De repente arremessou o pente, e, curvando a cabeça, foi silenciosamente ajoelhar diante de uma cruz grande, que havia junto do seu leito, e sobre a qual agonizava um Cristo com a cabeça pendente, a testa gotejante, os braços distendidos, o peito constelado de chagas!

XIII

Daí a doze dias, a condessa e o conde voltavam no paquete da Índia a Gibraltar. O conde partia triste: Mademoiselle Rise ficava, e o Chiado esperava-o! Demais, o estar só com a condessa embarçava-o; as melancolias dela, as suas lágrimas inexplicáveis, a sua palidez apaixonada, toda a incoerência do seu carácter, que aquele excelente libertino explicava pelo nervoso e pelo histerismo, davam-lhe uma certa fadiga enfatiada, e, como ele dizia, embirrava com romantismos. A condessa, essa, partia resignada:

Rytmel, depois da sua convalescença, iria para a Itália, para aquecer as suas forças ao sol de Nápoles, e mais tarde, em Paris, e depois em Lisboa, teriam alguns meses livres, para, como diziam os antigos poetas, os tecerem de ouro, seda e beijos.

Foi com saudade que os vi embarcar. Eu ali ficava para cumprir uru dever melancólico: acompanhar a Cádiz aquela infeliz Cármen, ainda há pouco de uma beleza tão radiante, e agora vencida pelas amargas penitências.

Lorde Grenley, que ia para Cádiz dentro de quatro dias, tinha-nos oferecido, a Cármen e a mim, o seu iate. Aceitei com alegria. Era um transporte cómodo e livre, e Lorde Grenley uma companhia simpática, porque me assustava a ideia de ver, durante uma longa viagem no mar, a debilidade de Cármen estiolar-se ao meu lado. Enfim, uma tarde partimos.

Era ao escurecer, o céu estava nublado, quase chuvoso. Cármen ia profundamente doente. Magra, transparente, lívida, sem poder sustentar-se, sem dormir, alimentando-se quase só de chá, a sua vida parecia estar a todo o momento a passar os limites humanos. Não erguia os olhos dos seus livros de orações. Aquela exaltação a que faltava a terra procurava febrilmente todos os caminhos do Céu.

Foi com uma grande tristeza que vi Malta sumir-se nas brumas da noite. Nunca mais tornaria a ver aquela branca cidade. Não fora ali feliz. Mas amámos todos aqueles lugares em que por qualquer sentimento ou por qualquer ideia a nossa natureza palpitou fortemente. E ali tinham ficado lágrimas minhas.

Logo no primeiro dia de viagem, Cármen esteve expirante. Havia um forte balanço. Ornar era grosso, e nós receávamos mau tempo quando nos avizinhássemos das correntes do golfo de Lião.

Cármen quase sempre queda estar na tolda, ao ar, ao sol, vendo o mar. Arranjava-se-lhe uma cama; e ali ficava, olhando, cismando, sofrendo, e conversando com o capelão de Lorde Grenley, velho cheio de unção, que tinha um encanto singular falando das coisas do Céu. Aquela cena era profundamente triste sobretudo de tarde; o Sol caía, a imensa sombra começava a cobrir o mar; Cármen falava baixo; nós, em redor, escutávamo-la; ou calados, seguíamos ocorrer da maresia, olhávamos o fim da luz. Um marinheiro escocês vinha às vezes cantar as árias das suas montanhas, cantos de uma tristeza suave e larga como a vista

de um lago.

Ao terceiro dia de viagem, Cármén, subitamente, teve um grande acesso de febre e quis confessar-se. O médico disse-nos que ela não chegada a ver as montanhas da Espanha. Que horas dolorosas! Não imagina, senhor redactor, que intensidade têm, na vasta extensão das águas, as dores humanas! Junta-se-lhes o sentimento da imensidade, e não sei que terrível instinto do irreparável.

A confissão de Cármén foi longa. Quando terminou quis falar-me.

– Adeus – disse-me ela. – Vou morrer.

Disse-lhe que não, quis dar-lhe esperanças efémeras.

– Não, não – respondeu ela –, nada de enganar. Tenho coragem. Quem a não tem para ser feliz? Chame Lorde Grenley.

Começou então diante de nós a falar da sua vida. Disse-nos qual fora a sua mocidade, os desvarios do seu coração, a exigência das suas paixões, e falou-nos da sua ligação com Rytmel, com elevação, como de um sentimento quase legítimo. Não teve uma queixa, uma saudade, um desdém. As Últimas palavras da sua vida eram dignas. Depois tirou um rosário do seio.

– Veio de Jerusalém – disse-me – dê-lho a *ela*.

Eu tinha os olhos humedecidos. Cármén, entretanto, <empalidecia terrivelmente.

– Levem-me para cima, quero ver o mar, quero ver a luz.

Era uma manhã nebulosa e triste. O mar estava mais sereno. Colocámos Cármén cuidadosamente sobre almofadas e mantas, voltada para Malta. Lá tinha ficado a sua vida. Esteve muito tempo calada, com as mãos cruzadas.

– Que terra é aquela? – perguntou mostrando, com a mão trémula, uma linha escura no horizonte.

– A África – respondeu Lorde Grenley.

Ela ficou olhando vagamente:

– Fui uma vez a Tânger – disse com uma voz lenta –, era nova então! Era feliz! Estava um dia lindo... Era em Maio...

Calou-se. E voltando-se para mim:

– Faz agora meses que passámos nesta altura, lembra-se? E aquele *punch* a bordo do *Ceilão*? Quando eu cantei uma *habanera*! Eu cantava então... O que é ser alegre! Tudo acabou, nunca mais! nunca mais!

E como falando consigo mesmo:

– Tanta paixão, tanta inquietação! E aqui está: venho morrer só, no meio deste mar. Pobre de mim! E no fim, se eu em nova, em solteira, o tivesse encontrado, a ele... Eu pedia pouco então: um coração leal. Tive gostos simples sempre. As loucuras vieram depois... O marinheiro que canta as árias escocesas, onde está? Chamem-no. Não, não o chamem que me vai fazer chorar.

Nós escutávamo-la; a sua alma falava como um pássaro canta ao morrer. As nuvens desfaziam-se, o azul aclarava, ia aparecer o sol.

– Vejam isto – continuou ela. – Em nova diziam-me *és bonita, amo-te!* E agora que morro aqui, quem se lembra de mim? Os que me conheceram onde estão? Uns mortos, todos esquecidos. Estão agora alegres, amam outras, vão para os teatros. E eu estou aqui a morrer. E *ele*? Lembrar-se-á de mim? Também não. Choro, choro, quando penso que o não vejo, que não está aqui, que morro e que ele se não lembra de mim!

E soluçava, com a cabeça escondida no travesseiro.

– Rytmel é uma alma nobre. Estima-a, creia...

– Mas esquece-me! – dizia ela suspirando e limpando os olhos. – De resto, de mim ninguém se lembra. Eu não sou uma mulher de quem se seja enfermeiro. «Estás boa? Estás

alegre? Amo-te». «Estás a morrer? Vai-te fazer enterrar para outro sítio.» É bem triste este mundo!

Lorde Grenley, com os olhos rasos de água, mordida convulsivamente o seu cachimbo.

– Guarde bem os meus cabelos, sim? – dizia-me ela. – Diziam que eram bonitos. Se eu por acaso não morresse, havíamos de ir todos a Sevilha. Que lindo que é Sevilha. A tarde, nas *Delícias*, todo o mundo traz um ramo de flores.

De repente abriu demasiadamente os olhos como diante de uma coisa pavorosa: levou as mãos à face, gritou:

– Meu padre, meu padre, tenho medo. Não é já o castigo, não? Se caio no Inferno, meu Deus!

– O Inferno é uma visão, minha pobre senhora! – dizia o capelão. – Os castigos de Deus não são feitos com o fogo.

– Tem razão, tem razão. Sinto-me morrer, venham todos. Lembrem-se de mim, sim?

Alguns marinheiros tinham-se aproximado. O capelão ajoelhou: todos tiraram os barretes, rezavam baixo. Lorde Grenley ficara de pé, descoberto, imóvel. Grossas nuvens escuras corriam outra vez no céu. O vento começava a assobiar.

– Adeus – disse-me ela. – Dê-me a sua mão. Bem. Fui uma boa rapariga, por fim... Um pouco estroina, talvez... Lorde Grenley, obrigada. Que tristeza, ter morrido alguém no seu iate!... Que é aquilo, além, ao longe? É a terra? São nuvens. Ah! meu querido Rytmel! Ah! meu amor, ouve-me, onde estás tu?

Duas grandes, tristes lágrimas, correram-lhe na face teve ainda força para as enxugar. Depois, sorrindo:

– Olhem, não pensem em mim com tristeza. Somente, às vezes, quando estiverem juntos, e ele estiver também lembrem-se desta pobre rapariga que para aqui morreu no mar... E digam: pobre Cármén! Aí está uma que sabia amar deveras!

E dizendo isto, estremeceu, falou desvairadamente em Malta, em Sevilha, em Rytmel, e, dando um gemido profundo, morreu.

O sino de bordo começou a tocar lentamente, Lorde Grenley turvou-se, beijou-lhe a testa, e cerrou-lhe os olhos. Eu chorava.

Então um velho marinheiro aproximou-se, e sobre aquele corpo, que fora Cármén, estendeu a bandeira inglesa.

XIV

Imagine, senhor redactor, em que lamentável estado de espírito nós ficámos. Lorde Grenley encerrou-se no seu camarote, eu e o capelão ficámos velando junto do cadáver. A tarde descia. Uma névoa extensa cobria o mar. O rugido do vento era lúgubre. Todos estavam profundamente apiedados. A velhos marinheiros, que tinham naufragado no mar da Índia e dobrado o Cabo, eu vi saltarem as lágrimas...

– Pobre criança! – diziam eles.

Para aquelas rudes naturezas simples, essa mulher nova, vestida de branco, palidamente linda, era a *miss*, a virgem, a criança! um arranhou-lhe uma coroa de algas secas, e foi piedosamente pôr-lha sobre o peito. Era o ramo das flores do mar.

Eu pensei algum tempo em conduzir o corpo de Cármén até Espanha, mas o piloto observou-me que teríamos ainda 4 ou 5 dias de viagem, e o corpo não podia esperar na sua pureza durante esta longa demora. Por isso resolvemos deitá-la ao mar, quando viesse a noite. Assim, ficámos, o capelão e eu, durante a tarde, junto do cadáver, lembrando as suas belezas e as suas desgraças.

A noite caiu; cobriu as águas. O capelão desceu. Fiquei só. Havia sobre o cadáver,

pendente de uma corda, uma lâmpada. Descobri-lhe o rosto, afaguei-lhe os cabelos. A sua beleza tinha-se fixado numa imobilidade angélica como se a morte lhe tivesse restituído a virgindade. A curva adorável do seu seio aparecia em relevo na bandeira que a cobria; nunca tanta força tinha produzido tanta graça! Olhei-a durante muito tempo, enlevado na sua contemplação. As lágrimas caíam-lhe dos olhos.

– Pobre criatura! – dizia eu na solidão dos meus pensamentos. – Pobre criatura! Vais para a mais profunda das covas, para a sepultura errante das águas. Uma febre de amor consumiu-te na vida, uma tempestade eterna te agitará na morte! Condiz o túmulo com a existência! Como o mar, tu foste bela, orgulhosa e ruidosa. Como o mar, tu tiveste as tuas tormentas, as tuas calmarias ocultas, as tuas grutas, os teus monstros secretos, a tua elevação religiosa, a tua espuma imunda. Como sobre o mar, sobre o teu cérebro correram as doces ideias geniais e puras como velas de pescadores; as pesadas ambições modernas, rápidas e incisivas como rodas de paquetes; as brutais exigências do temperamento, estúpidas e vitoriosas como *monitores* armados. Despedaçaste-te de encontro à fria reserva de um amor que se extingue, como ele se esmigalha contra a escura insensibilidade das rochas. Como ele tem o vento que é o seu tirano, tu tiveste a paixão. Vai, pobrezinha, repousar em paz, no fundo das algas verde-negras! Triste destino! Quem mais do que tu, sentiu, amou, estremeceu, corou, quis, venceu? Quantas lágrimas causaste! Quantas loucas palpitações! Quantos desejos para ti voaram como bandós de pombas! Quantas vozes perdidas te chamaram! Quanta fé fizeste renegar! Quanta altivez fizeste sucumbir! E tanta vida, tanta acção, tanta vontade, um tão grande centro vital como tu foste, um grumete amarra-lhe duas balas aos pés e atira com ela ao mar! E aqui jaz o ruído do vento, e aqui jaz a espuma da onda!

«De que te serviu o ser, o que fizeste ao sangue, à vontade, aos nervos, ao pensamento, que trouxeste do seio da matéria? Que ideia deixaste, que memória, que piedade? Que foste tu mais do que um corpo belo, desejado e fotografado? Fizeste parte, durante a vida, daquelas insensíveis belezas naturais, que o homem usa e arremessa. Foste como uma camélia, ou como a pena de um pavão. Foste um adorno, não foste um carácter. Nunca tiveste um lugar definido na vida, como não terás um túmulo certo na morte! Adeus, pois, para sempre, oh doce efémera! O teu destino é a dispersão!

«Por isso aqui estás só! Os que te amaram onde estão? Onde estão os que tu amaste? Aqui estás só, vestida com o teu penteador branco, na tua manta de xadrez, sobre o convés de um navio, só, sempre nomeio de homens, como na vida! Não há uma flor aqui que se te deite em cima, nem uma renda em que se te envolva a face morta. Morres entre cordagens, nomeio de rudes marinheiros, que vêm agora da sua ração de aguardente. Nem um padre católico tens que te fale dos anjos, doces camaradas da tua mocidade. Nem um parente, sequer, te comporá a dobra do teu lençol! Não se cantará nenhum responso em volta do teu caixão. Não farás cismar as noivas que te vissem passar no teu enterro. As mãos alcatroadas de velhos marinheiros te arremessarão ao mar!

«Pois bem, minha pobre amiga! Que importa? Estás na lógica do teu destino, que é a revolta. Viveste longe das estreitas conveniências humanas, morres em plena liberdade da natureza.

«Não verás o teu leito cercado de parentes ávidos, de criados indiferentes, de padres que te dêem os santos óleos bocejando, num quarto escuro e abafado, entre o cheiro dos remédios: morres diante do céu, aos embalos domar, ao cheiro da maresia, entre velhos marinheiros da Índia, que te choram, sob o sublime céu, na plena liberdade dos elementos!

«Não serás vestida com velhas sedas, não levarás na cabeça antigas coroas fúnebres, não te cobrirão com galões de ouro falso; irás com o teu penteador branco, como para uma alegria nupcial!

«Não te pregarão num caixão estreito, nem te apertarão como um fardo; terás o contacto das coisas vivas; as lágrimas do mar correrão sobre os teus cabelos; poderás tocar-te de algas; os raios do Sol poderão ir procurar-te como antigos amantes dos teus olhos, e a tampa do teu esquife será o infinito azul.

«Não sentirás em volta de ti, no teu enterro, cantos em mau latim, o som das campainhas, a voz aguda dos meninos do com, os comentários estúpidos da multidão, as grosseiras enxadadas do coveiro. Serás lançada à tua cova do mar nomeio de um silêncio militar, levando por mortalha a bandeira inglesa, ao cantochão infinito dos ventos e das águas.

«Não ficarás para sempre apertada em cinco palmes de terra, sentindo a boca das raízes pastar o teu seio e a multidão dos vermes entrar no teu corpo como numa cidadela vencida. Não! a tua morte será uma perpétua viagem; viverás nas grutas transparentes da luz, guardarás os tesouros misteriosos, visitarás as cidades de coral que luzem no fundo do mar, amarás o corpo encantado de algum louro príncipe, outrora pirata normando! Andarás dispersa no elemento, sombra infinita, alma da água!

«Sobre o teu túmulo não virão sentar-se os burgueses, benzer-se os sacristãos, cacarejar as galinhas; sobre a tua azul sepultura errará o vento, melancólico velho que visita os seus mortos.

«Não terás um epitáfio metrificado por um poeta elegíaco, e aprovado pela Câmara Municipal; serão os reflexos inefáveis das estrelas que se encruzarão para formar sobre a tua sepultura as letras do teu nome...»

Um marinheiro bateu-me no ombro:

– São 11 horas – disse ele.

Ergui-me em sobressalto, e pensando nas vês quimeras que se tinham estado formando no meu cérebro, naquele triste cismar, disse comigo:

– Pobre de mim! Tinham-me esquecido os tubarões.

Eram 11 da noite. Não havia estrelas. Todos estavam reunidos na tolda. Tinham-se posto lanternas nas cordagens, e acendido archotes.

Dois marinheiros tomaram o cadáver nos braços. O padre abençoou-o. Ligou-se-lhe ao corpo com uma corda a bandeira inglesa. Os grumetes trouxeram duas balas. Uma foi amarrada aos pés, outra ao pescoço. As botinhas dela, de seda preta, apareciam fora da orla do vestido e da bandeira que a envolvia. As luzes dos archotes faziam tremer sobre o mar vagas claridades. No silêncio sentia-se o estalar da resina.

O sino de bordo começou a tocar. Os marinheiros elevaram o corpo à altura próxima da amurada. Então ergueu-se um canto grave, melancólico, de uma infinita tristeza. O padre rezava com as mãos impostas sobre o cadáver. E afastando-se, disse:

– *In aeternum sit!*

Todos responderam:

– *Amen!*

O vento gemia. Lorde Grenley adiantou-se e disse em voz alta:

– Neste dia, a bordo do *Romantic*, navio inglês, morreu Cármén Puebla, de nação espanhola, e para eterna protecção do seu corpo, como sendo sepultada em território britânico, foi amortalhada na bandeira inglesa. *In pace.*

– *Amen!* – responderam os marinheiros.

– Em nome do Padre – disse o capelão –, do Filho e do Espírito, santa seja a sepultura a que ela é deitada, e que fique como em terra sagrada nestas águas do mar!

– *Amen!* – murmuraram os marinheiros.

– Ao mar! – disse Lorde Grenley com voz forte.

Os dois marinheiros suspenderam o cadáver sobre o mar; todos se aproximaram,

fazendo círculo com os archotes; o cadáver, arremessado, mergulhou com um som lúgubre, desapareceu, e a espuma das vagas correu-lhe por cima.

Os archotes foram apagados num triste silêncio. O navio afastava-se. Eu, encostado à amurada, tinha os olhos fitos no ponto vago onde o corpo desaparecera. Ela ali ficava morta. Encheu-me o peito uma longa saudade. Lembrava-me dela, dançando no convés do *Ceilão*, rindo à mesa do *Clarence-Hotel*. Tinha tudo acabado. Nunca mais! nunca mais! Ali ficava com uma bala aos pés!

O vento refrescou.

– Vento de este! – disse o marinheiro de quarto.

«Vem de Malta...», pensei eu.

E as minhas últimas lágrimas caíram sobre o mar...

XV

Cheguei ao fim das minhas confidências.

Quando desembarquei em Lisboa a condessa tinha ido para Sintra. Via-a, ao fim desse Verão, em Cascais. Ela mostrava-se alegre, o que era talvez uma maneira de estar triste! Cascais estava imbecilmente jovial: *batia-se o fado!* No Inverno seguinte a condessa encontrou-se, em Paris e em Londres, com Rytmel. Voltou dessa viagem mais triste e mais pálida. Lentamente, pareceu-me que a confiança do seu coração se afastava de mim. Apartei-me, numa reserva discreta. Nunca mais nos nossos diálogos, todos exteriores e efêmeros, se aludiu à viagem de Malta.

Eu, no entanto, continuava recebendo de Rytmel as cartas mais expansivas e mais íntimas. A nossa amizade, que a exaltação e o acaso das paixões formara, afirmava-se agora numa comunhão serena de sentimentos e de ideias. Numa dessas cartas Rytinel falava-me de *miss Shorn*, uma rapariga irlandesa...

«É uma neta dos bardos, uma sombra ossiânica, a alma da verde Erin!», dizia-me ele.

No começo desta Primavera recebi uma carta de Rytmel que continha estas palavras:

«Parto para aí: um quarto livre e solitário em tua casa; bons charutos; uma casa afastada e livre num bairro pobre; um *coupé* escuro com bons estores; reserva e amizade. – *Frater, Rytmel.*»

Executei escrupulosamente as suas determinações.

Há sessenta dias, talvez, Rytmel chegou, no paquete de Southampton. Pareceu-me mais triste mais concentrado.

Havia certamente um segredo, uma preocupação, um cuidado qualquer, que habitava no seu peito. Esperei que ele se abrisse expansivamente comigo nalguma das longas horas íntimas, em que, no jardim da minha casa, falávamos na essência dos sentimentos. Nunca dos lábios dele saiu uma confidência: apenas duas ou três vezes o nome de *miss Shorn*, que, segundo ele me disse, era uma relação recente de sua irmã, apareceu vagamente no indefinido da conversação.

A sua vida, em minha casa, era de um extremo recolhimento.

Parecia mais um refugiado político do que um amante amado. Não tinha relações nem convivências. Às vezes de manhã saía num *coupé* cuidadosamente fechado, que perpetuamente estacionava à porta.

De tarde, às oito horas, saía também, e só o via no outro dia ao almoço, em que ele aparecia sempre levemente contrariado pelas cartas que lhe vinham de Londres e de Paris. Notei por esse tempo umas certas tendências místicas no seu espírito, de ordinário tão positivo e tão rectilíneo. Surpreendi-o mesmo uma vez lendo a *Imitação*.

Num carácter lógico e frio como o de Rytmel, aquele estado de espírito era decerto o

sintoma de uma grave perturbação do coração.

Falava às vezes de Cármem, sempre com saudade. Gostava de conversar das coisas de religião e das lendas do Céu. Falava na *Trapo*, no sossego imortal dos claustros, e nas quimeras da vida. Eus estranhava-o.

Desde que ele viera para Lisboa eu não voltara a casa da condessa por um certo sentimento altivo de reserva e de orgulho. Nesse tempo estava ela absolutamente livre. O conde achava-se em Bruxelas, onde Mademoiselle Rize o tinha cativo dos nervosos e ágeis bicos dos seus pés, que então escreviam pequenos poemas no tablado do *Théâtre diz Prince Royal*.

Um dia, inesperadamente, recebi da condessa um bilhete que dizia:

«Meu primo, se um gelado tomado num terraço com uma velha amiga não sobreexcita excessivamente os seus nervos, espero-o esta tarde em... (era uma quinta ao pé de Lisboa que ela habitava algumas vezes no Verão). Traga o seu amigo Rytmel»

Mostrei o bilhete a Rytmel, e pelas seis horas da tarde rodávamos na estrada de... num *coupé* com os estores corridos.

A condessa tinha acabado de jantar. Passeámos nas sombrias ruas da quinta, apanhámos flores, e voltaram aquelas boas horas íntimas de outrora, cheias de abandono e de espírito. A condessa estava radiante.

As onze horas da noite fomos tomar chá para o terraço. Havia um admirável luar. O terraço tem na sua base um grande tanque, cheio de plantas da água, de largas folhas, e de nenúfares, e onde poderia navegar um escalor. A água escorre ali com um murmúrio doce. A hora era adorável. As redondas massas de verdura do jardim, os arvoredos, apareciam como grandes sombras pesadas e cheias de mistério. Ao longe os campos e os prados esbatiam-se num vapor docemente luminoso e pálido. Havia um silêncio suspenso. As coisas pareciam contemplar e sonhar.

Sobre uma mesa no terraço estava um bule do Japão e três pequeninas chávenas de Sevres, uma das quais, de um gosto original e feliz, era a da condessa. Tínhamos tomado chá, e eu notava a excêntrica forma, o delicado desenho, a pura perfeição daquela maravilhosa e pequena chávena, que a condessa chamava a *sua taça*.

– Orei Artur só podia beber pelo seu copo de estanho... – disse Rytmel, sorrindo.

E eu só posso tomar chá por esta taça – disse a condessa. – Não sei porquê, representa para mim o sossego, a felicidade. Quando estou triste e bebo por ela parece-me que se dissipa a nuvem. Uma flor que eu queira conservar ponho-a dentro dessa chávena, e a flor não murcha. Demais o chá bebido por ela tem um gosto especial: ora veja, Captain Rytmel, beba.

Toda aquela glorificação da chávena tinha tido por fim o poder Rytmel, na minha presença, sem isso ser menos discreto, beber pela chávena da condessa – encanto supersticioso e romântico, que pertence de grande antiguidade à tradição do amor!

Rytmel agradeceu, deitou uma gota de chá na pequenina chávena dourada. Eu, no entanto, olhava a condessa.

Estava originalmente linda. Tinha o vestido levemente decotado sobre o seio. E o luar dava-lhe aquele nimbo poético que todas as claridades misteriosas, ou venham de astros mortos ou de luzes desmaiadas, dão às figuras louras.

Havia um piano no terraço; a condessa sentou-se, e sob os seus dedos o teclado de marfim chorou um momento. O silêncio, o infinito da luz, a atitude contemplativa das coisas, o murmuroso chorar da água nas bacias de mármore, tudo nos tinha insensivelmente lançado num estado de suave e vago romantismo...

De repente a condessa elevou a voz e cantou. Ema balada do *Rei de Vale*.

Alguém tinha traduzido aquela balada em rimas populares. E era assim que a condessa

gostava de a dizer, em lugar de usar as palavras italianas com a sua banalidade de *libretto*.

*Houve outrora um rei de Vale
A quem, em doce legado,
Deixou à amante ao morrer
Um copo d'ouro lavrado.*

Eu ficara junto do piano, fumando. Rytmel, de pé, encostado à balaustrada, enlevado no penetrante encanto daquela canção, olhava a água do tanque, onde tremia a claridade da Lua, conservando a taça na mão.

Os dedos da condessa volteavam no teclado de marfim; e a sua voz continuava, triste como a própria balada:

*Sempre o rei achava nele
Um sabor da antiga mágoa,
E se por ele bebia
Tinha os olhos rasos d'água.*

– Não cante mais – disse Rytmel, de repente, voltando-se.

À luz da Lua eu vi-lhe os olhos húmidos como os do rei da canção, e na sua mão tremia a pequena chávena dourada.

Ela voltou para Rytmel um longo olhar triste, e a sua voz prosseguiu, vibrando mais saudosa no silêncio:

*Malta esplanada normanda
Batida ia onda
Reúne os seus irmãos d'armas
A uma tábola redonda...*

Parou com as mãos esquecidas sobre o teclado:

– Foi talvez como uma noite destas – disse ela. – Estamos em plena legenda. O terraço batido da água, a Lua, os velhos amigos reunidos, a lembrança da pobre amante, que se apaga na memória dele, o pressentimento da morte... Que linda noite para o rei atirara sua taça ao mar!

E cantou os derradeiros versos da balada:

*Foi-se com trémulos passos
Na amurada debruçar...
E com as suas mãos antigas
Atirou a taça ao mar!*

*Junto ao seu corpo real
Estão os pajens a velar
E a taça vai viajando
Por sobre as águas do mar...*

De repente Rytmel deu um pequeno grito: descuido, movimento, ou irreprimível impulso de um coração que se revela, Rytmel deixara cair a pequena chávena ao tanque, entre as folhas dos nenúfares.

A condessa ergueu-se, extremamente pálida, apertando com ambas as mãos o coração: e com os olhos marejados de lágrimas, disse para Rytmel:

– O rei de Tule ao menos esperou que ela morresse!

Ele desculpava-se banalmente, como se todo o mal fosse perder-se aquela frágil preciosidade de Sevres. A condessa deu-me o braço um pouco trémula, e penetrámos na sala.

Daí a dias foi a catástrofe. Outros que a contem. Eu deponho aqui a minha pena, com a consciência de que ela foi sempre tão digna, quanto a minha intenção foi sincera.

AS REVELAÇÕES DE A. M. C.

I

Senhor Redactor. – Dirigindo-lhe estas linhas, submeto-me à sentença de um tribunal de honra constituído para julgar a questão levantada perante o público pelas cartas do doutor *** estampadas nessa folha. Obriguei-me a referir quanto se passou por mim como actor desse doloroso drama, e venho desempenhar-me deste encargo. Possam estas confidências, escritas com o mais consciencioso escrúpulo, conter a lição que existe sempre no fundo de uma verdade! A existência íntima de cada um de nós é uma parte integrante da grande história do nosso tempo e da humanidade. Não há coração que, desvendado nos seus actos, não ofereça uma referenda ou uma contestação aos princípios que regem o mundo moral. Quando o romance, que é hoje uma forma científica apenas balbuciante, atingir o desenvolvimento que o espera como expressão da verdade, os Balzacs e os Dickens reconstituirão sobre uma só paixão um carácter completo e com ela toda a psicologia de uma época, assim como os Cuviers reconstituem já hoje um animal desconhecido por meio de um único dos seus ossos.

Sabem que sou natural de Viseu. Criei-me numa aldeia encravada entre dois montes da Beira; açoitado de quando em quando por meu pai quando lhe esgalhava alguma árvore mimosa do quinteiro; abençoado por minha mãe como a esperança dos seus velhos anos; coberto de profecias de glória, como o pequeno Marcelo clã freguesia, pelo reitor, o qual algumas vezes depois de lhe ajudar à missa, aos dez anos de idade, me argumentava na sacristia as declinações latinas. Era escutado este prodígio por um auditório composto do sacristão e do tesoureiro, que com os chapéus debaixo do braço, cocavam na cabeça e olhavam para mim arregalados e atónitos. A um recanto, minha mãe sorria, com os olhos banhados de ternura, do fundo da caverna formada em redor do seu rosto pela coca de uma ampla e poderosa mantilha de pano preto.

Fiz depois os estudos preparatórios no liceu da cidade, e vim finalmente matricular-me em Lisboa na escola de medicina.

Vivo pobre, humilde e obscuramente, tenho a minha existência adstrita a uma pequena mesada, à convivência de alguns companheiros de estudo e ao trato de duas senhoras velhas e pobres, irmãs de um capitão reformado, antigo aboletado de meu pai, em cuja casa de hóspedes eu tenho por módico preço a minha moradia na capital.

A única luz que atravessava a sombra da minha vida de desterro, de desconsolo e de trabalho, era a lembrança de Teresinha...

Teresinha! A doce, a meiga, a querida companheira, à qual eu consagro principalmente estas páginas, que são o capítulo único da minha vida que ela não conhece, a confissão sincera, a história completa do único erro de que posso acusar-me perante a sua inocência, a sua bondade e o seu amor!

Teresinha! Adorada flor escondida entre as estevas dos nossos montes, que ninguém conhece, que ninguém viu, de quem ninguém se ocupa, e que no entanto inundas inefavelmente a minha mocidade e a minha vida com o sagrado perfume de um amor casto, puro, imperturbável e calmo como a luz das estrelas.

Se tu as entenderás, minha inocente amiga, estas palavras!

Se me perdoarás, tu, a enfermidade passageira e misteriosa, cuja história eu ponho confiadamente nas tuas mãos, pedindo-te, não o bálsamo da cura para uma chaga que está fechada para sempre, mas o sorriso da benevolência e do perdão para a vaga e sobressaltada melancolia do convalescente ajoelhado aos teus pés!

Como quer que tenha de ser, minha noiva, eu entendo cumprir perante a minha consciência um dever sagrado contando-te, sem omissões e sem reticências, tudo, absolutamente tudo, quanto se passou por mim. A verdade é que te amo! que te amo, e que te amei sempre! Outra imagem, incoercível, vaporosa, vaga, perpassou por mim, mas esvaiu-se como a sombra de um sonho doentio, varada sempre pelo teu olhar cândido que através dela se fixava e se embebia constantemente no meu.

Uma noite, há dois meses, recolhendo-me por volta das nove horas a minha casa, que fica situada em um dos bairros excêntricos de Lisboa, encontrei parada uma carruagem de praça, cujo cocheiro altercava grosseiramente com uma senhora, que estava em pé junto do trem, vestida de preto e coberta com um grande véu de renda. Esta senhora trocou algumas palavras com outra mais idosa que a acompanhava e disse ao cocheiro com uma voz singularmente fina, trémula, delicada, musical, como nenhuma até então ouvida por mim:

– Onde quer que lhe mande pagar?... Não trago mais dinheiro.

– Importa-me pouco isso – respondeu o cocheiro. – Quem não tem dinheiro anda a pé. Já lhe disse à senhora quanto é que me deve pela tabela. Se não paga o resto, chamo um polícia. Se não traz dinheiro, dê-me um penhor.

Ela então bateu impacientemente com o pé no chão, ergueu a parte do véu que lhe cobria o rosto, e principiou a descalçar convulsivamente uma luva. Supus que iria tirar um anel. O cocheiro apressou-se a passar as guias pela grade da almofada e apeou. Tinha-me, no entanto, aproximado, e no momento em que ele dava o primeiro passo, impelido por uma forte comoção nervosa, estendi-lhe com as costas da mão uma bofetada que o fez cambalear e cair de encontro à parelha. E dando-lhe em seguida uma libra, que trazia no bolso:

– Aí tem pela bofetada; contente-se como que lhe deram pela corrida.

Diria que alguém por trás de mim sugerira estas palavras românticas, a tal ponto ainda hoje pasmo de as ter eu mesmo inventado como solução de efeito oratório, para semelhante contingência!

O cocheiro levantou a moeda, examinou-a à luz da lanterna, subiu outra vez à almofada, e partiu dizendo-me:

– Boa noite, meu amo!

Eu atarantado, confuso, tirei maquinalmente o chapéu, e titubeei algumas palavras vagas, não sabendo como despedir-me da pessoa que tinha ao meu lado.

Era a primeira vez que me achava perto de uma dessas formosas senhoras da sociedade, tenra, fina, delicada, como nunca vi ninguém! Tinha uma carnação láctea e aveludada, como a pétala de uma camélia – prodígio de mimo só comparável ao de uma outra mulher que não conheço, e que uma noite passou por mim no salão de S. Carlos, encostada no braço de um homem e envolta em uma grande capa branca de listas cor-de-rosa.

Aqueles que as conhecem, que as vêem e lhes falam todos os dias, é possível que se não impressionem como aspecto destas criaturas transcendentais. Para quem as encontra de perto pela primeira vez em sua vida não há coisa no mundo que mais perturbe. Homens habituados a arrostar com as mais violentas comoções, a olharem denodadamente para o perigo, para a desgraça ou para a glória, tremem diante destas simples coisas: o primeiro contacto de uma mulher elegante! Daí vem o velho prestígio magnético das rainhas sobre os pajens, das castelãs sobre os menestrais. É uma sensação única. O ser humano bestificado converte-se por momentos num vegetal que vê.

Eu ficara imóvel e mudo.

Ela correu-me de cima a baixo com um olhar rápido, e dizendo-me *obrigada* com uma comoção trémula, estendeu-me de entre a nuvem negra das suas rendas a mão de que tinha descalçado a luva.

Entreguei a minha grossa mão a essa mão delicada, magnética, convulsa e fria, e senti percorrer-me todos os nervos um estremecimento eléctrico despedido do *shake-hands* que ela me deu de um só movimento sacudido, fazendo tinir os elos de uma grossa cadeia que lhe servia de bracelete.

Obrigado a dizer alguma coisa, soltei instintivamente as palavras monstruosas de uma fórmula que se usa em Viseu, mas que estou bem certo nunca até esse dia haviam sido ouvidas por tal criatura, e que certamente lhe produziram o efeito do grito estrídulo de um animal selvagem, escutado pela primeira vez entre matos desconhecidos.

Vergonha eterna para mim! Essas palavras, que eu desgraçadamente conservara no meu ouvido de provinciano e que a minha boca deixou bestialmente cair, foram estas:

– Para o que eu prestar, estou sempre às ordens.

E dizendo isto, tendo-o ouvido com horror a mim mesmo, voltei rapidamente costas, e afastei-me a passos largos. Ia vexado, envergonhado, corrido, como se houvesse proferido uma obscenidade sacrílega. Dava-me vontade de me meter pelas paredes ou de me sumir pela terra dentro! Não me atrevia a olhar para trás, mas parecia-me que ia envolto em gargalhadas fantásticas, que não ouvia. Figurava-se-me que tudo se ria de mim, os candeeiros, os cães noctívagos, as pedras da rua, os números das portas, os letreiros das esquinas, os aguadeiros que passavam uivando com os seus barris, e os caixeiros que pesavam arroz sobre o balcão ao fundo das tendas.

Entrei precipitadamente em casa, subi as escadas, fechei-me por dentro e pus-me a passear às escuras no meu quarto.

Nas trevas apareciam-me iluminadas por um clarão satânico essas duas mãos que pela primeira vez acabavam de se apertar na rua – a minha e a dela – uma trigueira, áspera e quente, a outra branca, nervosa e gelada. Depois entravam a reconstruir-se à minha vista os vultos completos das pessoas.

Ela, de uma palidez ebúrnea, com o perfil melancólico de uma madona a que tivessem levado dos braços o seu bambino, movendo-se molemente entre rendas e cetim com uma ondulação de sereia.

Eu, inteiriçado e embasbacado diante dela, não sabendo como segurar o chapéu e a bengala, na mais flagrante e minuciosa ostentação dos meus defeitos e da minha pobreza caracterizada e burguesa. Ao lado de quanto nela havia ideal, transcendente, etéreo, ia eu vendo, enormemente avultado e saliente, quanto o meu aspecto oferecia mais baixo e mais vil: o casaco comprado ao barato num algibebe; as botas de duas solas torpemente deformadas e orladas de lama; as calças com umas joelheiras que me dão às pernas na posição vertical o desenho das de um homem que se está sentando; os punhos da camisa amarrotados; e a ponta do dedo máximo da mão direita suja de tinta de escrever!

Éramos verdadeiramente os antípodas um do outro, postos na mesma latitude pela estupidez do acaso, e separados logo para sempre por aquelas palavras terríveis que me zuniam nos ouvidos como os prenúncios de uma congestão:

«Para o que eu prestar, estou sempre às ordens!»

Não sei que estranha atracção amarrava o meu espírito à lembrança da mulher que eu acabava de ver! Não era indefinida simpatia, não era oculto desejo, não era um vago amor. Interessava-me detidamente, e o único movimento que encontrava no meu coração – sinceramente o confesso – era o do ódio. Ódio àquela mulher, ódio inexplicável, monstruoso, como aquele que imagino ser o de um enjeitado à sociedade em que nasceu!

A distinção aristocrática, a elegância da raça daquela gentil criatura aviltava-me, enfurecia-me, revolvía no meu interior esse fermento de rebelião demagógica que todo o plebeu traz sempre escondido, como uma arma proibida, no fundo da sua alma.

Aquela mulher tinha, certamente, um espírito menos culto do que o meu, uma razão

menos firme, uma vontade menos forte, um destino menos amplo. Para compensar estas depressões assistia-lhe uma superioridade repugnante, inadmissível: a que procede da casta. Um berço de luxo, uma constituição delicada, um leito de penas, a infância resguardada na sombra, entre estofos, sobre tapetes, ao som de um piano – isto basta, para que fique ridículo, miserável, desprezível ao pé dela um homem que se criou ao clarão do dia, à luz do Sol, tendo por tapetes a aspereza das montanhas, e por melodias o roncar das carvalheiras e o gemer dos pinhais!

E entre mim e ela será isto perpetuamente uma barreira.

Ela ficará sempre bela, dominativa, sedutora por natureza, instintivamente cativante, querida; amimada, estremecida, dentro da sua zona de aromas, de veludos, de cristais e de luzes!

Eu, entre a minha estante de pinho adornada com um boneco de gesso e a minha cama de ferro coberta de chita, ficarei sempre tenebroso e inútil – desgraçado quando não quiser tomar-me tão ridículo, e irrisório, quando tiver a veleidade de não querer ser desgraçado!...

Acendi as duas torcidas do meu candeeiro de latão e tentei estudar. Impossível. As letras de um livro que tinha aberto diante de mim percorri-as com a vista pelo espaço de três ou quatro páginas, maquinalmente, sem compreender o sentido de uma só palavra. Deixei o livro e fiquei por algum tempo inerte, estúpido, neutro, com a vista fixa nas órbitas ocas de uma caveira que tinha sobre a mesa, e que se ria para mim como escancelado sarcasmo que trazem da cova os esqueletos desenterrados. Aborrecia-me a vida. Apaguei a luz, despi-me e deitei-me.

Tinham-me feito a cama nesse dia com dois desses lençóis de folhos engomados, com que minha mãe enriquecem liberalmente o meu baú de estudante. Estes lençóis tinham a aspereza do linho novo e o cheiro característico do bragal da província.

«Pobre mãe, coitada!» pensava eu, deitado e embebido nessa longínqua exalação olfáctica da casa paterna. «Coitada de ti, que na simplicidade dos teus juízos julgaste dotar-me com um luxo que faria comoção em Lisboa, orlando-me dois lençóis com esta enorme renda longamente trabalhada por ti mesma nos teus bilros infatigáveis! Se soubesses que este paciente labor das tuas mãos em dois anos de aplicação consecutiva, ninguém aqui o admirou, ninguém o viu, ninguém atentou nele, a não ser a criada, que esta manhã me perguntou, entre risadas sacrílegas, se os padres na minha terra se embrulhavam nos meus lençóis em dias de missa cantada! Que importa, porém, que o não apreciem os outros?... Toda esta gente é má, corrupta, perversa! Agradeço-te eu, minha obscura, minha velha amiga. Nos arabescos desta renda, que eu estou apalpando na mão e que tu me consagraste, figura-se-me sentir o correr caprichoso e ondeado das lágrimas que choraste enquanto o vento ramalhava nas árvores, a saraiva estrepitava nas janelas, e tu desvelavas as tuas noites de Inverno, resignadamente ajoelhada junto do berço em que rabujava o teu pequeno. Quando sinto no rosto o áspero contacto dos teus eriçados folhos bordados, beijo-os piedosamente, beijo-os eu, como se fosse um anjo bom que me tocasse com a ponta das suas asas purificadoras e brancas!»

Mas além do cheiro do bragal, que me envolvia como um afago mandado de longe, havia na minha cama outro perfume que contrastava singularmente com este. Era o que aromatizava a pele daquela mulher desconhecida, e que me ficara na mão que ela apertou. Respirei-o com uma curiosidade irritante, que me pungia e me dilacerava. Ai de mim! Colei os lábios na mão aberta sobre o meu rosto, e principiei a sorver esse misterioso respiro de um paraíso ignoto e longínquo.

É monstruoso, infernal, o turbilhão das ideias que esse aroma estranho, penetrante e cálido, me revolveu na cabeça.

Sentia os fogachos, as palpitações, a alucinação da febre.

Quando pela manhã me levantei, sem haver dormido em toda a noite, tinha o travesseiro inundado em lágrimas...

Perdoa-me, Teresinha! Minha Teresinha, perdoa-me.. Não foi pensando em ti, meu puro anjo, que eu chorei tanto nessa noite!

II

Soube daí a dias que a senhora com quem me encontram era a condessa de W. A figura dela tinha-me ficado moldada na memória como o rosto de um cadáver em uma máscara de gesso. Estava no Rossio quando me disseram o seu nome, ao vê-la passar em carruagem descoberta.

La reclinada para o canto de uma vitória, quase deitada, mórbida, abstraída, indiferente, como se uma auréola invisível a segregasse dos aspectos e dos ruídos da rua, grosseiros de mais para lhe tocarem. Tinha uma sedução alucinante, vestida de verão, com uma simplicidade cheia de mimo e de frescura, uma graça que se adivinhava mais do que se via e que menos apetecia ver do que respirar. Levava no seio uma rosa cor de palha, e uma pequena madeixa de cabelos finos, dourados, transparentes, soltos do penteado, caía-lhe na testa.

Cravei os olhos nela e tirei o meu chapéu; ela viu o meu cumprimento, olhou-me, como se eu lhe aparecesse pela primeira vez, com a mesma indiferença com que olharia para uma vidraça vazia ou para uma tabuleta sem dístico, e prosseguiu inalterável e imóvel como a imagem preguiçosa da formosura arrebatada do seu pedestal por um cocheiro agalado e por dois cavalos a trote.

Continuei a passear com um amigo com quem estava e cobri tanto quanto pude com algumas palavras rancorosas a respeito da política a comoção que sentia.

Momentos depois, passou, na mesma direcção que tinha tomado a carruagem da condessa, um *coupé* escuro, sem letras nem armas, com todas as cortinas cerradas. Esta circunstância, aliás naturalíssima, encheu-me de indignação e de rancor. Imaginei possível que aquele trem seguisse o da condessa e, não sei porque processo do coração ou do espírito, nasceu-me o desejo de arrombar essa carruagem e calcar aos pés o homem que lá estivesse dentro.

– Estás a tremer! – disse-me o amigo a quem eu dera o braço.
 – Não é nada... um estremecimento nervoso.
 – Empalideceste, tens os beiços brancos e as orelhas encarnadas...
 – Foi uma vertigem. Dá-me isto às vezes.
 – Aí tens! É o efeito das vigílias e do abuso do tabaco nas funções do coração.
 – É debilidade resultante da fome – exclamei eu sorrindo e mal podendo conservar-me de pé. – Adeus, que vou jantar!

E entrei na primeira carruagem de praça que passou por nós, enquanto o meu companheiro acrescentava:

– Agora estás afogueado e vermelho como lacre: toma ferro e brometo.

Quando cheguei a casa tinha febre, e via por fora do casaco o bater do coração.

Não tomei mais a encontrá-la senão na noite da catástrofe.

O meu romance misterioso e absurdo acabou então, cedendo o seu lugar à tragédia em que entrámos juntos.

III

Foi na noite de 20 de Julho passado. Eu voltava de casa de Z... com quem tinha estado

até às duas horas; ia chegar quando senti atrás de mim os passos de duas mulheres. Parei. Elas passaram por mim, descendo do passeio em que eu estava, e caminhando apressadamente, Entrevi-as à luz de um candeeiro. Uma era alta, seca, direita, idosa; a outra – para que hei-de descrevê-la? – era ela. Um relance de olhos, e conheci-a logo.

Ia inquieta, arquejante, abafada em pranto e em soluços. Comoveu-me tanto o aspecto passageiro dessa grande angústia, dessa dor suprema naquela formosa mulher há poucos dias ainda tão patentemente feliz, radiosa, intemerata, que eu daria, nesse momento, a minha vida inteira para a não ver assim dobrada na lama de uma rua escura e deserta, pelo que há mais violento, mais voluntário, mais hostil, mais implacavelmente humano: a desgraça... Ela, a viva imagem da delicadeza e do mimo, expressão suprema da beleza, do domínio, da onnipotência terrenal, via-a de repente sucumbir envolvida pela serpente cuja cabeça eu imaginava segura pelo seu pé sobre um crescente de Lua!

Fiquei por um momento perplexo, Por fim, os meus passos apressaram-se para ela, saí-lhe ao encontro e disse-lhe convulsivamente:

– Senhora condessa de W..., vejo que chora. É certamente um sucesso extraordinário e terrível. V. Ex^a parece-me só e desprotegida neste bairro; somente em tão excepcionais circunstâncias eu poderia permitir-me a liberdade de lhe falar. Disponha de mim, minha senhora, como se dispõe de um amigo ou de um escravo, para a vida e para a morte.

Ela parecia escutar sem me compreender, numa grande inquietação. A última palavra que proferi:

– Para a morte! – repetiu ela num grito de delírio. – Quem lho disse? Como o soube?

E apoiando-se no braço da senhora que a acompanhava, segurou-se nela com um movimento convulsivo de pavor, ergueu o rosto para mim e fitou-me, trémula, suplicante, com os olhos alucinados e lacrimosos.

– Que quer? Diga! – acrescentou ela. – Quer prender-me? Aqui me tem. Leve-me.

E tendo dito isto, voltou-se sucessivamente para todos os lados, olhando a rua com a mais exaltada expressão da confusão, da vergonha e do medo. Era a angústia personificada pela maneira mais viva e mais lancinante. Eu sentia o coração cheio de lástima e de piedade.

– Perdão – disse-lhe –, sossegue por quem é! Eu nada sei. Não venho prendê-la, nem venho interrogá-la. Não sou um juiz, nem um espião, nem um carrasco. É esta a terceira vez que a vejo em minha vida. A primeira foi nesta mesma rua há cerca de um mês, no momento em que um cocheiro lhe pedia o aluguer de um trem. A segunda vez foi de passagem no Rossio, há quinze dias. Sou um amigo seu desconhecido, obscuro, anónimo. Supunha-a no apogeu da fortuna e da felicidade. Tive-lhe inveja e ódio. Encontro-a, ao que parece, à beira de um abismo e não acho na minha alma doente e magoada senão enternecimento e dedicação! Pobre senhora! É, então, desgraçada também como os outros... Coitadinha! coitadinha!...

E a minha dor era profunda e sincera, a minha compaixão ilimitada.

– Não sei – tornou ela –, estou tão perturbada que não o compreendo bem; estou tão aflita que não o reconheço bem, entrelembro-me apenas... Mas parece-me generoso e compadecido.. Ah! Eu não posso ter-me em pé!

Dei-lhe o braço, que ela aceitou, e ficou um momento amparada em mim e na pessoa que a acompanhava, imóvel, com a cabeça reclinada para trás e a boca aberta, bebendo ar alongas sorvos.

– Vamos! –disse ela depois de uma pausa. – Não posso ficar, não posso morrer aqui; tenho que escrever, preciso de chegar a casa quanto antes.

E fazendo um grande esforço, continuou a caminhar, apoiada como estava, com passo vacilante e vagaroso, ansiada, arquejante, parando a todo o momento para receber nos pulmões o ar que lhe faltava.

Eu ia absorvido pelo aspecto de tamanha dor. Acudia-me de longe a longe uma palavra, que não me atrevia a pronunciar, receando que ela pudesse imaginar que eu tentava perscrutar a causa do seu infortúnio com uma indiscrição grosseira.

A rua em que íamos andava-se consertando e estava coberta de uma camada de seixos britados e soltos, por cima de cujos ângulos percucientes e cortantes éramos obrigados a caminhar. Chegávamos à esquina da rua quando ela, voltando-se para a pessoa que a acompanhava, e que então vi ser uma criada, lhe disse:

– Betty, calça-me o sapato. Saiu-me do pé.

A criada ajoelhou-se, e exclamou:

– O cetim está despedaçado! O pé deita sangue!

A condessa pareceu não ouvir, e continuou a caminhar resolutamente.

Maravilhava-me e compungia-me o valor de alma daquela débil natureza, e sentia-me arrebatado a levantar do chão e a transportar nos meus braços aquele formoso corpo tão corajosamente subjugado. Felizmente, de uma travessa próxima desembocou, pouco depois, um trem de praça vazio. A condessa, que tinha visivelmente a maior pressa de chegar, entrou, com a criada que a acompanhava, na carruagem que eu mandei aproximar. Fechei a portinhola e disse à condessa baixo, quase ao ouvido, dando-lhe o meu bilhete:

– Minha senhora, quaisquer que sejam as causas, quaisquer que sejam as consequências da estranha aventura que acaba de aproximar-se de V. Ex.», vá na firme certeza de que ninguém no mundo saberá do encontro que acabamos de ter. Se nunca precisar de mim, continuarei como até hoje sendo na sua existência um homem inteiramente desconhecido, o qual doravante considerará as suas relações com V. Ex.» exactamente no estado em que estavam antes de a ter visto pela primeira vez.

Ela respondeu-me enternecidamente:

– Bem haja por essas palavras de bondade, que são talvez as últimas benévolas que eu tenho de ouvir neste mundo. Quando souber – porque tem de se saber isto, meu Deus! – o que, desde esta horrorosa noite, eu fico sendo perante a justiça e perante a sociedade, diga a sua mãe, à sua irmã, à sua amante, se tem amante, que me não odeiem elas, ao menos! Que eu sou menos criminosa do que lhes hei-de parecer, que fui eu que lhe confessei isto, ao despedir-me de si, entre a vida e a morte. Adeus!... Não lhe dou a mão... Sou indigna da amizade das pessoas de bem. O mais que eu posso pedir, eu, é piedade... Tenha piedade de mim... Adeus!

A carruagem tinha rodado a distância de alguns passos, quando parou outra vez a um gesto da condessa; ela mesma abriu a portinhola, desceu e dirigiu-se a mim. Fui ao seu encontro.

– Quero falar-lhe ainda – disse ela.

E depois de uma pequena pausa, em que parecia coordenar ideias dispersas, acrescentou:

– Foi talvez providencial o nosso encontro aqui, a esta hora, nesta rua... É talvez a única pessoa que Deus quer permitir que me proteja, que seja por mim. Tenho um parente a quem vou escrever imediatamente entregando-lhe este segredo. Receio que ele se não ache em Lisboa. Sendo assim, não sei de quem me confie. Se tiver no seu coração tanta misericórdia e tanta bondade que queira valer-me, procure-me em minha casa, amanhã, às 11 horas.

E dando-me a sua morada em Lisboa, entrou outra vez no trem que partiu.

Singular comoção a que produziu em mim essa mulher de quem acabava de saber que tinha cometido um crime; sentia-me inclinado a ajoelhar-me aos seus pés dilacerados e a adorá-la!

IV

No dia seguinte, à hora assinada, apresentei-me em casa da condessa.

Era um prédio de um só andar, simples, branco, todo fechado. Abriu-se-me a porta da rua, apareceu-me um criado vestido de casaca azul com botões brancos, colete encarnado, calção curto. Era um homem velho, de cabelos brancos, polido e nédio como um embaixador, sério como uma estátua, penteado como um *gentleman*. Falou-me em francês e conduziu-me.

As escadas eram pintadas e envernizadas de branco, luzidias como o peito engomado de uma camisa. Ao meio dos degraus corria um tapete de veludo passado em varetas de cobre reluzente. No patamar projectava-se da parede uma concha de alabastro, cheia de plantas de longas folhas, em cima das quais gotejava a água de uma pequena fonte. No alto da escada a mobília era branca, as paredes forradas de verde, cobertas de molduras douradas encerrando quadros a óleo. A luz, suave e alta, vinha através de vidros baços. Havia o ar sereno e o perfumado silêncio de uma tranquilidade elegante e feliz. Não me parecia o palácio de um fidalgo, nem o palacete de um burguês, mas sim o ninho doméstico de um poeta ou de um artista.

Levantou-se um reposteiro e entrei numa sala forrada de couro, circundada de sofás e de poltronas com estofos de marroquim cravejado de aço, grandes vasos de porcelana e alguns bronzes, um dos quais representava o busto da condessa, assinado e datado de Milão. Um dos espessos reposteiros que cobriam as portas estava corrido e deixava ver, no meio da casa próxima, que era um salão antigo, um piano de ébano volumoso e longo em cujo flanco se lia em grandes caracteres de prata o nome de Erard. Junto do piano, inclinado sobre um *fauteuil*, achava-se um violoncelo defronte de uma estante de marfim. Sobre as chaminés de mármore havia alguns livros e vasos com flores. Os móveis estavam dispostos de maneira que parecia conversarem baixinho em coisas delicadas e íntimas. Sentia-se que estava ali, domiciliada num aconchego feliz, uma existência espirituosa e contente: percebia-se no ar e no aspecto das coisas, o vago vestígio do perfume; de harmonia, de calor, que as pessoas que aí tivessem estado haviam derramada em volta de si, conversando, lendo, fazendo música. Eu tinha levantado os olhos de um livro sobre a mesa do centro da sala, quando vi defronte de mim, ao fundo de um grande espelho, uma figura imóvel, tétrica, espectral. Voltei-me rapidamente, e não pude reprimir um grito de pasmo e de terror. Era a condessa.

Horível transformação por que ela passara! Durante as poucas horas que haviam mediado entre esse momento e a última vez que a vira, a condessa de W... tinha envelhecido dez anos. Os olhos profundamente encovados haviam tomado uma expressão apagada e imóvel; a carne tinha uma cor térrea e opaca; os músculos faciais, contraídos na mais violenta opressão, davam-lhe ao rosto, transversalmente vincado por dois sulcos escuros, o aspecto de uma magreza extrema; os cabelos apanhados todos para trás, alisados e seguros num rolo sobre a nuca, avultavam-lhe o nariz afilado e despregavam-lhe do crânio as orelhas lívidas, de uma saliência rija e cadavérica.

Fez-me sinal que a acompanhasse. Segui-a com a sensação enregelada de quem – entra nos domínios da morte. Atravessámos uma sala e entrámos num dos quartos dela. Apontou para um sofá e sentou-se ao meu lado, olhando para mim, impassível.

Ficou assim por um momento na mudez de uma dor intraduzível, pausa terrível em que a alma emerge de um abismo de lágrimas e se debate violentamente antes de aparecer na voz. Tinha os lábios entreabertos como os de quem vai soltar um grito, e o queixo, trémulo, oscilava-lhe como o das crianças subjugadas pelo terror no instante de lhes rebentar o pranto. Por fim, disse-me lentamente, com palavras pesadas, firmes, entrecortadas como se estivesse retalhando o coração e dando-mo em bocados:

– Peço-lhe que não me condene pelas primeiras palavras que vai ouvir.

E, em voz baixa, depois de um breve silêncio, acrescentou:

– Eu matei um homem.

– Que diz? – gritei eu estupefacto. – Está louca! Enlouqueceu!

– Não. Não estou louca – tomou ela grave e serenamente. – Não enlouqueci ainda. E admiro isto. Como têm decorrido estas horas, minuto por minuto, segundo por segundo, sem que a minha razão sucumbisse nesta desgraça infinita, sem remédio, sem termo, sem remissão! Matei um homem.. Involuntariamente, sim, mas matei-o. Quero entregar-me aos tribunais, estou pronta, estou deliberada. Estendo os olhos ao meu futuro e não vejo senão uma esperança, senão um lenitivo único no prazer de morrer em tormentos, que eu abençoarei como os maiores benefícios do Céu, de morrer de fome, de desprezo, de miséria, prostrada no fundo de uma enxovia, no porão de um navio, ou abandonada numa praia da África, abrasada pelo sol, sobre as areias ardentes, roída pelo cancro, devorada pela sede e pela febre. Por mim uma só coisa temo: a loucura que um momento em minha vida me consinta a alegria horrível de cuidar que ainda sou amada e feliz; ou a morte repentina que me arrebate a consolação única que Deus concede aos grandes culpados: a liberdade de sofrer. Mas ele... O seu nome descoberto! O seu cadáver profanado! O seu segredo traído!...

E falando, como num sonho, abstractamente:

– Desventurado homem! Que fatal destino o encaminhou para mim, arremessando-o de encontro ao meu coração, em que estava a sua morte? Porque não amou outras mulheres que o mereciam mais do que eu? Porque não se deixou amar por Cármen Puebla, que o adorava e que morreu por ele? Que cego, que imprudente, que desgraçado que foi!...

E escondendo a face nas mãos, desatou a chorar num pranto convulso e desfeito, em que a vida parecia despedaçar-lhe o seio e jorrar para fora em borbotões de lágrimas e de soluços.

– Vamos – disse-lhe eu quando esta crise abrandou –, serenemos um momento, e pensemos no que importa fazer. É então positivo que o conde está morto?

– O conde?... – interrogou ela, erguendo-se de súbito e enxugando os olhos. – Sim, tem razão, eu ainda lhe não disse tudo... O homem que eu matei não é meu marido.

E, postando-se defronte de mim, fitou-me com um olhar alucinado, e acrescentou com voz demudada e profunda:

– É o meu amante.

Em seguida ficou imóvel, esperando as minhas palavras na postura de um réu que vai escutar a sentença da boca de um juiz.

A sensação que experimentei ao ouvir essa confissão breve, seca, inesperada, foi a da surpresa primeiro, de uma instintiva repulsão depois. Ergui-me maquinalmente e dei alguns passos na casa. A condessa permanecia na mesma posição, numa insensibilidade que tanto podia ser a prostração do arrependimento como o cinismo da culpa. Eu estava surpreendido e revoltado. Aquela mimosa e pura estátua, à qual eu levantara quase um altar no meu coração, assim repentinamente baqueada num lamaçal, causava-me horror. Poderia suportá-la criminosa; não podia considerá-la prostituída. Medi-a com um olhar em que senti dardejar o desprezo que ela nesse momento me inspirava, e depois de um silêncio repassado de mágoa:

– É horrível isso!

Ela estremeceu, cerrou desfalecidamente os olhos e amparou-

– se vacilante ao espaldar de uma cadeira.

– Estranha talvez a lástima e o horror que me causa? – insisti eu. – É natural. Tendo ouvido que, em Lisboa, a sociedade vê benevolmente essas quedas como incidentes triviais da existência doméstica. Eu, porém, que sou um selvagem, eu que me criei no princípio de que a fidelidade é no carácter de uma mulher um dever tão sarado como a honra no carácter

de um homem, eu protesto, em nome das únicas mulheres que a minha inexperiência me tem permitido conhecer no mundo – em nome daquela que me gerou e em nome daquela que eu amo – contra semelhante interpretação da liberdade de amar. Não compreendo que caia em tal erro uma pessoa limpa. O adultério é uma indecência e uma porcaria. Matar um homem em tais circunstâncias, é mais do que faltar ferozmente ao respeito devido à inviolabilidade da vida humana; é faltar igualmente a respeito da morte... É atirar um cadáver a um cano de esgoto... É trágico – e coisa ainda mais horrível – é sujo...

Ela escutava-me em silêncio, extática, como que hipnotizada pela minha instintiva mas cruel grossaria.

De repente, sem uma exclamação, sem um grito, sem um gesto, caiu desamparadamente no chão, fulminada, inerte, como se estivesse morta.

Quis chamar alguém, ia a tocar no botão de uma campainha, quando me ocorreu a inoportunidade de qualquer intervenção nesta cena. Fui para ela, que ficara estirada de costas sobre o tapete. Levantei-lhe a cabeça. Não lhe senti o pulso. Ergui-a em peso, tomei-a nos braços. A fronte dela pendeu sobre o meu ombro, ficando perto dos meus lábios a sua face desmaiada.

Aproximei-me de um sofá. Depois, por um sentimento supersticioso de respeito, coloquei-a numa cadeira de braços, e corria os aposentos contíguos àquele em que estávamos. O quarto próximo era um gabinete de vestir. Trouxe um frasco de água-de-colônia que estava num lavatório. Humedeci-lhe as fontes e os pulsos, fiz-lhe respirar o álcool. Auscultei-a. O coração começava a bater. O pulso reaparecia.

Eu tinha-me ajoelhado junto da poltrona em que ela jazia e contemplava melancolicamente a sua figura exânime.

Os olhos cerrados, a boca entreaberta deixando ver os dentes miúdos e cor de pérola, a cabeça reclinada no espaldar, davam ao seu rosto, assim em escorço, a expressão de uma figura de anjo, ascendendo de um túmulo. Os pés estreitos e finos, calçados em meias de seda e sapatos de cetim preto, sobressaíam da orla do vestido numa imobilidade sepulcral. Uma das mãos, através de cuja lividez se via a rede ténue e azul das veias, tendo no dedo anular um círculo de grossos brilhantes entremeados de rubis, repousava-lhe no regaço, e do seu roupão de rendas pretas exalava-se o mesmo perfume, o perfume dela, que me ficara na mão a primeira vez que a vi.

Lembrei-me então da sua figura entrevista de noite, ao gás de um candeeiro dama, tomada a ver depois, à luz do dia, no Rossio, passando em carruagem descoberta. E estas coisas, tão vivas na minha lembrança, faziam-me, todavia, a impressão de haverem passado há muitos anos.

Ela estava velha!

Muitos dos seus cabelos, secos, baços, como mortos, tinham embranquecido nas fontes e no alto da cabeça.

A contracção violenta de todos os músculos da dor transformara numa só noite as suas feições e desfigurara a sua fisionomia. Os cantos da boca tinham descaído ao peso das lágrimas como ao peso dos anos, e dois vincos profundos sulcavam-lhe as faces flácidas na mesma direcção oblíqua que tinham tomado os sobrolhos, riscando-lhe a testa em rugas curvilíneas, miúdas e transversais.

Que medonha, que tenebrosa, que incomparável angústia devia ter passado em algumas horas por este desgraçado corpo para o devastar assim!

Na rua, a pequena distância, um realejo tocava um *pot-pourri* de várias óperas, e, ao som desse corrido martelar idiota da música mecânica, pareceu-me ver desfilar em louca debandada no ar, entre mim e a pobre senhora, como numa espécie de evocação ao mesmo tempo trágica e grotesca, todos os grandes símbolos das educações sentimentais, ladainha

viva das paixões elegantes, girando sob a manivela desse realejo, num redemoinho fúnebre, de dança dos mortos, em torno desse corpo desfalecido, como as visões da vida passada, figuradas nos velhos retábulos, em torno do leito das monjas moribundas.

Era como se, no decorrer dessa música, automática como um andar de sonâmbulo, eu visse perpassar no espaço a grande ronda das tentações que na vida levaram consigo o destino desta criatura; os pálidos Manriques e os febris Manfredos, trazendo sob a capa das poéticas aventuras a bravura cavaleirosa de campeador Rui de Bivar ou do paladino Rolando, a melancolia de Hamlet, a exaltação sentimental de Werther, a revolta do Fausto, a saciedade de D. João, o tédio de Childe Harold; e toda a legião dramática das belas mulheres amadas: Francesca, Margarida, Julieta, Ofélia, Virgínia e Manon.

E, em grinaldas de beijos secos, de beijos de pau, matraqueados no instrumento dama, todas essas figuras de amorosas legendas bailavam misteriosamente ao som da *Traviata*, da *Lúcia*, do *Ballo in maschera*.

«Amor! amor! amor!», tal foi decerto a letra da grande ária que constantemente lhe cantaram através de toda a sua existência de mulher bela, elegante, instruída e rica.

Foi nesse mundo moral que a sua imaginação habitou e que se fez o seu pobre espírito de linda criatura ociosa e desejada.

Como poderia ela adivinhar a honesta serenidade dos destinos simples no meio de uma existência tão complicadamente artificial como a sua?

Fora dos interesses da elegância, da moda, talvez da arte, que conhecia ela de sério e de grave na vida, senão a religião e o amor? Tinha um missal és um marido. É pouco para o equilíbrio de uma alma, principalmente desde que o missal cessa de convencer e o marido cessa de amar.

As que têm um salão, uma carruagem, um camarote na ópera, um cofre cheio de jóias, um quarto cheio de vestidos, não podem ser as singelas mulheres que passam a vida a dar de mamar aos filhos e a vender cerveja, como diz o lago, de Shakespeare; nem podem resumir o seu destino fácil em ter filhos, chorar e fiar na roca, como diz Sancho Pança. Esta não vendia cerveja, não a ensinaram a fiar... Chorou apenas.

Quem sabe se na sua dourada existência a amargura das lágrimas a não compensou hoje de tudo quanto ignora da amargura da vida!

E tive uma compaixão sincera com um remorso profundo das palavras cruéis que lhe dissera.

Que poderia eu fazer para a salvar? Não o sabia. Achava-me, porém, resolvido a tudo, a sacrificar-me inteiramente, para lhe valer.

Devo dizer também que, vendo-a, ouvindo-a, eu não supus nem por um momento que no homicídio de que ela se acusava pudesse haver o que se chama verdadeiramente um crime, isto é, uma intenção infame ou perversa. Um criminoso, um cobarde, um assassino, nem chora assim, nem fala assim, nem se denuncia, nem se inculpa, nem se entrega por esta forma a uma pessoa quase estranha, quase desconhecida. Ela tinha-mo dito com a mesma simplicidade com que o gritaria da janela para a rua, sem a mínima preocupação de se salvar. Cheguei a pensar por um momento que não tinha diante de mim senão uma estranha nevrose, um caso de alucinação, de delírio raciocinado. Mas o delírio não faz padecer tanto. Tenho visto muitos loucos no hospital. A expressão deles, ainda a mais dolorida, não apresenta nunca a profundidade desta. É preciso ter toda a integridade da sensibilidade e da razão para sofrer assim. No padecimento dos loucos há um não-sei-quê, sem nome talvez na sintomatologia do sofrimento, mas a que poderíamos chamar – a isolação da alma.

Ao voltar a si, a condessa parecia um pouco mais calma. Para evitar um recrudesimento de excitação proveniente de uma longa narrativa de episódios que me pareceu discreto evitar, um pouco como estudante de medicina, principalmente como

homem honrado, disse-lhe:

– Sabe mais alguém deste caso?

– Sabe-o a minha criada de quarto, a que me acompanhava ontem quando nos viu, e sabê-lo-á dentro em pouco meu primo H... a quem hoje escrevi. Meu primo, porém, está em Cascais. O morto é um estrangeiro. Ninguém, a não ser meu primo, o conhece em Lisboa. Ignorava-se mesmo que ele existisse aqui. Entregá-lo aos trâmites policiais, ter de revelar o seu nome, descobrir a sua naturalidade, a sua família, eis o que principalmente eu quereria evitar. Conseguindo isto, entrego-me aos tribunais, mato-me, fujo, enterro-me viva... como quiserem!

– E sabe seu primo como ele morreu?

– Não. Vai saber apenas que está morto...

– Pode contar com o silêncio da sua criada, por alguns dias ao menos?

– Posso. Por toda a vida.

– Evite, se pode, que seu primo receba hoje a sua carta. E... *ele*, onde está?

– Na mesma rua em que nos encontrámos ontem, no prédio nº...

– Para entrar na casa...

– Há uma chave – respondeu ela.

E tendo meditado um momento:

– Ontem – prosseguiu – quando lhe disse que viesse hoje a minha casa, estava louca de desesperação e de honor. Parecia-me que tudo quanto se aproximava de mim me trazia a punição, o castigo, e que tudo quanto se afastava fugia para longe como meu último amparo, com o derradeiro socorro que eu ainda poderia ter neste mundo!... Foi neste delírio que lhe pedi a V..., um estranho, um desconhecido, que viesse ver-me... Para quê?... Nem eu sabia para quê... Para contar isto a alguém, para me decidir, para ter uma solução, para apressar um desenlace qualquer, para fugir de mim mesma.. Ir à polícia era entregar esse infeliz à mais horrorosa das profanações. Dirigir-me a alguma das senhoras que conheço, ir bater à porta de uma família tranquila, que me receberia na casa de jantar ao levantar da mesa, que me apertaria as mãos, que me traria os seus filhos para eu beijar, e depois dizer-lhes de repente: «eu, que aqui estou, tinha um amante, e matei-o; venho convidá-los para esta festa de desonra e de ignomínia!...» Não. Era melhor fugir para o desconhecido, entregar-me ao acaso... Em tudo isto pensei confusamente, não sei como, sem continuidade, sem nexos, aos pedaços, depois que o vi, durante esta noite medonha. Não tenho hoje mais lucidez de espírito do que tinha ontem... Não sei o que hei-de fazer... Sinto apenas que estou perdida, que é preciso que alguém venha, que é preciso que me levem... O senhor parece-me um homem generoso, leal, compadecido e bom... Sabe já o que me sucedeu, sabe onde ele está. Disse-lhe qual era a casa, disse-lhe o número da porta. Aqui tem a chave.

E tirando do seio uma corrente de ferro, de elos angulosos como de um cilício, que trazia suspensa do pescoço por dentro do roupão, abriu uma argola que lhe servia de remate, soltou uma pequena chave, e entregou-ma.

Deixou-se cair num *fauteuil*, inclinou a cabeça para trás e ficou prostrada, silenciosa, no abatimento, no abandono, no entorpecimento profundo que de ordinário se sucede às grandes crises nevrálgicas.

Sem saber o que fizesse, pensando todavia que uma ideia qualquer me ocorreria mais tarde como desfecho possível para esta situação imprevista, tão extraordinária, guardei a chave. Senti que me era preciso, primeiro que tudo, sair dali, retomar o ar livre, achar-me a sós comigo mesmo, reflectir, raciocinar.

– Minha senhora – disse-lhe então –, se amanhã, até ao meio-dia, eu não lhe tiver reenviado esta chave, será sinal que me prenderam, que está tudo perdido. Se não souber mais de mim, quero dizer, se lhe não for restituída esta chave, fuja, esconda-se, faça como

quiser. Interrogada, negue tudo. Eu preferirei mil vezes aceitara responsabilidade desta morte a imputar-lha, e, por acaso algum do mundo, será jamais o seu nome proferido por mim. Daqui até lá, para coordenar as suas ideias, para equilibrar a sua razão, para não enlouquecer, se quer um conselho de fisiologista, violento-se um pouco, abra uma janela, sente-se diante de um caderno de papel e escreva o que se passou. Depois, queime o que escrever. O único meio de dominar uma situação como a sua, o único meio de verdadeiramente a compreender, é analisá-la. Houve um filósofo que deixou aos infelizes esta máxima: «Se a tua dor te aflige, faz dela um poema.» Vá escrever. Faça as suas memórias ou faça o seu testamento, mas escreva, e queime depois. Agora, adeus. Adeus até amanhã, ou quando não, adeus para sempre.

Ela conservava sempre a atitude extática em que caíra na cadeira de braços. Tinha a boca entreaberta, o lábio inferior tremia-lhe, com esse tocante gesto infantil que toma a desolação no rosto das mulheres, e grossas lágrimas silenciosas corriam-lhe em fio pelas faces e gotejavam lentamente nas rendas do vestido. Fez um movimento para se erguer, procurando articular uma palavra de agradecimento. Profundamente enternecido, dei um passo para trás, inclinei-me com respeito, e saí.

V

Tendo fechado a porta do aposento em que ela ficara, ao passar na sala em que primeiro estivera, ocorreu-me de repente uma ideia. Sobre uma das mesas achavam-se dois grandes álbuns. Folheei-os rapidamente. Um deles encerrava apenas uma série de apontamentos de viagem tomados por uma só pessoa, segundo se via da uniformidade da letra a lápis e em português. Entre os apontamentos escritos estavam colados ou pregados nas páginas alguns espécimes de plantas e flores, e viam-se delineados vários esboços de construções e de fragmentos arquitectónicos. Era um álbum de estudos. O outro continha uma colecção de pensamentos, de máximas, de versos, de desenhos, de aguarelas, firmados por muitos nomes diversos. Eu devorava com os olhos o conteúdo de cada lauda.

Não ousara perguntar à condessa o nome do seu amante. Compreendia que a boca dela nunca mais poderia pronunciá-lo, e não obstante, eu precisava de sabê-lo, de ver letra dele. Estava certo de que esse nome desconhecido figuraria indubitavelmente entre os que eu estava lendo, que a letra desejada se encontrava nomeio dos escritos que me estavam passando pelos olhos. Como poderia, porém, adivinhá-lo, sem tempo, sem vagar, sem o sossego de espírito necessário para meditar a intenção de cada uma das frases que ia lendo F... Era-me forçoso abandonar este recurso, e o álbum que tinha nas mãos era, todavia, talvez, o único meio que me restava de poder descobrir o que desejava! Hesitei um momento, e saí por fim, levando o livro comigo.

Apenas me achei na rua tomei um trem, que dirigi para minha casa, acantoei-me na carruagem e pus-me a ler sucessivamente cada um dos trechos em verso e em prosa, de que se compunha a colecção.

Sabia pela condessa que o morto era estrangeiro. Esta informação era insuficiente para que eu o distinguisse naquela torre de Babel. De página para página ia-me surpreendendo uma nova língua. Havia francês, italiano, alemão, inglês, espanhol... O nome de Ernesto Renan aparecia sobreposto a duas palavras caldaicas: Garcin de Tassy, orientalista na Sorbona, firmava um período em língua indostânica; Abd-el-Kader tinha deixado simplesmente o seu nome árabe; a princesa Dora Distria assinava de Turim um pequeno texto albanês. Nomes portugueses, apenas dois.

A leitura dos textos não me adiantava mais do que a simples inspecção da variedade dos nomes e da diferença de línguas.

Ao chegar a casa, vi que o número que a condessa me indicara era o de um prédio de um só andar, pobre de aparência, quase fronteiro à casa que eu habitava, perto de uma esquina, colocado ao lado de um prédio mais saliente, e tendo a porta num ângulo reentrante que a escondia da parte principal da rua. Para o lado oposto até à esquina próxima havia uns armazéns desabitados. Defronte corria um velho muro, ao alto do qual sobressaíam as ramas secas de um canavial. A situação topográfica da casa onde estava o morto permitia-me, pois, entrar e sair dela sem ser visto.

Ali dentro haveria talvez um papel, uma carta, uma nota, que me revelasse o nome que desejava conhecer.

– Dei a volta à chave e entrei. No alto da escada, junto de uma porta cerrada, estava caída uma luva e dois bocados de papel. Um era meia folha pequena, lisa, em branco. O outro era um pedaço de envelope; tinha no alto um carimbo do correio de Lisboa com a data do dia anterior; a um canto havia inutilizada uma estampilha francesa; no sobrescrito lia-se: *Mr. W. Rytmel*.

Este nome achava-se no álbum da condessa por baixo de dois versos ingleses.

A luva, que levantei do chão, era de mão de homem, e de pelica branca com cordões pretos. Por dentro tinha em letras azuis a marca de um luveiro de Londres. Era evidente que tinha achado o que procurava. Rytmel era o nome do morto.

Abri em seguida a porta que tinha em frente de mim e estremeci de horror. Estendido num sofá estava o cadáver. A expressão do seu rosto inculcava um sossego feliz. Parecia dormir. Apalpei-o; estava frio como mármore. Colocado perto dele estava um copo com um pouco de líquido. Era ópio.

Percorri o aposento com um relance de olhos. No forro de cetim preto do chapéu, que estava caído no chão, vi bordadas em vermelho uma coroa de barão e duas grandes letras – um W. e um R.

Não podia perder tempo. Fui para casa, sentei-me pacientemente à minha banca e abri o álbum defronte de mim na página em que estavam os versos assinados por W. Rytmel.

É de saber que tenho aquela espécie de habilidade que Alexandre Dumas considera aviltante e vilipendiosa para a inteligência: sou, como terá visto pela letra destas cartas, um excelente calígrafo. Copiei escrupulosamente, desenhando letra a letra, por trinta ou quarenta vezes consecutivas, os dois versos que tinha patentes. Depois principiei a construir, com letras da mesma forma das que tinha copiado, outras palavras diferentes. Finalmente, depois de muito estudo e de muitos ensaios, peguei na meia folha de papel que tinha encontrado na casa em que se dera a catástrofe, e fiz em inglês com escrita que ninguém no mundo duvidaria ser a da pessoa que escreveu no álbum os versos assinados pelo nome de Rytmel, uma declaração pessoal do suicídio por meio do ópio. Deste modo, quer mais tarde me ocorresse, quer não, o meio mais conveniente de sepultar o cadáver, as suspeitas de homicídio desapareciam.

A condessa estava salva desde que, antes demais ninguém, eu entrasse na casa e colocasse junto do corpo o bilhete que escrevera.

Mas eu ficava sendo um *falsário*. Repeti a mim mesmo esta palavra sinistra e estremeci de horror. Era preciso achar outro meio, que eu procurava debalde. E, no entanto, o tempo corria. Veio a noite. Lembrei-me que o primo da condessa poderia vir de Cascais prevenido por ela, e cheguei a sair de casa com pregos e um martelo para encravar a fechadura da porta e retardar a entrada no prédio onde se achava o morto. Ocorreram-me mil ideias fantásticas, cada qual mais absurda. Passei por muito longe, a pé, meditando, inquieto, nervoso, congestionado, estafado, devorado de febre, palpando no fundo do bolso o bilhete terrível com que poderia desviar a responsabilidade da cabeça de um criminoso, tomando, todavia, para mim uma parte igual no seu remorso.

Finalmente, por volta da meia-noite, sem bem saber porquê, nem para quê, levado por uma atracção terrível, atrás de uma suprema inspiração, cingi-me com o muro, abri a porta, penetrei na casa. Então me encontrei inesperadamente com o doutor e com a pessoa conhecida no decurso desta história pelo nome de *maskarado alta*

O primo da condessa, tendo chegado de Cascais ao meio-dia, acompanhado de dois amigos íntimos, inquieto pelo desaparecimento de Rytmel, que era seu hóspede e vivia como homiziado em casa dele em Lisboa, foi ao prédio misterioso de que possuía uma chave e que sabia ser frequentado regularmente pelo inglês, e encontrou aí o cadáver. Conhecendo as relações de Rytmel com a condessa, ponderando quanto havia de delicado na necessidade de manter o maior sigilo em volta daquela catástrofe, e julgando por outro lado indispensável que o testemunho de um médico constatasse a morte, que poderia ser apenas aparente, planeou e realizou a emboscada em que surpreendeu o doutor *** que ele sabia casualmente que passaria nessa tarde pela estrada de Sintra.

Sabem o que se passou nessa noite.

VI

No dia seguinte às onze horas da manhã, todos nós, os que havíamos ficado nessa casa fatal, nos achávamos reunidos, de rosto descoberto, em torno do cadáver.

O doutor havia sido conduzido ao ponto da estrada de Sintra, em que fora tomado na véspera.

F..., encarcerado durante a noite num quarto interior da casa, havia comunicado com um alemão que habitava o prédio contíguo, e passara-lhe de manhã, por um buraco feito no tabique, a carta ao doutor, publicada mais tarde no *Diário de Notícias*. Em seguida arrombou a porta do quarto que lhe servia de cárcere, e depois de uma alteração violenta, arrancou a máscara ao primo da condessa. Os outros dois mascarados, vendo o seu companheiro descoberto, tiraram igualmente as máscaras. Um deles era íntimo amigo de F...

– Que é isto?... Como pode isto ser?... – gritou F... exaltado.

E apontando em seguida para o cadáver, continuou:

– Aquele homem está morto, e foi roubado. Depressa, expliquem-se! Como pode isto ser?

– Meus senhores – exclamou o *maskarado alto* –, o segredo que eu tenho tido em meu dever guardar dentro dos muros desta casa, e que espero fique para sempre sepultado nela, pertence a uma senhora. Uma parte deste segredo, aquela que mais particularmente nos interessa, a que explica a presença daquele cadáver diante de nós, conhece-a este senhor.

E voltando-se para mim ao dizer estas palavras, acrescentou:

– Em nome da nossa dignidade; emprazo-o pela sua honra a que declare o que sabe.

– Jurei não o dizer – respondi eu –, não o direi nunca. Ao entrar aqui, em presença de um perigo que julguei iminente sobre a cabeça das pessoas mais particularmente envolvidas neste mistério, perdi os sentidos, desmaiei mulheril e miseravelmente. Falta-me diante do perigo a energia física, que é a feição visível do valor. Não imaginem, por isso, que também careço de força moral precisa para guardar um segredo, à custa que seja da minha própria vida! Interrogado por gente mascarada, que não conhecia, era-me lícito mentir, pôr também na resposta uma máscara. Diante de gente de bem, que me interroga invocando a sua honra, o meu dever é calar-me. Previno-os de que são absolutamente inúteis todas as tentativas que fizerem para me obrigar a outra coisa.

– Não é difícil de cumprir o seu dever! – observou com ironia o *maskarado alto*. – O corpo daquele desgraçado não pode ficar ali por mais tempo. É urgente que tomemos uma deliberação decisiva e que salvemos a responsabilidade que pesa sobre nós, de modo tal que

fique para sempre tranquila a consciência que nos ditar o conselho que houvermos de seguir. Visto que este senhor se recusa a principiar, começarei eu.

E traçou sobre uma folha de papel as seguintes linhas, que ia pronunciando ao mesmo tempo que as escrevia.

Minha prima:

«Na rua de... nº... acham-se neste momento reunidos diante de um cadáver os seguintes homens: (seguiram-se os nossos nomes). É um tribunal supremo constituído pelo acaso e que vai julgar em derradeira e única instância o crime sujeito pela fatalidade, à nossa jurisdição. Se em presença deste tribunal a minha prima tiver que depor, peço-lhe que o faça.»

– Perdão... – observei eu. – Peço licença para acrescentar uma linha:

«A. M. C. não devolve a chave.»

Ele escreveu o que ditei, assinou, dobrou o papel, e disse a um dos seus amigos:

– Vai já entregar este escrito à condessa de W...

Meia hora depois uma carruagem que percorrera a rua a galope parou à porta do prédio em que estávamos. Rolámos para dentro da alcova o sofá em que se achava o cadáver, e cerrámos o reposteiro da sala. Abriu-se a porta, e a condessa entrou.

Seguira o alvitre que lhe propus. As vinte e quatro horas decorridas desde que eu a deixara até ao momento de partir para ali, tinha-as empregado em escrever com uma eloquência apaixonada e febril a história da sua desgraça. O caderno que lhe remeto encerra, senhor redactor, a cópia da longa carta dirigida por ela a seu primo. Cedo o lugar que estava ocupando nas colunas do seu periódico à publicação deste documento, que verdadeiramente se poderia chamar *O auto de autópsia de um adultério*.

Depois direi o destino que demos ao cadáver, e o fim que teve a condessa.

A CONFISSÃO DELA

I

.....

Parece-me às vezes que tudo isto se passou numa vida distante como um romance escrito, que me causa saudades e dor, ou uma velha confiança de que a minha alma se lembra. Mas, de repente, a realidade cai arrebatadamente sobre mim, e creio que sofro mais então, por ter a consciência de que não devia nunca ter deixado de sofrer. Foi bom que me determinasse a esta confissão. Contar uma dor é consolá-la. Desde que me determinei a escrever estas confidências, há no meu peito um alívio e como um movimento de dores cruéis que desamparam os seus recantos.

O princípio das minhas desgraças foi em Paris. Lá comecei a morrer. Lembra-me o dia, a hora, a cor da relva, acordo meu vestido. Foi no fim do penúltimo Inverno, em Maio. *Ele* estava também em Paris. Víamo-nos sempre. Às vezes saíamos da cidade. Íamos passar o dia a Fontainebleu, Vincenas, Bougival, para o campo. A Primavera era serena e tépida. Já estavam floridos os lilases. Levávamos um cabazinho da Índia com fruta, num leito de folhas de alface. Ríamos como noivos...

Havia três meses que estávamos em Paris: o conde – creio que o disse – estava na Escócia com Lorde Grenley caçando a raposa nas tapadas do príncipe de Beaufort.

Houve então um baile no *Hotel de Ville*, um desses bailes oficiais em que uma multidão de praça pública se acotovela sob os lustres, brutalmente. Tinha eu acabado de dançar uma valsa com um coronel austríaco, quando a viscondessa de L..., que vivia então em Paris, veio a mim, toda risonha.

– Conheces este nome: *miss Shorn*?

– Não. Uma americana?

– Uma irlandesa. Uma maravilha, O perfeito dançou com ela: a condessa Walevka beijou-a na testa. Gustavo Doré prometeu-lhe um desenho. Vai ser apresentada nas Tulherias. No fim, queres que te diga? Acho-a insignificante. Bonitos cabelos, sim. Não se fala noutra coisa! Mas tu deves conhecê-la...

– Porquê?

– Tem dançado com Captain Rytmel, parecem íntimos. Tu ris?

– Eu?

– Não... tu riste!

– Nunca rio, senão quando quero chorar, minha querida!

– *Tiens, tiens!* – murmurou ela olhando muito para mim.

E afastou-se. O meu pobre coração ficou em desordem. Às vezes, na nossa alma, toca-se de repente a rebate, e as desconfianças adormecidas, acordam, tomam as suas armas, e fazem sobre nós um fogo cruel.

Captain Rytmel aproximara-se.

– Vem radiante – disse-lhe eu. – Quem é *miss Shorn*?

Ele respondeu, gravemente:

– É a amiga íntima da minha irmã.

Fomos dançar. Era uma quadrilha. Pareceu-me triste. Os movimentos da dança lembravam-me as cerimónias de um culto. O meu ramo ficou espalhado pelo chão. Nesse instante, sem saber porquê, detestei Paris, o ruído, o império; desejei as sombras de Sintra, os retiros melancólicos de Belas, cheios dos murmúrios da água.

Quis sair. Numa das últimas salas uma mulher alta, loura, tomava das mãos de um velho extremamente magro e distinto a sua *sortie de boi*.

Captain Rytmel, que me dava o braço, inclinou-se ao passar junto dela, e falando baixo para mim:

– *Miss Shorn!* – disse ele.

Era realmente linda. Grandes cabelos louros, fortes, luminosos; os olhos largos, inteligentes, sérios; um corpo perfeito.

Nessa noite chorei. No meu quarto as luzes e o fogão estavam acesos. Entrei, fui ao espelho precipitadamente. Deixei cair dos ombros o *burnous*. Ergui a cabeça, olhei a medo. A minha imagem aparecia ao fundo do quadro num vapor luminoso. Achei-me feia. Olhei mais. Tinha os braços nus, a cabeça erguida em plena luz. Lentamente a consciência de que eu estava linda assim, penetrou-me, encheu-me de alegria. É tão bom ser linda!

Dali a dois dias houve uma revista militar no campo de Longchamps. Captain Rytmel acompanhou-me. Eu tinha um lugar na tribuna do *Jockey*. Havia uma enorme multidão. Estava a imperatriz, a corte, a diplomacia – a tribuna resplandecia de fardas, de jóias, de plumas, de reflexos de seda. Os regimentos tinham começado a desfilar. As músicas, os clarins, o rufar altivo dos tambores, o surdo ruído dos batalhões em marcha, o luzir das baionetas, as vozes de comando, o galopar dos cavalos, o brilho dos capacetes, o céu resplandecente, como um largo pavilhão azul, tudo fazia palpitar, dava estranhos sentimentos de guerra e de glória. E todo o corpo estremecia quando aquelas poderosas massas de gente passavam gritando:

– Viva o Imperador!

Sou uma pobre mulher, mas estremeci também!

A infantaria tinha passado. Rytmel fora falar com *miss Shorn*, que estava em companhia de *Lady Lyons*. O barão Werther, embaixador da Prússia, ficara colocado junto dela.

Ia passar a artilharia e a cavalaria. O Imperador, com o seu Estado-Maior, tinha vindo colocar-se ao pé da tribuna do *Jockey*. Nós todos nos inclinávamos para ver os generais que o cercavam: Montauban, o que tomara Pequim; Canrobert com os seus longos cabelos brancos; a espessa figura de Bazaine; o altivo perfil trigueiro de Mac-Mahon, que viera da Argélia...

Miss Shorn era também muito olhada na tribuna do *Jockey*. Dizia-se que a Imperatriz lhe tinha sorrido e que *madame* de Talouet lhe mandara, sem a conhecer, um ramo de violetas do pólo.

Mas os olhos começavam a voltar-se para o fundo da planície, de onde a cavalaria devia partir, e corria um arrepio de entusiasmo perante um tão grande poder militar. Nessa manhã falava-se em certas reservas entre o gabinete de Berlim e as Tulherias. Lembrava-se Sadova, mil coisas que eu não sei; e olhava-se muito para o barão Werther, que sorria com o seu tímido sorriso prussiano.

No entanto, a cavalaria formara em linha. Os clarins tocavam, as bandeiras desdobravam-se; e de repente aquela enorme massa despediu à carga cerrada do fundo do campo para a tribuna do *Jockey*.

Os capacetes, as couraças, as espadas, faiscavam ao sol. O chão tremia sob o compasso do galope. Sentia-se já o tinir dos ferros. Distinguiam-se já os coronéis, esbeltos moços condecorados. Ouvia-se o respirar ofegante dos cavalos. O Imperador tinha-se descoberto, todos na tribuna estavam de pé.. De repente, por um movimento único, toda aquela enorme coluna estacou firme, vibrante, imóvel, reluzente, agitando as espadas, e gritando:

– Urra! Viva o Imperador!

A tribuna, de pé, respondeu:

– Hurra!

Então, vendo uma tão admirável cavalaria, uma tão grande força, tanto prestígio imperial, e tomados do indomável orgulho das tradições ou possuídos da febre do sangue militar, muitos *oficiais*, que estavam nas outras alas, adiantaram-se, e elevando as espadas, gritaram:

– A Berlim! a Berlim!

Por todo o campo se ouviam agora gritos exaltados:

– A Berlim! a Berlim!

E na tribuna algumas vozes clamavam também:

– Sim, sim, a Berlim!

O Imperador então, erguendo-se nos estribos, estendeu a mão abe4a como impondo silêncio, ou como dizendo: *Esperai!*

Aquele grito inesperado todo o Estado-maior se tinha apertado em torno do Imperador, e eu, que estava nos primeiros bancos da tribuna, vi o marechal Mac-Mahon deter subitamente o cavalo, voltar meio corpo rapidamente, e com a mão apoiada no xairel escarlate bordado a ouro, que cobria a anca do animal, erguer os olhos meio risonhos para o lado da tribuna em que estava o embaixador da Prússia. Eu segui o olhar do marechal, olhei também e vi...como hei-de dizê-lo? Vi Rytmel. Vi-o junto de *miss Shorn*, curvado, falando-lhe, sorrindo-lhe, absorto, afogado na luz dos seus olhos. Ela olhava-o, extremamente séria, com um longo olhar demorado e convencido, em que eu vi todo o fim da minha vida!

II

Daí a dez dias o conde chegou; partimos para Portugal. Durante esse tempo que ainda estive com Rytmel em Paris, nem eu traí as minhas dúvidas, nem ele mostrou preocupações alheias aos interesses do nosso amor.

Vim para Lisboa; recebia regularmente cartas dele. Estudava-as, decompunha as frases palavra por palavra para encontrar a oculta verdade do sentimento que as criara. E terminava sempre – meu Deus! – por descobrir uma serenidade gradual no seu modo de sentir. Rytmel escrevia-me com muito espírito e com muita lógica para poder pôr o coração no que escrevia. Evidentemente, o seu amor passava da paixão para o raciocínio. Criticava-o: prova de que não estava dominado por ele. Tinha até já palavras engenhosas e literárias. Valia-se da retórica! Ao mesmo tempo a sua letra tornava-se mais firme; já não eram aquelas linhas tortas, convulsivas e arrebatadas que palpitavam, que me envolviam... Era um infame cursivo inglês, pausado e correcto. Já me não escrevia como dantes em papel de acaso, em folhas de carteira, em pedaços de cartas velhas, que denotavam as inspirações do amor, os sobressaltos repentinos da paixão; escrevia-me em papel Maquet, perfumado! Pobre querido, o que o seu coração tinha de menos em amor tinha de mais o seu papel em *marechala*!

E eu? É talvez ocasião de falar aqui do meu sentimento. Duvidei fazê-lo. Não queria colocar o meu coração sobre esta página como numa banca de anatomia. Mas pensei melhor. Eu já não sou *alguém*. Não existo, não tenho individualidade. Não sou uma mulher viva, com nervos, com defeitos, com pudor. Sou um *caso*, um *acontecimento*, uma espécie de *exemplo*. Não vivo da minha respiração, nem da circulação do meu sangue: vivo abstractamente, da publicidade, dos comentários de quem lê este jornal, das discussões que as minhas mágoas provocam. Não sou uma mulher, sou um *romance*.

III

Não pense que digo isto com amargura. A maior alegria que eu posso ter é a aniquilação da minha individualidade.

Por isso não tenho escrúpulos. As almas extremamente desgraçadas são como as criancinhas: devem mostrar-se nuas.

Além de tudo suponho que estas páginas podem ser uma revelação proveitosa para aquelas que estejam nas ilusões da paixão. Que me escutem pois!

São 11 horas da noite. Neste momento, quantas sei eu que sofrem, que esperam, que mentem, possuídas de um sentimento, que pouco mais lhes dá do que a felicidade de serem desgraçadas! Tu, minha pobre J..., mulher de discretos martírios a quem tantas vezes vi os olhos pisados das lágrimas! tu, pobre Th..., que tens passado a tua vida a tremer, a recear, a humilhar-te, a espreitar, e a fugir..., vós todas que estais envolvidas pelo elemento cruel da paixão, quase fora da vida, e em luta com a verdade humana, vós todas escutai-me!

Desde que ameí, a minha vida foi um desequilíbrio perpétuo. Não era voluntariamente que eu cedia à atracção, era com uma repugnância altiva. Mil coisas choravam dentro em mim, sofria sobretudo o orgulho. Era impossível fazer com ele uma conciliação. Reagi sempre, protesta ainda. Parece vencido, resignado, mas de repente ergue-se dentro de mim, esbofeteia-me o coração.

O que eu sofri! O que eu corei! Corei diante da minha pobre Joana, da minha velha ama, um anjo cheio de rugas, que sabe sobretudo amar quando tem de perdoar! Corava diante das minhas criadas. Julgava-me feliz quando elas me sorriam, tremia quando lhes via o aspecto sério. Dava-lhes vestidos, ensinava-lhes piteados. Saíam às vezes de tarde, recolhiam alta noite; eu corava profundamente no meu coração, e sorria-lhes.

O olhar dos homens era-me insuportável: parecia-me envolver uma afronta. Imaginava que era pública a aventura do meu coração, que era julgada como uma criatura de paixões fáceis, o que dava a todos o direito de me fazerem corar. Quantas vezes saí do teatro afogada em lágrimas! Analisava os gestos, os olhares, os movimentos dos lábios. «Fulana olhou-me com desdém! Aquele. riu-se insolentemente, quando eu passei! Aqueloutra afectou não me ver.» Se numa modista, ao escolher um vestido, me diziam: «Esta cor é alegre, é bonita!» eu pensava comigo: «Bem sei, aconselham-me as cores vivas, ruidosas, as cores do escândalo, o género *artiste*!» E saía, fechava os estores do meu *coupé*, chorava desafogadamente.

Não me atrevia a beijar uma criança; olhava-a com uma temura inefável, ia a tomá-la nos braços, mas dizia comigo: «Deixa esse pobre anjinho, não és bastante pura para lhe tocar!

Devo dizer tudo. Corava diante do meu cocheiro! Sorria-lhe com o maior carinho: temia a todo o momento uma má resposta, uma audácia, uma palavra acusadora. Quando eu entrava para a carruagem, e de se erguia respeitosamente, eu ficava tão satisfeita daquela prova de atenção, que tinha vontade de o abraçar...

Acha odioso, não?

Defino o meu estado por uma palavra precisa e terrível: quando meu marido me apertava expansivamente a mão, eu sofria tanto como se o outro me atraísse!

Ai de mim! Quantas vezes quis eu consolar o meu orgulho, pensando nas glórias dramáticas do sofrimento e do martírio! Quantas vezes me comparei às figuras líricas da paixão, que contam as legéndas da sua dor ao ruído das orquestras, à luz das rampas, e que são *Traviata*, *Lúcia*, *Elvira*, *Amélia*, *Margarida*, *Julieta*, *Desdémona*! Ai de mim! Mas onde estavam os meus castelos, os meus pajens, e o ruído das minhas cavalcadas? Uma pobre criatura que vive da existência do Chiado, que veste na *Aline*, que glorificações pode dar à sua paixão?

E depois é cruel, e é forçoso dizê-lo: há sempre um momento em que uma mulher pergunta a si mesma se realmente são as grandes qualidades morais do seu amante que a dominaram. Porque então haveria justificações. E há uma profunda humilhação em nossa consciência quando nos chegamos a convencer de que, se amamos um homem, não foi só a

nobreza das suas ideias e o ideal dos seus sentimentos que nos dominaram, mas um *não-sei-quê*, em que entra talvez a cor do seu cabelo e o nó da sua gravata. Sejam francas: para que havemos de disfarçar a pequenez estreita das nossas inclinações? Para que havemos de colorir de ideal a origem vulgar das nossas preferências? Não quero dizer que as elevações morais não sejam um auxiliar poderoso à simpatia instintiva; mas o que na realidade nos domina é o exterior de um homem. Que todas as que lerem estas confidências dolorosas se consultem no silêncio do seu coração e digam o que determinou nelas a sensação; se foi o carácter ou se foi a fisionomia. E as que forem francas dirão que na sua vida influenciou talvez mais a cor de um fraque, do que a elevação de um espírito.

Sim, digo-o francamente, daqui deste canto do mundo, em que o ruído das coisas tem o som oco da tampa de um esquite; os desvarios do coração em nós outras, nada os absolve, quase nada os explica.

Fui nova; tive, como todas, as minhas horas de tédio assaltadas de quimeras; tive os meus romances íntimos, que nasciam, sofriam, morriam entre duas flores do meu bordado. Criei aventuras, dramas apaixonados e fugas dramáticas aconchegadamente encolhida na minha poltrona, ao canto do fogão.

Conheci mais tarde muitos caracteres femininos e a história de muitas sensibilidades. Experimentei eu também os sobressaltos da paixão – e nunca vi, nunca soube que estas imaginações, que estas *atrações* nascessem de uma verdade da natureza, da lógica das circunstâncias, da irreparável acção do coração. Vi sempre que saíam de um pequeno mundo efémero, romântico, literário, fictício, que habita no cérebro de todas as mulheres.

Vejo-o daqui a sorrir... Não se admire de me ver falar assim. Lembra-se daquelas conversações tão íntimas e tão sérias na rua de...? Lembra-se do terraço de *Clarence-Hotel*, em Malta, quando a Lua silenciosa cobria o mar? Não se recorda das minhas ideias então e daquelas imaginações que eu denominava gloriosamente os meus *sistemas*? Não se lembra que me chamava então *filósofo louro*? O *filósofo* sentiu, chorou, sofreu, teve por isso o melhor estudo. Que maior ensino que as lágrimas? A dor é uma verdade eterna, que fica, enquanto as teorias passam. Não imagina o que tenho aprendido da vida desde que sou desgraçada! Não imagina quantas ideias rectas e precisas saem das incoerências do pranto!

Por isso hoje não creio em certas fatalidades, com que as mulheres pretendem esquivar-se às responsabilidades. Não creio no que se chama teatralmente as *fatalidades da paixão*. A vontade é tudo; é um tão grande princípio vital como o Sol. Contra ela as fatalidades, as febres, o ideal, quebram-se como bolas de sabão.

Respondem-me chorando: a *fatalidade*! Mas, meu Deus! tomemos um exemplo – a aventura trivial, a comum, o que se poderia chamar a *aventura-tipo*, o que se vê todos os dias, em qualquer rua, no primeiro número par ou ímpar... a aventura que nós acotovelamos no passeio, que toma connosco neve na Confeitaria Italiana, e que se enterra ao pé de nós no Alto de S. João.

A cena é simples, de três personagens. Eu, por exemplo, sou a mulher. Meu marido é um homem honesto e trabalhador. Cansa-se, luta, prodigaliza-se: logo de manhã sai para o seu escritório, ou para o seu jornal, ou para o seu ofício, ou para o seu ministério; cerceia o seu sono, almoça à pressa, quebra o seu descanso. Todo ele é atenção, vigília, trabalho, sacrifício. Para quê?

Para que os nossos filhos tenham uns bibes brancos, e uma ama asseada; para que as minhas cadeiras sejam de estofa e não de pau; para que os meus vestidos sejam de seda e talhados na *Marie*, e não de chita e cosidos pelas minhas mãos, de noite, a um candeeiro amortecido.

Meu marido é um homem honesto, simpático, sério, afável. Não usa pó-de-arroz, nem brilhantina, não tem gravatas de aparato, não tem a extrema elegância de ser moço de

forcado, não escreve folhetins; trabalha, trabalha, trabalha! Ganha com o seu cansaço, com os seus tédios, em horas pesadas e longas, o jantar de todos os dias, o vestuário de todas as estações. A sua consolação sou eu, o centro da sua vida sou eu, o seu ideal e o seu absoluto sou eu! Não faz poemas românticos, porque eu sou o seu poema íntimo, a musa dos seus sacrifícios; não tem aventuras porque aí sou a sua esposa; não tem viagens gloriosas pelos desertos nem o prestígio das distâncias, porque o seu mundo não é maior do que o espaço que enche o som da minha voz; não ganhou a batalha de Sadova mas ganha todos os dias a terrível e obscura batalha do pão dos seus filhos...

É justo, é bom, é dedicado. Dorme profundamente porque o seu cansaço é legítimo e puro; gosta da sua *robe de chambre* porque trabalhou todo o dia. Julga-se dispensado de trazer uma flor na *boutonnière* porque traz sempre no coração a presença da minha imagem.

Pois bem! Que faço eu?

Aborreço-me.

Logo que ele sai, abro um romance, ralho com as criadas, penteio os filhos, tomo a bocejar, abro a janela, olho.

Passa um rapaz, airoso ou forte, louro ou trigueiro, imbecil ou medíocre. Olhamo-nos. Traz um cravo ao peito, uma gravata complicada. Temo cabelo mais bonito do que o do meu marido, o talhe das suas calças é perfeito, usa botas inglesas, pateia as dançarinas!

Estou encantada! Sorrio-lhe. Recebo uma carta sem espírito e sem gramática. Enlouqueço, escondo-a, beijo-a, releio-a, e desprezo a vida.

Manda-me uns versos – uns versos, meu Deus! e eu então esqueço meu marido, os seus sacrifícios, a sua bondade, o seu trabalho, a sua doçura; não me importam as lágrimas nem as desesperações do futuro; abandono probidade, pudor, dever, família, conceitos sociais, relações, e os filhos, os meus filhos! tudo – vencida, arrastada, fascinada por um soneto errado, copiado da *Grinalda*!

Realmente! É a isto, minhas pobres amigas, que vós chamais – fatalidade da paixão!

E, no entanto, como corresponde ele a este sacrifício terrível?

Como tem uma aventura, não pode ocultar a sua alegria, toma ares misteriosos, provoca as perguntas; compromete-me; deixa-me para ir esperar os touros em intimidades ignóbeis; mostra as minhas cartas em cima da mesa de um café, ao pé de uma garrafa de conhaque; jura aos seus amigos que me não *ama*, e que é – para se *entreter*; e se meu marido o chicotear nomeio do Chiado, como é vil, cobarde, vulgar e imbecil, irá queixar-se à Boa Hora!

Et voilà D. Juan!

Não! É necessário demolir pelo ridículo, pela criatura, pelo chicote e pela polícia correcional, esse tipo indigno que se chama *o conquistador*. *O conquistador* não tem atracção, nem beleza, nem elevação, nem grandeza como tipo – e como homem não tem educação, nem honestidade, nem maneiras, nem espírito, nem *toilette*, nem habilidade, nem coragem, nem dignidade, nem limpeza, nem ortografia...

Perdoe-me, meu primo, estas exaltações. Sou impressionável, vou como se costuma dizer – *atrás da frase*. Esqueço às vezes as minhas dores modernas, para me lembrar das minhas velhas indignações.

E pensa que, por condenar estes amores triviais, eu me absolvo a mim? Não. Apesar de ter amado um homem de todo o ponto excelente, cuja superioridade de espírito o meu primo conhecia e amava, de uma distinção tão perfeita e tão completa; posto que a nossa afeição tivesse vivido num meio tão elevado, tão nobre, tão altivo – apesar de tudo, eu tenho-me por tão condenável como aquelas de quem falei – e julgando-me sem justiça e fora da graça faço penitência diante do mundo.

IV

E quanto, quanto sofri então, na modéstia da minha vida, no apartamento do meu segredo! Quanto desejei ser uma pobre costureira que leva o seu filho pela mão!

Dentro do meu *coupé*, puxado a largo trote à saída do teatro, envolvida num *cachemire*, com uma pele de marta nos pés, e um aroma doce na seda das almofadas, quantas vezes invejei as pequenas burguesas que saíam das torrinhinhas, embrulhadas em disformes mantas de agasalho, pisando a lama!

No dia em que recebia as cartas dele, saía de Lisboa, fugia, ia para o campo! Levava-as, amarrotadas e beijadas, ia para a quinta de..., penetrava nas sombras espessas, ali ficava longo tempo, envolta no calor tépido do sol, entorpecida pelo rumor sereno das ramagens, e pelo murmuroso correr da água nas bacias de pedra!

Oh doce vida das árvores e das plantas! passividade da relva, irresponsabilidade da água, pacífico sono dos musgos, suave pousar da sombra! Quantas vezes me consolastes, e me ensinastes a sofrer calada! Quantas vezes invejei a imobilidade do vosso ser!

Era ali só, relendo essas cartas cruéis, que eu sentia o amor daquele homem fugir-me como a água de um regato que se quer tomar entre os dedos.

Que me restaria então?

Voltar outra vez à serenidade legítima da vida? Não podia, ai de mim! Estava para sempre expulsa do paraíso pacífico da família, da casta sombra do dever. Lançar-me nas aventuras e na revolta? Meu Deus! Isso repugnava-me tanto ao meu carácter como o contacto de um animal viscoso à pele do meu peito.

Ficava, pois, sem situação na vida. Não tinha nela um lugar definido. Entrava nessa legião dolorosa e tristemente miserável – *das mulheres abandonadas* –

A minha única honestidade agora devia ser conservar-me cativa daquele sentimento. A minha única absolvição estava na verdade da minha paixão. Quanto mais me separasse do mundo e me desse ao meu amor; mais me aproximava da dignidade. Nas situações definidas e corajosas há sempre um lado honesto; o que repugna ao instinto casto são as conciliações hipócritas. A posição que me restava, o dever que me restava, a virtude que me restava, era ser de Rytmel, só dele e para sempre: e eu sentia que ele se ia lentamente afastando de mim como eu me afastava de meu marido.

Era a minha entrada na expiação.

Nestes amores, o castigo não vem só do mundo: eles mesmo contêm os elementos da justiça cruel. O coração é o primeiro castigado pela mesma paixão. A punição da falta contra a honra vem mais tarde pelos juízos dos homens.

Eu estava diante da maior miséria moral em que se pode encontrar uma mulher nestas condições lamentáveis.

Eu amava Rytmel, Rytmel queria casar.

Que faria, meu Deus? Iria em nome da minha paixão desviar aquela existência de homem, da linha natural, simples, humana, que leva ao casamento, à família, ao dever?

Devia eu impedir que ele casasse? Mas não era isto impedir, abafar a legítima expansão da sua vida? Não era proscrevê-lo das fecundas e serenas alegrias da família, para o ter preso nos ásperos, nos estéreis sobressalto e de uma paixão romântica?

Tinha eu o direito de sequestrar aquele homem para uso exclusivo do meu coração, encarcerá-lo dentro de uma ligação ilegítima e secreta, onde ele se esterilizaria, onde os seus talentos e as suas qualidades se enferrujariam como armas inúteis, e toda a sua acção social se limitada a seguir o frufu dos meus vestidos? Não dava isto ao meu sentimento um aspecto de egoísmo animal? Não tirava isto ao meu amor a melhor qualidade: a virtude do sacrifício?

Poderia eu privá-lo de ter um dia os filhos, que fossem a continuação do seu ser e a sua imortalidade? Podia eu privá-lo em nome do meu ideal de ter na velhice aquela doce e branca companheira, sob cujo olhar pacífico, o homem justo espera, sossegado, o nobre momento da morte?

E era só isto?... Pode um espírito sincero acreditar na duração destes amores exaltados, feitos de sensibilidades e de martírios, que não têm o dever por base, e têm a traição por origem? E por dois ou três anos mais que esta aventura continuaria, tinha eu o direito de ir quebrar o destino da *outra, dela*, pobre rapariga, que o amava, que edificava a sua vida sobre o coração dele, que se preparava para ser no lar, e para sempre, a presença da graça e a consciência viva? Não: isto não podia ser.

Mas por outro lado, era justo que eu, tendo sacrificado por ele tudo, desde o pudor íntimo até à honra social, fosse agora arremessada como uma luva velha?

Eu que tinha sido tudo quando se tratava da sua imaginação, não seria nada agora porque se tratava do seu interesse? Não me exilara eu por ele, do paraíso doméstico? Por ele não renunciara às alegrias pacíficas da vida, e à sublime esperança de uma morte digna? Como eu tinha sacrificado por ele a honra de um homem, não podia ele sacrificar por mim as esperanças romanescas de uma criança? Era justo ter-me trazido enganada, envolvida, como num arminho, nas aparências do amor, ter-me conduzido com os olhos vendados, atraída, suspensa do ritmo dos seus passos, a um lugar perigoso, a uma situação intolerável, e chegando aí dizer-me: «Adeus, agora! Eu vou para a felicidade. Tu, fica; mas cuidado, que para trás não podes voltar; e se deres um passo para diante, vais abismar-te na infâmia!».

Não, isto não deve ser; o amor não é uma criação literária, é um facto da natureza: como tal produz direitos, origina deveres. E os direitos do amor não os abduco.

Pois quê! Por causa da *outra*! Hei-de dar tamanha consideração às lágrimas que choram dois olhos alheios, que nunca vi, que estão a duzentas léguas de distância e não hei-de apiedar-me das minhas lágrimas, que escorrem aqui na minha face, e que eu aparo na tremura das minhas mãos!

«És casada», dizem-me. O quê! Porque perdi mais, devo ser atendida menos! Eu, que vivo quase fora do mundo, sem estar ligada a nenhuma destas coisas superiores que amparam a vida, suspensa sobre a morte por um leve fio, por este amor único, é por isso que devo ir com as minhas mãos quebrar esse fio, quebrar esse amor!

Há algum direito humano que exija isto de mim? Há alguma piedade que o veja friamente? Há alguma consciência que o justifique? Se há, essa consciência poderia ensinar a serem duros os rochedos do mar!

Mas, meu primo, tudo isto é aqui, neste papel em que lhe escrevo. Porque na realidade eu não podia lutar com *ela*! *Ela* era a *miss*, a que havia de ser esposa e mãe – vencida tudo! Elevava-se sobre as velhas afeições, sobre os velhos erros, como a imagem da Virgem sobre o globo feito de barro e de lama, onde se enrosca a serpente.

Nem tentei lutar!

E foi por esse tempo que recebi uma carta em que ele me dizia: *Parto para Portugal*.

Que vinha fazer? O que era? Vinha despedir-se de mim? Vinha ver as minhas agonias? Vinha consolar-me? Vinha convencer-me? Vinha de novo dar-se cativo ao meu amor? Vinha. Nem ele mesmo sabia mais nada!

V

Rytmel chegou. A primeira vez que o vi foi em minha casa.

O conde estava então em Bruxelas. Era noite e na minha sala de música achavam-se reunidas algumas pessoas: a marquesa de..., velha legitimista, que fora a graça da corte

tureira de D. Miguel; o visconde de..., moço insignificante e vagamente louro, que eu acolhia bem, porque sua irmã, que morrera, fora a minha íntima, a minha confidente de colégio.

Viera também a viscondessa de..., pequenita criatura petulante e medíocre, que tinha a graça de ter vinte anos, junta com a desgraça de os não saber ter, e cuja especialidade era o querer parecer profundamente perversa, quando era apenas perfeitamente incaracterística. Mas ao pé de mim, sentado num sofá com um abandono asiático, estava um homem verdadeiramente original e superior, um nome conhecido – Carlos Fradique Mendes. Passava por ser apenas um excêntrico, mas era realmente um grande espírito. Eu estimava-o, pelo seu carácter impecável, e pela feição violenta, quase cruel, do seu talento. Fora amigo de Carlos Baudelaire e tinha como ele o olhar frio, felino, magnético, inquisitorial. Como Baudelaire, usava a cara toda rapada: e a sua maneira de vestir, de uma frescura e de uma graça singular, era como a do poeta seu amigo, quase uma obra de arte, ao mesmo tempo exótica e correcta. Havia em todo o seu exterior o que quer que fosse da feição romântica que tem o Satã de Ary Scheffer, e ao mesmo tempo a fria exactidão de um *gentleman*. Tocava admiravelmente violoncelo, era um terrível jogador de anuas, tinha viajado no Oriente, estivera em Meca, e contava que fora corsário grego. O seu espírito tinha um imprevisto profundo e que fazia cismar: fora ele que dissera da pálida duquesa de Morny: *elle a la bêtise mélancolique d'un ange*. O imperador citava muitas vezes este dito, como sendo conjuntamente a critica profunda de uma fisionomia e de um carácter.

Carlos Fradique tinha por mim uma amizade elevada e sincera. Chamava-me seu *querido irmão*. Conhecia-me desde pequena, andara comigo ao colo. Em Paris tornou-se célebre; era o que se poderia chamar um *filósofo de boulevard*. Tinha sido *l'ami de coeur* de Rigolboche, e quando ela rompeu por se ter apaixonado por Capoul, Carlos Fradique deixou-lhe no álbum uns versos quase sublimes, de um desdém cruel, de um cómico lúgubre, uma espécie de *Dies irae* do dandismo... Prometia a Rigolboche que quando ela morresse ele velaria para que ainda além do túmulo ela vivesse no chique, sentindo Paris na sepultura. Algumas das estrofes que ele traduziu para mim, e que depois se publicaram, fizeram sensação e escola...

*E eu qu'inda te amo, ó pálida canalha
Que sou gentil e bom,
Far-te-ei enterrar numa mortalha
Talhada à Benoiton!
Irei à noite com Marie Larife,
Vénus do macadam,
Fazer sentir ao pó do teu esquiife
Os gostos do cancan...
E no tempo das courses, p'lo Verão
– Assim to juro eu –
Irei dar parte à tua podridão
Se o Gladiador venceu...*

Eram dez horas. Carlos Fradique, com uma voz impassível, quase lânguida, contava as situações monstruosas de uma paixão mística que tivera por uma negra antropófaga. A sua veia, naquele dia, era toda grotesca.

– A pobre criatura – dizia ele – untava os cabelos com um óleo ascoroso. Eu seguia-a pelo cheiro. Um dia, exaltado de amor, aproximei-me dela, arregacei a manga e apresentei-lhe o braço nu. Queria fazer-lhe aquele mimo! Ela cheirou, deu uma dentada, levou um

pedaço longo de carne, mastigou, lambeu os beijos e pediu mais. Eu tremia de amor, fascinado, feliz em sofrer por ela. Sufoquei a dor, e estendi-lhe outra vez o braço...

– Oh! Sr. Fradique! – gritaram todos, escandalizados com a invenção monstruosa.

– Comeu mais – continuou ele gravemente –, gostou e pediu outra vez.

Falava com um sorriso fino, quase beatífico. Nós íamos revoltar-nos contra a cruel excentricidade daquela história.

Neste momento vi à porta da sala, trémula, com um grande espanto nos olhos, chamando-me baixo, a minha criada Betty. Fui: ela tomou-me pela mão, foi-me levando, e no corredor, olhando com receio, abrindo num grande pasmo os braços, disse-me ao ouvido:

– É ele!

Encostei-me desfalecidamente à parede, sentindo parar o coração.

Betty, com passos discretos, foi abrir a porta do meu *toilette*. Entrei. De pé junto de uma mesa, extremamente pálido, estava ele. Apertei as mãos sobre o peito, fiquei imóvel, suspensa. Ele caminhou para mim com os braços abertos, para me envolver; eu deixei-me cair aos seus pés e, calada, beijei-lhe os dedos. Ele tinha ajoelhado comigo, e com as mãos enlaçadas, os olhos confundidos, chorávamos ambos. Eu só dizia num murmúrio de lágrimas:

– Há tanto tempo!..

– Minha senhora, minha querida menina – dizia Betty da porta –, e aquela gente, santo Deus, que há-de dizer!?

Eu não a escutava. Foi ele que disse sorrindo:

– Tem razão, Betty, tem razão! É necessário voltar à sala.

E deu-me o braço. Entrámos: ele grave, eu meio desfalecida, abstracta, com os olhos marejados de lágrimas e um sorriso vago nas feições.

Disse o nome de Captain Rytmel, e a sua antiga amizade com o conde. Vi a marquesa sorrir levemente.

E voltando-me para Rytmel:

– O sr. Carlos Fradique – disse eu –, antigo pirata.

Os dois homens apertaram a mão.

– A senhora condessa lisonjeia-me extremamente. Eu fui apenas corsário – disse Carlos.

Sentei-me ao piano acordando, a fugir, o teclado. Assim via bem Rytmel. A luz envolvia-o. Estava mais pálido, o seu rosto apresentava linhas mais graves. A testa tinha perdido a sua pureza: havia uma ruga estreita e funda que a dominava.

Fradique continuava falando. Agora fazia a crítica das mulheres do Norte.

– A irlandesa – dizia ele – tem, mais que nenhuma mulher, a graça... Sobretudo a que vive junto dos lagos! A melhor religião, a melhor moral, a melhor ciência para um espírito feminino – é um lago. Aquela água imóvel, azul, pálida, fria, pacífica, dá um extremo repouso à alma, uma necessidade de coisas justas, um hábito de recolhimento e de pensamento, um amor da modéstia e das coisas íntimas, o segredo de ser infinito sendo monótono, e a ciência de perdoar... Exijo, na mulher com quem casar, que tenha as unhas rosadas e polidas, e um ano de convivência com um lago!

Eu vi Rytmel corar de leve e torcer nervosamente o bigode.

Pelo lúcido instinto da paixão, compreendi que entre aquela glorificação dos lagos, e os ocultos pensamentos de Rytmel, havia uma afinidade. Lembrou-me a revista de Longchamps, os louros cabelos irlandeses de *miss Shorn*, e voltando-me para Carlos Fradique:

– Meu caro amigo, um pouco do seu violoncelo, sim?

A sala abria sobre os jardins. A plácida respiração do vento fazia arfar as cortinas.

Carlos Fradique começou a tocar uma balada das margens do mar do Norte, de um encanto singularmente triste. Sentia-se o chorar das águas, o feérico correr das ondas, o compassado bater dos remos de um pirata norvêgio, a fria Lua. Eu tinha ido com Rytmel para junto da varanda, e enquanto a pequena melodia soava nas cordas do violoncelo, lembravam-me as antigas coisas do meu amor, o *Ceilão*, as noites silenciosas em que ele me jurava a verdade da sua paixão e a voz do mar parecia uma afirmação infinita; lembravam-me os terraços de Malta batidos da Lua, as moitas de rosas de *Clarence-Hotel*, os prados suaves de Ville d'Avray; via-o ferido, pálido sobre as suas almofadas; via-o abordo do *Romantic*, comandando as manobras da fuga, chorando os desastres do amor... E estas memórias embalavam-se no meu cérebro, confundidas com as melodias do violoncelo.

VI

Ao outro dia eu devia encontrar-me com ele nessa fatal casa nº... Fui, como sempre, toda vestida de preto, envolta num grande véu. Estava extremamente pálida, palpitava-me o coração de susto. Era aquele um momento de transe. Eu decidira ter com Rytmel uma explicação clara, definitiva, sem equívocos... Uma palavra que ele dissesse, seca ou indiferente, um gesto impaciente, e eu consideraria-me abandonada, exilada da vida, retirava-me para um chalé na Suíça, ou para Jerusalém, ou para a melancolia de um claustro no Sul da França. Tinha determinado assim a solução do meu destino.

Quando cheguei à casa nº... ele não estava ainda. Fiquei ali muito tempo, imóvel numa cadeira. Os ruídos da rua chegavam-me como no fundo de um sonho. A sala tinha uma luz esbatida, através dos vidros foscos como os globos dos candeeiros. Eu sentia aquela impressão indefinida, que nos vem quando estamos durante muito tempo num lugar sossegado e triste, olhando o silencioso cair da chuva.

De repente a porta gemeu docemente, ele entrou.

Vinha do campo. Tinha colhido para mim um pequenino ramo de flores miadas das sebes. Veio apoiar-se nas costas da minha cadeira, e deixou-mas cair no regaço...

Depois, falando-me baixo, junto da face:

– Andei todo o dia a pensar em si, à *travers champs*.

Não respondi, e com os olhos errantes nas cores do tapete, desfolhei cruelmente as pequeninas flores dos prados. Tinha um contentamento amargo em torturar aqueles delicados seres, que vinham dele, e que me parecia terem dele aprendido a mentir.

– Pensei constantemente em si, e o passeio foi encantador – repetiu com uma voz docemente insistente.

Eu ergui os olhos para ele.

– Responda-me: sabe mentir?

– Mas, meu Deus – disse ele, afastando-se –, parece que me quer hoje mal, minha querida filha!

Não respondi; mas o meu regaço estava coberto de flores mutiladas.

Ele então ajoelhou ao meu lado, e tomando-me as mãos, espreitando os meus olhos impassíveis, ficou esperando, numa contemplação amante e paciente, que eu quebrasse aquela imobilidade. Eu sentia todo o meu ser pender para ele, numa atracção insensível, mas dominava-me. Até que por fim ele ergueu-se lentamente, arremessou o corpo para um sofá, e ali ficou, como refugiado, folheando um volume de Musset, que estava sobre a mesa...

Levantei-me, tirei-lhe arrebatadamente o livro das mãos:

– Sabe o que é? Não o compreendo, e é necessário que me diga, mas francamente, claramente, sílaba por sílaba, o que tem! Não me ama, é claro. Escusa de protestar. Vi-o logo pelo tom das primeiras cartas que me escreveu de Londres. E agora vejo-o pelo seu

olhar, as suas menores palavras, o seu silêncio, até. Há uma coisa qualquer, não sei qual, mas há. A verdade é que me abandona, que me não ama. É necessário que se explique. Isto não pode ser assim. Sofro. Se soubesse! Chorei toda a noite...

E recomecei a chorar diante dele, com soluços que me quebravam. Ele tinha-me tomado as mãos e dizia-me baixo as coisas mais tocantes, em que havia as ternuras do amante e as consolações do amigo. Afastei-o de mim, e comprimindo o pranto:

– Não, não, é necessário que me diga claramente tudo. Eu não sei o que te quero perguntar ou não me atrevo talvez... Mas tu sabes o que me debes responder... Diz-me a verdade...

Ele, cruzando os braços, respondeu-me, com uma extrema placidez:

– Mas, minha querida amiga, a verdade é que as ilusões do seu espírito são a nossa desgraça. Não é culpa sua, sei: é uma fatalidade do carácter feminino. É-lhes insuportável a serenidade. Na vida pacífica procuram o romance, no romance procuram a dor. É necessário que esses pequeninos e graciosos crânios tenham sempre a honra de cobrir uma tempestade. Que quer então que lhe diga? Não vim a Portugal espontaneamente? Não tem encontrado sempre ao seu lado o meu amor, fiel como um cão? Que mais quer? Acha-me reservado, diz. E se eu tivesse as violências de Otelo, achava-me decerto ridículo! De resto, sabe-o bem, amo-a! Digo-lho aqui, sentado num sofá, de sobrecasaca, numa casa que tem número para a rua, e vou aqui apouco, num *coupé*, jantar, jogar talvez o xadrez, vestir – quem sabe? – um *robe de chambre*! É lamentável tudo isto, bem sei. E é por isto que não tem confiança em mim? E diga-me francamente: se eu estivesse aqui nos paroxismos de Antony, ou tivesse uma *toilette* veneziana, ou se isto fosse uma abadia feudal, ou se eu partisse daqui para conquistar Jerusalém, diga-me – tinha mais confiança?

– Tudo isso não quer dizer nada.

– Oh, minha querida amiga...

– A sua querida amiga – interrompi – nada mais pede que um coração franco e recto. São tudo, pois, imaginações minhas? Não há nada que nos separe? Pois bem, vou dizer-lhe uma coisa, e juro-lhe que é irremissível, juro que o digo em toda a frieza do meu juízo, sem exaltação e sem paixão, com o discernimento mais livre, o cálculo mais positivo...

– Mas, meu Deus! Diga...

– E esta resolução, aceita-a?

– Uma resolução... E o que envolve ela?

– Envolve a única coisa possível, a única que me fará crer em si, com a mesma fé com que creio em mim. Aceita?

– Mas como não hei-de aceitar?...

– Pois bem – comecei eu.

E tomando-lhe as mãos, disse-lhe junto da face numa voz ardente como um beijo:

– Fujamos amanhã.

Rytmel empalideceu levemente e retirando devagar as suas mãos de entre a pressão das minhas:

– E sabe que é uma coisa irreparável?

– Sei.

Ele sentara-se, com os olhos sobre o tapete, e eu no entanto, de pé junto dele, com a minha mão pousada sobre o seu ombro, dizia-lhe como num murmúrio de um sonho:

– Pensava nisto há um mês. Vamos para Nápoles. Vamos para onde quiser. Adoro-te... É como uma pessoa que se deixa adormecer. Adoro-te, e quero viver contigo...

Pousei-lhe a mão sobre a testa, ergui-lhe a cabeça, para ver a resposta dos seus olhos; estavam cerrados de lágrimas.

– Meu Deus! Rytmel, tu choras...

– Não, não, minha querida! Estava pensando em minha mãe, que não torno talvez a ver... Acabou-se... Amo-te, amo-te... e... Avante!
E tomou-me nos seus braços, ardentemente, como selando um pacto eterno.

VII

Fui logo para casa, chamei precipitadamente Betty.

– Betty – disse eu fechando a porta do quarto. – Betty, depressa, quero dizer-te uma coisa. Não me digas que não...

– Santo Deus! Sossegue, descanse, minha querida menina! Jesus, como vem pálida!

– Betty, é uma coisa irreparável..., devia ser. Foi pensada a sangue-frio. Vês como estou tranquila, sem exaltação, sem nervos. É uma resolução digna. Betty, não me digas que não!...

– Mas, minha rica senhora...

– Não se podia voltar atrás. Demais, sou feliz assim, tão feliz, tão feliz!

– Bem feliz, ao menos?

– Doidamente. E se não fosse assim, morria...

– Mas então...

– Fugimos amanhã.

Ela estremeceu toda, deitou-me um grande olhar em que apareciam lágrimas, e sufocada, com as mãos juntas:

– E eu?

Atirei-me aos seus braços.

– Pois havias de ficar, Betty? Tu vens connosco, Betty.

E correndo pelo quarto, abria os guarda-vestidos, tirando roupas, batendo as palmas e gritando:

– Arranja, Betty, arranja tudo. Depressa! Arranja!, arranja!

Mandei pôr a caleche. Eram quatro horas. Desci o Chiado. Ia alegre, triunfava: a minha vida aparecia-me, larga, cheia, esplêndida, coberta de luz. Entrei nas modistas, olhei, escolhi, comprei, com impaciências de noiva, e recatos de conspirador. Apertei a mão a algumas amigas.

– Partes? – perguntaram-me.

– Para França.

– Com a guerra?

– Não há guerra. E, havendo, não é interessante ver matar prussianos?!

À porta do *Sassetti*, encontrei Carlos Fradique.

– Sabe que parto amanhã? – disse-lhe eu.

– Sabe que parto hoje? – respondeu-me. – Ia lá, apertar-lhe a mão.

– Mas é inesperado isso! Vai para França? Para quê?

– Ver os campos de batalha ao luar, ou aos archotes. Deve haver atitudes de mortos muito curiosas.

– Mas vai debalde. Não há guerra. É positivo. Por isso eu vou para Itália.

– Vai para Itália?... Mas, então... Ah! Vai para Itália? Minha pobre amiga, quem sabe se isso devia ser! Em todo o caso, em qualquer parte, ou feliz, ou triste, para a consolar, ou para fazer um *trio* com o meu violoncelo, sou eu, *adesso e sempre*.

Apertou-me a mão. Não sei porquê, aquelas palavras deram-me uma sensação triste.

Quis ir ao Aterro. A tarde caía. A água tinha uma imobilidade luminosa. Do outro lado os montes estavam esbatidos num vapor azulado e suave. Sobre o mar havia nuvens inflamadas, de uma cor fulva, como no fundo de uma glória. Algumas velas passavam ro-

sadas, tocadas da luz.

Sentia-me vagamente melancólica. O rio, aquelas casas triviais, todos aqueles aspectos que eu conhecia, que eram para mim até aí quase inexpressivos, apareciam-me, pela última vez que os via, com uma feição simpática. Tive uma saudade piegas daqueles lugares: quis sorrir, escarnecer; mas a verdade era que aquela paisagem, o pesado hotel *Central*, o terraço de *Braganza-Hotel*, a grosseira e escura Rua do Arsenal, todas essas coisas alheias a mim, me despertavam inesperadamente o desejo instintivo de tranquilidade, de família, de situações pacíficas, fazendo destacar no fundo da minha vida, num relevo negro, a aventura que eu ia intentar; e aparecendo-me como um ajuntamento de velhos rostos amigos que se despedem, faziam-me pensar nas coisas irreparáveis, no exílio e na morte!

A minha carruagem subia a passo a Rua do Alecrim. As luzes acendiam-se. O céu estava ainda pálido.

Uma senhora passou, só, a pé, levando uma criança pela mão: era uma mulher nova e distinta; parecia feliz. O pequenino, louro, gordo, ria, palavra naquela linguagem misteriosa e dote, que é o que ficou ainda na voz humana do *abc* do Céu.

Como seria bom ser assim uma mulher pacífica, com um equilíbrio suave no coração, uma *toilette* fresca, o amor das coisas justas, e um filho pela mão! Se eu fosse assim seria alegre, amável, passearia, daria bombons ao meu pequerrucho, trá-lo-ia vestido de cores leves, com uma flor no cinto; conversaria com ele, e à volta, depois do cansaço do meu passeio, amaria a tranquilidade da minha vida. Grandes borboletas brancas voariam em Volta do candeeiro; eu, ajoelhada, procuraria despi-lo, sem o acordar, cantando, baixo, em segredo, uma melodia dormente de Mozart e no entretanto a pena do pai rangeria, a um canto, sobre o papel. O perfumados paraísos da vida! como eu me afasto de vós!

Assim pensava, quando cheguei a casa. No meio do meu quarto estavam fechadas, afiveladas, sobrepostas as minhas malas. Ao pé uma grande pele, apertada na sua correia. Tudo estava pronto, devíamos partir na manhã seguinte. As minhas ideias simples debandaram.

Senti um extremo desejo de liberdade, de mares abertos, de países extensos e distantes, que se atravessam ao galope da posta ou na velocidade de um vagão. Era noite. Não pedi luz. O luar entrava no quarto através das árvores do jardim. Sentei-me à janela.

A minha situação apareceu-me então com o prestígio de um belo romance. Mil imaginações e fantasias cantavam no meu cérebro. Sentia-me à entrada de uma vida de perigos, de êxtases, de glórias. Via-me na tolda de um paquete entre os perigos de um naufrágio: ou numa serra espessa, por um grande luar, numa companhia de contrabandistas que cantam à Virgem; ou no silêncio de uma caravana escoltada de beduínos, acampando no monte das Oliveiras, defronte de Jerusalém. Percorria a Itália; entraria nas cidades ao galope dos cavalos, ao acender o gás, quando a multidão enche os corsos entre fileiras de altivos palácios da Renascença. Via-me em Nápoles, na baía, por um luar calmo; dormindo sob as vinhas em Ísquia; ou na frescura das grutas do Pausílipo, onde ainda choram as náiades...Aporta abriu-se de repente, um criado entrou com uma carta. Não vi a letra do envelope, não olhei sequer, mas sentia-a! Veio luz. Era verdade, era de Rytme! Tive-a longo tempo na mão, incerta, trémula. Pu-la em cima da pedra de uma console, fui olhar-me ao espelho, vi-me pálida. No entanto a carta atraía-me, parecia-me que luzia sobre o mármore branco. Tomei-a, pesei-a, senti-lhe o aroma, e devagar, cansada, suspirando, com os braços vergados ao peso dela, fui-a lentamente abrindo.

VIII

Transcrevo textualmente essa carta terrível:

«Querida: – Tenho aqui no meu quarto, diante de mim, as minhas malas fechadas e afiveladas: Tenho o meu passaporte... É verdade! Não te esqueças de tirar o teu. Escrevi a minha mãe. Escrevi a um amigo querido, que vive na intimidade da minha vida. Por isso bem vês que te escrevo, na austera firmeza da tua resolução. Sou só. O meu destino tenho-o aqui preso na minha mão, como um pássaro, ou como uma luva: posso pousá-lo sobre a tolda de um pacote, pô-lo numa mesa de jogo em cima de uma carta, colocá-lo na ponta de uma espada, ou fechar-to na mão e dar-to. Mas tu pelas condições da tua vida tens um lugar definido no mundo, limitado e circunscrito. Estás presa, por um anel de casamento, a uma ordem de coisas, a um certo número de leis, e és na vida como um navio ancorado no mar. Por isso é justo que antes de te separares violentamente do teu centro legítimo, eu, que tenho a experiência das desgraças, das viagens, e do espectáculo do mundo, te diga algumas palavras, que, se não me tornarem mais amado ao teu coração, tornar-me-ão mais estimado ao teu carácter. Fias-te de mais no amor, minha doce amiga! Abstrai neste momento de mim, da minha honra e da minha fidelidade. Falo do amor, lei ou mistério ou símbolo, força natural ou invenção literária. Fias-te de mais no amor! Aquele amparo superior, aquele apoio sólido e protector, que todo o espírito procura no mundo, e que uns acham na família, outros na ciência, outros na arte, tu parece queres encontrá-lo somente na paixão, e não sei se isso é justo, se isso é realizável!

«Creio que te fias de mais no amor! Ele não constrói nada, não resolve nada, compromete tudo e não responde por coisa alguma. É um desequilíbrio das faculdades; é o predomínio momentâneo e efémero da sensação; isto basta para que não possa repousar sobre ele nenhum destino humano. É uma limitação da liberdade; é uma diminuição do carácter; especializa, circunscreve o indivíduo; é uma tirania natural, é o inimigo astuto do critério e do arbítrio. E queres que tenha esta base a tua situação na vida? E crês na estabilidade do amor, tu?... Sim, é possível, enquanto ele viver do imprevisto, do romance e do obstáculo; enquanto necessitar do *coupé* de estores cerrados; mas logo que entre num estado regular, que se estabeleça definitivamente para durar, que se organize, que se economize, extingue-se trivialmente; e quando quer conservar-se, tem a miséria de se assemelhar às chamas pintadas de um inferno de teatro. E então, desde o momento que o amor desaparecesse, que razão de ser tinha a tua vida, e que justificação tinha que dar de si o teu incoerente destino? Ficavas sem uma situação definida; tudo te era vedado, ou pela força das leis sociais, ou pela altivez da tua honra. Recuar para as coisas legítimas, arrepender-te, era impossível: o arrependimento é um facto católico, não é um facto social. Continuar a persistir em viver pelo amor era um equívoco hipócrita, e poderias um dia encontrar-te a viver na libertinagem.

«Imaginas hoje que o amor é a única tendência, a única preocupação da tua vida... Não: é apenas ideia dominante na tua natureza. Há outras exigências, que hoje não sentes clamarem dentro de ti, porque têm sido plenamente satisfeitas nomeio legítimo em que tens vivido; mas quando, mais tarde, estiveres retirada de tudo, fechada no amor como numa concha, sentirás então amargamente que te falta o *quer que* seja que é a sociedade, a opinião, o centro de amizades, o *rang*, as consolações incomparáveis que dá a estima dos que nos saúdam. E o não encontrar então no mundo o teu lugar, elegante, aveludado, agalado, emplumado e corado, dar-te-á a sensação do abandono; e as consolações que então te quiser ministrar o amor pela sociedade que te falta, encontrarão aos teus olhos o mesmo tédio que encontrariam agora as consolações da sociedade pelo amor que te fugisse. Uma mulher que foge com o seu amante, só pode ter um lugar no *Demi-monde*; ou então um lugar equívoco nas salas, quando é célebre por um talento ou por uma arte. Ora tu não queres ir para a Itália frequentar, em Nápoles, Madame de Salmé, nem queres cantar num teatro,

nem cometera inconveniência de escrever um livro. A viver modesta, tens de viver triste; a viver radiante, tens de viver humilhada. E pensas que podes, por um ano sequer, viver na intimidade absoluta e no segredo?

«O segredo, o refúgio, um *ninho* perfumado num quinto andar, são coisas extremamente doces, no meio da sociedade e das relações do mundo; a publicidade oficial da vida dá então um encanto estranho àqueles momentos de mistério. Mas a perpetuidade do mistério deve ser igual àquela legendária tortura da beatitude eterna! Quando dois entes se encontram, pelas fatais condições do seu procedimento, obrigados a viverem um do outro, um para o outro, um eternamente no segredo do outro, quandoisto se não passa na ilha de Robinson, num entre dois discípulos de Swedenborg, nem entre dois desgraçados cheios de fome – mas numa cidade ruidosa e viva, entre duas pessoas positivas e educadas pelo Segundo Império, e que têm as complacências do luxo, crê que deve ser amargo.

«E depois, pensa! A nossa vida arrastar-se-á tristemente, de país em país, sem um centro amado, sem uma família, sem um fim. Não teremos, nem durante a existência nem no grave momento da morte, a serenidade de quem é justo. A nossa vida será como a das sombras românticas de Paulo e Francesca de Rimini, levadas pelo vento contraditório. Morreremos enfim como dois seres estéreis, que nada criaram, e que não têm quem fique na terra com a herança do seu carácter; e quando todos pelos seus filhos ganham a única justa imortalidade, nós somente seremos mortais, e para nós mais que para ninguém será terrível a lembrança do fim! Perdoa que te escreva estas coisas. Mas fiz o meu dever. E agora posso livremente, insuspeitamente, dizer-te que me sinto feliz, e que o momento de amanhã, quando virmos desaparecer a terra e nos acharmos sós, no infinito mar, será para mim tão belo, que só por ele julgarei justificada a minha vida.»

Quando acabei de ler esta carta, sentei-me maquinalmente diante das malas, com os olhos fixos, como idiota. Abri uma gaveta, tirei não me recordo que pequeno objecto de renda, e tornei a fechar, com um movimento automático, lúgubre, e a ausência absoluta da consciência e da vida. Chamei Betty:

– Betty, que horas são?

– Onze, minha senhora.

– Dá-me água, tenho sede. Dá-me água com limão...

Quando ela saiu fui encostar a cabeça à vidraça, a olhar o movimento ondeado e lento das ramagens escuras. A Lua pareceu-me regelada. Betty entrou.

– Betty – disse-lhe eu numa voz sumida –, sabes? Tenho medo de morrer doida...

Ela olhou-me, e viu no meu rosto uma tal expressão de angústia, que me disse:

– Que tem, meu Deus, que tem? Chore, minha rica menina, chore...

– Não posso, não posso. Eu morro... Vem para ao pé de mim, Betty!...

– Meu Deus, quer-se deitar? Diga...

E erguendo os olhos e as mãos, numa imploração cheia de dor, de desespero:

– Deus me leve para si! Ai! Nada disto era se a mamã fosse viva, minha senhora!

Começou a chorar. Eu olhei-a com uma grande aflição, senti os olhos húmidos, os soluços sufocaram-me, e arremessando-me aos seus braços, chorei, chorei amargamente, chorei cruelmente, chorei pela saudade, chorei pela traição, chorei pelo meu passado legítimo, chorei pelo encanto dos meus pecados, chorei por me sentir chorar...

IX

Sosseguei. Vencida, fiquei numa *chaise-longue*, muda e como morta. Olhava maquinalmente o tremer da luz.

– Betty – disse eu –, deita-te. Eu estou bem. Vai...

Ela saiu, chorando. O quarto estava mal alumiado. Eu via, fora, as ramagens do jardim, recortando-se num relevo negro sob o pálido céu, cheio da Lua. Estive muito tempo assim, olhando, sem consciência e sem vontade. Lentamente, creio, comecei pensando em coisas alheias aos interesses da minha dor: lembrava-me a forma de um vestido que eu tinha desenhado para a Aline.

Por fim ergui-me, passei muito tempo no quarto, o movimento chamou-me à consciência e à verdade das minhas aflições.

Arranquei a folha de uma carteira, e escrevi a lápis tumultuosamente: «Tem razão, tem razão. Espero-o amanhã às 10 horas da noite na casa... Até lá não lhe direi que o amo; só lá lhe direi o que sofro.»

Eu mesma saí do corredor, e do alto da escadaria, silenciosa, alumuada por um grande globo fosco, chamei um criado, André, imbecil e discreto, e atirei-lhe o bilhete lacrado, dizendo-lhe:

– Leve este bilhete já... Vá numa carruagem.

E indiquei-lhe a casa de meu primo. Rytmel estava hospedado lá.

Vim sentar-me à janela do meu quarto: vinha um aroma suave do jardim; o luar, as grandes sombras, tinham um repouso romântico e triste. Lentamente, a minha desgraça começou aparecendo-me inteira, nítida, em pormenores, numa grande síntese, como se fosse um mapa.

Eu era traída! Aos vinte anos, com todas as inteligências da paixão, com todos os delicados prestígios do luxo, era traída, era traída! Senti então, pela primeira vez, a presença do ciúme, esse personagem tão temido, tão cantado nas epopeias, tão arrastado pela rampa do teatro, tão conhecido da polícia correcional, tão cruel, tão ridículo, tão real! Vi-o! Conheci-o! Senti o seu contacto irritante e mordente como um corrosivo; a sua argumentação miúda, jesuíta, implacável, sanguinária: todo o seu processo de acção, que torna de repente o coração mais puro tão imundo como a toca de uma fera.

Senti o mais cruel dos ciúmes todos; aquele que se define, que diz um nome, que desenha um perfil, que no-lo mostra, o nosso inimigo, que nos enche as mãos de armas, que nos obriga a avançar para ele. Eu sentia no meu ciúme um ponto fixo – *ela*. Era *ela*, a *outra*! Lembrava-me confusamente: tinha cabelos louros, finos, espalhados, uma nuvem de ouro esfiado. Eu tinha-a visto em Paris vestida de roxo na revista de Longchamps. O seu olhar era franco: os homens deviam encontrar nele o que quer que fosse, que prometia um destino pacífico. Que secreto encanto se irradiaria da esbelta fraqueza do seu corpo? Era a simplicidade? Era a inteligência? Era a ciência das coisas do amor?... Como eu ardia por a conhecer! E não sabia nada dela senão que era irlandesa, e que se chamava *miss Shorn*!

Ah!, sim, sabia outra coisa – que ele a amava! Conhecê-la! Conhecê-la! Mas como? Podia ser, pelas suas cartas! Decerto! Ela devia pôr nelas toda a sua íntima personalidade. Era loura, era inglesa, por isso raciocinadora: devia escrever pacificamente, sem sobressaltos e sem inspirações da paixão; nas suas cartas, provavelmente, desfiava o seu coração. Eu conhecê-la-ia bem, se as lesse! Eu saberia o estado de espírito de Rytmel, a marcha da sua paixão, pelas cartas dela. Devia lê-las! Era necessário pedi-las, roubá-las, comprá-las, eu sei! Mas era necessário lê-las!

Para pensar assim eu nenhuma prova tinha de que ele recebia cartas dela, mas tinha a certeza que elas existiam e que o seu coração estava cheio delas...

Quis serenar, pacificar-me, dormir.

Deitei-me. O meu pobre cérebro estava numa vibração tempestuosa; era como numa tormenta em que vêm à superfície da mesma vaga os destroços de um naufrágio e as flores da alga; no meu espírito revoltado, surgiam, no mesmo redemoinho, as coisas graves e as

recordações fúteis, as minhas dores e as minhas fantasias, os desastres do meu amor e ditos de óperas cómicas! Sentia a chegada da febre. Chamei Betty.

– Betty! Não posso dormir, não sei que tenho. Quero dormir por força. Quero amanhã todas as minhas faculdades em equilíbrio. Se não durmo estou perdida, endoideço... Dá-me alguma coisa.

– Mas o quê, minha senhora?

– Olha, dá-me aquela bebida que davam à mamã, nas insónias, a que tu tomas quando tens as dores... Tens?

– Quer ópio?

– Não sei! Água opiada, vinho opiado, o quer que seja. Foi o doutor que me disse...

– Minha querida menina, eu tenho ópio. Uma gota num copo de água. Eu sei? Talvez lhe faça mal!

– Dá-ma, o doutor disse-mo ontem. Dá, depressa!

Bebi. Era água opiada, creio eu. Não sei. Parece-me que adormeci logo, e lembro-me que durante o sono sentia-me caminhar incessantemente, num movimento perpétuo que afectava todas as formas, ora lento e pacífico, como um passeio sob uma alameda; ora rápido, volteado, e era a valsa de Gounod que eu dançava; ora solene e melancólico, e era um enterro que eu acompanhava; ora cortante, escorregadio, veloz, e era em Paris, e era no Inverno, e eu patinava sobre a neve.

Acordei de manhã, serena e decidida. Mandeí pôr um *coupé*. Sai. Fiz parar à porta de meu primo. Eram duas horas da tarde. Eu sabia, desde essa manhã, que Rytmel estava com ele, em Belas. Subi. Apareceu um criado português, Luís, que eu conhecia, um imbecil, atrevido para o ganho, discreto pelo medo

– M. Rytmel!

– Saiu, senhora condessa.

– Jacques?

– Foi com ele, senhora condessa.

Jacques era um criado antigo de Rytmel.

– Luís, leva-me ao quarto de Mr. Rytmel.

Ao abrir a porta do quarto estremeci. Sentia-me humilhada. Fui rapidamente a uma secretária, revolvi as gavetas, as pequenas papeleiras... Nenhumas cartas, apenas cartas indiferentes. Irritada, abri as cómodas, espalhei as roupas, procurei nos baús, nas malas, nos bolsos, ergui o travesseiro. Tremia, arquejava. Era uma busca inquisitorial, frenética, desesperada, infame!

– Luís – disse eu baixo. – Luís, tens vinte libras. Tens cinquenta.

– Mas, minha senhora...

– Este senhor onde tem as suas cartas? Tens cem libras. Dou-te tudo, estúpido... Onde tem ele às cartas, ele?

– Oh, minha senhora – disse o criado, com uma voz lamentável –, eu não sei.

– Não tens visto? Não tem uma secretária, uma papeleira, uma carteira?...

– Tem. Tem uma carteira de marroquim. Trá-la consigo. Anda cheia de cartas... Levou-a decerto. Nunca a deixa.

Saí, desci a escada, correndo, fugindo daquele desastre, daquela vergonha, daquelas confidências. Atirei-me para o fundo da carruagem.

– A casa! – gritei.

Tinha fechado os estores: soluçava, sem chorar.

– Betty! Betty! – clamei logo no corredor.

Ela apareceu, correndo,

– Betty – disse eu, vivamente, fechando a porta do quarto. – Diz-me: aquela água com

ópio não faz mal?

- Porquê? Sente-se doente?
- Não. Estou bem. Não faz mal?
- Nenhum.
- Juras?
- Juro. Mas...
- Jura sobre estes santos Evangelhos.
- Oh, senhora! Mas, porquê? Juro. Mas, porquê?
- Tens ópio? Dá-mo.
- Quer dormir?
- Não.

Ela então olhou-me, fez-se extremamente pálida.

– Mas, senhora condessa, que quer isto dizer?

– Dá-mo. Dá-mo, Betty. Pensas que me quero matar?

Ela calou-se.

– Oh, doida! – disse eu, rindo. – Se me quisesse matar não to pedia. Mas sou feliz... Passaram-se outras coisas, vês tu? Não tas digo, mas sou feliz. Sabes o que é? É que me vou logo encontrar com ele.

E com a voz mais baixa, como envergonhada:

– É às dez horas, e vês tu? Queria dormir para não esperar.

– Oh, minha senhora, não lhe vá fazer mal! De resto, eu lho dou. O frasco de ópio está aqui nesta gaveta do lavatório. Não lhe faça isto mal, meu Deus!

– Não, não, minha Betty! Ah! Está na gaveta? Bem. São duas gotas, sim? Não faz mal. Estou tão contente! Olha, até nem quero dormir. Fica aqui a conversar comigo. São cinco horas. Para as dez pouco falta. Não custa esperar. Está então naquela gaveta o frasco... Bom. Sabes, Betty? Sou feliz. Não quero dormir. Conta-me uma história.

A pobre criatura, vendo-me alegre, sorria. Eu, entretanto, tinha os olhos fitos na gaveta do lavatório. Betty falava, falava! Eu ouvia as suas palavras sem compreender, como se ouve um murmúrio de água.

X

A tarde descia no entanto, e eu sentia uma inquietação, uma angústia crescente.

Meu primo, não sei se poderei contar-lhe miudamente todos os transe daquela noite. Não o exigirá decerto. Nada seria mais terrível do que ter de redigir e colorir o meu crime. Perdoe-me a confusão aflita das minhas palavras e os arabescos trémulos da minha letra.

Eram dez horas da noite: fui à casa nº... Rytmel estava lá. Achei-o pálido, e instintivamente estremeci. Conversámos. Enquanto ele falava, eu olhava-o avidamente, examinava a sua casaca, espreitava o volume que devia fazer a carteira onde estavam as cartas. E revolia com a mão húmida o bolso do meu vestido: tinha nele o frasco do ópio. Era um frasco de cristal verde, facetado, com tampa de metal fixa. As palavras de Rytmel nessa noite eram muito doces e muito amantes. Procuravam explicar-me a sua carta, e palpitavam ainda de paixão... Vinham realmente da verdade do seu coração? Era uma retórica artificial à flor dos lábios, enganadora, como um pano de teatro? Não o sabia: só as cartas dela mo poderiam revelar, e ele tinha-as ali no bolso! Eu via o volume que fazia a carteira no peito da casaca! Estava ali a sentença da minha vida, a minha infelicidade insondável, ou a imensa pacificação do meu futuro! Podia porventura hesitar? – Ele falava no entanto. Eu tremia toda. Olhava fixamente para um copo que estava sobre a mesa ao pé de uma garrafa de cristal da Boémia. O reposteiro da alcova achava-se corrido: dentro estava

escuro.

Betty tinha ido comigo, e ficara num quarto distante, que dava para uns terrenos vagos...

– E se houvesse um desastre! – pensei eu de repente. – Não há pessoas que sucumbiram completamente, cujo adormecimento foi acabar de arrefecer no túmulo?

Mas eu via sempre a saliência da carteira, que me tentava como uma coisa resplandecente e viva. Podia aproximar-me dele de repente, enfraquecê-lo ao calor das minhas palavras, ir levemente, astuciosamente, arrebatar-lhe a carteira, saltar, correr, atirar-me para o fundo do meu *coupé*, e fugir. Mas se ele resistisse? Se perdesse a consciência da sua dignidade e da humilde debilidade do meu ser? Se me sujeitasse violentamente, se me arrancasse outra vez as cartas?

Não podia ser. Era necessário que dormisse tranquilamente! Se as cartas fossem inocentes, simples, inexpressivas, como eu ajoelharia depois, ao pé do seu corpo adormecido, como esperaria com uma ânsia feliz que ele acordasse! Que aurora sublime acharia ele nos meus olhos quando os seus se abrissem! Mas se houvesse nas cartas a culpa, a traição, o abandono?!

Levantei-me. Rytmel tinha ao pé de si um copo com água. Bebia aos pequenos golos quando fumava. Eu deixava-o fumar. Mas eu não sabia como havia de achar um momento meu, bastante para deitar duas gotas de ópio no copo.

Tive um expediente trivial, estúpido.

– Rytmel – disse eu, como num teatro, como nas comédias de Scribe, com uma voz imbecilmente risonha –, vá dizer a Betty, que pode ir, se quiser. A pobre criatura dormiu pouco, está doente.

Ele saiu; ergui-me. Mas ao aproximar-me da mesa, defronte do copo, fiquei hirta, suspensa. Estive assim um tempo infinito, segundos, com a mão convulsa apertando o frasco no bolso. Mas era necessário, eu tinha-o ouvido falar, voltava, sentia-lhe os passos, ia entrar... Tirei o frasco, e louca, precipitada, mordendo os beiços para não gritar, esvaziei-o no copo.

Ele entrou. Eu deixei-me abater sobre uma cadeira, trémula, em suor frio, e, não sei porquê, sentindo uma infinita ternura, disse-lhe sorrindo, e quase chorando:

– Ah, como eu sou sua amiga! Sente-se ao pé de mim.

Ele sorriu. E – meu Deus! – aproximou-se, creio que sorriu, e tomou o copo! E com o copo na mão:

– E sabe – disse ele – que ninguém o crê mais do que eu!... Se não fosse o teu amor como poderia eu viver?

E conservava o copo erguido. Eu estava como fascinada. Via o reflexo da água, parecia-me vagamente esverdeada. Via as cintilações do cristal facetado.

Finalmente bebeu!

...Desde esse momento fiquei num terror. Se ele morresse? Meu Deus, porquê? Não se dá ópio às crianças, aos doentes? Não é ele a clemente pacificação das dores? Não havia perigo. Quando acordasse eu seria tão sua amiga, tão terna com ele, para me absolver daquela aventura imprudente! Ainda que seja culpado, amá-lo-ei! pensava eu. Pobre dele! Não lhe bastava ter de dormir assim forçadamente num sono pesado e cruel? Amá-lo-ia, culpado. Traída, amá-lo-ia ainda!

Ele, entretanto, estava calado, no sofá, com a cabeça encostada. De repente pareceu-me vê-lo empalidecer, ter uma ânsia, sorrir. Não sei o que houve então. Não me lembra se falámos, se ele adormeceu brandamente, se alguma convulsão o tomou. De nada me lembro.

Achei-me ajoelhada ao pé dele. Devia ser meia-noite. Estava imóvel, deitado no sofá. Tinham passado duas horas. Senti-o frio, via-o lívido, não me atrevia a chamar Betty. Dei

alguns passos pelo quarto numa distração idiota. Cobri-o com uma manta.

– Vai acordar – dizia eu maquinalmente.

Compus-lhe os cabelos ligeiramente desmanchados. De repente a ideia da morte apareceu-me nítida e pavorosa. Estava morto! Senti como o fim de todas as coisas. Mas chamei-o, chamei-o brandamente, e com doçura...

– Rytmel! Rytmel!

E andava nos bicos dos pés para o não acordar! Subitamente estaquei, olhei-o avidamente, precipitei-me sobre o corpo dele, gritando sufocada:

– Rytmel! Rytmel!

Ergui-o: a alucinação dava-me uma força cruel. A cabeça penheu-lhe inanimada. Desapertei-lhe a gravata. Amparei-o nos braços, e nesse momento senti o volume, a saliência que na sua casaca fazia a carteira. Veio-me a ideia das cartas. Tudo tinha sido pelo desejo de as ler. Tirei-lhe a casaca; era difícil; os seus músculos estavam hirtos. Junto com a carteira havia outros papéis e um maço de notas de banco. Ao tomá-los, os papéis e as cartas espalharam-se no chão. Apanhei-as, apertei-as na gravata branca e meti tudo no bolso.

Isto tinha sido feito convulsivamente, inconscientemente. Dei com os olhos em Rytmel. Pela primeira vez via contracção mortal do seu rosto. Chamei-o, falei-lhe! Estava frenética! Porque não queria ele acordar? Empurrei-o, irritei-me com ele. Porque estava assim; porque me fazia chorar? Tinha vontade de lhe bater, de lhe fazer mal.

– Acorda! Acorda!

Insensível! Insensível! Morto! Ouvi passar na rua um cano. Havia pois alguém vivo!

De repente, não sei porquê, lembrei-me que tinha esvaziado o frasco! Deviam ser só duas gotas! Estava morto!

Gritei:

– Betty! Betty!

Ela apareceu, arremessei-me aos seus braços. Chorei. Voltei para junto dele. Ajoelhei. Chamei-o. Quis dar-lhe um beijo: toquei-lhe com os lábios na testa. Estava gelada. Dei um grito. Tive honor dele. Tive medo do seu rosto lívido, das suas mãos geladas!

– Betty, Betty, fujamos!

Consciência, vontade, raciocínio, pudor, perdi tudo aos pedaços. Tinha medo, somente medo, um medo trivial, vil!

– Fujamos! Fujamos!

Não sei como sal.

Fora da porta vi ao longe, no começo da rua, uma luz caminhar! Caminhava, crescia! Havia alguém, vestido de vermelho, que a trazia! Parecia-me ser sangue! A luz crescia. Esperei, a tremer. Aquilo caminhava para mim. Aproximava-se! Eu estava encostada à porta, na sombra, fria de pedra. A luz chegou: vi-a. Era um padre, era outro homem com uma opa vermelha e uma lanterna. Iam levar a alguém a extrema-unção...

Amparei-me no braço de Betty, e principiei a andar, sem saber para onde, como louca.

.....²

² Seguiam-se as linhas em que se contava o encontro que teve comigo, as quais linhas elimino por se referirem a sucessos que eu mesmo narrei e que V., senhor redactor, já conhece. – A. M. C.

CONCLUEM AS REVELAÇÕES DE A.M. C.

I

Convidada a expor o que sabia, a condessa disse de viva voz, com humildade e com firmeza, a causa e o modo como involuntariamente matara Rytmeel.

– Eis as cartas e as notas que ele trazia consigo – concluiu ela, colocando sobre a mesa um maço de papéis atados numa gravata branca. – As minhas derradeiras disposições – acrescentou – estão feitas. Dêem-me o destino que quiserem. Inflijam-me o castigo que mereço.

Estávamos todos calados. F... adiantou-se para o centro da sala e ergueu a voz:

– Castigar é usurpar um poder providencial. A justiça humana que se apodera dos criminosos não tem por fim vingar a sociedade, mas sim protegê-la do contágio e da infecção de culpa. Todo o crime é uma enfermidade. A acção dos tribunais sobre os criminosos, posto que nem sempre cesse de facto, cessa efectivamente de direito no momento em que termina a cura. Sequestrar aqueles em que o mal deixou de ser uma suspeita fisiológica, e por conseguinte uma verdade científica, é fazer à sociedade uma extorsão, que, por ser muitas vezes irremediável não deixa de ser monstruosa e horrível. Todo aquele que não é pernicioso, é necessário, é indispensável ao conjunto dos sentimentos, ao destino das ideias, à aritmética dos factos no problema da humanidade. A natureza do acto que estamos ponderando, as razões que o determinaram, as circunstâncias que o revestiram, a intenção que lhe deu origem, tudo isto nos convence de que a liberdade desta senhora não pode constituir um perigo. Encarcerada e entregue à acção dos tribunais, seria uma causa-crime, interessante, escandalosa, prejudicial. Restituída a si mesma, será um exemplo, uma lição.

E aproximando-se da porta, correu a chave que a fechava por dentro, abriu-a de par em par, e dirigindo-se à condessa, com voz respeitosa e grave, acrescentou:

– Vá, minha senhora: tem amais plena liberdade. Poderia disputar-lha a justiça oficial, não pode empecer-lha a rectidão dos homens de bem a quem foi entregue a decisão da sua causa. O seu futuro, violentamente assinalado pela desgraça, não pertence aos criminosos, pertence aos desgraçados. Leve-lhes a melancólica lição destes desenganos, e permita Deus que perante a suprema justiça, possam os benefícios obscuros e ignorados que houver de espalhar em volta de si, compensar os erros que atravessaram o seu passado! Os vestígios da sua culpa ficarão sepultados nesta casa.

Nós abrimos-lhe passagem para que saísse. A condessa, numa palidez cadavérica, vacilava; faltavam-lhe as forças; não podia sustentar-se em pé. O mascarado alto deu-lhe o braço. Ela fez um movimento como se tentasse falar; o seu rosto contraiu-se numa profunda expressão de dor; hesitou um momento; por fim comprimiu os beiços no lenço e saiu abafando uma palavra ou estrangulando um soluço.

Momentos depois ouvimos a carruagem afastando-se com aquilo que fora no mundo a condessa de W...

.....
Havíamos acordado no modo de ocultar o cadáver, o que se tomava tanto mais fácil quanto era inteiramente ignorada a assistência do capitão em Lisboa.

Viéramos para o pavimento inferior do prédio, a uma casa térrea, a que se descia por quatro degraus para baixo do solo. Era o fim da tarde. Estávamos alumiados com a luz das velas, porque não entrava na loja a luz do dia. Tinha-se cavado uma profunda cova. Sentia-se o cheiro húmido e acre da terra revolvida. Dois dos indivíduos a que tenho chamado os mascarados, seguravam duas serpentinas em que ardiam dez velas cor-de-rosa. Dê

travejamento escuro do tecto pendiam como cortinas pardacentas e prateadas as teias de aranha rasgadas pelo peso do pó.

Desenrolámos o fardo que tínhamos colocado junto da cova, e contemplámos pela derradeira vez a figura do morto estendido sobre a sua manta de viagem.

Tinham-lhe atado a gravata branca, abotoado o colete e vestido a casaca azul de botões de ouro, em cuja carcela se via ainda pendida uma rosa murcha. A cabeça dele, na luz a que estava sujeita, era de uma expressão ideal. Os olhos, de que se não viam as pupilas, apagados e imóveis, davam ao seu rosto o vago aspecto que apresentam os das antigas estátuas. Nos lábios entreabertos parecia pairar um leve sorriso sob o bigode arqueado. Os anéis do cabelo, despenteados pelo contacto da manta em que viera envolto o cadáver, destacavam na lividez da fronte como um velo de ouro numa superfície de marfim.

Havia um silêncio profundo. Ouvia-se o bater dos segundos nos relógios que tínhamos nas algibeiras e o zumbir das moscas que esvoaçavam sobre a face do morto. Eu, fitando-o com os olhos marejados de lágrimas, pensava melancolicamente...

Pobre Rytmel! Se neste momento solene, em que o teu corpo espera à beira da cova pelo seu descanso eterno, te faltam na terra as pompas fúnebres devidas à tua jerarquia; se te não seguiu até aqui um préstito de uniformes recamados de ouro; se nem sequer tens ao entrar na tua derradeira morada as orações de um padre e a luz de um círio, cubra-te ao menos a bênção da amizade! Descendente de lordes, moço, inteligente e belo, quando todas as flores que perfumam a vida desabrochavam debaixo dos teus passos, apaga-se de súbito no firmamento a estrela que presidiu ao teu nascimento, e tu baqueias como o ente mais desprezível no fundo de uma sepultura sem lápide, sem nome, na mesma casa em que vieste procurara última expressão da tua felicidade, à luz das mesmas velas que alumiarão o teu derradeiro beijo! Os outros desgraçados que morrem têm ao menos na terra um lugar assinalado onde repousam as suas cinzas, e onde podem ires que às amaram, chorar por eles. É mais cruel o teu destino; tu morres e desapareces! Não ensombrarão a tua campa as árvores tristes dos cemitérios. As aves que passarem nos céus não baixarão a beber da água que as chuvas tiverem deixado na urna do teu mausoléu. A Lua, terna amiga dos mortos, não virá beijar por entre a rama negra dos ciprestes, a brancura da tua campa. O orvalho das madrugadas não chorará nas flores do teu jazigo. As abelhas não murmurarão em torno das rosas plantadas sobre o teu corpo. As borboletas brancas não adejarão no fluido de ti mesmo que pudesse romper do seio da terra para a luz da manhã no aroma dos jasmineiros e dos goivos. Tua mãe, pensativa e pálida, procurará debalde agrade em que se ampare para dobrar os joelhos e levantar para o Céu esse olhar de interrogação em que a lembrança dos filhos mortos se envolve como na túnica luminosa de uma ressurreição.

O mascarado alto curvou-se sobre o cadáver de Captain Rytmel e ergueu-o vigorosamente pelos ombros. Nós amparámos o corpo e descemo-lo ao fundo da cova. O mascarado, ajoelhando-se depois no chão, cobriu com um lenço o rosto do morto e disse, como se estivesse falando a uma criança adormecida:

– Descansa em paz! Eu irei dizer à tua mãe o lugar em que repousa o teu corpo, e voltarei a ajoelhar-me sobre esta sepultura depois de ter recebido no meu próprio seio as lágrimas que ela derramar por ti. Adeus, Rytmel! Adeus!

E impeliu em seguida para dentro da cova uma grande porção de terra amontoada aos seus pés. A terra desabou de chofre sobre o cadáver, levantando um som baço e mole.

II

Examinámos depois os papéis de Rytmel a fim de coordenarmos os seus negócios. Verificou-se a existência de mil e trezentas libras em notas do banco de Inglaterra.. Entre as

cartas não havia uma só letra de *miss Shorn*.

Nenhum de nós tinha o espírito bastante sossegado para poder reentrar imediatamente nos assuntos triviais da existência. Resolvemos permanecer ali até que decorressem alguns dias sobre a catástrofe de que tínhamos sido testemunhas.

O prédio em que estávamos foi comprado em nome de Lady... a mãe de Rytmel, e nele se guardaram todos os objectos que lhe tinham pertencido. Um cofre de ferro, damasquinado de ouro e destinado a receber as cinzas do morto, foi colocado no lugar em que ele se achava sepultado.

O mascarado alto dispunha-se a partir para Londres quando tivemos notícia da publicação das cartas do doutor neste periódico. A condessa declarou que se entregaria à polícia, se não levantássemos na imprensa as suspeitas formuladas na carta de Z... acerca da probidade do médico, e se F... se não desdisse categoricamente das injúrias que nos dirigira na carta intempestivamente mandada ao Dr... por intermédio de Friedlann. A condessa autorizava-nos a tornarmos pública a sua historia, dizendo que tinha deixado para sempre de pertencer ao mundo, para o qual a biografia que ela lhe legava seria talvez um exemplo profícuo.

Foi então, senhor redactor, que determinámos referir-lhe todos os pormenores deste doloroso acontecimento, ocultando ou substituindo os nomes das pessoas que tiveram parte nele, e deixando à sociedade a faculdade de as descobrir e o direito de condená-las ou absolvê-las.

A condessa resolveu em seguida entrar num convento, que ela mesma escolheu depois de miúdas indagações. O *mascarado alto* acompanhou-a e eu segui-o a uma vila da província do Minho, onde existe ainda, regido com todo o rigor ascético do estatuto, um velho convento de carmelitas descalças, habitado por cinco ou seis religiosas. Estas mulheres decrépitas vivem como dantes tia pobreza de que fizeram voto, mantendo a oração, a penitência e o jejum com a mesma exaltação mística, com o mesmo fervor católico dos primeiros anos das suas núpcias com o divino Esposo. Trazem os pés nus e o corpo constantemente envolto na aspereza estreme do burel. Não usam roupas de linho nem algodão. Em nenhum dia do ano se permitem carne às suas refeições. Comem juntas no antigo refeitório, havendo sempre uma que revezadamente se prostra à entrada da sala, segundo o primitivo uso da ordem, para que as outras lhe passem por cima ao entrar e ao sair da mesa. Não têm património de nenhuma espécie, nem outro algum rendimento que não seja o produto dos trabalhos que fazem. Furtadas a toda a convivência externa vivem na clausura mais estreita e na miséria extrema. Ninguém no mundo tornou a ver as moradoras daquela casa desde que entraram nela. As que morrem são enterradas pelas outras no claustro e cobertas com uma pedra lisa, sem nome e sem data, Não há dístico nem outro sinal que diferencie as que deixam de existir. A morte para todas elas começa no momento em que transpõem o limiar da portaria. Dentro tudo é sepulcro. A morte é simplesmente a mudança de cubículo.

Tal foi a casa escolhida pela condessa para recolhimento e asilo do resto de seus dias.

O exterior do edifício era misterioso e lúgubre Cingia-o em toda a sua amplitude uma alta muralha que o disgregava do resto do mundo, cerrando as casas habitadas pela freiras ao exame de fora. Era um prédio emparedado. Amuralha, que media a altura de quatro andares, era da cor da estamenha, sombra e triste, marchada de grandes nódoas esverdeadas e negras como o capuz de um ermita, tinha espécie de lençol em que se enrolasse para o enterro uma casa morta. Havia um ponto em que esta faixa se recolhia, formando o pátio por onde se entrava para o convento, cuja porta, mordida pelos anos, chapeada e cravejada com enormes pregos, se via no fundo através dos grossos varões dó uma grade de ferro. Pelas juntas desarticuladas das grandes pedras que lajeavam o pátio, rompiam moitas de ortigas, com a

rudeza de cabelos hirsutos, saídos pelos rasgões de um barrete. Do meio do largo surgia o bocal da um poço, cujo balde, seguro por uma corda dó esparto, pendia de uma estaca. No chão estavam estendidos os andrajos das pobres da vizinhança, que vinham lavá-los ao pé do poço, e nesse recinto os deixavam a enxugar juntamente com as enxergas dilaceradas e apodrecidas dos berços dos seus pequenos. A um canto do pátio pendia do muro uma corrente de ferro com que se tangia uma sineta interior. A este sinal via-se uma abertura da alvenaria rodar no muro um cilindro de madeira, que por um movimento vagaroso metia para dentro a sua superfície côncava e mostrava para fora o seu interior convexo. Parecia quando isto se ouvia que o taciturno monstro entreabria a pálpebra, deixando ver uma órbita sem olho. Este aparelho chama-se a roda. A condessa pronunciou aí uma palavra, a que respondeu de dentro uma espécie de gemido, e foi esperar em seguida para junto da porta negra ao fundo do pátio.

Quando a porta se abriu e o primo da condessa lhe apertou pela última vez a ruão, as lágrimas, que até aí conseguira dificultosamente reprimir, saltaram-lhe dos olhos.

– Acha horrível, não é verdade? – perguntou-lhe ela com um sorriso em que transparecia a estranha luz da resignação das mártires antigas. – Que queria que eu fizesse, meu querido amigo? Matar-me? Prostituir-me à conveniência da sociedade? Não posso. Falta-me o valor para sacrificar ao meu infortúnio a salvação da minha alma, e escuso de dizer-lhe que me falta igualmente a intrepidez precisa para sacrificar ao sossego ordinário da vida o pudor do meu coração. Bem vê, pois, que aceitei a solução mais suave. Coitado! como lhe dói a tristeza do meu destino! Deixe estar: prometo-lhe morrer breve, se me não suceder aquela desgraça receada por Santa Teresa de Jesus: que o prazer de me sentir morrer me não prolongue mais a vida!

Entregando-lhe em seguida o capuz e o manto de casimira em que fora envolvida:

– Adeus, meu primo – disse-lhe ela deixando-se beijar na testa –, adeus! Peça a Deus que me perdoe, e aos vivos que me esqueçam.

Aos primeiros passos que ela deu para lá da porta, esta fechou-se do mesmo modo por que havia sido aberta, sem que ninguém mais fosse visto, tendo mostrado um buraco lôbrego, negro e profundo como a goela de um abismo, e a amante de Rytmel entrou no claustro. Os ferrolhos interiores rangeram sucessivamente nos anéis, expedindo uns sons entrecortados, semelhantes a soluços, arrancados de uma garganta de ferro.

O *mascarado* alto passou parte dessa noite na vila, esperando a mala-posta que partia à uma hora. Ao subirmos juntos à carruagem ouvimos uma espécie de rebato em dois sinos de uma igreja. Perguntámos o que era. O deputado da localidade, que nos acompanhava no *coupé*, respondeu, atirando fora um fósforo com que acendera um charuto:

– São as carmelitas que pedem o socorro da caridade, porque não têm que comer.

O cocheiro fez estalar o açoite, e a berlinda partiu a galope, abafando o vozear entristecido das sinetas com o estrépito que ia fazendo pelas calçadas estreitas e tortuosas da povoação.

Pouco mais tenho que contar-lhe.

O conde de W... recebeu em Bruxelas uma carta de sua mulher contendo estas linhas:

«Destituo-me voluntariamente da minha posição na sociedade. De todos os direitos que porventura pudesse ter, um só peço que não seja contestado: o direito de acabar. Suplico-lhe que me permita desaparecer, e que acredite na sinceridade da minha gratidão eterna.»

O doutor está, como ele mesmo disse, nos hospitais de sangue do exército francês.

Frederico Friedlann partiu repentinamente no mesmo dia em que lançou no correio a

carta de F..., para ir incorporar-se na segunda *landwer* do seu país.

F... e Carlos Fradique Mendes achavam-se há dias numa quinta dos subúrbios de Lisboa escrevendo, debaixo das árvores e de bruços na relva, um livro que estão fazendo de colaboração, e no qual – prometem-no eles à natureza-mãe que viceja a seus olhos – levarão a pontapés ao extermínio todos os trambolhos a que as escolas literárias dominantes em Portugal têm querido sujeitar as invioláveis liberdades do espírito.

Se me é lícito, por último, falar-lhe de mim, saberá, senhor redactor, que estou recolhido numa pequena casa na província. Se ainda se lembrar de Teresinha, não estranhará que eu acrescente que estou casado há dias. Precisava disto o meu coração: da paz de um lar tranquilo. Presenciar as profundas comoções romanescas da vida é como ter assistido a um grande naufrágio: sente-se então a necessidade consoladora das coisas pacíficas: então mais que nunca se reconhece que o ser humano só pode ter a felicidade no dever cumprido. – A. M. C.

A ÚLTIMA CARTA

Senhor Redactor do *Diário de Notícias*. – Podendo causar reparo que em toda a narrativa que há dois meses se publica no folhetim do seu periódico não haja um sé nome que não seja suposto, nem um só lugar que não seja hipotético, fica V. autorizado por via destas letras a datar o desfecho da aludida história – de Lisboa, aos vinte e sete dias do mês de Setembro de 1870, e a subscrevê-la com os nomes dos dois signatários desta carta.

Temos a honra de ser, etc.

EÇA DE QUEIRÓS
RAMALHO ORTIGÃO

Obra digitalizada e revista por Deolinda Rodrigues Cabrera. Actualizou-se a grafia e foi acrescentada a última carta.

© Projecto Vercial, 2000

<http://www.ipn.pt/literatura>
